A totally hilarious and unforgettable Christmas romantic comedy

CATHERINE WALSH

# Holiday Romance

She's meant to be catching flights, not catching feelings...






Especial de Natal
BWC

# Sinopse

**Ela deveria estar pegando voos, não criando sentimentos...**

Molly e Andrew estão apenas tentando voltar para casa na Irlanda para as férias, quando uma tempestade de neve impede o voo deles.

Nada romântico aconteceu entre eles: eles são amigos e isso é tudo. Mas, uma vez por ano, nos últimos dez anos, Molly passou sete horas e quinze minutos sentada ao lado de Andrew no último voo antes do Natal de Chicago para Dublin, bebendo um terrível vinho de avião e colocando em dia as vidas um do outro. Apesar de todas as diferenças entre os dois amigos, é a tradição de feriado que nenhum deles jamais quer desistir.

Molly não está tão incomodada com o Natal, mas – entretanto, eles são totalmente opostos – Andrew é um fanático total pela época festiva e ela sabe o quanto voltar para a Irlanda significa para ele. Então, em vez de fazer a coisa certa e apenas comemorar os feriados juntos na América, ela faz a coisa estúpida. A coisa irracional. Ela jura levá-lo para casa. E a tempo para o famoso jantar de Natal da mãe dele.

O tempo está passando. Mas Molly sempre tem um plano. E, desde que a combinação altamente específica de táxis, aviões, barcos e trens funcionem no horário, não há como dar errado.

O que ela não sabe é que enquanto a neve cai sobre a cidade e sobre as cabeças de dois amigos que têm certeza de que não estão destinados a ficar juntos, o universo pode ter um plano próprio...

**Um romance festivo totalmente lindo e escapista de amigos para amantes com um herói digno de desmaio. Perfeito para os fãs de Sophie Kinsella, Mhairi Macfarlane e Christina Lauren.**

*Essa é para Áine*

# Tabela de Conteúdos

Sinopse
Tabela de Conteúdos
Aviso — bwc
Prólogo
Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo Catorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezessete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Epílogo
Uma Carta de Catherine

# Aviso – bwc

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Bookworm's Cafe. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de acessibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- **Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais (por exemplo: não responda a um tweet dizendo que tem esse livro traduzido);**
- **Não comente com o autor que leu este livro traduzido;**
- **Não distribua este livro como se fosse autoria sua;**
- **Não faça montagens do livro com trechos em português;**
- **Se necessário, finja que leu em inglês;**
- **Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.**

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos exclui-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

Aceitamos críticas e sugestões, contanto que estas sejam feitas de forma construtiva e sem desrespeitar o trabalho da nossa equipe.

# Prólogo

véspera de natal, nove anos atrás

## Chicago

— Tem certeza?

A vendedora nem tenta esconder sua carranca enquanto segue meu dedo apontando para a prateleira de baixo atrás dela. Ali, aninhado entre os perfumes mais delicados e caros, está um frasco verde atarracado que parece ter sido deixado ali por engano.

— Está me chamando — eu digo.

A mulher, Martha, de acordo com seu crachá, hesita, mas quando eu apenas sorrio, ela suspira, seus brincos de floco de neve brilhando enquanto ela se abaixa para pegá-lo.

— Acho que o Armani seria uma escolha melhor — diz ela enquanto eu arregaço minha manga. Já encharcamos meu outro braço com cinco perfumes diferentes e estou ficando sem pele sem perfume. — Tem vinte por cento de desconto.

— Aquele era muito bom — digo, estendendo meu pulso. Ela borrifa obedientemente e eu me inclino para cheirar, torcendo o nariz com o falso cheiro de maçã. Doentiamente doce, com um forte tom químico. Minha irmã vai odiar.

O que significa que é perfeito.

— Vou levar.

Martha tosse quando o odor a atinge.

— Se você está preocupada com o orçamento, temos muitas opções mais baratas.

— Não estou — garanto a ela. — É esse. Sério.

Ela abre a boca para protestar quando a próxima música começa a tocar nos alto-falantes, algo sobre sinos de trenó e renas e diversão. Um tremor visível a percorre, e estremeço em solidariedade. Eu só posso imaginar quantas vezes ela teve que ouvi-la.

— Eles mudam a playlist aqui?

— Isso seria um não. — Seus olhos se voltam para o perfume e depois para a fila de pessoas que se forma atrás de mim. Vejo o momento exato em que ela me rotula de causa perdida. — Embrulho para presente?

— Por favor.

Ela esconde o frasco em um monte de papel de seda como se isso a ofendesse

pessoalmente, e mentalmente risco o último item da minha lista de tarefas. Com o presente de Zoe resolvido, estou oficialmente pronta e a caminho de casa para as férias. Ou, mais realisticamente, para uma semana em dezembro. Minha família nunca foi grande fã do Natal, mas todos esperam que eu volte e então eu vou. Pelo menos significa que posso ser a filha favorita por alguns dias. Mudar-me para os Estados Unidos para fazer faculdade me dá um certo ar de novidade sempre que volto, o que basicamente significa nenhuma tarefa. Zoe ficou furiosa no ano passado, quando teve que lavar a louça três noites seguidas. Mamãe insistia que eu estava com muito jet lag e, honestamente, que tipo de filha eu seria para discutir com minha própria mãe?

— Tem *certeza?* — pergunta Martha, deixando cair seu sorriso de atendimento ao cliente enquanto agarra a sacola plástica.

Entrego o dinheiro, tentando não rir de sua relutância.

— Positivo.

Eu me afasto assim que meu telefone começa a tocar, meu bom humor despencando quando o nome de Hayley aparece na tela. Por um momento louco, penso em não atender. Eu gostaria de ter seguido esse impulso assim que atendo.

— Preciso de um favor.

Eu me viro, abrindo caminho através do duty-free lotado do aeroporto O'Hare, enquanto sua voz soa em meu ouvido. Hayley foi a primeira amiga que fiz na Northwestern. Ela morava três quartos abaixo de mim em nosso primeiro ano e eu me agarrei a ela da mesma forma que qualquer novato faz quando está procurando por um rosto amigável. E embora os primeiros meses não tenham levantado nenhuma bandeira vermelha, quanto mais eu me jogava em minha nova vida, mais eu percebia que havia outras pessoas, muito mais legais, com quem eu poderia passar meu tempo. Pessoas com quem eu tinha mais em comum do que a garota para quem sempre tive que comprar café, porque ela deixava a carteira na outra bolsa. Ela ficou por perto, porém, se agarrando a mim de uma forma que achei confusa e lisonjeira ao mesmo tempo, embora estivesse claro que nossa amizade era um trabalho árduo.

Zoe sempre disse que eu era tonta, mas não é como se ensinassem essas coisas na escola. Recebi muitos folhetos coloridos sobre como fazer amigos no meu primeiro dia. Não muitos sobre despejá-los.

— Estou meio ocupada agora — digo — Estou no aeroporto, lembra?

— É um favor realmente urgente.

— Eu duvido disso. — Tento não soar tão mal-humorada quanto me sinto. — Mas o que é?

Ouve-se um barulho alto de chiclete quando ela responde.

— Posso pegar emprestado seu vestido azul para uma coisa hoje à noite? Aquele com as alças nas costas?

— Eu trouxe ele.

— E o verde que faz você parecer que tem seios?

— Eu tenho seios — bufo. As minhas meninas só precisam de um pouco de ajuda, às vezes. — De qualquer forma, Andrew não se importará com o que você está vestindo.

— Andrew?

— Seu namorado — eu a lembro, estremecendo ao pensar que ela está vestindo minhas roupas. Eles estão juntos há alguns meses e eu mal o vi sem a língua dela na garganta dele. Conversei com ele na primeira vez que nos encontramos, ambos satisfeitos por encontrar outro irlandês tão longe de casa, mas não acho que Hayley gostou da ideia de nos unirmos e ela fez questão de nos manter separados desde então. Para ser sincera, estou começando a achar que ela não gosta que ninguém na vida dela faça algo que não seja só com ela. Mas agora aquele traço de ciúme está longe de ser encontrado enquanto ela murmura na linha.

— O que? — pergunto, sabendo que é exatamente o que ela quer que eu faça.

— Estou pensando em terminar com ele. — Ela diz as palavras casualmente, como se ele fosse um velho par de sapatos que ela está pensando em jogar fora.

— Desde quando? Achei que você gostasse dele?

— Eu gostava — Uma pausa — Ele faz muitas piadas.

Reviro os olhos enquanto recomeço a andar, serpenteando entre os outros viajantes.

— Mas eu não poderia deixá-lo logo antes do feriado — continua — Não sou um monstro.

— Não, você está certa. Janeiro, frio e escuro, será muito melhor. — Pobre rapaz. Ele parecia perfeitamente bem nas poucas vezes que conversamos. Ou talvez seja a lealdade a um conterrâneo que está me deixando tão mal. — Onde você vai hoje à noite?

— Jantar com Rob. — Ela mal consegue esconder sua alegria. — Nós ficamos juntos ontem à noite depois que ele...

— O quê?

— Amigo do Billy.

— Não, eu sei quem é Rob — digo, imaginando o garoto musculoso da fraternidade que tem estado babando por ela. — O que você quer dizer com *ficaram juntos*?

— Nós voltamos para casa dele depois da coisa de Kendra e, Molly, você não

*acreditaria* no que ele pode fazer com seu...

— Então, você terminou as coisas com Andrew? — interrompo, confusa.

— Eu disse que estou pensando nisso.

...É, eu preciso de novos amigos.

— Você traiu ele?

— Não é traição se eu vou terminar com ele.

— É sim!

— Ai meu *Deus* — ela geme. — Isso não é grande coisa.

— Você precisa terminar com ele se estiver saindo com outra pessoa, Hayley. É cruel.

— Tudo bem — ela bufa. — Tudo bem. Eu farei isso agora.

— Não, não *agora*. Espere até que as aulas comecem.

— Mas você acabou de dizer...

— Eu sei o que disse. — Puxo minha mala para mais perto do meu corpo quando passo para uma das passarelas automáticas, pegando meu reflexo na parede espelhada oposta e transformando a forte carranca que encontro lá em algo mais amigável ao público. Talvez ela estivesse certa da primeira vez, quem quer levar um fora na véspera de Natal? — Que tal não ver Rob a partir de agora, até você terminar?

— Mas eu vou vê-lo hoje à noite — diz ela, como se eu fosse uma idiota. — Olha, se é tão importante para você, vou mandar uma mensagem para o Andrew.

— Hayley, você não pode! — estalo, enlouquecendo com o pensamento dela terminando com ele por mensagem de texto. Eu nem conheço o cara muito bem, mas existe uma coisa chamada decência comum.

Há silêncio do outro lado da linha, e acho que ela finalmente percebeu como aquilo seria uma merda quando ela bufa.

— Ok, *mãe.*

— Hayley...

— Preciso ir. — Seu tom muda para um tédio supremo. — Vejo você quando voltar.

— Eu te dei uma chave para regar minhas plantas, não para pegar emprestado meu vestido para que você possa trair...

— *Tchau!* — ela se despede e desliga imediatamente.

Tropeço para fora da passarela, olhando para o meu telefone com indignação. Preciso de novos amigos. Essa pode ser a minha resolução de ano novo. Novos amigos. Novos amigos nada terríveis.

Estou tão mal-humorada depois da ligação que eu demoro mais cinco minutos antes de perceber que fui na direção errada e, quando chego ao meu portão, suada e

afobada, eles já estão na metade do embarque.

É um avião pequeno. Dois assentos de cada lado e dois no meio, cada um bem apertado. A fila para entrar é frustrantemente lenta, enquanto as pessoas caminham mancando, enfiando malas em compartimentos suspensos e se atrapalhando com pesados casacos de inverno.

Igualo os passos arrastados da pessoa à minha frente, concentrando-me tanto em não bater minha mala no cotovelo de ninguém, que é só quando paro na minha fileira, e relaxo meus dedos doloridos, que olho para o assento ao lado do meu. Gosto de pensar que tenho padrões aceitáveis para viajar. Tudo que eu quero e espero é alguém que fique de sapatos e não roube minha comida quando vou ao banheiro. Apenas um estranho educado e normal que posso ignorar por sete horas enquanto tento dormir um pouco. Então você pode imaginar meu horror quando, em vez de cumprimentar algum passageiro frequente desconhecido, eu olho diretamente nos olhos do futuro ex-namorado de Hayley.

Andrew Fitzpatrick parece tão surpreso em me ver quanto eu em vê-lo. Mas, em vez de afundar no *"você deve estar brincando comigo"* que estou experimentando, ele apenas sorri. É o tipo do sorriso que Hayley não parou de falar depois do primeiro encontro. Um maldito sorriso de dentes brancos, covinhas, que faz você se sentir quente por dentro. E ele direciona toda a força dele diretamente para mim.

Merda.

— Molly?

Merda, merda, merda.

— Olá! — digo um pouco alto demais. Voz interior, Moll. Ou voz plana, ou qualquer outra coisa.

— É você? — Ele aponta para o assento ao lado dele, e olho em volta para ver se outro milagre apareceu. Claro que não. Este voo foi reservado dias atrás. Ele também sabe disso, sequer esperando minha resposta enquanto se levanta, entrando no corredor. — Isso é loucura — continua. — E você reservou o assento da janela.

Também conhecido como assento que te prende.

Guardo minha mala acima da cabeça antes de passar por ele de maneira desajeitada. Sete horas. Terei que mentir pelas próximas sete horas. Sete horas e trinta minutos, até decolarmos e pousarmos. Talvez eu possa fingir estar dormindo. Talvez eu possa...

— Como vai a faculdade? — Andrew se senta no assento ao meu lado enquanto enfio a sacola do duty-free embaixo da cadeira da frente. Ele imediatamente coloca o cinto de segurança, embora as pessoas ainda estejam embarcando no avião. — Você está estudando Administração, certo?

Conversa fiada. Normalmente não me importo com conversa fiada. Mas nesses tipos de situações, a conversa fiada tende a levar à conversa séria.

— Economia.

Ele solta um assobio baixo.

— Isso soa ainda mais sofisticado. Você será economista?

— Uma advogada. Eu acho.

— Você acha?

— Eu tenho as notas necessárias.

Ele olha para mim como se eu tivesse dito algo engraçado.

— Mas você quer ser uma advogada? — pergunta quando não digo mais nada.

— Ainda não decidi. — As palavras saem mais defensivas do que eu pretendia e um momento de silêncio desce apenas o tempo suficiente para fazer eu me sentir rude. — E você? — pergunto. — Como está sua... coisa?

Seus lábios se contraem com a minha hesitação.

— Fotografia. Vai bem. Hayley já deve ter lhe contado, mas estou me inscrevendo para estágios no próximo verão para ver se posso ficar em Chicago. Pode não ser a decisão mais inteligente, visto que tudo não foi pago. Tipo, *agressivamente* não pago. Mas estou dormindo no meu tio até ele enjoar de mim. Alimentação gratuita por alguns meses, se eu trabalhar no turno da noite na loja dele. — Andrew se inclina na minha direção enquanto uma comissária de bordo fecha nosso compartimento superior. — Você está sentindo cheiro de algodão doce?

Ótimo.

— Sou eu. Desculpa. — Eu cheiro meu braço direito para ter certeza. — Estava escolhendo um perfume — explico enquanto sua expressão se ilumina.

— Sério? Talvez você possa ajudar. Eu queria comprar alguma coisa para Hayley de surpresa. Ela não queria dar presentes de Natal, mas, tecnicamente, será em janeiro que a verei, então... O quê?

— Nada. — Eu sorrio, puxando a revista de bordo de seu pequeno bolso no assento. Por que ela me contou sobre Rob? Por que? Por que, por que, por que...

— Eu estava pensando nesse aqui.

Observo enquanto ele abre seu próprio exemplar e abre a página do presente, apontando para um pequeno frasco de Chanel.

— Diz que é um clássico — diz ele, olhando para o pequeno texto ao lado da foto. — Oitenta e nove dólares. O que você acha?

Acho que vou matar Hayley.

Oitenta e nove dólares. Alguém que trabalha no turno da noite para o tio e que está sentado na carruagem de um voo barato para a Irlanda não tem oitenta e nove

dólares para gastar com uma garota que vai terminar com ele em uma semana.

— Você não pode comprar algo para ela em um avião — digo enquanto ele pega sua carteira. — Você deveria comprá-lo de algum lugar especial.

— Não vou dizer a ela se você não disser.

— E isso parece muito dinheiro.

Ele alcança o botão de chamada.

— Economizei para isso.

— Mas...

— Com licença? Sr. Fitzpatrick? — Nós dois nos viramos quando outra comissária de bordo se aproxima de nós por trás, com um olhar provocador no rosto. — Seu irmão ligou antes — diz ela, e um olhar de total confusão cruza o rosto de Andrew.

— Um coro de *Parabéns* foi mencionado — continua, entregando a ele um pequeno envelope quadrado. — Mas você aceitaria uma bebida grátis por nossa conta?

— Com prazer — diz ele, parecendo aliviado, quando seus olhos deslizam para os meus. — Podemos ter duas?

— Claro — diz ela. — O que posso pegar para você?

— Oh... — olho para Andrew, que apenas espera. — Vinho branco?

— Quero o mesmo — diz Andrew, mostrando a ela a revista. — E posso conseguir...

— Vamos começar nossas compras assim que estivermos no ar — interrompe com um sorriso brilhante. — Cinto de segurança — acrescenta para mim.

Aperto o cinto conforme solicitado, esperando que ela desapareça atrás da cortina. Como se este dia pudesse ficar pior.

— É seu aniversário?

Para minha surpresa, ele começa a rir.

— Não. Esta é a ideia de piada do meu irmão. Christian só quer me envergonhar. — Seu sorriso vacila quando ele olha para mim. — Ei, você está bem? Você ficou branca como um fantasma.

— É a iluminação — minto. Ok. Pelo menos ela não está o traindo em seu aniversário.

Ai meu *Deus*, isso não deveria ser um alívio!

— Eu sabia que ele tentaria algo assim — continua Andrew enquanto tento me acalmar. — Você tem irmãos?

— Apenas uma. Minha irmã.

— Mais velha ou mais nova?

— Mais velha. Por cerca de três minutos.

Sua testa franze antes que ele entenda.

— Você é uma gêmea?

— Idêntica.

— Sério?

Concordo com a cabeça, lutando contra um estremecimento com seu entusiasmo.

— Uau, isso é...

*E* aqui vamos nós.

— Completamente normal e inexpressivo — continua, sorrindo quando meus olhos deslizam de volta para ele. — Você deve estar cansada de ver as pessoas enlouquecendo quando você conta a elas.

— Só um pouco — admito.

— Desculpe.

— Não, eu entendo. É quando eles começam a perguntar se a gente sente a dor uma da outra que perco a vontade de viver.

Ele ri e eu relaxo um pouco.

— Somos três — diz ele. — Liam é o mais velho. Então eu, então Christian. E agora Hannah, que tem seis anos.

— Seis?

— Ela foi uma surpresa bem-vinda. — Ele desliza o dedo sob a borda do envelope, sorrindo maliciosamente quando abre o cartão para revelar nada além de um dedo médio grosseiramente desenhado. — Elegante. Você se dá bem com sua irmã?

— Sim. Na maior parte.

— Aposto que é difícil ficar tão longe dela.

— Realmente nunca pensei sobre isso — digo honestamente. — Quero dizer, nós trocamos mensagens de texto o tempo todo, então...

— Mesmo assim — instiga — Será bom estarem juntas no Natal.

— Claro.

— Claro? — Ele sorri novamente. Sorridente este.

— Não somos realmente pessoas de Natal — explico.

Ele me dá um olhar cético.

— Você está literalmente voando para casa na véspera de Natal.

— Coincidência. Trabalho meio período em uma loja de sapatos e ia trabalhar nas férias, mas meu chefe não tinha horário e Zoe queria que eu trouxesse algumas coisas, então... — paro de falar enquanto ele me encara. — Aqui estou.

— Você está quebrando meu coração aqui, Molly.

— Não é como se eu fosse um Scrooge! — digo. — Apenas não gosto muito de todo o...

— Amor? — fornece. — Conforto e alegria?

— Brinquedos. Dinheiro. As mesmas doze músicas tocadas repetidamente.

— Ah, o argumento da comercialização.

Eu franzo a testa com a rapidez com que ele descarta isso.

— A menos que você esteja fazendo isso pelas crianças, o Natal nada mais é do que várias semanas de estresse caro que, inevitavelmente, terminarão em decepção. Como algo pode corresponder a esse tipo de expectativa?

— Uau. Então, você é como um grinch?

— Eu não sou um...

— Um grinch da vida real.

— Sou prática.

— Estou percebendo isso — diz ele, parecendo se divertir. — Mas também parece que você está fazendo o Natal errado.

— Não é o mesmo para você. Você mesmo disse, há uma criança em sua família. Isso é diferente.

— Com criança ou sem, você nunca é velho demais para se enfiar em casa por alguns dias e comer até vomitar. Sem falar na moda. — Ele aponta para o suéter e é a primeira vez que noto a alegre rena bordada na frente.

— As renas não acenam — digo a ele.

— Rudolph sim. Rudolph adora acenar.

Eu bufo.

— Agora eu entendi.

— Você entendeu?

— Mm-hm. Você é de uma *dessas* famílias.

Ele apenas parece divertido com a minha suspeita.

— *Dessas* famílias?

— As dos comerciais. Pijama combinando. Fogo crepitante.

— Sem vergonha alguma. Vou adivinhar que você não é?

— Como eu disse, não sou uma pessoa de Natal. — Eu franzo a testa quando ele continua me observando, um novo brilho em seus olhos que imediatamente me deixa nervosa. — O quê?

— Nada. Só pensando no que posso fazer para te tornar fã da época mais maravilhosa do ano.

— Que tal não dizer coisas assim para começar?

Ele sorri.

— Vou mudar sua opinião sobre isso.

— Você é confiante, não é?

— Claro que sou. Tão confiante que aposto que vou mudar sua mente de grinch até o final deste voo.

— Uma aposta real? — pressiono meus lábios, lutando contra um sorriso. — De quanto estamos falando?

— Um milhão...

— *Um* dólar — digo, levantando um dedo. — E você tem que saber que sou extremamente competitiva.

— E você tem que saber que posso parecer inocente, mas não estou acima de jogar sujo.

— Inocente, hein?

Ele gesticula vagamente para o rosto.

— Tenho toda a coisa de menino acontecendo, eu conheço meus pontos fortes.

Eu rio disso, e ele brande o cartão de aniversário falso entre nós.

— Agora — diz ele. — Você quer ver quanta coisa grátis podemos tirar disso ou o quê?

Seu telefone vibra em seu colo antes que eu possa responder, me fazendo pular. Em algum momento durante os últimos minutos, nós dois viramos completamente um para o outro, e meu estômago embrulha como se tivéssemos acabado de passar por uma turbulência quando vejo quem está ligando. De alguma forma, eu esqueci tudo sobre Hayley conforme conversávamos, mas agora ela grita de volta à minha mente enquanto Andrew leva o telefone ao ouvido, sem perceber meu pânico.

— É Hayley — diz ele quando meu pulso começa a acelerar. — Ela tem estudado muito; nem cheguei a vê-la antes de partir. — Ele se vira para a frente, sorrindo amplamente. — Ei, amor! Você não vai adivinhar quem...

Pego o telefone de sua mão antes que eu possa pensar, pressionando o botão para encerrar a ligação.

Silêncio. Silêncio estranho e constrangedor por um longo segundo enquanto Andrew apenas olha para mim. E então:

— Que por...

— Você não deveria atender o telefone quando estamos voando.

— Ainda não começamos a nos mover — diz ele lentamente. — As portas ainda estão abertas.

— Ainda pode afetar o sistema.

Sua boca abre e fecha, todos os vestígios de brincadeira desapareceram.

— Posso ter meu telefone de volta? — pergunta eventualmente.

Penso em dizer não. Sobre salvá-lo do que sei que está prestes a acontecer, mesmo à custa de eu agir como uma esquisita. Ele é um cara legal. Um cara legal e festivo, e se isso tiver que acontecer, não quero que aconteça quando ele passou dez minutos falando sobre o Natal. Mas o olhar indiferente em seu rosto me diz que ele está prestes a chamar a segurança e eu *realmente* gostaria de não ser presa.

— Certo. Desculpe. — Devolvo para ele. — Sou uma voadora nervosa.

— ...Ok? — Ele se afasta de mim o máximo que pode no pequeno espaço, mas não desisto.

— Então essa aposta, hein? Você ia me convencer?

— Olhe — começa, mas o telefone vibra novamente e nós dois olhamos para baixo para ver uma mensagem piscando em sua tela. Acho que estou prestes a vomitar.

Não por mensagem.

Não na véspera de Natal.

Ela não iria.

Ao meu lado, Andrew fica muito, muito quieto.

Ela iria.

— Vinho branco? — A alheia comissária de bordo reaparece ao lado dele, com dois copos de plástico nas mãos. — Não devemos abrir o bar antes da decolagem, mas...

— Sim! — exclamo, meio de pé quando assusto a pobre mulher. — Sim, por favor.

Andrew não se move enquanto pego as bebidas e nem nossa nova amiga, que parece um pouco muito satisfeita consigo mesma.

— Sei que dissemos que deixaríamos você em paz — diz ela enquanto ele olha para a mensagem. — Mas como é nosso último voo antes do Natal, não poderíamos ignorar a oportunidade de constranger nossos passageiros.

Olho para trás enquanto dois outros atendentes vêm em nossa direção. Ah, não.

— Eu não acho...

— *Parabéns pra você...*

Ah, *não.*

Um rubor rosa escuro se espalha do pescoço de Andrew enquanto a tripulação da cabine e a maioria dos passageiros começam a cantar.

— *Muitas felicidades, muitos anos de vida...*

Enquanto eles se esforçam com o salto de oitava, Andrew lentamente levanta a cabeça para olhar para mim.

— Feliz Aniversário — digo com um sorriso fraco, e bebo o meu copo de uma

vez.

# Capítulo Um

21 de dezembro, agora
Chicago

Fiz um teste outro dia. Uma daqueles do tipo, *o que você deveria fazer da vida, seu idiota indeciso*. Cada pergunta era sem sentido (escolha uma cor, escolha um molho para salada) e intercalada com memes de celebridades que não reconheço mais. No final, disseram-me para me tornar professora de jardim de infância. Não gostei, então fiz de novo. Ele me disse para ir para a faculdade de medicina. Como se isso fosse algo que eu pudesse fazer em uma noite.

Resolvi largar meu emprego, sabe. Não, decidi abandonar minha *carreira*. Três anos de faculdade de direito, quatro anos exercendo direito e, cinco semanas atrás, sentei-me à minha mesa várias horas depois que eu deveria ter ido para casa, fechei um documento, abri outro e percebi que não apenas estava completamente infeliz, mas que já fazia um tempo.

Era como o chuveiro no meu primeiro apartamento, quente e normal em um segundo, lascas geladas no seguinte. Não me interpretem mal, foi um alívio finalmente reconhecer isso, mas a ignorância é uma bênção, e quando meu próximo estágio de iluminação não veio, quando de repente não percebi minha paixão pela dança salsa ou meu sonho oculto de me tornar uma contadora, tudo o que me restou foi uma sensação de enjôo e reviravolta no estômago, enquanto três pequenas palavras ecoavam em minha mente, uma e outra e outra vez.

*E agora?*

Ainda não tenho a resposta.

Quando a maioria das pessoas decide mudar suas vidas, elas geralmente sabem *para o que* querem mudar. Elas assumem um chalé em ruínas no sul da França, se reinventam como assistentes sociais, vendem todos os seus pertences e se tornam freiras.

Elas tendem a não falar sobre coisas como aluguel, empréstimos estudantis e seguro de saúde. Nunca há um vídeo de quatro partes no YouTube sobre todas as coisas pelas quais, de alguma forma, ainda terei que pagar. Nunca há um blog de três mil palavras sobre como recomeçar de uma maneira realista, não abandonando completamente minha antiga vida.

— Molly.

Talvez eu comece a jogar na loteria.

— *Molly.*

Ou eu poderia ter um gato.

— Ei!

Olho para a batida rápida na parede para ver minha amiga Gabriela parada na porta.

— Você não precisava sair dez minutos atrás? — pergunta. — Pensei que você havia terminado.

— Eu terminei.

Não terminei. Eu nunca terminei.

— Ok. — Volto para o meu laptop e o contrato dentro dele, piscando enquanto as palavras nadam diante de mim. — Tenho uma janela de quarenta minutos para atrasos.

— Claro que tem. — Ela entra totalmente na sala, os braços cruzados sobre o peito. Você não saberia pela aparência dela que ela começou a trabalhar às sete da manhã. Seu vestido azul-marinho ainda está sem rugas, sua maquiagem fresca, seus cachos escuros puxados para trás em um rabo de cavalo baixo, mostrando seu rosto em forma de coração. Um desses cachos salta livremente quando ela se aproxima, olhando para as pilhas de papel diante de mim. — É o contrato de Freeman?

— E alguma vez não é o contrato de Freeman? — murmuro. — Ou temos apenas um cliente agora? — Porque é assim que parece. É tudo em que tenho trabalhado nas últimas semanas. Ou talvez sejam anos. A esse ponto, eu realmente não consigo me lembrar. Indo e vindo na venda de uma empresa que deveria ter sido acertada meses atrás. — É como se eu estivesse sendo paga para desperdiçar o tempo de todos.

— Desde que você seja paga — murmura, arrastando uma das pastas em sua direção.

Gabriela também fez três anos de faculdade de direito. Três anos de faculdade de direito e cinco anos exercendo direito. Ela me mostrou o local no meu primeiro dia na Harman & Nord e seu escritório chique de arranha-céu na LaSalle Street. O mesmo em que estamos agora. Gabriela não quer largar o emprego. Gabriela, como o resto do nosso pequeno círculo de amigos, adora o seu trabalho e não se importa com a pressão, ou as horas tardias, ou a crueldade que cada vez mais entendo que simplesmente não possuo.

— Está tudo bem — repito quando ela começa a ler. — Honestamente, eu... — paro quando ela olha para mim. — ...estive lendo a mesma página na última hora — admito.

— Você precisa de férias.

— Estou indo para uma.

— Não, você está indo para casa — diz ela incisivamente. — Casa não é férias. Especialmente não durante o feriado. Especialmente não quando você odeia o feriado.

— Não odeio o feriado — resmungo, pegando minha pasta de volta. — Simplesmente não ando por aí com chifres de rena na cabeça. Tem um meio-termo.

— Você deveria ficar aqui no ano que vem.

— Não posso — digo, esfregando meus olhos cansados por exatamente dois segundos antes de me lembrar que estou com rímel. — Preciso voltar.

— Você volta o tempo todo. Faça seus pais virem aqui. Dê a eles o tour, deixe-os ver como você é impressionante. — Ela inclina a cabeça, sorrindo lindamente para mim. — Podemos sair para jantar e você pode dizer a eles como sou uma mentora maravilhosa.

— É isso que você é?

— Os pais me amam. Sou muito educada.

— Você é uma puxa-saco, tem uma diferença. — Fecho meu laptop e começo a empilhar minhas pilhas em uma pilha gigante, mas Gabriela apenas fica onde está, me observando com uma expressão pensativa. — O que? — pergunto.

— Nada. — Ela passa um dedo pela madeira escura da mesa antes de seus olhos caírem para o meu estômago. — Você está grávida?

— *O quê?*

— Você pode me dizer se estiver.

— Não!

— Não, você não está grávida, ou não, você não vai me dizer se estiver?

— Ambos — estalo.

— Ok.

— Sequer estou saindo com ninguém.

— *Tudo bem* — sua voz se reduz a um sussurro. — Mas e se esse é o problema? Você precisa de um pouco de sexo? Podemos conseguir um pouco de sexo para você.

— Ai meu Deus. — Empurro minha bolsa de laptop para ela e reúno meus papéis. — Pare de falar. Não somos mais amigas.

— É só que você tem estado tão distraída ultimamente — diz ela, correndo para me acompanhar enquanto saio da sala. — E quero que saiba que se alguma coisa estiver acontecendo, você pode falar comigo. Sou uma ótima ouvinte. Muitas pessoas confiam em mim.

— Quem confia em você?

— Michael.

— Michael é seu marido, ele precisa confiar em você.

— Sim, mas também sou ótima nisso. E como duas garotas no clube dos meninos, precisamos ficar juntas.

— Duas garotas no... Você está ouvindo aqueles podcasts de novo, não está?

— Mulheres apoiando mulheres — insiste. — Isso significa que devemos conversar uma com a outra.

— Mas não sobre o meu útero, Gab.

Voltamos para o outro lado do andar, pelo longo corredor ladeado por salas de reuniões com paredes de vidro. Para um escritório de advocacia, temos, ironicamente, pouca privacidade. Sempre odiei isso. Principalmente nos meus momentos de maior ansiedade, quando me sinto em um aquário. Como se houvesse olhos em mim o tempo todo, esperando que eu cometesse um deslize. Mesmo agora, o andar está movimentado, a maioria das pessoas já saiu para jantar e voltou para o trabalho tarde da noite.

— Você dormiu com alguém desde Brandon? — pergunta Gabriela, ainda segurando minha bolsa de laptop quando chegamos à minha mesa.

— Por que isso importa? — Eu gemo, estremecendo com a menção do meu ex. — Quando foi a última vez que você fez sexo?

— Esta manhã.

— Isso é... eu não precisava saber disso.

— Então por que perguntou?

— Porque você... — expiro bruscamente, puxando as pastas que preciso antes de vestir meu casaco. — Não é sobre isso.

— Mas você admite que é sobre alguma coisa.

— Sim — digo, colocando os documentos dentro da bolsa. — Mas não é nada sério e estou bem. Ou tão bem quanto posso depois da semana que tive. — E as semanas que estou prestes a ter. Pego a maleta que enfiei embaixo da mesa, pensando em todo o trabalho que ainda preciso fazer. Não que eu nunca fale com a Gabriela sobre esse tipo de coisa, mas sei que ela não entenderia. Seus pais são advogados. Seu irmão é advogado e seu avô era advogado. Todos os seus amigos são advogados. Nunca lhe ocorreria fazer outra coisa. Nunca terá ocorrido a ela que há *mais* alguma coisa e sei que ela tentará me desconvencer do que quer que seja que estou sentindo e, para ser honesta, ela é melhor em seu trabalho do que eu. Ela ganhará.

— Eu só quero que você saiba que estou aqui — continua. — E que estou pronta para ouvir ativamente, caso você queira que alguém o faça.

A diversão supera o aborrecimento com sua seriedade.

— Eu sei — digo, pegando a bolsa dela e jogando-a sobre meu ombro. — E eu aprecio isso. Você sabe. Mas estou bem.

— Eu só quero ajudar.

— Você pode me ajudar a encontrar meu casaco.

— Você está vestindo seu casaco.

Sim, eu estou.

— Ok, talvez eu esteja um *pouco* distraída. — Verifico a hora enquanto prendo meu cabelo loiro em um rabo de cavalo. Janela de trinta minutos para atrasos. — Não se mova. — Puxo uma caixa de papelão branco da gaveta de baixo, sorrindo quando Gabriela engasga de alegria.

— Pensei que não íamos dar presentes este ano! Você disse que ia naquela aula de samba para iniciantes comigo e que não tiraria sarro.

— Eu ainda farei isso — prometo. Gabriela e eu costumamos trocar pequenas coisas uma com a outra no feriado; favores ou presentes estritamente orçados. Duas semanas atrás, ela ajudou a mover meu novo colchão três lances de escada. Algo que, para duas garotas não tão altas, é muito mais difícil do que parece. — Isto é para você e Michael — explico. — Brownies de café expresso daquela padaria em Little Italy. — Abro a caixa, apresentando os quadrados de bondade cuidadosamente cortados. — Lembra que eu os trouxe para sua festa de aniversário e você comeu seis?

— Não, porque tenho certeza de que tinha uma garrafa de champanhe ao lado deles. — Ela alcança o mais próximo a ela, gemendo quando o morde.

— Coloque eles em um recipiente hermético quando chegar em casa — digo a ela, enquanto ela pega a caixa de mim. — E mantenha-os em temperatura ambiente. Eles são melhores com um pouco de creme. E talvez um pouco de açúcar de confeiteiro. Ou um pouco de...

— Adoro que você pense que esses bebês chegarão em casa — interrompe, lambendo as migalhas dos lábios. — Você deveria ter sido uma chef.

— Eu não faço comida. Eu como comida.

— Nada do trabalho e toda a recompensa. Eu respeito isso. — Ela enfia metade do brownie na boca, levantando um dedo — *Esfereafi* — diz em volta da fatia, o que entendo como, – Espere aqui – e observo com curiosidade enquanto ela abre uma gaveta da sua própria mesa, em frente à minha, tirando um ursinho de pelúcia do Chicago Cubs.

— É para o bebê — diz ela. — Para que sua irmã possa criar o filho direito.

— Gab! Você não precisava fazer isso.

— Eu sei, mas sou legal. — Ela enrola enquanto coloco na minha mala, encaixando-o ao lado de toda a outra comida e das poucas peças de roupa que estou

levando para casa comigo. — Como isso é tudo que você está levando?

— É só por alguns dias.

— Sim, mas é Natal — protesta. — E os presentes?

— Dou dinheiro de presente para a maioria das pessoas. Elas esperam e querem isso.

— Isso não parece muito natalino.

— E, mesmo assim, continuo sendo o parente favorito de todos. — Eu me endireito, repassando mentalmente as coisas mais importantes. Roupas, carteira, bilhetes. Chaves, passaporte, telefone.

— Você está bem? — pergunta Gabriela quando finalmente olho para ela.

Eu aceno.

— E se eu não estiver, é tarde demais. Estarei ao telefone se precisar de mim. E estarei online a partir de amanhã. E...

— *Adeus*, Molly — diz ela, me empurrando porta afora.

— Tchau — digo automaticamente. — Feliz Natal, eu acho.

— É bom que você pareça tão miserável quando diz isso. Realmente me deixa no espírito festivo.

Ela espera comigo até o elevador chegar, acenando alegremente enquanto come a outra metade de seu brownie. Leva uma eternidade para descer, parando em andares alternados antes de chegarmos ao saguão. Do lado de fora, os arranha-céus circundantes se elevam acima de mim, as ruas cheias de pessoas indo para restaurantes, bares e clubes. Pelo menos a esta hora do dia, não demora muito para pegar um táxi, e em pouco tempo estou acelerando a oeste pela cidade, indo para a interestadual.

A neve cai densamente ao nosso redor, acumulando-se de uma forma com a qual ainda não estou totalmente acostumada, apesar de viver aqui há anos. Eu ainda era uma adolescente quando cheguei e me achava incrivelmente adulta, embora estivesse morrendo de medo. Passei o voo inteiro me perguntando se estava cometendo um erro gigantesco e caro, mas todas as dúvidas que eu tinha desapareceram assim que saí do avião. Eu soube naquele momento que Chicago era minha cidade. E tive sorte que era. Às vezes não há como prever o que te chama, e o que não chama. Mas, da mesma forma que os caçadores de casas podem entrar pela porta da frente e saber instantaneamente se as quatro paredes são ou não para eles, eu sabia quando me estabeleci em minha vida aqui, todos aqueles anos atrás, que era aqui que eu pertencia.

É um instinto. Um sentimento.

Ou talvez fosse o destino.

Meus pais achavam que depois da faculdade eu voltaria para Dublin, mas isso

nunca me ocorreu, as desculpas rolavam da minha língua sempre que eles perguntavam. Os verões eram passados com amigos e namorados. A faculdade foi seguida pela faculdade de direito. Faculdade de direito pelo trabalho. E ao lado de tudo isso estava uma vida que construí do zero. Um apartamento para chamar de meu, amigos que adoro e uma cidade que hoje conheço como a palma da minha mão. Eu amo os parques, os festivais e as praias. Amo a arquitetura, as pessoas e como é fácil se locomover aqui. Amo como tenho algumas das melhores comidas do mundo bem na minha porta. E eu amo que é tudo meu.

Mesmo agora, acho que minha família ainda espera que eu volte para a Irlanda. Mas como? Esta é a minha casa agora. E não consigo me imaginar em outro lugar.

Então eu estive pensando…

A mensagem de texto da minha irmã chega quando nos aproximamos do aeroporto, seguida por uma série de emojis com os quais ela gosta de pontuar todas as mensagens.

**Ah, não.**

Em vez de você vir aqui no Natal, por que nós duas não fugimos e pegamos o primeiro voo para alguma ilha grega?

**Eu não acho que eles vão permitir que você entre em um avião tão longe.**

Usarei um casaco bem grande. Eles nunca saberão.

Zoe está grávida de oito meses e deve nascer no início de janeiro. Acho que meus pais estão ainda mais empolgados do que ela com isso e, recentemente, a fizeram voltar para a casa deles para que pudessem cuidar dela.

Alguns cantores bateram à porta mais cedo, ela continua. Papai tentou ser engraçado e pediu Hotel Califórnia. Mamãe deu a eles alguns pacotes de sobras de M&Ms como se fosse dia das bruxas.

E as pessoas se perguntam de onde puxei isso. Já posso imaginar como serão os próximos dias. As grandes reuniões de família (sim, é um trabalho árduo, não, ainda não sou casada) e os pequenos jantares em casa onde nós quatro realizamos desajeitadamente a nossa estranha versão do Natal. Mamãe vai para a cama cedo e a Zoe sairá de fininho para se encontrar com uma amiga e meu pai vai encurralar-me na sala e fazer as mesmas perguntas grosseiras, mas bem-intencionadas, sobre o meu plano de reforma e o isolamento do meu prédio, e se eu segui seu conselho sobre investir em uma boa caixa de ferramentas, porque ele realmente não sabe mais como

falar comigo, mas ainda quer tentar. Todo ano é como se nós quatro estivéssemos encenando algo que vimos na televisão, e cada vez mais me pergunto por que nos preocupamos em fingir.

Meu telefone vibra quando uma fotografia aparece, da minha cama de infância muito pequena, e de solteiro, feita com cobertores que tenho certeza que meus pais tinham desde antes de eu nascer.

*#Glamour*, Zoe escreve embaixo, e suspiro, me desculpando mentalmente com meus pobres músculos das costas. Precisarei marcar uma massagem assim que voltar.

O trânsito fica mais lento quando nos aproximamos do aeroporto, mas, nesta época do ano, acho que devo agradecer por chegarmos lá, e dou uma gorjeta ao motorista ao sair, despachando minha mala e mantendo a bolsa do laptop comigo. No momento em que passo pela segurança, não tenho tempo para atrasos e vou direto para o duty-free como uma mulher em uma missão.

— Com licença — peço, parando o trabalhador mais próximo com um cordão em volta do pescoço. — Qual é o perfume mais vendido que você tem?

Cinco minutos depois, eu saio cheirando a uma mistura desagradável de perfumes de marcas de estrelas pop, com um frasco rosa cintilante balançando na bolsa em meu pulso.

Eventualmente, chego ao meu portão, passando por famílias cansadas e descontentes, e adultos sozinhos olhando para o nada, até que espio um homem de cabelos escuros sentado curvado sobre uma *National Geographic*. Não consigo ver seu rosto, mas posso imaginar sua testa franzida enquanto ele lê, a maneira como pronuncia cada palavra, embora jure que não.

Por um momento, eu apenas o observo, e então dou um passo e depois outro e outro, e com cada um, sinto o mundo lá fora lentamente se esvaindo. Sem mais preocupações, sem mais planejamento, sem trabalho, sem nada. Terei que lidar com tudo isso quando voltar. Inferno, provavelmente terei que lidar com isso quando pousar. Mas não agora. É a única época do ano em que coloco meu trabalho em segundo lugar.

Estou sorrindo quando o alcanço e não hesito quando estendo a mão para pegar a revista de suas mãos.

— Desculpe-me, senhor — digo enquanto ele recua, assustado. — Acho que você está no meu lugar?

O olhar chocado de Andrew Fitzpatrick desaparece assim que ele me vê. Ele sorri para mim com aqueles olhos castanhos como se eu fosse a melhor coisa que aconteceu em seu dia. Eu sei que ele é a melhor coisa que aconteceu no meu.

— Ei, estranha — diz ele, recostando-se na cadeira. — Bom ver você aqui.

# Capítulo Dois

oito anos atrás

## Voo Dois, Chicago

Só não olhe nos olhos dele. Não olhe nos olhos dele e nem mesmo olhe em sua direção. Olhe para baixo! Olhe para o seu telefone e finja estar ocupada como a covarde que você é. Olhe para baixo, olhe para baixo, olhe para baixo.

Eu olho para cima, observando Andrew brincar com uma comissária de bordo enquanto caminha lentamente em minha direção.

Ele raspou todo o cabelo e não combina com ele. Eu diria que mal o reconheço, exceto pelo fato de que definitivamente o reconheço. Eu reconheceria aquele rosto em qualquer lugar. Pensei bastante sobre isso nos últimos meses, comparando nosso voo do ano passado com a vez em que chamei minha professora de mamãe, ou quando esqueci de trancar a porta do banheiro em um trem e uma pobre mulher viu muito mais de mim do que qualquer um de nós gostaria.

Ou seja, foi embaraçoso pra caramba e relembrei o momento em que arranquei o telefone da mão dele pelo menos uma vez por semana. Depois do incidente com Hayley, não trocamos mais nenhuma palavra e, quando pousamos, ele desapareceu no corredor antes mesmo de abrirem as portas. A última vez que o vi foi na esteira de bagagens no aeroporto de Dublin, onde ele gritava com alguém ao telefone. Um palpite sobre quem.

Hayley, com quem eu só saí mais uma vez, na festa de um cara aleatório para a qual ela me arrastou uma semana depois que voltei. Liguei para ela sobre o que aconteceu e ela riu, mas parou de me enviar mensagens de texto logo depois e eu deixei. Fiz novos amigos, me estabeleci, segui em frente.

Mas agora? *Agora??*

Quer dizer, eu sei que nós dois somos de um país pequeno, mas poxa.

Eu me afundo ainda mais em meu assento, fingindo ler um artigo de notícias enquanto permaneço extremamente consciente do assento vazio ao meu lado. Consciente porque é um dos poucos vazios que restam.

E Andrew continua vindo.

Meu coração começa a bater forte enquanto o vejo se aproximar com o canto do olho. Quer dizer, isso é ridículo. Há coincidência e há simplesmente a velha injustiça

cósmica. Ele poderia ter reservado qualquer assento em qualquer avião em qualquer dia, então por que tem que ser este? Por que tem que...

— Com licença? Você se importa se eu mover seu casaco? — Andrew para bem ao meu lado e não tenho escolha a não ser olhar para cima, agarrada à vaga esperança de que ele tenha se esquecido de mim.

Ele não esqueceu.

Ele me encara, as mãos congeladas acima da cabeça, prestes a enfiar a bolsa no compartimento. Assim que nossos olhares se encontram, todo aquele embaraço aumenta dez vezes, e eu ruborizo quando ele fica parado ali.

— Olá — digo com o maior e mais falso sorriso no meu rosto. A palavra parece desencadear algo nele, e sua expressão fica em branco quando ele abaixa o braço, balançando a bolsa de volta para o lado antes de seguir em frente como se nem tivesse me visto.

Ok, isso não é bom.

Eu me viro fracamente para a frente, fingindo não ouvir a conversa educada acontecendo algumas fileiras atrás. Um minuto depois, uma mulher confusa aparece ao meu lado, sorrindo com simpatia enquanto desliza para o assento.

— Teve uma briga com seu namorado? — pergunta, e cerro os dentes, arriscando um olhar por cima do ombro, para encontrar Andrew olhando diretamente para mim.

Imediatamente me viro, caindo para que ele não possa nem ver a parte de trás da minha cabeça.

Mas isso não importa. Ainda sinto seus olhos em mim durante todo o voo.

---

# Agora

Jogo a revista de volta no colo de Andrew, observando seu suéter, uma monstruosidade vermelha e verde conflitante, com aceitação resignada.

— Que diabo é isso? — pergunto, apontando para o rosto dele.

— Ah, isso? — Andrew coça o queixo. — Minha barba, porque sou um homem viril?

— Você está deixando a barba crescer?

— O fato de você ter que fazer essa pergunta me faz querer mentir e dizer não.

Será uma ótima barba e nós dois sabemos disso. Apenas nunca o imaginei com uma antes. Sempre achei o rosto dele aberto demais para uma, com aquela covinha

idiota na bochecha esquerda e aqueles olhos ridículos que parecem mudar de cor quando querem.

— O que acontecerá no verão quando você se bronzeia, mas decidir fazer a barba e seu rosto ficar com duas cores diferentes?

— Você acredita que não pensei sobre isso?

Eu sorrio, mas não consigo mantê-lo por muito tempo.

— Desculpa eu estar atrasada. Eu tinha algumas coisas que precisava terminar no trabalho.

— Tenho certeza que tarde seria eu no ar e você no chão. O avião ainda está lá, caso você tenha perdido o grande tubo de metal lá fora.

— Eu queria te surpreender. — Sento-me no assento ao lado dele e entrego o envelope que guardei no bolso nos últimos dias.

— Isso não *parece* diamantes — brinca, fingindo pesar.

— É uma atualização de primeira classe.

Sua diversão desaparece quando ele olha para mim.

— Pode repetir?

— Acho que o salão estará uma loucura, mas podemos verificar...

— Quanto custou? — Ele parece horrorizado quando o abre, tirando as passagens como se fossem do próprio Willy Wonka.

— Não se preocupe com isso. Menos do que você pensa.

— Moll, os preços de Natal já são ruins o suficiente...

— Eu disse para não se preocupar com isso — interrompo. — Você sabe quantas milhas aéreas não utilizadas eu tinha? Precisei gastá-las em algo. Além disso, é nosso aniversário de dez anos.

— Dez? — Ele franze a testa quando começo a me sentir um pouco magoada. — Tem certeza?

— Sim! Nosso primeiro voo foi há dez anos. Isso é um aniversário.

— Não pode ser mais do que sete.

— São dez! É... — minha boca se fecha quando ele ergue o punho entre nós, uma corrente de ouro pendurada em seus dedos cerrados. No fundo dela, brilhando sob a luz fluorescente, está um pequeno pingente azul.

— Feliz aniversário de dez anos — diz ele enquanto eu pego.

— Você é um idiota — murmuro, mas não há calor nas palavras enquanto admiro meu presente. Simples e pequeno, e perfeito para mim.

— Cuidado — diz ele enquanto abro o fecho. — O homem idoso e de forte sotaque da loja de antiguidades me disse que era amaldiçoado.

— Ah, ele disse, não disse?

— Algo sobre três fantasmas na véspera de Natal? Ou talvez fosse um golem. Voltei no dia seguinte para verificar, mas o lugar havia desaparecido misteriosamente. — Ele ajuda a prender meu cabelo na nuca enquanto o coloco. — Posso garantir que não custou tanto quanto essas passagens — acrescenta. — Ou muito para ser honesto. Mas é só a primeira parte.

Agora aquilo atrai o meu interesse.

— Ganho um presente em duas partes?

— Presente de aniversário e presente de Natal.

— Não trocamos presentes de Natal.

— Sou um menino mau, Molly, faço o que quero. Darei a você quando pousarmos, está na minha mala. — Ele coça o lado da mandíbula enquanto torço a corrente no lugar, posicionando-a contra a minha garganta para mostrar a ele — Parecia maior na loja — diz ele como se eu me importasse com algo assim.

— É lindo, obrigada.

— O prazer é todo meu. — Seus olhos se movem para encontrar os meus, um sorriso se espalhando em seu rosto. — Feliz Natal, Molly.

E assim, estou mais feliz do que estive em semanas.

— Feliz Natal, Andrew.

---

— Então, alguma nova mulher em sua vida que eu deva saber?

Eu me ajeito no banquinho enquanto tiro outra camada. Nosso voo atrasou quarenta minutos, então estamos sentados em um dos pequenos bares espalhados pelo portão de embarque. Eu com um copo de água com gás na minha frente, Andrew com refrigerante de gengibre. Tentamos o salão da primeira classe, mas estava, previsivelmente, cheio devido ao número de aviões lutando para entrar na pista. A neve está particularmente intensa este ano, mas não estou preocupada com isso. Considerando que uma polegada dela lançaria a Irlanda no caos, Chicago sabe como se virar.

— Apenas uma — diz ele, estendendo a mão para a pequena tigela de tortilhas entre nós. — O nome dela é Penny.

Tento não mostrar minha surpresa enquanto tomo um gole da minha bebida, as bolhas queimando minha língua. Ele convenientemente deixou *isso* de fora de seus últimos e-mails.

Zoe disse uma vez que Andrew e eu tínhamos a amizade mais estranha que ela já tinha ouvido falar. Mas não achei tão ruim. Morávamos em lados opostos da cidade e

ele costumava viajar a trabalho enquanto eu simplesmente *trabalhava* todas as horas do dia. Raramente nos víamos fora desses voos. E embora eu acredite firmemente que uma amizade online pode ser tão real quanto uma pessoalmente, por causa da minha carga de trabalho, se não fosse por essa pequena tradição, provavelmente já teríamos perdido o contato.

Mas só porque não nos víamos, não significava que não nos falávamos. Mensagens, e-mails, telefonemas. Ele foi a primeira pessoa a quem contei quando descobri que Zoe estava grávida. Quando consegui meu apartamento, meu trabalho. Ele parecia mais preocupado em me enviar memes e fotos de móveis suspeitosamente manchados que encontrou abandonados na calçada. (*Encontrei um futon para você*, ele escreveria. Ou seu favorito, *Vamos brincar de isso é sangue ou ketchup.*) Mas ele geralmente me mantinha atualizada sobre suas namoradas. Na verdade, ele chegou a apresentá-las a mim nas raras vezes em que nos encontramos entre os Natais, provavelmente para que não se preocupassem com o fato de o novo namorado estar constantemente enviando fotos de poltronas infestadas de doenças para outra mulher.

— Quando isto aconteceu? — pergunto, tentando não soar magoada que eu ainda não sabia.

— Cerca de dois meses — diz ele casualmente. — Ela é bonita, mas ronca. E levanta muito cedo.

— Você a conheceu há dois meses e ela já se mudou?

— Bem, parece cruel mantê-la do lado de fora nesta época do ano.

Eu o encaro enquanto ele gira o telefone no balcão, esperando até que eu o pegue. Levo pelo menos cinco segundos a mais do que gostaria de admitir.

— Você tem um *cachorro?*

— Meu colega de quarto tem um cachorro — corrige, puxando uma foto.

— Você tem um cachorro! — Eu arrulho sobre a pequena salsicha. — Penny.

Ele concorda.

— Somos muito felizes juntos.

— E estou feliz por você. Sei que você queria um.

— Desde que os vizinhos não reclamem, devemos ficar bem. Não tenho certeza sobre o cara do outro lado do corredor. Parece um dedo-duro.

Devolvo seu telefone, hesitando enquanto tento avaliar seu humor.

— Então, Marissa se foi?

— Quem?

Estremeço e ele dá de ombros. Uma executiva de marketing baixinha e de cabelos negros que ele conheceu online, eles iam e vinham no ano passado.

— Nós tentamos — diz ele. — Mas isso não pareceu importar no final.

— Desculpe. Ela era doce.

Ele ri.

— Você só a conheceu uma vez e nem gostou dela.

— Isso não é verdade!

— Você nunca gosta de ninguém com quem eu saio.

— Gostei daquela professora.

— Aquela professora — repete categoricamente. — Você nem consegue lembrar o nome dela.

Como se fosse minha culpa que suas ex-namoradas são tão esquecíveis.

— Sof...

— Emil...

— Emily! — Eu bato minha mão contra a barra em vitória. — Emily. Emily, a professora. Com a voz incrivelmente calma.

Ele me dá um olhar carinhoso.

— Você é uma vadia.

— Emily foi anos atrás — eu o lembro. — E ela não trocou você por aquele cara casado? Eu nem deveria gostar dela.

— Alison me trocou pelo cara casado. Emily foi a que sumiu da noite pro dia.

— Você tem um péssimo gosto para mulheres.

— Ei — diz ele, uma mão indo para o coração. — Palavras machucam, Molly. Talvez mulheres terríveis tenham apenas um gosto por mim. Enfim, olha quem está falando. O que aconteceu com Brandon? Você nunca me disse por que terminou com ele.

— Ele mastigava com a boca aberta.

— Justo.

Eu forço um sorriso enquanto olho para a minha bebida, torcendo um dos anéis do meu dedo.

— Ele conseguiu um novo emprego em Seattle — explico. — Se mudou.

— E você desistiu?

— Era um bom trabalho — digo levemente. — Mas não tenho interesse em longa distância e não ia me mudar para lá com ele. Estávamos juntos há apenas alguns meses. Quero dizer, eu ainda estava com medo de fazer o número dois quando ele estava no apartamento.

— A verdadeira segunda base.

Chuto sua perna por baixo do balcão e tomo outro gole.

— Pedi para ele ficar — digo depois de um momento.

O humor desaparece instantaneamente de seu rosto.

— Ah, Moll.

— Estou bem. Sinceramente, estou tão acostumada a ficar sozinha agora que nem sei se vou gostar quando encontrar alguém com quem quero *estar*. Não tenho mais certeza se sei me curvar assim.

— Não quero ouvir sobre sua vida sexual.

— Quero dizer em termos de compromisso, idiota. — Olho por cima do ombro dele enquanto o painel de partida pisca. Nosso status de voo permanece inalterado. *Atrasado*. Não é que eu não me importe com o tempo extra com Andrew, mas eu preferiria tê-lo sentado em assentos de primeira classe. — Quanto tempo até que eles tenham que nos pedir uma pizza legalmente?

— Você é a advogada.

— Não sou uma advogada especializada nas leis da pizza.

— Verdade. Como vai, afinal? — pergunta. — Tornou alguém rico este mês?

— Três, só para você saber.

— Eles mereciam?

— Todos os meus clientes merecem. — Esvazio minha água, ansiosa para mudar de assunto. — Quanto tempo você tem de folga este ano?

— Apenas duas semanas. Minha agenda está lotada depois disso.

— E você só parece um pouco presunçoso.

Ele sorri.

— Tenho trabalhado em uma personalidade mais humilde.

— Uh-huh. E como isso está indo para você?

— Não é tão divertido — diz ele, e eu rio.

Quando nos conhecemos, Andrew sonhava em viajar pelo mundo como fotojornalista. De lugares distantes e imagens da vida em todas as suas formas. E ele tentou. Por anos ele tentou. Mas as tarefas eram poucas e distantes entre si e, como acontece com a maioria das pessoas, a praticidade venceu o desejo. Casamentos pagavam suas contas, formaturas e bar mitzvahs traziam uma renda estável. Ele nunca se ressentiu disso. Ele me disse uma vez que encontrava muita alegria no comum, que amava seu trabalho e as pessoas que conhecia. Eu acreditei nele. E se não o fizesse, tudo o que precisaria fazer era olhar as fotos dele para ver.

— Estou pensando em fazer um novo site — continua. — Tem um cara que conheço que...

— *Merda.*

Nós dois olhamos para o empresário exausto ao nosso lado.

— Desculpe — diz ele quando vê nossa atenção. — Com licença, desculpe. Meu

voo acabou de ser cancelado. — Ele desliza para fora do banco sem dizer uma palavra, levando o telefone ao ouvido.

— Isso é péssimo — murmura Andrew, e eu aceno, de repente preocupada enquanto verifico a hora.

— Ficará tudo bem — diz Andrew, adivinhando meus pensamentos. — É uma noite movimentada. Já passamos por isso.

Nós passamos. No ano passado, tivemos um atraso de cinco horas, não o suficiente para irmos embora, mas o suficiente para que todos ficassem *muito* irritados. Foi o mais perto que chegamos de uma discussão real até que, finalmente, apenas para perder algum tempo, decidimos pegar um pouco de comida. Eu pedi batatas fritas com queijo, mas elas estavam sem batatas fritas com queijo, e eu estava tão cansada e com tanta fome que comecei a chorar, e então Andrew não estava mais bravo comigo. Parecia que ele estava prestes a marchar para a cozinha e prepará-las ele mesmo.

— O que? — pergunta agora, e percebo que estou sorrindo com a memória.

— Você é um bom amigo, sabia disso?

Ele me olha com desconfiança.

— Você precisa de um rim ou algo assim?

— Falo sério — digo com uma risada. — Vamos, vamos tomar uma bebida adequada. Podemos muito bem, se estamos presos aqui.

— Estou bem.

— Eu insisto. O que você quer?

Ele demora tanto para responder que paro de tentar chamar a atenção do barman e me viro para ele.

— Por minha conta — digo.

— Eu parei, na verdade.

— Parou quê? Ah! — faço uma careta. — Como uma limpeza antes do Natal?

Outra pausa.

— Não.

O constrangimento se instala sobre nós, forçando o silêncio, pois, mais uma vez, eu demoro muito para somar dois mais dois.

— *Ah* — digo lentamente. — Tipo... para sempre?

— Esse é o plano. Estou sóbrio há dois meses desde ontem.

Relaxo um pouco com isso. Sóbrio soa como uma palavra tão séria. Sóbrio é uma palavra para viciados e alcoólatras e...

Eu o encaro enquanto ele me observa, parecendo tenso. Ah meu Deus.

— Por que você não disse nada?

— Não é grande coisa.

— Sim, é — digo, afobada agora. — Isso é... isso é ótimo, Andrew. Parabéns.

Ele sorri levemente.

— Pare de entrar em pânico.

— Não estou! Estou bem. — Levo meu copo de água aos lábios apenas para perceber tarde demais que não tem mais água. — Então, é como uma coisa de patrocínio ou o quê?

— Estou seguindo um programa, mas é principalmente só eu. Estava ficando um pouco... — ele balança a cabeça. — De qualquer forma. Está tudo bem. Estou vendo como vai. Mas você? Você merece um pouco de champanhe.

— Não, eu posso apenas...

— É Natal — interrompe com firmeza — E prometo que, por mais tentadora que você seja, você virar algumas bolhas não me fará tropeçar.

— Estou mesmo bem...

— É por isso que não te contei — diz ele gentilmente. — Por favor, não faça disso uma coisa. Tome uma bebida, Moll.

Hesito com a sinceridade na voz dele.

— Bem, agora é estranho se eu beber e estranho se eu não beber — resmungo, e ele sorri.

— Então meu trabalho aqui está feito. — Ele levanta a mão, instantaneamente fazendo contato visual com o barman. — Além disso — acrescenta ele, olhando por cima do ombro enquanto a neve continua caindo na pista. —Parece que ficaremos aqui por um tempo.

# Capítulo Três

Um copo lentamente se transforma em dois enquanto nosso voo é adiado repetidamente. Famintos demais para esperar pela comida no avião, acabamos pedindo hambúrgueres e Andrew me mostra tantos vídeos de Penny que só percebo como nosso terminal está lotado quando me levanto para usar o banheiro e vejo a fila passando as máquinas de venda automática. O lugar está lotado de pessoas, outros passageiros encontrando espaço onde podem ao longo de paredes e janelas, distraindo crianças mal-humoradas com livros e iPads e tudo o que puderem colocar em suas mãos. Quando volto para o bar, há ainda mais, mas eles não parecem tão irritados quanto você esperaria de um voo atrasado tão perto do Natal. Eles já passaram disso. Eles parecem *preocupados.* E pela primeira vez desde que cheguei, começo a sentir o mesmo.

Olho para o quadro de embarque no bar e a longa coluna *Atrasado* ao lado de cada voo. Deus. Se isso virar a noite inteira, vou acabar pegando no sono no avião e os upgrades terão sido em vão. Não eram os pequenos luxos que eu esperava, embora certamente fossem uma vantagem, mas Andrew era um nerd sobre essa parte de nossa tradição e eu egoisticamente queria ver sua reação a tudo. Eu queria fazê-lo feliz.

Sóbrio. Eu franzo a testa enquanto penso nas últimas vezes que estive com ele. Desde quando ele não está sóbrio? Sim, o álcool geralmente estava envolvido, mas era apenas um ou dois copos em restaurantes e bares. Sem sinais de alerta. Acho que nunca o vi bêbado. Já vi Gabriela bêbada muitas vezes. *Eu* já fiquei bêbada muitas vezes. Mas Andrew?

Uma vez? Talvez duas vezes? E ele nem era tão ruim assim. Quero dizer, *era* Natal. É de se esperar.

Um assobio curto atrai minha atenção de volta para o próprio homem e eu me viro para encontrá-lo, sentado com as costas contra o bar, me observando.

— Você está bem, Moll?

— Gosto do seu suéter.

— Você odeia meu suéter.

Odeio o suéter dele. Eu sempre odeio seus suéteres. Ele adora as novidades em trajes de Natal e este não é diferente, verde brilhante e pontilhado de bastões de doces vermelhos e brancos. Todo ano ele veste algo novo, e quanto mais espalhafatoso fica, mais feliz parece deixá-lo.

— Eu gosto que você goste do seu suéter — explico.

Ele sorri levemente, mas não se move de seu lugar.

— Posso falar com você por um segundo?

— Depende — provoco, andando até ele.

— Depende?

— Sobre o que você quer falar. — Eu me inclino contra o balcão e viro meu telefone. A tela está cheia de notificações, o que não me preocupa de imediato, porque optei por viver caoticamente quando se trata de alertas de aplicativos, mas, em vez das atualizações usuais de bate-papo em grupo e boletins de um salão de beleza que fui uma vez há cinco anos, via uma dúzia de avisos que soam muito urgentes.

—... e você não está me ouvindo.

— Huh? — Olho para cima para ver Andrew olhando para mim com um olhar exasperado. Eu estava completamente fora do ar. — Desculpe! — Faço uma careta. — Desculpe. É só... você está vendo isso?

Ele franze a testa quando mostro meu telefone antes de tirar o seu do bolso.

— Uma tempestade? — pergunta, folheando as notícias.

— Mas é, tipo, uma *tempestade* tempestade – bem sobre o Atlântico. — Você acha que vamos sair bem? — Olho para o resto dos passageiros para ver que a notícia começa a se espalhar. Cada segunda pessoa está agora em seu telefone, suas expressões tensas. — Certamente eles podem simplesmente *contornar* a tempestade, certo?

Andrew parece mortalmente sério.

— Você acha que devemos contar aos pilotos esse plano?

Eu o soco na coxa.

— Bem, podemos esperar, não podemos? Não é como se tivéssemos mais alguma coisa para fazer e o salão vai esvaziar em breve e alguns lugares vão abrir e...

— Mais uma taça de champanhe, por favor — Andrew chama o barman. — Para a senhorita enlouquecendo?

— Não estou enlouquecendo. — Estou apenas... *perturbada*. Perturbada parece certo. Nunca deixamos de chegar em casa no Natal antes.

— Beba seu suco — diz Andrew, interrompendo meu pânico enquanto desliza um copo cheio para mim. — E acalme-se. Você está me deixando nervoso só de estar perto de você.

Mostro a língua para ele, mas eu tomo um gole.

— Sobre o que você queria conversar? — pergunto, distraída enquanto mais e mais pessoas começam a se mover. Eles sabem algo que não sabemos? Alguns estão em uma fila. Devo estar em uma fila?

— Isso pode esperar — diz Andrew.

— O que pode?

— Jesus Cristo. — Olho para trás quando ele começa a rir. — Você se perdeu completamente.

— Desculpe! Estou *cansada*.

Ele balança a cabeça, mas está sorrindo.

— Venha, engula isso e vamos ver se há mais espaço no salão. Talvez você esteja apenas se sentindo perturbada por estar entre os plebeus.

Não respondo quando um silêncio sinistro cai sobre o terminal. Há um lampejo de cor no portão quando as portas do túnel se abrem e nós dois viramos quando a tripulação de cabine, *nossa* tripulação, sai. Centenas de cabeças abrem caminho enquanto conseguem evitar profissionalmente todos os olhares desesperados, como se soubessem que, se encontrassem algum, seriam imediatamente cercados.

Um homem de aparência sombria em um colete amarelo dirige-se ao balcão de check-in, estendendo a mão para o microfone, mas o que quer que ele fosse dizer é rapidamente abafado pelo enorme gemido que se espalha pela multidão quando o painel de embarque pisca para a vida uma última vez.

*Cancelado.*

*Cancelado. Cancelado. Cancelado.*

O lugar entra em erupção.

Portão a portão, os aspirantes a passageiros pegam suas malas e seus acompanhantes até que o lugar se torne uma colmeia de ansiedade. Voo após voo muda no quadro, todos dizendo a mesma coisa.

Ai meu Deus.

— Tudo bem — diz Andrew, sua voz ridiculamente calma. — Plano B.

— Você tem um plano B?

— Vou ter em cerca de dois minutos — diz ele, desbloqueando o telefone.

Saio do meu banco, virando minha bebida enquanto o garçom tenta acalmar a multidão repentina na frente dele. Estou a dois segundos de me juntar a eles.

O que nós fazemos? Se todos os voos forem cancelados, podemos... o quê? Ir para outra cidade e tentar pegar um voo para lá? Um voo nesta época do ano? E mesmo assim, a tempestade está sobre o Atlântico, o que significa que todos os aviões que vão nessa direção serão afetados. E tudo mais... Estamos a quatro dias do Natal. Não é como se eles estivessem desesperados para preencher os assentos.

— Não vamos conseguir outro voo — digo a ele.

— Você não sabe disso.

— Não vamos, Andrew.

Quando ele não responde, eu me viro para encontrar sua testa franzida enquanto

ele passa o telefone. E sei por quê. A família é o número um para Andrew. Não que eu também não ame a minha, mas minha irmã, meus pais e eu somos o tipo de unidade que está perfeitamente bem sem se falar por alguns meses além da mensagem ocasional de *ainda estou viva.* Andrew não poderia ser mais diferente. O Natal é um grande acontecimento em sua casa. Eu sei que é, porque ele não para de falar sobre isso. Ele diz que é para Hannah, a caçula da família, mas pelos meus cálculos, a garota tem dezesseis anos agora e ainda assim eles vão a todo vapor. Ele nem finge estar envergonhado com isso. Ele ama isso. Eu sei que ele ama. E ele está *sempre* em casa no Natal.

Por um momento, a única coisa que posso fazer é observá-lo, meu coração quebrando com a frustração começando a aparecer em sua expressão. Com todo o meu planejamento, isso era algo que nunca considerei e não tenho ideia do que fazer.

— Devemos reservar algo pela manhã — diz ele, ainda rolando. — A tempestade já terá passado. Nós podemos... — ele para quando sua tela fica em branco antes de uma chamada ser completada.

— É minha mãe — diz ele, olhando para o celular. — Ela geralmente fica acordada até eu entrar no avião.

Nós dois esperamos até que ele pare de tocar, apenas para recomeçar imediatamente. O peito de Andrew sobe e desce com um suspiro pesado antes de clicar em aceitar, afastando-se alguns passos.

— Olá! — responde com falsa alegria. — Sim, eu estou... Sim, não está parecendo bom, eu estou com medo. Não, vamos dar um jeito. Com Molly, sim.

Abaixei meu copo, começando a me sentir mal enquanto pego meu casaco e bolsa. Preciso entrar em uma dessas filas e estou no meio do caminho para fazer exatamente isso, quando meu próprio telefone toca.

Alívio escorre por mim quando vejo o nome na tela.

Zoe. Minha irmã saberá o que fazer. Minha irmã sempre sabe o que fazer.

— Seu voo foi cancelado.

— Não me diga — bufo, permanecendo na relativa segurança do bar. Ao meu redor, as pessoas estão se movendo, conduzindo crianças e amigos para qualquer um que esteja no comando. — Por que você está acordada?

— Ah, não sei, Molly, talvez seja porque tenho um ser humano crescendo dentro de mim e tenho que fazer xixi a cada trinta minutos. O que você fará?

— Sobre o voo ou o xixi?

— Você não é engraçada. Eu sou a engraçada.

— Discutível — murmuro. — E ainda não sei. Aqui está um pesadelo.

— A BBC diz que setenta por cento dos aviões que devem sobrevoar o Atlântico

Norte esta noite estão aterrados e os outros trinta por cento provavelmente seguirão.

— E você está me ligando com uma solução, certo?

— Estou ligando para lembrá-la de que, se não voltar aqui, eu a mato. Você não pode me deixar sozinha com mamãe e papai. Esta é a única época do ano em que toda a pressão está fora de mim, porque todo mundo está bajulando você e você *não* tirará isso de mim. Certamente, eles têm voos de conexão do Canadá ou algo assim.

— Ainda teríamos que atravessar o oceano. — Olho por cima do meu ombro para encontrar Andrew esfregando um círculo lento em sua testa. Ele me contou muito sobre sua mãe, uma mulher enérgica e bem-intencionada que sempre brigou com ele por estar tão longe de casa. Só posso imaginar a conversa que ele está tendo. — Acho que teremos que esperar a tempestade passar.

— Eles estão dizendo que vai demorar mais um ou dois dias, pelo menos.

— Quem são eles?

— O cara do tempo — diz defensivamente. — Aquele da gravata.

— Todos eles usam gravatas!

— Molly?

Andrew caminha em minha direção, seu cabelo espetado em vários ângulos onde ele o estava puxando.

— Nós vamos descobrir alguma coisa — digo para Zoe. — Dê a notícia para mamãe quando ela acordar, sim?

— Ah, claro, deixe que eu estrague o Natal.

— Você poderia apenas...

— Amo você!

Concentro-me em Andrew quando ela desliga.

— Tudo certo?

— Mamãe está em pânico — diz ele, pegando o casaco. — Vou entrar na fila e ver quais são as nossas opções. Você está bem em cuidar das nossas coisas?

— Claro.

— E talvez você possa procurar alguns...

— Já estou fazendo isso — digo com confiança. — Não se preocupe. Nós vamos conseguir alguma coisa.

Ele acena com a cabeça, sua atenção já voltada para o outro lado do terminal, onde as pessoas começam a se reunir.

— Não é como se fosse uma época movimentada do ano — diz ele, tentando fazer uma piada.

Meu sorriso de resposta não engana ninguém, mas consigo mantê-lo até ele ir embora e me sentar no bar para ligar para Gabriela.

— Ok — diz ela quando atende. — Então, quando você disse que estaria no telefone, não achei que você realmente quis dizer...

— Meu voo foi cancelado.

— *Nãão* — diz suavemente. — Você está brincando. Por causa da tempestade? Não pensei que fosse ficar tão ruim.

— Acho que ninguém pensou.

— Você está bem?

— Eu acho que sim. Quero dizer, sim, estou irritada, mas estou bem. É com Andrew que estou preocupada. Ele é um grande fã do Natal. Nunca o vi em modo de pânico.

— Andrew?

— Meu amigo? — Seguro o telefone entre o ombro e a orelha enquanto abro meu laptop e entro no Wi-Fi. — Meu amigo de avião? — acrescento relutantemente.

— *Ah*. O homem por quem você voa na classe econômica?

— É esse mesmo.

— É fofo que vocês ainda façam isso — continua Gabriela, e faço uma careta quando meu e-mail pisca para a vida diante de mim, atualizando às dezenas nas poucas horas desde a última vez que olhei para ele.

— Só queria ligar e avisar que posso estar offline amanhã — digo. Nenhuma de nós pisca para o fato de que amanhã é um sábado. — Podemos não sair daqui até de manhã. Mas vou mantê-la atualizada.

— Sinto muito, Molly. Avise-me se houver algo que eu possa fazer.

— Você sabe pilotar um avião?

— Não, mas adoro um desafio.

Nos despedimos, a voz de Gabriela cheia de simpatia enquanto abro uma nova planilha e começo a pesquisar no Google.

# Capítulo Quatro

sete anos atrás

## Voo Três, Chicago

Pego minhas batatas fritas com queijo, empurrando-as pelo prato enquanto tento abrir o apetite para comer mais uma. Não sei por que concordei com isso. Bem, eu sei por quê. Entrei em pânico. Mas o que uma garota deve fazer quando Andrew Fitzpatrick vem caminhando em sua direção como se você fosse o chefe final em um videogame que ele simplesmente não consegue vencer? Como se ele estivesse esperando por você.

Eu certamente não esperava por ele. Então tudo que eu podia fazer era ficar lá no meio do terminal e surtar enquanto ele se aproximava, imaginando o que eu fizera para o universo me odiar tanto.

— 11C — foi tudo o que ele disse, empurrando seu bilhete para mim.

Estive completamente perdida por cinco segundos antes de perceber o que ele quis dizer.

— 34B — respondi, mostrando a ele o número do meu próprio assento.

Ele ficou surpreso com isso. Talvez até irritado. E então, como se tivesse decidido simplesmente parar de sentir essas duas coisas, ele se sentou ao meu lado, abraçando a mochila contra o peito.

— Quer comer alguma coisa? — perguntou.

Eu não estava com fome, mas disse que sim.

E agora aqui estamos.

Espreito para ele sob meus cílios, observando-o cuidadosamente me ignorar como faço com ele. Ele parece diferente de perto. Mais velho. É verdade que também estou mais velha, mas alguns dias ainda acho que pareço uma adolescente. Assim como todos os seguranças e barmans de Chicago, aparentemente. O rosto redondo e os olhos de corça não ajudam e, se não estou de salto alto, sou confundida com uma aluna do colegial com mais frequência do que gostaria. Mas Andrew parece ter crescido. Ele perdeu um pouco da gordura de menino em torno da mandíbula e seu cabelo castanho está mais comprido, penteado para trás de uma maneira bagunçada e quase estilosa. Digo quase porque ele ainda se veste atrozmente, esta noite vestindo uma camiseta azul com um elfo de desenho animado na frente, que é extremamente

difícil não ficar olhando.

— Então, você é alguma advogada importante agora?

Meus olhos saltam de seu peito quando ele finalmente fala.

— O quê?

— Você disse que queria ir para a faculdade de direito.

— Ainda estou estudando — digo, surpresa por ele se lembrar. — E você? Fotografia, certo?

Ele concorda.

— Tenho um emprego em um estúdio de retratos na Michigan Avenue. Bebês. Famílias. Aquele tipo de coisa.

— Você gosta disso?

— Eu amo — diz ele, e pisco com a maneira simples como ele diz as palavras. — As crianças principalmente. Sou como um sussurro de criança. Você nunca viu uma criança de quatro anos sentada tão quieta. — Ele limpa a boca com o guardanapo, seu hambúrguer demolido. — Você deveria aparecer. Vou te dar um desconto.

— Ah, não — digo rapidamente. — Odeio tirar foto.

— Ouvimos muito isso. Mas nunca é tão assustador quanto as pessoas pensam.

Balanço a cabeça, tomando um gole da minha cerveja. Andrew trouxe uma bebida para nós dois, apesar dos meus fracos protestos. Ele já terminou a dele e as regras de comprar uma rodada ditam que preciso alcançá-lo.

— A irmã do meu namorado acabou de ficar noiva — digo, sentindo-me rude por desligá-lo. — Eu vou recomendar a vocês.

— Seu namorado?

— Daniel. — Sinto uma explosão de felicidade só de dizer o nome dele. Eu o conheci por meio de um aplicativo naquele verão e estou levemente (extremamente) obcecada por ele. Ele mora em um apartamento perto do Lincoln Park e quer trabalhar com animais. Estou tentando ser calma, mas não. Não há calma agora quando se trata de Daniel.

— Estamos juntos há alguns meses — digo, tomando outro gole. — Ele é... o quê?

Andrew ri enquanto eu me inquieto.

— Você está fazendo aquele sorriso de *estou apaixonada*.

— Não, eu não estou!

— Ei, tenha orgulho disso. Faculdade de direito, namorado. Você está vivendo o sonho americano.

Eu bufo, terminando a garrafa antes de abaixá-la com um baque enquanto o silêncio desce novamente. Nossos olhos se encontram sobre a mesa, ambos reconhecendo que isso é estranho, mas também não tão estranho quanto poderia ser.

Provavelmente por causa dele. Ele sempre foi fácil de conversar e certamente parece ter me perdoado por qualquer papel indireto que desempenhei nele namorando uma pessoa de merda.

Um anúncio crepita acima de nossas cabeças, chamando nosso voo, e olho em volta enquanto alguns outros clientes começam a se mover, imaginando qual é a coisa educada a fazer.

— Você quer ver se podemos trocar de lugar?

— Huh? — Eu me viro para encontrar Andrew me observando, um sorriso hesitante no rosto.

— Vou falar docemente com a pessoa ao seu lado. Você não precisa falar comigo nem nada — acrescenta com um encolher de ombros. — Quero dizer, eu falarei com você, então seria *estranho* se você...

— Saquei, saquei. — Sorrio, pensando nisso. É um voo noturno, mas estou bem acordada, e um pouco de companhia não parece a pior coisa do mundo. — Claro — digo. — Vamos ver se você usa seu charme.

— Oh, não preciso usá-lo — descarta enquanto juntamos nossas coisas. — Está sempre ligado.

— Hmmm.

— Sou muito charmoso — argumenta. — Cinco dólares dizem que demoro menos de trinta segundos.

— Dez diz que você leva mais. E tenho certeza de que você ainda me deve um dólar da nossa última aposta.

— Ah, então você entrar nesse assunto, não é? — Ele dá um passo na minha frente, girando para ficar de frente para mim enquanto caminhamos em direção ao portão. Falei sem pensar, mas não há aborrecimento em sua expressão. Na verdade, parece que ele está me provocando.

— Foi você quem disse que mudaria minha opinião sobre o Natal — pontuo.

— Sim, eu disse — Ele parece feliz por eu estar jogando junto. — Ok. Deixe-me jogar pelas minhas derrotas. Adicione um dólar e uma escolha de filme.

— Um filme? Achei que você queria conversar?

— Eu falarei durante o filme. As pessoas adoram isso.

Ele sorri quando eu rio, suas mãos deslizando para o bolso da calça jeans.

— É um voo de sete horas — continua. — Você tem que fazer isso passar.

Sete horas. A última vez que tive que sentar ao lado dele por tanto tempo, a própria ideia me encheu de horror. Agora eu estava estranhamente ansiosa por isso.

— Então, temos um acordo? — Ele estende a mão e não hesito em segurá-la. Nós apertamos.

— Combinado — digo, e um olhar presunçoso cruza seu rosto.

— Trinta segundos — ele me lembra, tirando o passaporte.

Ele faz em quinze.

---

## Agora

Estou começando a achar que não vamos sair de Chicago esta noite. Podemos nem sair amanhã. Andrew ainda está esperando na fila com pelo menos vinte pessoas à sua frente e estou cercada por mais vinte enquanto me sento no bar, assistindo às notícias da tempestade e atualizando periodicamente meu telefone para os voos da manhã.

Nada.

Volto para o meu e-mail de trabalho, atualizando-o também, mas o maldito contrato que estou esperando ainda não voltou, o que significa que alguém receberá um telefonema meu muito cedo amanhã. Geralmente não gosto de trabalhar quando estou com Andrew. Ele é bastante compreensivo sobre isso, até encorajador, mas quase chegamos a uma briga metafórica por causa disso da última vez que nos atrasamos assim e não quero tornar esta noite pior do que está.

Outra atualização de voos e disparo alguns e-mails, tentando inutilmente alcançá-los. Não costumo ficar tão atrasada, mas Spencer ficou monofônico como se fosse 1952 e Caleb acha que é importante demais para trabalhar em qualquer coisa para a qual tenha sido designado. A Gabriela já me ajuda demais, então não correrei atrás dela. O que me deixa sozinha.

Enviar email. Atualizar voos.

Opções de carreira no Google para garotas cansadas que ainda querem pagar por seu belo apartamento.

— Meu namorado voou ontem.

O homem ao meu lado fala em um volume normal, mas não está olhando para mim. Seu olhar está ausente, quase triste, enquanto ele encara sem realmente ver a fileira de garrafas de cerveja à nossa frente.

— É a primeira vez que ele conhece minha família — continua. — Mas tive que trabalhar no último minuto, então ele voou sozinho e agora estou aqui e ele estará lá. Com meus pais. Sozinho. No Natal. — Ele respira fundo, finalmente olhando para mim. — Você acha que fiz alguma coisa na minha vida passada? Este é o meu castigo?

— Tenho certeza que eles vão se dar muito bem — digo sem jeito, mas ele balança a cabeça.

— Eles não sabem sobre ele. Quer dizer, eles sabem *dele*, mas não que ele é... que nós estamos... — ele para, aquele olhar triste voltando.

Estendo a mão para dar um tapinha em suas costas.

— Gays?

— O que? — Ele balança a cabeça. — Não. Eles sabem disso. Somos veganos.

Ah.

Ele geme, deixando cair a cabeça contra o balcão.

— Eu tinha um discurso inteiro preparado. Íamos sentar e discutir isso. Steven é educado demais para eles. Ele acabará com uma segunda porção de peru e presunto sem mim lá. Ele é um cara magro, sabe? Minha mãe pensará que não podemos comer se ele se recusar.

Continuo dando tapinhas em suas costas até que Andrew aparece em meu ombro um momento depois, olhando preocupado para meu novo amigo.

— Ele está bem? — pergunta.

— Ele é vegano — explico enquanto o homem começa a bater a cabeça levemente contra o bar.

— Ah. — Seus olhos deslizam do estranho para mim. — Posso falar com você? Particularmente?

Afastamo-nos alguns passos para um quiosque fechado. O aeroporto está mais silencioso agora, mas ainda cheio de outras almas desesperadas como nós.

— Alguma coisa? — Eu me sinto ridícula assim que pergunto.

Ele balança a cabeça.

— Nós daremos um jeito — diz ele, como se fosse ele quem estivesse prestes a me confortar.

Eu o encaro, odiando a resignação em seu rosto. É um olhar que não estou acostumada a ver nele. Sempre fui a pessimista nessa amizade e sou livre para ser, porque ele decididamente não é. Então, isso? Isso aqui? Não.

— Ficará tudo bem — continua, e ele nem mesmo tenta soar como se estivesse falando sério.

— Sim — digo, e devo soar tão determinada quanto finjo estar, porque um pouco da tensão deixa sua expressão. Juro por Deus que ele quase sorri.

— Conheço esse olhar.

— É o meu olhar *vou dar um jeito*? Porque eu vou. Eu resolverei isso.

— Você não pode controlar o clima.

— Não, mas posso contornar isso. Nem todo voo é cancelado. Vamos encontrar algo. Apenas deixe-me... deixe-me pensar. Ok? Eu vou levar você para casa.

— Molly...

— Aniversário de dez anos — eu o lembro, pegando meu telefone. Deve haver *alguma coisa.* — Eu já arruinei o salão da primeira classe. Não estou prestes a estragar o Natal.

— E lá vai você agindo como se estivesse no comando do espaço aéreo dos Estados Unidos novamente. Desligue o telefone — acrescenta, mas balanço a cabeça.

— Nós vamos pegar um avião esta noite — digo a ele. — Fazeremos isso. Hora do milagre do Natal. Feliz e alegre Natal, mir...

Ele se move tão rápido que não tenho tempo para reagir. Em um segundo ele está parado no final do bar, no próximo está bem na minha frente, arrancando o telefone da minha mão.

— Ei!

Ele me ignora, enfiando-o no bolso antes de apertar meus ombros. Sugo uma respiração surpresa quando ele abaixa a cabeça para olhar diretamente nos meus olhos.

— Está tudo bem — diz ele com firmeza. — Está fora de nosso controle. As companhias aéreas não sabem nada mais do que nós. Mas ninguém vai a lugar nenhum esta noite. O melhor que podem fazer é nos arranjar um quarto e, para ser sincero, não quero passar a noite em algum hotel anônimo de beira de estrada. Eu discuti isso com meus pais e eles concordam.

— Sobre o que?

— Sobre ficar aqui. — Ele respira fundo e me solta, seu sorriso tenso. — Muita gente gasta muito dinheiro para ficar em cidades como Chicago durante o feriado. Além disso, todas as nossas coisas estão aqui. Não seria tão ruim.

— Você quer ficar aqui no Natal? — pergunto, tentando entender. É a última coisa que eu esperava. — Mas sua família...

— Eu sei. — Ele não tenta esconder a decepção que aparece em seu rosto. — E se um voo estiver disponível, serei a primeira pessoa a embarcar. Mas agora, não há nada que possamos fazer, exceto desperdiçar nosso tempo. Eles podem sobreviver um Natal sem mim.

O homem é um mentiroso. Pelo menos seguindo o que ele tem me contado sobre sua família nos últimos dez anos. E ele sabe disso, mudando de tática quando não estou convencida.

— Não quero passar os próximos dias atualizando minha tela e ficando com raiva de agentes de chamadas sobrecarregados. A tempestade não vai durar para sempre, eles vão limpar o acúmulo e vamos conseguir alguma coisa. Se for daqui a alguns dias, que assim seja.

— Mas você...

— Será divertido — insiste. — Podemos pedir comida demais, assistir a um monte de filmes. Podemos fazer funcionar.

— Você não pode simplesmente... — Espere. — Nós?

— Sim, *nós.* — Ele olha para mim como se eu fosse uma idiota. — A menos que você queira passar o Natal sozinha?

Isso não é algo que necessariamente me apavore, mas essa nova alternativa soa muito melhor. Natal em Chicago? Natal em Chicago com *Andrew*?

— Bem? — Ele parece nervoso. Quase como se ele pensasse que eu diria não.

— Você realmente quer fazer isso? — pergunto.

— Não é ruim para um plano B.

Não é ruim para nenhum plano.

— Poderíamos comprar queijo — digo a ele, quase sem fôlego com o pensamento.

— Eu diria que é, definitivamente, uma possibilidade.

— E roubar da padaria Dinkel. E mais queijo. Podemos patinar no gelo!

— *Você* pode patinar no gelo — corrige. — Eu ficarei parado por aproximadamente trinta segundos antes de cair de bunda e depois te abandonar para tomar um chocolate quente.

Tento não parecer muito feliz, ciente de que esta não é sua primeira escolha, e ainda incrivelmente bem com o rumo dos acontecimentos. E talvez eu estivesse errada. Talvez ele não esteja tão desolado com a tempestade, porque também parece muito satisfeito com nosso novo plano.

— Tudo bem então — diz ele, passando a mão pelo cabelo. — Agora, como diabos vamos sair daqui?

# Capítulo Cinco

É mais difícil do que você imagina. Passamos mais trinta minutos antes de finalmente sermos levados para terra e outros vinte depois disso, enquanto esperamos que a bagagem ridiculamente grande de Andrew fosse liberada.

— Você está escondendo um corpo aí? — pergunto enquanto ele desempacota seu casaco. A mala dele tem pelo menos três vezes o tamanho da minha.

— Apenas roupas, presentes e todo tipo de contrabando americano para serem trocados por contrabando irlandês na volta.

— Você deveria começar um pequeno mercado negro — digo, olhando para as dezenas de pessoas se preparando para passar a noite no andar do aeroporto. Sinto uma pontada de culpa só de olhar para eles. Deveríamos estar fazendo isso? Talvez nós poderíamos...

— Pare com isso — diz Andrew.

— Parar com o que?

— O que quer que você esteja pensando.

— Não estou...

— Você está. Eu sempre posso dizer. — Ele se endireita, fechando o zíper do casaco. — Eles vão colocar mais voos pela manhã e podemos verificar então. Enquanto isso, você sabe o que devemos fazer?

— Reservar uma massagem?

— Devíamos comprar uma tábua de frios.

Eu bufo com a seriedade de sua expressão.

— Podemos conseguir o que quisermos — digo a ele.

— Quero um panetone — diz ele. — E um pouco de cheesecake. O que você quer?

— Tortas de carne moída. Embora nunca tenha conseguido encontrá-las aqui.

Ele faz uma careta.

— Porque ninguém realmente gosta de tortas de carne moída.

— Eu gosto de tortas de carne moída.

— E você está errada.

Eu o ignoro enquanto contornamos lentamente os outros passageiros, indo para a saída. Estou me sentindo muito mais calma agora que temos um plano. Sou ótima com planos.

— Onde faremos isso? — pergunto, tentando não pisar em ninguém. — Minha casa ou a sua?

— Sua — diz ele imediatamente. — Não só porque é mais legal, mesmo que seja. Mas meu colega de quarto está convidando a namorada para passar a semana e prefiro não ouvi-los fazendo sexo enquanto assistimos, *De Ilusão Também Se Vive.*

Concordo com a cabeça, secretamente aliviada. Minha casa *era* mais legal. Vivi nos últimos três anos em um apartamento bastante decente de duas camas na parte de cima da cidade. Às vezes, aluguei o quarto vago para amigos de amigos ou o ofereci para parentes visitando, mas tenho o lugar só para mim nas últimas semanas e até o limpei bem ontem à noite, para que não houvesse pratos sujos ou roupas íntimas espalhadas.

Pelo menos eu espero que não tenha.

— Teremos que conseguir comida normal — digo quando paramos perto das portas. Andrew tira um grosso cachecol verde da bolsa e o enrola no pescoço. — Ao lado de comida divertida. Esvaziei o freezer ontem à noite, então você quer parar em algum lugar no caminho, ou eu conheço alguns lugares onde podemos...

— Ei pombinhos!

Eu me viro, assustada, para ver um homem de rosto vermelho do outro lado das portas, sentado em uma mala resistente. Ele está sorrindo para nós e parece muito alegre para alguém cujo voo provavelmente acabou de ser cancelado.

— Posso ajudar? — pergunto, mas ele apenas aponta para o teto. Olho para Andrew com uma sobrancelha erguida esse-homem-vai-nos-matar, mas ele não está olhando para mim. Ele está olhando para cima com um sorriso e sigo seu olhar para um feixe de folhas verdes diretamente acima.

— O que é isso? — pergunto, confusa.

Os olhos de Andrew caem para os meus.

— É um visco, sua idiota.

— *Isso* é visco? — Sem chance. — Parece espinafre. Como um raminho de espinafre.

— Como você não sabe o que...

— Eu sei o que *é*, só não tinha visto antes. Não é como se eu passasse dezembro olhando para cima o tempo todo, não é?

— Você não tem mais de um metro e meio, passa a maior parte da vida olhando para cima.

— Tenho um metro e setenta e *três*, muito obrigada. E posso ver o mundo muito bem de...

— Não seja tão chata! — interrompe o homem. — É tradição!

— Tenha calma! — grito. Andrew apenas ri, mas algumas outras pessoas pararam com a comoção e agora, de repente, temos uma audiência.

— Essas coisas são tão idiotas — murmuro, tentando não olhar nos olhos de ninguém, enquanto Andrew coloca um chapéu combinando sobre o cabelo. — E meio assustadoras, você não acha?

— Tenho o direito de me manter colado.

— Calado.

— Tanto faz.

Outro casal passa enquanto nós demoramos, olhando para cima ao ver o visco. Sem nem mesmo diminuir o passo, eles se viram e se beijam, provocando um pequeno aplauso dos espectadores.

Minha boca se abre enquanto eles se movem como se nada tivesse acontecido.

— Dá azar não beijar — grita o homem alegre, voltando sua atenção para nós.

— Não, não dá! — exclamo. — Você acabou de inventar isso!

Andrew se mexe ao meu lado, ainda parecendo divertido.

— Molly...

— Ele inventou isso.

— Apenas ignore-o.

— Não posso ignorá-lo. Ele me chamou de grinch. Por que todo mundo sempre me chama assim? — Observo com crescente aborrecimento enquanto uma dupla mais velha levanta outra rodada de aplausos ao se beijar bem ao nosso lado. — É isso. Você tem que me beijar.

— Você é muito competitiva, sabia? Vamos apenas encontrar nosso motorista.

Agarro sua manga, aquela necessidade familiar de me provar para completos estranhos me dando um foco feliz que não tive o dia todo, e antes que eu possa pensar duas vezes sobre o que estou fazendo, deslizo a mão pelas costas do seu pescoço e levanto meu rosto para ele.

Eu não estava mentindo quando disse a Gabriela que não estive com ninguém desde Brandon. Mas o fato é que eu também não *estive realmente* com Brandon. Não nas últimas semanas, de qualquer maneira. Foi uma daquelas separações lentas, desajeitadas e inseguras, onde cada beijo se tornava uma pergunta, onde cada toque poderia ser o nosso último. Até que paramos de fazer as duas coisas completamente.

Então, pode ser porque eu tenho tanta fome de contato humano que, no momento em que Andrew e eu nos encontramos, as coisas começam a ficar... diferentes.

É o calor dele que me atinge primeiro, tão em desacordo com a mordida afiada de ar frio girando através das portas. A aspereza suave de sua barba é uma surpresa contra

a minha pele, especialmente quando comparada com a suavidade de seus lábios. Os homens não têm lábios macios no inverno. Os homens têm lábios rachados no inverno porque não sabem como usar protetor labial. Mas os de Andrew são macios. Macios e quentes enquanto se agarram aos meus. Se agarram porque ele está me beijando. Isso não é um beijo na bochecha, nem uma brincadeira entre amigos sob o visco. Ele está parado lá e está me beijando, e de repente não consigo chegar perto o suficiente.

Sinto uma sensação de frio no estômago que deve ser do champanhe e é preciso mais esforço do que deveria para soltá-lo. Eu me forço a me afastar, mas Andrew me persegue, fechando a polegada de espaço que coloquei entre nós para roçar contra mim mais uma vez antes de se afastar completamente.

Meu coração estúpido está batendo forte quando abro os olhos e me vejo olhando para o ombro dele enquanto ele se volta para o homem que agora bate palmas como se dissesse: *Lá vai você, amigo*. *Feliz Natal.*

— Feliz agora? — Andrew me pergunta depois de fazer uma pequena reverência. — Começará a comer bengalas doces e se juntará ao novo clube do suéter?

Limpo minha garganta, sabendo que é minha vez de fazer alguma piada sobre o gosto de seus anéis de cebola ou como preciso lavar minha língua com sabão, mas minha boca está seca de repente e não consigo forçar as palavras.

— Moll?

Meu telefone vibra com uma mensagem e uso a desculpa para me livrar de seu olhar questionador.

— A carona chegou — murmuro, mal olhando para a tela, e saio sem esperar por ele, ansiosa por um pouco de ar fresco, não importa o quão frio esteja. E está *um frio de rachar*. Ainda assim, eu respiro, inalando até meus pulmões doerem.

Bem, isso foi estranho.

Andrew bate no meu braço um momento depois e olho para o ponto de desembarque do nosso carro.

— Explodiu sua mente com aquele beijo, hein?

Olho nitidamente para ele, mas ele está sorrindo. Ele está *brincando.*

— Porque só estou dizendo, se você finalmente estiver entrando no espírito festivo...

— Ok — interrompo, e ele ri. O som me faz sentir melhor. — Acho que estou ficando com fome de novo — digo a ele. Não é mentira. Todo esse pânico consome muita energia.

— Nós vamos pegar um panetone realmente grande — promete enquanto me concentro em localizar Trevor e seu Toyota branco. Não vou mentir, é

principalmente na parte *branca* dessa descrição que estou focando. — O maior panetone de todo o país.

— Pare de dizer panetone — resmungo quando seu telefone toca.

— Deve ser o cara do meu panetone. — Ele desvia do meu golpe enquanto tira o telefone do bolso, seu sorriso desaparecendo quando ele verifica a tela. — É Christian. Confie nele para estar acordado a esta hora.

— Ele não mora em Londres? — pergunto, enfiando o queixo no casaco enquanto estremeço. O irmão mais novo de Andrew havia se mudado para lá alguns anos atrás para trabalhar.

— Ele não dorme bem.

— Aposto dez dólares que ele está ligando para gritar com você.

Andrew apenas me dá uma olhada enquanto aceita a ligação.

— Ei — diz ele enquanto estremeço novamente. — Sim, estamos completamente de castigo. — Ele puxa o cachecol do pescoço, estendendo-o para mim e jogando-o na minha cabeça quando não o pego.

*Coloque-o*, ele murmura, e reviro os olhos, secretamente grata por fazer exatamente isso. Estou usando meu casaco irlandês de viagem, não o de Chicago, e cara, eu sinto a diferença.

Andrew franze a testa para o que quer que seu irmão esteja dizendo, mas mantém um olho em mim até que eu tenha enrolado o cachecol bem apertado.

— Não é como se não tivéssemos tentado... Eu *sei* que mamãe está chateada, mas o que devo fazer? Sim, ela está aqui. Não, eu estou... — sua voz cai quando ele vira as costas para mim, andando alguns passos para longe. — Não é por isso que eu... Ah, *muito* maduro.

Eu me viro, fingindo que não posso ouvi-lo enquanto puxo o cachecol sobre o queixo.

Tem o cheiro dele. Não, dele não. Seu sabonete. Seu *sabonete*, Molly. Jesus. Olho para a fila de carros, irritada comigo mesma, mesmo enquanto inspiro o cheiro.

Mas falando sério, o que é isso? Sândalo? *Pinho?* Sabão de pinho existe?

— Você é Molly?

Pulo com o grito do outro lado da rua quando um grande homem carrancudo gesticula para mim do banco do motorista de seu Toyota branco.

— Você vai entrar ou o quê? — pergunta rispidamente quando aceno.

Pego um Andrew de aparência tensa, que desliga enquanto corremos para nossa carona. O que quer que Christian tenha dito a ele destruiu seu bom humor e, por extensão, o meu, e ele fica em silêncio quando entramos no banco de trás, a cabeça baixa enquanto eles continuam a conversa por mensagem de texto.

Estamos na interestadual quando ele finalmente chega no limite, empurrando o telefone para longe com um ruído de frustração enquanto se recosta, olhando pela janela. A vontade de confortá-lo é avassaladora e, como para provar a mim mesma que não há nada de errado, deslizo minha mão para a mão livre dele e aperto.

— Podemos fazer uma chamada de vídeo para sua família — digo. — O dia inteiro se for preciso. Vamos transmitir ao vivo meu apartamento. Tudo, menos o banheiro.

Ele suspira dramaticamente.

— Mas é realmente Natal sem um dos meus irmãos me atrapalhando no banho?

— Vocês têm tradições estranhas.

Ele me dá um sorriso tímido antes de retornar meu aperto e me soltar.

— E sua família? — pergunta enquanto coloco minha mão desajeitadamente no meu colo. — Eles ficarão bem com isso?

— Eles vão entender — digo automaticamente. Para ser sincera, tenho me concentrado tanto nele que nem pensei neles. — Vou ligar para eles em algumas horas, quando meus pais estiverem acordados, mas é com Zoe que eles vão se preocupar.

— Ela está para dar à luz em breve, não é?

— Mais algumas semanas.

— E então você será uma tia. — Ele parece animado com isso. — Terei que te dar todas as minhas dicas de padrinho.

— Não preciso delas. Ela escolheu uma de suas amigas como madrinha. Fiquei de mau humor por um dia inteiro.

— E com razão. É uma grave injustiça.

— Foi o que eu disse. E ela simplesmente... — paro quando minha tela acende no assento entre nós, o nome de Gabriela piscando na escuridão.

— Coisas de trabalho — explico antes que ele possa perguntar. Eu suspiro, levando o telefone ao meu ouvido. — Se isso é sobre...

— Só quero que saiba que eu aceito — interrompe Gabriela apressada.

— Aceita o que?

— Ganhar o prêmio de a melhor pessoa em todo o maldito mundo.

— Não estou entendendo.

— O parceiro do amigo de Michael trabalha para a Delta.

Pisco para a parte de trás da cabeça do nosso motorista.

— Ok?

— O amigo de Michael nos deve um grande favor porque Michael apresentou o referido amigo *ao* referido parceiro.

— Realmente não estou...

— Troquei esse favor por duas esperas esta noite.

Prendo a respiração quando percebo o que ela está dizendo.

— Você comprou passagens para casa para nós?

A cabeça de Andrew vira na minha direção no momento em que Gabriela fala novamente.

— Bem, não — diz ela. — Comprei passagens para Buenos Aires.

— *Buenos Aires?*

— Onde você consegue um voo de conexão para Paris — continua, e eu gemo, batendo minha cabeça contra o assento. — Ignorando completamente a tempestade na costa leste.

— Gabriela...

— Não, funciona — diz ela animada — Pernoite hoje à noite para a Argentina. Você tem uma parada em Atlanta. Então, amanhã às sete, horário deles, outra noite para Paris.

— Paris não fica na Irlanda.

— Eu sei disso, boba, mas é mais perto, não é? Você estará lá no dia vinte e três. É certo que vocês serão zumbis, mas estarão muito mais próximos lá do que estão agora. Vamos — acrescenta quando não digo nada. — Eu fiz isso! Você tem as milhas aéreas e receberá o reembolso do primeiro voo de qualquer maneira.

Eu vou. E tenho mesmo as milhas aéreas. Tenho muitas milhas aéreas. Venho acumulando há anos, por alguma ideia maluca, terei um súbito impulso de viajar. E seguir para o sul para contornar a tempestade que não dá sinais de diminuir é a única opção no momento. Mas são dois ou três dias de viagem sólida e tudo apenas para ver minha família em um feriado com o qual nem nos importamos muito. Tudo só para...

Meus olhos se movem para Andrew para encontrá-lo olhando para mim. Ele não está se movendo, ele mal *respira*, um olhar esperançoso em seu rosto que faz meu peito doer.

Ah, merda.

— Sei que é muito, mas você tem que decidir logo — diz Gabriela em meu ouvido. — O avião sai em menos de duas horas e precisamos fazer sua reserva. Você ainda está no aeroporto?

— Essa noite? — sussurra Andrew, e aceno bruscamente.

— Acabamos de sair — digo a ela, incapaz de desviar o olhar dele. — Mas podemos voltar?

Andrew sorri para mim e um tipo bizarro de decepção se mistura com uma

determinação renovada quando desvio o olhar.

— Faça isso — digo. — Reserve para nós. Tenho nossos dados no meu desktop. A pasta se chama...

— Voos de Natal/Concluídos — finaliza Gabriela. — Porque é claro que se chama assim.

— Você sabe a senha do meu computador?

— É o seu pedido de sanduíche daquela lanchonete do final da rua — diz ela casualmente enquanto gaguejo com essa flagrante invasão de privacidade. — Você é meio previsível, sabia?

— Só faça a reserva.

— Sim, senhora — diz ela, e posso ouvir o sorriso em sua voz. — Isso me faz sentir ótima. Esta é a minha boa ação do ano.

— Melhor pessoa em todo o maldito mundo — concordo enquanto Andrew começa a enviar mensagens de texto novamente, seus polegares voando pela tela. — Avisarei quando estivermos no aeroporto.

Ela me dá um feliz, *Boa viagem*, enquanto desligamos e eu me inclino para o motorista.

— Não sei se você ouviu isso, mas...

— Estamos a dez minutos do seu destino — diz ele, sem olhar para mim.

— Certo — concordo. — Mas veja bem, nós realmente precisamos voltar para o aeroporto.

— E eu preciso ir para casa — diz ele. — Estou terminando a noite.

— Mas eu...

— Para o ano — acrescenta. — Minha esposa comprou bifes.

— Trevor...

— Grandes.

Olho para a parte de trás de sua cabeça enquanto ele olha teimosamente para frente.

Tudo bem.

*Tudo bem!*

Pego minha bolsa no chão do táxi, pegando o dinheiro que seria a grande maioria dos presentes de Natal de meus parentes.

— O que você está fazendo? — sussurra Andrew.

— Levando você para casa. — Eu conto o que tenho antes de me inclinar para frente novamente. — Eu lhe darei cem dólares se você virar este táxi agora mesmo.

Os olhos de Trevor encontram os meus no espelho retrovisor.

— Duzentos — diz ele quando vê que estou falando sério. — Em dinheiro.

Andrew engasga e eu aceno.

— Vendido.

— *O quê?* — Andrew olha para nós dois, chocado. — Não!

— Está tudo bem — digo, entregando as notas. — De que adianta ganhar todo esse dinheiro se não vou gastá-lo?

Ele continua protestando enquanto Trevor rapidamente e, provavelmente, ilegalmente, vira o carro, ganhando algumas buzinadas irritadas no processo.

Coloco uma mão contra a porta para me firmar até que estejamos na direção certa.

— Molly...

— Tarde demais agora — interrompo alegremente.

Andrew bufa, mas já posso ver seu humor melhorando.

— Eu te pago de volta — promete enquanto Trevor acelera.

— Sim, você irá.

— Buenos Aires? — pergunta, parecendo atordoado.

— Ouvi dizer que o aeroporto deles é simplesmente adorável nesta época do ano.

— E então Paris. — Um sorriso se espalha em seu rosto. — Poderemos ir de Paris — diz ele com confiança.

Ele começa a falar sobre voos de conexão, ligando o relógio do telefone para calcular as diferenças de fuso horário, e leva apenas alguns segundos para que sua empolgação aumente a minha empolgação. Isso é uma aventura, certo? Esta é uma pequena aventura divertida ou, possivelmente, a coisa mais estúpida que já fiz. E uma vez tentei depilar minhas próprias sobrancelhas.

No momento em que voltamos para o aeroporto, estamos praticamente pulando de nossos assentos e Andrew abre a porta do passageiro antes mesmo de estacionarmos.

— Prazer em fazer negócios com você — diz Trevor enquanto eu o sigo.

Andrew corre para o porta-malas enquanto olho para a entrada, calculando mentalmente o tempo que levaremos para despachar as malas e passar pela segurança. Graças à direção de Trevor, devemos chegar com uns bons trinta minutos de sobra se as filas não forem muito longas.

— Ei, Molly?

Eu me viro para encontrar Andrew logo atrás de mim e, antes que eu possa reagir, ele leva as mãos ao meu rosto, segurando-me firme enquanto me beija com força na testa. Mal dura um segundo, mas meu pulso dispara como o traidor superdramático que é.

Andrew se afasta para sorrir para mim.

— Você acabou de salvar o Natal.

Tecnicamente, Gabriela salvou o Natal, mas não vou corrigi-lo. Não enquanto ele ainda está segurando meu rosto. Não quando ele está olhando para mim assim.

— Vamos esperar até estarmos no avião — digo enquanto ele se vira para pegar nossas malas. — Melhor ainda. Vamos esperar até estarmos no continente certo.

Caminhamos rapidamente de volta pela entrada, passando pelo visco sem ao menos vê-lo. Bem, eu vejo. Estou extremamente ciente, mas Andrew não parece estar, então eu finjo que não estou e o sigo no meio da multidão.

— Com licença. Desculpe. Perdoe-me. Estou tão... *Cuidado* — retruco quando um homem de negócios quase esbarra em mim.

Junto-me a Andrew no painel de embarque, nós dois olhando para o punhado de voos ainda programados.

— Não consigo ver — diz ele, sem fôlego. — Você consegue ver?

Examino coluna após coluna, mas não consigo ver nada indo para Atlanta.

— Talvez só precise ser atualizado — digo com mais confiança do que sinto, mas permanece exatamente o mesmo.

A expressão de Andrew fica tensa e pego meu telefone, tentando não entrar em pânico enquanto ligo para Gabriela.

Ela atende no terceiro toque.

— Você conseguiu?

— Nós conseguimos. Mas você tem certeza de que reservou o voo certo?

— Positivo. Verifiquei duas vezes.

— Eu não vejo nada — digo enquanto Andrew olha para o painel com tanta força que é um milagre ele não estar com dor de cabeça.

— Eu juro, Molly. Estou olhando o site agora.

— Leia o número do voo.

— Está definitivamente indo — insiste. — Delta DL676. Chicago Midway para...

— *Midway?* — grito a palavra tão alto que um bebê próximo começa a chorar. — Estamos em O'Hare!

Há uma longa pausa do outro lado da linha.

— Oh.

Esvazio instantaneamente, meu pico de adrenalina caindo quando me afasto totalmente de Andrew. Não suporto nem olhar para ele.

— Eu deveria ter verificado — diz Gabriela, parecendo infeliz.

— *Eu* deveria ter dito a você — digo rapidamente. — Isso não é culpa sua.

— Deixe-me continuar procurando.

— Gab...

— Tem que haver algo. Se não esta noite, então pela manhã. — Ela continua falando, mas com um puxão em meu casaco, eu me viro para um Andrew de aparência sombria.

— Eu te ligo de volta — digo, quando ele faz sinal para eu desligar. — Ela vai ver se podemos...

— Quanto tempo temos antes que o portão se feche? — interrompe, e verifico a hora no meu telefone.

— Uma hora, mas... — paro, percebendo o que ele quer dizer. — Isso não é tempo suficiente.

— Pode ser. É o que? Quarenta minutos até o Midway?

— Não neste trânsito. E mesmo que atrase, há segurança e bagagem e...

— Não estou dizendo que não precisaríamos de um milagre — diz ele. — Mas poderíamos tentar. Preciso tentar.

Eu não quero. Eu *realmente* não quero. Já foi estressante voltar para cá, não quero correr pela cidade só para prolongar nossa decepção.

Mas ele está olhando para mim com aqueles malditos olhos de cachorrinho e seu cabelo está todo bagunçado de onde ele estava puxando, e eu me lembro de cada vez que ele se ilumina com a simples menção de sua família.

Quando esse homem se tornou minha fraqueza, eu não sei. Mas esta noite, é como se ele tivesse me enrolado em seu dedo mindinho.

Respiro fundo, apertando a alça da minha mala enquanto já me arrependo da minha decisão.

— Ok — digo. — Vamos lá.

# Capítulo Seis

É um caos de viagens fora do aeroporto, com pessoas ainda chegando para voos cancelados. A confusão e a frustração no ar são palpáveis e não ajuda que a fila para os táxis tenha várias pessoas. Andrew e eu nem nos preocupamos em nos juntar a ela, ambos olhando em volta como se esperasse um milagre.

— Vamos fazer aquela coisa em que apenas nos empurramos na frente de alguém? — pergunto, observando uma mulher entrar em um táxi. — Como nos filmes?

Andrew faz uma careta, mas não diz não, e é então que vejo um rosto semi-familiar passar por nós com o boné abaixado.

— Trevor?

Nosso motorista olha para trás automaticamente ao ver seu nome, franzindo a testa com desconfiança quando me vê.

— Pensei que você tinha um avião para pegar?

— Tenho. Nós temos! Você ainda está aqui? — Eu o sigo quando ele se vira, quase tropeçando na minha pressa.

— Só tive que usar o banheiro masculino.

— As necessidades em primeiro lugar! — falo com uma voz alegre que não reconheço. — E que incrível golpe de sorte para nós — acrescento — porque, ao que parece, fomos para o aeroporto errado e precisaremos de seus serviços novamente.

Ele nem se vira.

— Não.

Fico boquiaberta e olho para trás, para Andrew, que está lutando com nossas malas.

— Acabei de te dar duzentos dólares — eu o lembro.

— Para uma transação que foi acordada e concluída.

— Ah, vamos lá — imploro. Não é o melhor argumento da minha carreira, mas é tudo de que sou capaz no momento. Temos no máximo cinco minutos para entrar em um táxi, senão não adianta nem tentar. — Só queremos voltar para casa.

— Eu também — ele bufa. — E você já me atrasou por uma hora.

— E paguei generosamente por isso. Nós somos da Irlanda — tento novamente, exagerando meu sotaque de uma forma que provavelmente faria todos em casa estremecerem. Mas às vezes você tem que jogar a carta do leprechaun. — Você tem família de lá?

— Não — diz Trevor categoricamente. — Embora um irlandês tenha mijado no meu táxi uma vez.

— Ok. Então, eu concordo que não é um ótimo...

— Adeus.

— Espere! — giro, quase colidindo com Andrew quando Trevor para em seu carro. Pego minha bolsa e a abro ali mesmo no meio da estrada, o ursinho de pelúcia caindo no concreto molhado enquanto recupero uma pequena caixa rosa que coloquei cuidadosamente dentro — Deixe-me suborná-lo — digo, estendendo-o para ele.

Andrew se mexe ao meu lado, pegando o urso.

— Eu não acho que você realmente deveria dizer quando algo é um suborno.

Eu o ignoro, abrindo a tampa. Trevor espia lá dentro, curioso, apesar de seus melhores esforços.

— O que diabos é isso? — pergunta, e sei que o peguei.

O que são? São trufas artesanais da minha chocolateria preferida da cidade. Aka, eles são malditamente caros. Uma variedade suntuosa de latte de caramelo, maracujá e gengibre, rum de coco torrado e uma dúzia de outras pequenas porções de alegria praticamente perfeitas. Eu iria compartilhá-los com Andrew assim que chegássemos aos nossos assentos na primeira classe. Íamos comê-los com nosso champanhe grátis. Íamos brindar ao nosso décimo voo de Natal.

Mas Trevor não precisa saber de tudo isso.

— Chocolates — digo, trazendo a caixa para mais perto dele. Ele olha para eles com desconfiança, mas sua expressão se suaviza quando ele os vê. E por que não? Estes são chocolates de boa aparência. Eu saberia. Eu mesmo os escolhi.

— Minha esposa adora chocolate — admite rispidamente, arrastando seu olhar com relutância para longe deles e de volta para mim. — Minha filha também. Ela tem mais ou menos a sua idade.

— Tenho certeza que você deve amá-las muito...

— Ela são uma dor no meu rabo.

— Tudo bem, bem...

— Apenas entre no táxi.

Pisco surpresa quando ele pega a caixa de mim.

— Sério?

— Não questione o homem — murmura Andrew enquanto rapidamente fecho minha bolsa. Causamos um *pequeno* engarrafamento atrás de nós e levanto a mão como se pedisse desculpas enquanto seguimos Trevor de volta ao carro.

— Deveria ter me aposentado anos atrás — resmunga quando entramos na parte

de trás. — Tem certeza de que sabe para onde está indo desta vez?

— Midway — digo enquanto Andrew arrasta a mão pelo rosto. — E fico feliz em pagar qualquer multa por excesso de velocidade que você receber.

— Aposto que sim — murmura Trevor enquanto sai da sua vaga, mas não há calor nas palavras e, quando ele olha para nós, ele parece quase determinado. — Aperte o cinto — diz ele. — Farei o meu melhor.

---

A viagem para o sul até o segundo aeroporto de Chicago é rápida, mas tensa. Nem Andrew nem eu falamos enquanto Trevor navega no clima e no trânsito, infringindo a lei apenas *um pouco* enquanto ganha totalmente aqueles chocolates.

No momento em que para no ponto de desembarque, temos uma janela de três minutos para atrasos e Andrew sai imediatamente para o porta-malas enquanto me inclino para Trevor.

— Se você não se importar em esperar dez minutos, caso percamos...

— Fora.

— Certo. Sim. Feliz Natal!

Com nossas malas nas mãos, entramos corremos, parando apenas brevemente para verificar o painel de embarque antes de despachar nossa bagagem.

Nosso primeiro obstáculo.

— Sinto muito — diz a mulher assim que mostro meu cartão de embarque. — Mas o despacho de malas fechou há vinte minutos para este voo. Eles estão prestes a começar a embarcar — acrescenta como se não soubéssemos *disso.*

— Eu entendo — digo, usando minha voz mais profissional. — Mas o avião ainda está aqui e não acho que a mala gigante do meu companheiro vá caber no compartimento superior.

— Elas já estão carregadas no avião.

— O avião que ainda não partiu! — enfatizo, batendo minhas mãos no balcão com cada palavra. — Por favor.

— Estamos apenas tentando voltar para o Natal — diz Andrew. — A irmã dela está para dar à luz e eu sou a única pessoa que gosta das couves-de-bruxelas da minha mãe. É muito importante chegarmos em casa.

A mulher parece genuinamente solidária, mas apenas balança a cabeça enquanto eu resisto à vontade de cair no chão e fingir que nada disso está acontecendo.

— Vamos deixá-las — diz Andrew para mim, parecendo desesperado. — Vamos jogar nossas coisas aqui.

— Mas todos os seus presentes — protesto. — E meu molho Tabasco.

— Seu o quê?

— Não podemos deixar nossa bagagem aqui — continuo, ignorando-o. — Isso é loucura.

— Você tem uma sugestão melhor?

— Obviamente não, mas...

— Vamos perder o avião.

— E eles vão destruir nossas coisas se nós...

— Só vão.

Viramos para o balcão enquanto a atendente pega um telefone de mesa com uma mão e faz sinal para que eu passe minha mala com a outra.

— Vão — diz ela novamente. — Vou colocar isso e ligar para o portão.

Ai meu Deus.

— Sério?

— Meu pai era militar — diz ela. — Os anos em que ele não voltava para casa no Natal? — Ela balança a cabeça, digitando um número no teclado. — Vão. Estejam com suas famílias. Mas não posso prometer nada.

Andrew se vira para ela, parecendo que está prestes a abraçá-la, mas felizmente ele se vira e começa a correr em direção ao segurança.

Demoro mais um segundo, tirando um pequeno pedaço de papelão preto da minha carteira.

— Existe um lugar tailandês incrível em Ravenswood — balbucio. — Eles me deram este cartão especial com cinquenta por cento de desconto porque eu comi lá todas as noites durante duas semanas uma vez. Quero que você fique com ele.

A atendente apenas me encara.

— ...Ok.

— Porque é Natal.

— Molly!

— Experimente a salada de mamão — digo a ela quando o grito frustrado de Andrew chama do outro lado do saguão. — E obrigada!

Chego ao seu lado em tempo recorde quando viramos a esquina, meu coração batendo forte a cada passo.

É isso. Só precisamos passar pela segurança. Só precisamos passar pela segurança e...

Merda.

Andrew e eu paramos abruptamente quando quase batemos na parede de pessoas esperando pelo controle de passaporte. Uma tela suspensa informa que a espera para

passar é de 45 minutos e até mesmo a linha de pré-autorização está congestionada. Apesar da pressa, por alguns segundos nós dois simplesmente olhamos para as filas ordenadas e cansadas à nossa frente, e sinto minha última esperança se esvair. O portão deve fechar em mais alguns minutos e duvido que eles o mantenham aberto por muito mais tempo.

Andrew exala profundamente, seu corpo tenso enquanto examina cada coluna como se estivesse procurando a mais curta.

— Vou pedir a eles que nos deixem passar — murmura, e o sigo entorpecida quando ele se aproxima de um agente da TSA parado ao lado e começa a defender nosso caso. Não tenho coragem de dizer a ele que não adianta. Tenho certeza de que dezenas de pessoas pedem a mesma coisa a cada minuto.

Engulo em seco, a adrenalina guerreando com a nova decepção à medida que mais e mais viajantes continuam entrando nas filas. Há uma queimação no meu peito que se move para a minha garganta e minha respiração fica mais superficial a cada segundo que passa. Vamos perder o voo. Chegamos ao aeroporto e agora vamos perder o voo.

— Andrew — murmuro, mas ele não está ouvindo. Para ser sincera, nem tenho certeza se falei em voz alta ou na minha cabeça.

Deus, está quente aqui.

— Você precisará esperar como todo mundo — diz o agente, parecendo estar lendo um roteiro.

— Eles estão mantendo o portão aberto para nós — diz Andrew. — Se você pudesse só...

— Andrew — digo.

— Senhor, todos estão no mesmo...

Comecei a chorar.

Sempre fui um pouco chorona. Lágrimas tristes, lágrimas felizes, lágrimas de raiva. É a reação do meu corpo, não importa a situação ou a época do mês. E geralmente, não é tão ruim. Uma pausa de alguns segundos, um lenço sob os olhos. Eu coloco para fora, arrumo minha maquiagem e sigo em frente.

Essas lágrimas não são aquelas lágrimas.

São lágrimas barulhentas, desleixadas e soluçantes que fazem todos em nosso círculo imediato olharem para nós. Para *mim.*

— Nós vamos... perder... nosso *voo* — lamento quando o agente de segurança recua horrorizado. Até Andrew parece alarmado, e ele definitivamente já me viu chorar.

O agente se move desconfortavelmente, uma mão levantada entre nós como se não soubesse se deveria me confortar ou me encurralar em um canto.

— Senhora...

— Minha irmã... está tendo... um bebê — suspiro, quase me sufocando enquanto forço as palavras.

— Apenas deixe-a passar — grita alguém à frente, e eles são imediatamente apoiados por outros.

— É Natal!

— Ela está grávida!

— Ela não está... — O rosto do agente se contrai. — É a irmã dela que...

Mas ele é abafado por ainda mais vozes apoiando a velha e altamente histérica eu. Um soluço particularmente violento o faz estremecer enquanto Andrew esfrega círculos lentos em minhas costas.

— Tudo bem, tudo bem — murmura o homem, nos apressando para a frente da fila. — Apenas seja rápida.

É como se ele nem soubesse com quem está falando. Passamos correndo pelo controle de passaportes e praticamente jogamos nossas coisas nos scanners. Por algum milagre, nossas malas não são apanhadas para verificações extras e então partimos, correndo pelo terminal o mais rápido que podemos e acumulando vários protestos irritados em nosso rastro enquanto nos esquivamos de malas com rodas e compradores ambulantes.

— Corra — diz Andrew, soando apenas um pouco em pânico enquanto dobramos uma esquina. — Corra, corra, corra.

Em algum lugar acima de mim, ouço o que soa como meu nome sendo chamado pelo sistema de anúncio, e acelero o ritmo, minha bolsa de laptop batendo desconfortável contra meu quadril enquanto desliza pelo meu ombro a cada passo. Eles fizeram isso parecer *muito* mais fácil em *Esqueceram de mim.*

— Chegamos — grito enquanto nos aproximamos do nosso portão. Não há mais ninguém esperando, mas as portas estão abertas, a mesa ainda está ocupada. — Estamos aqui!

Uma atendente de aparência aborrecida fala brevemente em um walkie-talkie antes de contornar o balcão. — Senhorita Kinsel...

— Sim! Oi. Essa sou eu. — Nós tropeçamos para parar na frente dela enquanto mostro as passagens no meu telefone.

— Estamos chamando você — diz ela com firmeza.

— E nós viemos correndo — diz Andrew, sorrindo para ela. Seu olhar suaviza quando ela o observa porque é claro que sim, mas é para mim que sua atenção volta enquanto ela verifica nossos passaportes.

— Está tudo bem, senhora?

O sorriso aliviado de Andrew desaparece quando ele olha para mim. Só então percebo que ainda estou chorando.

— Estou bem — digo trêmula, pegando meu passaporte de volta envergonhada.

Ela não parece convencida, mas acena para que entremos de qualquer maneira, fechando a porta atrás de nós.

— Eu não sabia que você estava falando sério — murmura Andrew, parecendo preocupado enquanto nos apressamos pelo túnel.

— Eu não estava — sussurro. — Estou honestamente bem. — Só agora que abri as comportas, diabos se sei como fechá-las novamente. Ai Deus, eu quebrei alguma coisa por dentro? É isso o que eu sou agora?

Ficarei tão desidratada.

Nós claramente atrasamos o voo já atrasado, e recebemos olhares dos outros passageiros, mas não acho que nenhum de nós se importe enquanto seguimos pelo corredor para dois assentos ao lado dos banheiros. Não que eu vá reclamar, desmaiando enquanto Andrew guarda nossas malas de mão. Ele se senta ao meu lado enquanto os atendentes começam as verificações finais e fecham as portas, e solto um suspiro trêmulo, o suor esfriando desconfortavelmente em meu corpo devido à súbita explosão de atividade.

— Então — diz Andrew, abrindo a sacola plástica com brindes de avião. Ele encontra um lenço de papel e o entrega para mim enquanto as lágrimas continuam a escorrer pelo meu rosto. — Você leva sua própria garrafa de molho Tabasco para casa com você?

— Cresci em uma casa onde os únicos sabores eram sal e pimenta — fungo, enxugando meus olhos. — O que você acha?

— Acho que se você continuar com esse truque de chorar, nunca mais teremos que fazer fila para nada.

Começo a rir, o que de alguma forma só me faz chorar ainda mais, mas desisto, deixando minha adrenalina cair na histeria até que um atendente educadamente me avisa que estou assustando os outros passageiros.

# Capítulo Sete

seis anos atrás

## Voo Quatro, Chicago

— Quero que você pare de me enviar fotos de lâmpadas.

— Veja só... — Andrew enfia minha bolsa no compartimento superior antes de deslizar para o assento ao meu lado. — Agora que você disse é que eu nunca vou parar. Você acabou de mostrar sua mão, Kinsella.

— Sua namorada sabe que você está me mandando fotos de lâmpadas que encontra na rua?

— Emily não apenas sabe, mas ela ativamente encoraja isso para que eu não as leve para casa para mostrar a ela.

Eu rio enquanto me abaixo para pegar minha garrafa de água, meu corpo protestando contra o movimento. Fiquei acordada metade da noite pesquisando e acabei caindo no sono em uma posição estranha pela qual todos os músculos do meu corpo agora estavam me punindo.

— Você está bem aí, campeã? — pergunta Andrew quando eu gemo.

Eu me sento, tentando ficar confortável.

— Preciso de uma massagem.

— Eu tenho uma namorada, Molly.

— Cala *a boca.*

Andrew apenas sorri para mim.

Ele está hiperativo desde que nos encontramos na segurança. No começo, pensei que era por causa de seu novo relacionamento, mas então senti o cheiro de álcool nele quando ele se inclinou para um abraço e confessou que tinha vindo direto de uma festa.

— Você não vai dormir em cima de mim, vai? — pergunto agora enquanto ele coloca o cinto de segurança. — Parece que você se transformou em um bêbado sonolento.

— Eu me viro sozinho. — Ele observa alguns dos outros passageiros se arrastando pelo corredor antes de voltar sua atenção para mim. — Você pode conhecê-la, sabe. Emily. Não quero que você pense que não pode.

— Por que eu pensaria isso?

Ele dá de ombros.

— Só não fale com ela ou a olhe nos olhos. Ela fica engraçada com coisas assim.

— Claro, claro. — Bebo minha água, observando-o com curiosidade. — Conhecê-la, não é? As coisas devem estar ficando sérias.

— Sim, bem... — ele para de falar, parecendo estranho, e tento ignorar a pontada superficial em meu coração. Eles *estão* ficando sérios. Faz apenas dois meses desde que ele me contou sobre ela. Até onde eu sabia, não havia ninguém a longo prazo entre ela e Hayley e eu estava meio acostumada com ele sendo solteiro. Ou talvez seja só porque agora eu estava. Daniel terminou comigo no outono, uma verdadeira situação de *não é você, sou eu* e eu estava deprimida desde então. E isso é permitido! Às vezes você precisa de um bom choro. Mas quando esse desânimo atrapalha ser feliz pelos outros, sei que devo começar a me cavar para fora do meu buraco taciturno.

Então, faço a primeira coisa que me vem à mente, que é chutar o pé de Andrew com o meu.

— *Ai* — diz ele incisivamente.

— Estou feliz por você.

— E você tem um jeito estranho de mostrar isso.

— Estou sendo sincera, Andrew. Isso é ótimo. Mal posso esperar para conhecê-la.

Ele sorri com isso.

— É *ótimo.*

— Sim.

— Porque eu mereço coisas boas.

— Merece. As melhores.

— Incluindo... — ele balança as sobrancelhas enquanto pressiona o botão de chamada. — Um pouco de champanhe?

Eu ri.

— Eles não vão atendê-lo.

— Eles vão. É Natal.

— E você está bêbado.

— Embriagado. Confie em mim. Consigo lidar com isso.

Ele faz contato visual com uma comissária de bordo que se espreme no corredor e sorri tão amplamente que ela vacila em seu passo.

— Sutil — murmuro, mas ele apenas me silencia e, como prometido, nos traz nosso champanhe.

# Agora

Buenos Aires é uma cidade linda. Cosmopolita, apaixonada, cheia de comida, dança e *vida*. Ou pelo menos é o que os pôsteres gigantes que nos cercam fazem parecer. Na verdade, eu não saberia, visto que, sem o visto, não podemos sair do aeroporto.

— Deus, sabe o que eu adoraria agora? — diz Andrew de onde está esparramado na cadeira ao meu lado. — Algumas daquelas trufas de...

— Vou te dar um soco na cara — digo a ele. — Na sua cara grande e estúpida.

— Quero dizer, o dinheiro eu posso entender. Mas o chocolate? — Ele leva a mão ao coração, olhando para mim com uma expressão magoada. — Eu amo chocolate.

— Eu sei que ama — resmungo, olhando para a imagem de uma dançarina de tango de lábios vermelhos na parede oposta. — É por isso que eu os comprei.

Olho para as luzes do teto, tentando decidir se estou com fome ou cansada, ou ambos. Voamos para Atlanta, onde esperamos quatro horas para voar dez horas para a Argentina, onde estamos aguardando nossa conexão para Paris, que levará mais setecentos e oitenta minutos. Mais treze horas.

Sim. Muito melhor do que ficar em Chicago com minha cama, meu chuveiro, minha comida e meu...

Eu gemo, caindo na minha cadeira. Todas as minhas roupas estão na minha bagagem despachada, algo que não me preocupava muito, mas é tudo em que consigo pensar agora, sem nenhuma muda de roupa comigo. Eu provavelmente estou fedendo, mesmo com o spray corporal barato que comprei na farmácia daqui.

— Fizemos a escolha certa — diz Andrew, interpretando corretamente meu aborrecimento enquanto percorre seu telefone. — Essa tempestade não vai a lugar nenhum. Nunca teríamos conseguido um voo direto.

— Será que ficar em Chicago realmente teria sido tão ruim? — suspiro, apenas meio brincando. — Quero dizer, eu sei que você ama sua família e tudo mais, mas...

Andrew sorri.

— Eu nunca vou parar de te agradecer por isso. Você sabe disso, certo? Não consigo pensar em mais ninguém que se colocaria nisso por mim.

— Tudo bem — murmuro, envergonhada. — Não há necessidade de ser totalmente sincero sobre isso.

Ele ri, imitando minha pose enquanto desliza em seu assento, as pernas abertas da maneira que os homens fazem. Não o questiono sobre isso, no entanto. Não há mais ninguém na nossa fila e gosto da maneira como o joelho dele roça no meu. Eu gosto ainda mais quando ele não se afasta.

Respiro lentamente com a sensação, segurando-a enquanto tento ficar relaxada.

Nós mal nos falamos uma vez que estávamos no ar, ambos exaustos demais para dizer mais do que algumas palavras um ao outro. Mas permaneci constantemente consciente dele. Tão consciente quanto estou agora, enquanto ele olha fixamente para a frente e eu o encaro. Discretamente, claro. Rosto inclinado para longe, canto do meu olho, furtivo. Não posso evitar. Estou meio que esperando que, se continuar procurando, eu acabarei vendo o que quer que tenha me deixado tão confusa em Chicago. Confusa agora.

— Nós deveríamos tentar dormir nesse — diz ele. — Só teremos uma hora para pegar o voo para Dublin. — Ele faz uma pausa. — Se não houver atrasos.

— Não haverá. Nós vamos conseguir. Talvez até apareçamos no noticiário.

— Então esse é o seu plano. Breve fama local.

— Nós vamos conseguir — repito, e ele me lança um meio sorriso.

— Eu sei. Acho que estarei melhor quando estivermos... não sei, na Europa? — Ele ri de como isso soa ridículo. — Pelo menos será uma história divertida para contar à família. Faremos uma pausa entre os filmes para esticar as pernas e direi, ei, lembra daquela vez que voei 24 horas para fora do meu caminho só para chegar em casa no Natal?

— Esticar as pernas? Quantos filmes vocês assistem na casa dos Fitzpatrick?

Ele sorri.

— Depende do ano. Meu pai geralmente escolhe o principal, mas pode ser imprevisível. Se não cansar, podemos passar a noite toda, embora meus pais geralmente vão para a cama por volta da meia-noite. — Andrew se mexe, virando o corpo para me encarar. — Eu ia sugerir uma maratona de filmes na sua casa se tivéssemos ficado. Apenas filmes de Natal o dia todo.

Eu forço um sorriso.

— Isso soa bom. — Isso soa muito bom. Mas não quero pensar em todas as coisas que ele iria sugerir. Foi apenas por uma hora, mais ou menos, mas eu estava muito apegada à ideia de passar o Natal com Andrew.

— Devemos ir ao Music Box no próximo Halloween — continua, e levanto uma sobrancelha. O Music Box é o tipo de cinema pretensioso que eu amo e ele tolera. — Eles fazem maratonas de terror — acrescenta ao meu olhar.

— Não consigo ficar parada tanto tempo; vou precisar fazer xixi.

— Vou conseguir um assento no corredor. Fuga rápida. Ou uma daquelas fraldas para adultos.

— Bem, como uma garota pode dizer não a isso?

— É um encontro então.

Meu sorriso congela em meu rosto enquanto me forço a me virar e encarar a dama

do tango.

Não é um encontro. Não é um encontro! Então por que...

Estremeço com a sensação de cócegas na minha orelha e giro minha cabeça para ver Andrew recuando, os olhos arregalados com a minha resposta exagerada. Sua mão paira incerta entre nós.

— Seu brinco — explica ele, mostrando-me o pequeno crescente de prata. — Ficou preso no seu cabelo.

Minha mão voa até meu lóbulo nu.

— Devo ter perdido a tarraxa.

Ele o deixa cair na palma da minha mão aberta com uma careta.

— Você está bem?

— Apenas cansada — minto. Pego o outro e coloco os dois no bolso. Andrew não parece convencido, mas deixa passar. — Aposto que você está animado para ver as crianças — digo, mudando de assunto. Seu irmão mais velho, Liam, tem um menino e uma menina. — Você deve sentir falta delas.

— Sinto — diz ele. — Juro que toda vez que eu volto eles são pessoas totalmente novas. Foi o mesmo com Hannah. Embora, pelo jeito que Liam e Christian costumavam falar sobre o crescimento dela, eu percebi que ela era muito irritante.

Eu ri.

— Sério?

— Não. Acho que toda criança de seis anos é irritante quando você tem dezoito e só quer seguir em frente. Nós somos próximos, porém. Ela é uma boa criança. Muito inteligente. Mais esperta do que qualquer um de nós.

— Devemos fazer algo na próxima vez que eles vierem nos visitar.

— Ela adoraria isso — diz ele, animando-se. — Ela sabe tudo sobre você.

— Sabe?

— Ah, sim. Garota irlandesa fazendo sucesso no mundo? Ela acha você muito legal.

Eu o encaro, encantada.

— Ninguém nunca me chamou de legal.

— Difícil de acreditar — ele fala inexpressivo.

Ficamos em silêncio e depois de um momento ele tira o suéter, usando-o como uma almofada entre seu corpo e a cadeira.

Ele está vestindo uma camiseta de feriado por baixo porque é claro que ele está. Embora esta não seja tão ruim, azul-marinho com um boneco de gengibre na frente. Eu o examino por um segundo antes de Andrew pegar um fio solto de sua manga e então estou olhando para seu bíceps, e a curva do músculo que desaparece sob o

tecido. Há uma pequena cicatriz em seu cotovelo, uma lasca de pele rosa levantada de alguma queda da infância que me fascina imediatamente.

— Por que você não se mudou para Seattle?

— O que? — empurro meu olhar para cima para encontrá-lo me observando e tento não parecer tão culpada quanto eu, bizarramente, me sinto.

— Com Brandon — diz ele. — Você disse que pediu para ele ficar, mas por que você não quis se mudar?

— Por causa do meu trabalho.

— Eles não têm advogados em Seattle?

Eu franzo a testa.

— Não é tão simples.

— Não estou dizendo que é, estou apenas... — ele para com um encolher de ombros. — Você está certa, não importa.

Não consigo ler a expressão em seu rosto. Ele quase parece frustrado, embora isso possa ser a exaustão. Para ser sincera, estou meio surpresa por ainda não termos começado a brigar um com o outro.

— Eu não queria ir embora — digo. — E teria que fazer o exame da ordem novamente. Teria sido uma grande coisa.

— Você teria que fazer isso para praticar na Irlanda também — aponta, e dou a ele um olhar engraçado.

— Sim, mas não estou me mudando para a Irlanda, estou?

— Você pode algum dia.

Eu bufo.

— Você soa como meus pais. Não tenho intenção de voltar para Dublin. Chicago é minha casa agora. — Um pensamento desconfortável me atinge. — Não é para você? — Ele mora lá há mais tempo do que eu.

— Claro que é — diz ele. — Mas a Irlanda também. Se você pode ter uma casa em dois lugares.

— Claro que pode. Mas eu só estava com Brandon há alguns meses — acrescento, sentindo a necessidade de apontar isso novamente. — Definitivamente não é o suficiente para me mudar para o outro lado do país.

— Então, se você estivesse com ele por mais tempo, você poderia ter ido?

— Não sei — As palavras são curtas, parecendo tão irritadas quanto me sinto. — Isso é muito hipotético.

Nós olhamos um para o outro por um instante antes dele acenar com a cabeça.

— Ok.

— Sim? Então podemos mudar de assunto?

— Claro. Você está saindo com mais alguém? Acho que não perguntei.

— Isso não é mudar de assunto.

— Deixa pra lá então.

— Tenho me concentrado em mim mesma — digo a ele.

— Você tem? — Ele sorri levemente. — E como é isso?

— Faço ioga nas manhãs de domingo. E recebo uma massagem toda segunda terça-feira.

— Sueca?

— Músculos profundos — faço uma careta. — Normalmente porque eu forcei alguma coisa na ioga.

Ele sorri.

— Bem, estou feliz que você não esteja namorando ninguém. Isso significa que tenho você só para mim. — Ele se senta enquanto fala, esticando os braços sobre a cabeça. O movimento levanta sua camiseta, revelando uma fina faixa de pele logo acima de seu jeans que, de repente, me deixa furiosa.

Desvio meu olhar, minha mandíbula apertando de uma forma que meu dentista *não* ficaria feliz.

— Então, você quer que eu fique sozinha, é isso?

Ele faz uma pausa.

— Eu não quis dizer isso.

— Parece que quis.

Andrew fica calado ao meu lado, mas não consigo olhar para ele. Minha raiva desaparece tão rapidamente quanto veio, deixando-me cansada e envergonhada e ainda muito, muito confusa.

— Desculpe — digo depois de um longo momento.

— Eu também. Eu realmente não quis dizer isso do jeito que soou.

— Eu sei. Eu só... — preciso ficar longe dele. — Vou esticar as pernas e mandar uma mensagem para Zoe.

— Molly...

— Volto já. — Levanto tão rápido que minha visão fica turva, mas ignoro enquanto saio, mancando ligeiramente por causa de uma perna amortecida. Concentro-me nos alfinetes e agulhas para não me concentrar nele e desço o terminal antes de virar abruptamente à esquerda em uma placa de banheiro.

O corredor está vazio e, felizmente, o banheiro feminino também. Então, como milhões de mulheres igualmente confusas fizeram antes de mim, eu me tranco na primeira cabine, sento bufando na tampa do vaso sanitário e apenas... ugh.

Talvez eu tenha bebido demais. Talvez esteja cansada e estressada e tomei muitas

taças de champanhe. Essa pode ser a única explicação de por que sinto que estou enlouquecendo. Porque Andrew e eu...

Às vezes sinto que ele tem sido a única constância em minha vida desde que me mudei para esta cidade. Durante o caos dos meus vinte e poucos anos, de encontrar meu caminho, me encontrar, ele sempre esteve comigo. Talvez não fisicamente. Houve anos em que o vi apenas algumas vezes, mas ele estava sempre lá. Eu sempre poderia falar com ele. Sempre poderia gemer para ele. Sempre poderia comemorar e lamentar. E agora estou me escondendo dele no banheiro do aeroporto.

Eu não deveria tê-lo beijado.

*Por que* eu o beijei?

Fecho meus olhos, deixando minha cabeça cair nos joelhos enquanto sinto o início de uma dor de cabeça se formando em minhas têmporas.

Eu só não pensarei nisso. Isso é o que não farei. Em vez disso, vou compartimentalizar e me concentrar em nos levar de volta para a Irlanda e, *então*, vou largar meu emprego e marcar férias e nessas férias vou comer muita comida e me apaixonar. Vou me apaixonar por um massagista e ele será muito bonito e terá um senso de vestimenta impecável e não será nada confuso.

Mas, por enquanto, eu compartimentalizo.

Fico lá o tempo socialmente aceitável e só então me obrigo a me mover para o caso de perder o embarque. As duras luzes fluorescentes acima não ajudam em nada a minha confiança. Brinquei com meu cabelo a noite toda e agora ele está solto em volta do meu rosto, enquanto minha maquiagem quase derreteu em meus poros. Eu pareço uma bagunça. O que é compreensível e não é algo que normalmente me importaria com Andrew, mas agora me sinto estranhamente constrangida enquanto eu molho uma toalha de papel e lavo o rosto da melhor maneira possível. Não ajuda que eu tenha trocado de roupa em O'Hare, trocando minha saia e blusa por calças de moletom e um moletom enorme. Eles são confortáveis, mas não estão exatamente ajudando toda a vibe de *garota na foto do antes*. Especialmente quando não haverá uma foto do depois tão cedo.

Desisto da minha transformação indiferente, pratico meu sorriso estou-totalmente-normal-e-só--um-pouco-cansada, e abro a porta do banheiro, totalmente empenhada em agir como se tudo estivesse bem e...

— Finalmente.

Andrew está esperando lá fora.

Congelo quando o vejo e ele franze a testa, endireitando-se contra a parede enquanto fico lá como um rato encurralado.

— Ok — diz ele, olhando para mim. — O que diabos está acontecendo com você?

# Capítulo Oito

— O que você quer dizer? — Meus nervos disparam com a suspeita em seu rosto. Ele está muito perto de mim, tão perto quanto estávamos sob o visco, e não, não, obrigada. Não é necessário agora.

— Você está agindo estranho — diz ele quando tento contorná-lo. Ele imediatamente se move para o lado, bloqueando meu caminho.

— Porque tem sido uma noite estranha. Dia estranho. Por mais longo que tenha sido.

Sua mão dispara quando tento passar de novo, me empurrando gentilmente contra a parede. Você poderia jurar que ele me puxou para seus braços do jeito que eu reagi, sugando a respiração tão alto que recuou, como se eu tivesse batido nele.

Ele olha para mim como se eu fosse uma estranha. Provavelmente porque estou agindo como uma.

— Parece que você vai vomitar — diz ele, um pouco de sua cautela se transformando em preocupação. — Você quer se sentar?

— Estou bem. — Afasto o cabelo do rosto, sentindo um rubor nas bochechas. Talvez eu precise me sentar. Talvez eu esteja doente! Isso explicaria tudo.

— O que foi? — pergunta. — Você pode me dizer. É a sua menstruação?

— Não — murmuro, irritada até que eu me forço a encontrar seu olhar. A preocupação que vejo ali só me faz sentir pior. Este é *Andrew*. Posso falar com Andrew.

Apenas não sobre isso. Andrew é minha única constante agora, então eu me recuso a deixá-lo ir, já que revelar, casualmente, a seu amigo que *ei! Eu gostei quando nossos corpos se tocavam! Vamos fazer isso de novo!* pode ir para o caminho errado.

— Podemos ir agora? — pergunto. — É a nossa cara perder este voo.

— Temos tempo. — Sua expressão se suaviza com o pânico que ele, sem dúvida, vê em meu rosto. — Vamos, Moll. O que foi?

— Além da bagunça gigante desta viagem? — hesito quando ele apenas olha para mim como o idiota teimoso que é. — Não é nada — digo eventualmente. — Tenho estado super ocupada ultimamente.

— Você está sempre ocupada. — Ele não diz isso de forma crítica, mais como uma declaração de fato, mas ainda dói.

— Eu sei — digo. — Mas o trabalho parece especialmente maníaco agora.

— Ok, bem...

— Também acho que estou no início de uma crise de meia-idade? E eu estava animada em ver você e o voo, e provavelmente coloquei muita expectativa na coisa toda e é só...

— Molly...

— É estúpido — termino.

— O que é estúpido?

Eu o ignoro, notando suas mãos vazias pela primeira vez.

— Quem está vendo nossas coisas?

— Um homem de olhos astutos que tentou me vender um Rolex — diz ele sem perder o ritmo. — O que é estúpido?

— A... — O que está acontecendo comigo? — A coisa do visco... eu não deveria... — Levanto minhas mãos impotente, mas ele não me dá nada, olhando para mim com um olhar vazio, como se não tivesse ideia do que estou falando. Porque é claro que ele não faz ideia. Ele provavelmente já se esqueceu disso.

— Sabe de uma coisa? — digo. — Talvez eu vá vomitar.

— Você está falando sobre quando você me beijou?

Estou suando completamente agora.

— Molly?

— Sim. Sim. — Mudo meu peso de um pé para o outro. — Eu não deveria ter feito isso.

Sua testa franze.

— Por que não?

— Porque é *idiotice!* — exclamo. — A coisa toda foi idiota e eu gostei e talvez esteja cansada de passar todos os anos com as pessoas pensando que odeio o Natal e só queria mostrar que poderia ter um pouco de boa índole, diversão festiva e...

— Você gostou? — interrompe.

— O quê?

— Você gostou do beijo?

Paro de falar, mordendo o interior da minha bochecha com tanta força que estou surpresa por não sangrar. Talvez eu devesse pegar um voo para a Grécia e encontrar Zoe lá. Aposto que a Grécia é adorável em dezembro.

— Eu acho.

— Você acha — repete lentamente. — E isso... te dá vontade de vomitar?

— Acho que é porque estou passando por um período de seca desde Brandon — digo a ele, e ele pisca. — Isso e o champanhe e todo o meu estresse já mencionado. Isso bagunçou minha mente. Me deixou toda molengona.

— Isso não é uma palavra.

— Você tem razão. — Eu o cutuco no peito, ignorando o formigamento imediato em meu dedo. — Não é. Outra indicação de como estou molengona. Isso é tudo.

O olhar de Andrew se estreita enquanto ele me examina, mas na verdade me sinto um pouco aliviada. Confessar a ele já começou a me curar como a boa católica colapsada que sou.

— Ok? — pergunto, e ele se afasta, colocando um espaço muito necessário entre nós.

— Ok — diz ele. — Entendo.

— Você entende?

— Sim. Quando você me beijou sob o visco, não saiu como você esperava.

— Certo.

— Você estava cansada e estressada e não beijava ninguém há algum tempo, então, quando você me beijou, seus fios entraram em curto.

— Exatamente.

— Isso confundiu você.

— *Sim.* — Estou sorrindo para ele agora, aliviada por ele entender.

Andrew assente.

— Então, devemos fazer de novo.

— Sim, nós... O quê?

— Devemos nos beijar de novo para esclarecer as coisas — diz ele, completamente sério. — Então você ficará menos confusa.

Eu paro. As palavras individualmente fazem sentido, isso eu entendo. Mas juntas...

— Como isso me deixaria menos confusa? — pergunto.

— Porque se você não sentir nada, saberá que foi apenas um momento de loucura aleatório e induzido pelo estresse. E se você sentir o mesmo...

— O que? — exijo quando ele não continua. — Se eu me sentir da mesma maneira, o quê?

— Não importa — diz ele simplesmente. — Você provavelmente não vai. Vendo como você estava apenas cansada.

— *Estou* cansada.

— Certo.

Eu o encaro enquanto um alto-falante perto de nós ganha vida com um anúncio, mas não é para o nosso voo. Andrew não se move um centímetro e percebo tardiamente que ele está esperando que eu faça o próximo movimento.

E sei qual deve ser esse movimento. Sei que ele espera que eu ria e o arraste de volta

ao portão. Eu sei que é isso que devo fazer.

Mas olhando para aquele rosto familiar, sei que não é o que *quero* fazer. E isso não é apenas aterrorizante.

— Você não acha que seria estranho? — pergunto.

— Eu não acho que será mais estranho do que como você está agora — diz categoricamente. — Vale a pena tentar, não é?

Não faço ideia. Mas o homem meio que tem razão.

— Ok — digo, chamando seu blefe. Se ele está surpreso, ele não demonstra. — Boa ideia. — Endireito os meus ombros, as mãos cerradas em punhos ao meu lado enquanto luto contra o desejo de puxar meu cabelo para trás. — Você provavelmente deveria fazer isso. Beijar-me, quero dizer. Vendo como eu te beijei pela primeira vez. Embora eu ache, cientificamente, que precisaríamos voltar a O'Hare e encontrar o visco, mas acho que eles não o terão quando nós... Ok, ok! Jesus.

Minhas costas batem na parede enquanto Andrew me cerca, entrando no meu espaço até que estejamos o mais perto possível sem nos tocarmos. Minhas mãos disparam, agarrando seus ombros para segurá-lo lá enquanto meu pulso começa a acelerar.

— Isso é um experimento — esclareço, e juro que vejo um leve brilho de diversão em seus olhos. Por alguma razão, isso me deixa mais calma. — É pela ciência.

— Pela ciência. — Ele ecoa como um voto. — Quer ouvir uma piada de química?

— Não.

Ele sorri e de repente não consigo respirar.

— Tem certeza? É uma boa...

Eu o beijo.

Você sabe quando as pessoas dizem que a antecipação de um beijo pode ser melhor do que o evento real? Essas pessoas nunca beijaram Andrew Fitzpatrick.

É um beijo leve. Um manso. E, mais uma vez, minha reação não é o que deveria ser, meu coração saltando em minha garganta, meu corpo surgindo para encontrar o dele, seguindo seu calor. E eu deveria estar desapontada, porque com tudo mais acontecendo na minha vida, isso aqui é a última coisa que preciso. A última coisa que preciso e a única coisa que quero.

Essa simples percepção envia uma faísca de alarme em minha mente, um estrondoso, *Opa, ai, tempo esgotado*, mas então Andrew muda, sua boca inclinada sobre a minha enquanto suas mãos deixam meus quadris para segurar meu rosto. Ele inclina minha cabeça para aprofundar o beijo e faço um barulho, um pequeno, ouso dizer, gemido, que me deixa tão constrangida que, de novo, sou a primeira a me afastar. Desta vez, Andrew me solta e abro os olhos, pronta para me desculpar e dar

desculpas ou simplesmente *mentir*, quando olho para ele e vejo que apaguei o sorriso de seu rosto.

Uma mecha de cabelo cai na minha testa, fazendo cócegas na minha bochecha, e observo os olhos de Andrew seguirem o movimento, antes que ele lentamente, como se eu fosse algum tipo de animal arisco (o que, tudo bem, faz sentido), a coloca atrás da minha orelha. Arrepios surgem na minha pele enquanto ele passa os dedos pelos fios antes de deixar cair a mão para o lado.

— Sem brincos soltos desta vez? — tento ser sarcástica, mas só soei rouca.

— Só posso usar essa desculpa uma vez.

Nenhum de nós se move. Nenhum de nós fala. O corredor em que estamos é claro e cheira fortemente a desinfetante. Mas também está vazio e nós dois estamos sozinhos, como provavelmente estaremos nos próximos minutos.

— Sente-se melhor? — pergunta finalmente, e levo um momento para entender do que ele está falando.

— Sim — resmungo.

— Tudo esclarecido?

— Uh-huh.

— Quer fazer de novo?

— Si... *Não* — emendo rapidamente, e assim seu sorriso está de volta, a intensidade em sua expressão desaparecendo como se ele tivesse acabado de apertar um botão.

— Ainda confusa, hein? — suspira. — Eu sabia que não daria certo.

— Então por que você sugeriu que fizéssemos isso?

— Eu queria ver como seria.

Eu o encaro.

— E?

— Sim.

— O que você quer dizer, *sim?*

— Foi bom — diz ele, virando para ouvir outro anúncio soar no terminal.

— Foi bom demais! — O calor pegajoso que sinto se transforma em aborrecimento quando sua atenção se desvia de mim. — Sou uma excelente beijadora. E foi um beijo excelente.

— Claro.

— Não, não *claro*, você... — paro quando ele se vira, voltando para o corredor. — Andrew!

— Nós vamos perder nosso voo — grita por cima do ombro.

Corro atrás dele, lutando para acompanhar suas longas pernas.

— Não posso acreditar que você me assustou assim — diz ele quando eu alcanço, digitando algo em seu telefone. Mais à frente as pessoas começam a fazer fila para o embarque. — Pensei que havia algo realmente errado com você, mas você só tem um pequeno *crush*.

— Eu não!

— Acho que sim. Eu posso dizer que tem.

— Por um beijo?

— Dois beijos — diz ele quase distraidamente, lendo uma nova mensagem.

— O primeiro não conta — digo a ele. — E o segundo foi ideia *sua*.

Ele não responde enquanto recupera nossas malas de uma jovem alegre com bugigangas gigantes presas à camiseta.

— Seis de dez — diz ele, voltando-se para mim.

Minha boca cai aberta. Eu sei instantaneamente o que ele quer dizer.

— Pelo nosso *beijo?*

— Não se sinta mal. Você mesma disse, está cansada.

— Não estou... — paro antes de quase gritar com ele. — Você está sendo irritante de propósito.

— Sim — diz ele como se isso fosse óbvio. — Sente-se melhor?

A fila começa a se arrastar à medida que as portas se abrem. Eu me sinto melhor. Como se ele soubesse que me irritar iria me distrair acima de tudo.

— Sim — admito, tentando não me mexer sob seu olhar. — Eu me sinto.

— Bom. — Ele se junta ao final da fila e, depois de um segundo, eu o sigo.

— Você não precisava me beijar só para me distrair.

— Ah, claro que todos nós temos que fazer sacrifícios. — Ele olha por cima do ombro e juro que há um maldito brilho em seus olhos. — E você beija muito bem, Molly Kinsella.

— Pare de provocar — gemo.

— Não estou brincando sobre isso. — Ele estende o braço, envolvendo-o em volta do meu ombro quando dou um passo para ele, como sempre faço. — Esqueça isso, ok? Não é estranho e não é grande coisa. Estou feliz que você está fora do ar.

— Sei que não é grande coisa. Eu nunca disse que era grande coisa.

— Mas vou contar essa história no seu casamento. Como você queria vomitar só de pensar em me beijar.

— Talvez eu conte no seu — brinco. — Como você me encontrou em Buenos Aires durante o pior Natal de todos os tempos.

— Ok. Quem casar primeiro fica com a história.

— Negócio fechado.

— Negócio fechado.

Olho para ele, estreitando os olhos.

— Seis de dez?

Ele sorri.

— Sete. Qualquer coisa mais e preciso ver alguma língua.

— Isso é nojento. Você é nojento. Não me beije novamente.

— Vou tentar me controlar — diz ele sério, e eu bufo, mas é indiferente. Estou mais aliviada. Aliviada por não estar mais escondendo coisas dele. Que ele realmente não parece pensar que é grande coisa termos nos beijado duas vezes em 24 horas depois de dez anos, você sabe, *sem fazer isso.*

Fico em silêncio enquanto nos arrastamos em direção ao avião, tentando não pensar demais. Andrew recebe outra mensagem e rapidamente se distrai, embora sua mão permaneça firme em volta de mim.

*Não estou brincando sobre isso.*

Não é grande coisa. Ele acabou de dizer que não era, e agora também está agindo como se não fosse. Mas meus lábios ainda estão formigando. Meus lábios ainda estão formigando e mesmo quando eu os pressiono, eles não param.

# Capítulo Nove

cinco anos atrás

## Voo Cinco, Chicago

— Experimente.

— Não.

— Apenas tente!

— Não, isso faria você muito feliz.

— Experimente ou eu pego de volta.

— Não é assim que os presentes funcionam, seu esquisito. — Mas Andrew tira o suéter ("*all the jingle ladies*")[1] e desembrulha o que acabei de dar a ele.

— É de cashmere — digo enquanto ele o segura. — E sei que não é exatamente *divertido*, mas é verde-inverno, que é definitivamente uma cor de Natal, e é leve o suficiente para que você possa usá-lo durante todo o ano, se quiser.

Ele não responde, muito ocupado puxando-o sobre sua cabeça. Não sei por que estou tão nervosa. Nunca fui uma pessoa que se preocupa com presentes, mas mesmo assim passei um fim de semana inteiro rodando pela cidade tentando encontrar o ideal para ele. E tenho certeza que falhei. Eu deveria ter dado a ele um cartão de presente. Todo mundo adora cartões de presente.

— Guardei o recibo — digo. — Então, se você não gostar ou não servir, podemos...

— Vai servir — interrompe, sua voz abafada pelo tecido. Sua cabeça aparece, seu cabelo despenteado enquanto ele o puxa para baixo sobre o peito.

Eu me inclino, tirando um pouco de fiapo de sua manga antes de perceber que estou fuxicando.

— Bem? O que você acha?

— Eu *acho* — diz ele, puxando a etiqueta —, que esta é agora a coisa mais legal que possuo.

— Sério?

Ele sorri.

— Este momento é sobre eu ganhar um presente ou sobre você me dar um presente?

— Eu — digo, e ele ri. — Você é realmente difícil de comprar.

— Eu sou fácil de comprar. Traga-me qualquer coisa.

— *Qualquer coisa* é a palavra-código para difícil de comprar.

— Ok, definitivamente não faremos isso de novo — diz ele. — Isso é para ser divertido, não estressante. Você não troca presentes com sua família?

— Claro que troco. Mas geralmente é dinheiro, o maior presente de todos.

— Você é uma mulher fria e triste.

— Me dê meu presente.

Andrew sorri, enfiando a mão no bolso da frente de sua bolsa. Foi ele que insistiu em fazer isso, e só concordei porque pensei que iríamos trocar no avião e abri-los em nossas respectivas casas. Sozinhos. Não achei que ele iria querer fazer a coisa toda *agora*. Na frente de todos. Em alguns minutos devemos embarcar e as filas de assentos no portão estão se enchendo, com algumas pessoas já esperando na fila, com os passaportes em mãos.

— Vamos lá.

Ele agarra minha mão, pressionando um pequeno retângulo envolto em tecido na palma da minha mão que eu abro rapidamente.

Huh.

Eu realmente não sabia o que esperar. Mas acho que se você tivesse me dado cem palpites sobre o que Andrew poderia me dar de presente de Natal, eu precisaria de mais algumas tentativas.

— É um... imã de geladeira? — pergunto, e ele concorda com a cabeça.

— Mas também é divertido — diz ele. — Tem um trocadilho.

— Posso ver isso.

— Diz, "Pasta la vista, baby" — continua sério enquanto aponta para a impressão da Comic Sans. — E tem uma foto de...

—... algumas massas, sim.

— Comprei no eBay.

— Andrew.

— Custou três dólares de frete.

Um ruído sai de mim antes que eu possa pará-lo, algo entre um bufo e uma risada, e coloco minha mão sobre minha boca.

— Isso é o que você me deu? Passei as últimas duas semanas ansiosa demais por causa disso, e foi isso que você me deu?

— É a intenção que conta.

— Você *pensou* nisso? — estreito meus olhos, não acreditando por um instante. — Dê-me o meu verdadeiro presente.

— Isso é...

— Andrew.

Ele sorri, alcançando sua bolsa.

— Você é uma criança mimada na manhã de Natal, sabia? Era para ser uma lição de decepção graciosa.

— Estou devolvendo seu suéter.

— Novamente, não é como isso funciona, mas aqui.

Deixo cair o ímã no meu colo enquanto ele me passa um livro fino de couro vermelho.

A lombada está rachada e a capa bem gasta, por ser carregada. Tem que ter pelo menos vários anos. Se não décadas. *"Guia de Chicago para comilões"* escrito em letras oblíquas na frente.

— Talvez não seja o mais atualizado — diz ele, inclinando-se para mim enquanto o abro. — Mas olhe. — Ele avança algumas páginas, apontando para as margens.

— O proprietário escreveu notas?

— *Proprietários* — diz ele. — A caligrafia muda. Parece que algumas pessoas colocaram as mãos nele.

Ele tem razão. Algumas estão marcadas a lápis, outras com caneta vermelha, e a escrita muda de letras quadradas para uma caligrafia minúscula que mal consigo ler.

— Onde você conseguiu isso?

— Encontrei em um mercado de pulgas meses atrás. Achei que você poderia gostar.

— Eu amei — corrijo, traçando as palavras rabiscadas. "Peça a manteiga artesanal. "Roube-a se necessário". — É como ler um diário. — "O menu de degustação vale as horas extras". "Flerte com Diane para conseguir uma boa mesa". — Você conseguiu meses atrás?

— Quando você sabe, você sabe.

E ele guardou esse tempo todo. Só para me dar.

— Uh-oh — diz Andrew quando eu começo a engasgar. — Lá vem elas.

— São lágrimas de felicidade — asseguro a ele. — Lágrimas de Natal. É perfeito, obrigada. — Agarro ao meu peito, me torcendo para que eu possa abraçá-lo.

— De nada — murmura, me apertando. — Feliz Natal, Moll.

Uma voz fantasma ecoa por todo o terminal, anunciando um atraso de vinte minutos em nosso voo, mas nenhum de nós se importa tanto. Naquele momento, acho que não teria me importado se tivesse vinte horas de atraso, se fosse para passar com ele.

# Agora, Paris

— O que quer dizer com *minha mala não está aqui?*

Encaro a mulher atrás do balcão enquanto ela me encara de volta, seu batom nude perfeitamente aplicado enquanto ela sorri se desculpando para mim.

— Minhas coisas estão nessa mala — digo, estupidamente.

— Sinto muito.

— Você perdeu? — Isso é uma piada. Esta é uma piada terrível e sem graça. Quase espero que uma equipe de filmagem apareça, anunciando que estou em algum reality show barato. Mal dormi no voo para Paris, mal dormi no aeroporto, mal dormi desde que saí de Chicago. É 23 de dezembro. Não tomo banho há quarenta e oito horas, o horário da minha pílula anticoncepcional está *extremamente* bagunçado e eles perderam *minha mala?*

— Eles colocaram nossa bagagem ao mesmo tempo! — exclamo — Como perderam a minha e não a dele?

— Talvez a sua fosse muito pequena — murmura Andrew atrás de mim, apenas para desviar o olhar rapidamente, com o olhar mortal que mando para ele.

— Não perdemos — a mulher me tranquiliza. — Sabemos onde está. Está na Argentina.

— Mas *eu* estou em Paris.

— Nós vamos tê-la no próximo vôo.

Resisto ao impulso de deixar minha cabeça cair no balcão.

— Mas não vamos ficar aqui. Estamos tentando chegar à Irlanda.

— Mais uma vez, eu sinto muito mesmo. — Seu tom educado não muda, mas há um toque de aço por trás dele que me diz que não sou a primeira passageira chorona com quem ela teve e *terá* que lidar hoje. — Podemos compensá-la por dia que sua mala não estiver com você e levá-la imediatamente para onde você gostaria que ela fosse, mas no momento não há mais nada que possamos fazer por você.

— Mas...

— Sinto muito, senhora.

Mantemos o olhar uma na outra por um longo segundo, mas pela primeira vez eu sou a primeira a piscar, quando controlo aquele desejo horrível de cliente de gritar com a pessoa que não tem nada a ver com o meu problema.

— Ok — digo, soando cada centímetro da garotinha desamparada que eu me sinto agora. — O que preciso fazer?

Um formulário assinado e dois minutos depois, voltamos pelo saguão de entrada do aeroporto Charles de Gaulle. O lugar está previsivelmente lotado e sinto meu

humor piorar ainda mais enquanto olho para o painel de embarque.

— Perdemos o voo para Dublin, não é? — Iria ser um encaixe apertado de qualquer maneira, mas esperar pela minha mala, que nunca chegou, tornou isso impossível. Não preciso perguntar a Andrew para saber que os demais estão lotados.

— Não se preocupe com isso — diz Andrew gentilmente. Mas eu me preocupo. Porque algo tão simples como chegar em casa no Natal não deveria ser tão complicado.

— Há um voo hoje à noite que está lotado — continua. — Não há muito mais que possamos fazer, mas se ficarmos por perto, podemos ver se conseguimos e sempre haverá amanhã.

Amanhã. Amanhã é véspera de Natal, o que significa que estamos chegando perto. Perto demais para desperdiçar outro dia em um aeroporto. Não que isso tenha ocorrido a Andrew. Ele nem está olhando para o painel, ele está olhando sem piscar para o espaço, seus ombros caídos em derrota. Ele desistiu. O que é compreensível. Desistir é de longe a opção mais atraente no momento. Com certeza o mais fácil.

É apenas algo que nunca fui uma fã em particular.

— Nós dois estamos exaustos — continua. — Talvez a melhor coisa a fazer seja tentar conseguir um quarto de hotel e então...

— Londres.

— O que?

Eu me viro para Andrew, marcando os tempos em minha cabeça confusa e cansada.

— Podemos tentar chegar a Londres. De lá, poderemos voltar para casa.

Ele hesita.

— Estamos falando de algumas centenas de dólares, Molly.

— É para isso que servem os cartões de crédito. Chegamos até aqui. Você realmente quer desistir agora?

— Quero que você durma por algumas horas antes de desmaiar.

— Eu disse que levaria você para casa — dispenso. — Então, eu vou te levar para casa.

Passo por ele para um espaço vazio ao longo da parede onde me sento de pernas cruzadas e abro meu laptop. Demora um segundo, mas ele segue como eu sabia que faria.

— Vamos pensar sobre isso — digo, franzindo a testa quando ele apenas olha para mim. — Sente!

Ele suspira pesadamente para mostrar que está apenas brincando comigo, mas joga sua bolsa no chão, sentando na minha frente com um olhar mal-humorado. Sei

que é porque uma parte dele parou de acreditar que ele chegará a tempo, então não uso muito isso contra ele.

— Londres não é problema — digo, examinando os voos disponíveis. — Há assentos esta tarde e esta noite. E a partir daí... — merda. Há mais de cem voos de Londres para Dublin por dia, mas com o número de irlandeses que vivem no Reino Unido, não é exatamente uma surpresa que todos estejam lotados.

Envio a Andrew um sorriso rápido no qual ele não acredita nem por um segundo.

— Molly...

— Você não tem permissão para falar se estiver de mau humor — interrompo. Seus olhos abriram um buraco no meu crânio, mas continuo olhando, ampliando minha busca para as cidades vizinhas. Qualquer coisa para levá-lo para casa. De qualquer forma, de qualquer maneira, qualquer...

Meus dedos congelam sobre o teclado quando um pensamento me ocorre, um pensamento tão simples e tão perfeito que só consigo ficar sentada ali por um segundo, refletindo sobre meu brilhantismo.

— Viemos de uma ilha.

Andrew olha para mim como se eu tivesse enlouquecido.

— Sim — diz ele lentamente. — Você quer nadar até em casa?

— Não. — Eu me endireito, entrando no modo Molly totalmente presunçosa, enquanto abro uma nova aba. — Quero pegar a balsa.

— A balsa? Você não acha que estará lotada?

— As passagens de carro podem estar — digo, acrescentando nossas datas. — Mas sempre há espaço para passageiros a pé. Obviamente, vamos perder a navegação hoje, mas amanhã... — dei um grito de vitória que fez várias pessoas próximas pularem.

— Paris para Londres — digo enquanto monto o quebra-cabeça. — Pegamos um quarto de hotel e pela manhã pegamos o trem da estação de Euston para o País de Gales. Há uma balsa na hora do almoço saindo de Holyhead. Estaremos em Dublin na véspera de Natal. Você pode pegar o ônibus ou eu peço ao meu pai para levá-lo, se for preciso. É isso, Andrew. Você estará em casa no Natal.

Olho para cima quando ele não elogia imediatamente minha ideia genial, apenas para encontrá-lo me olhando com um olhar em seus olhos que me impressiona tanto que volto minha atenção para minha planilha, de repente muito autoconsciente.

— Você ainda estará exausto — acrescento. — Mas acho que podemos fazer funcionar. A menos que tenha qualquer outro...

— Não — interrompe. — Isso parece perfeito. Isso é... obrigado.

Eu aceno, ainda sem olhar para ele.

— Vou reservar as passagens então? Podemos estar em Londres no final da tarde

se pegarmos o voo da hora do almoço. Talvez possamos ficar com seu irmão?

— Ele já foi para casa — diz Andrew. — Mas tenho um primo lá. Oliver. Ele geralmente fica feliz em ter companhia.

— Isso é ótimo. Se ele nos aceitar.

— Vou mandar uma mensagem para ele agora. — Há uma pausa antes de falar novamente. — Sinto muito, Molly.

Olho para cima com suas palavras.

— Eu também. Sinto muito por termos perdido o voo para Dublin.

— Não é sua culpa. E este é um bom plano. Estou impressionado.

— Isso não é nada — descarto. — Apenas espere até eu tomar um café.

Ele abre um sorriso. É pequeno, mas estou contando como uma vitória.

— Isso foi uma dica sutil, senhorita Kinsella?

— Com creme. Sem açúcar.

Ele suspira exageradamente, mas se levanta.

— Qualquer coisa para a minha agente de viagens — diz ele, e tento não parecer muito satisfeita quando volto para o meu laptop e começo a fazer nossas reservas.

# Capítulo Dez

Demora mais trinta minutos para resolver os bilhetes e manter nossas várias famílias atualizadas sobre nosso novo plano. A de Andrew parece grata. A minha parece perplexa por eu estar fazendo tanto esforço. Mas pelo menos seu primo está feliz em nos hospedar para passar a noite, respondendo alguns minutos após a mensagem de Andrew de que ele estava polindo a porcelana enquanto conversamos.

Pela expressão no rosto de Andrew, não consegui dizer se ele estava brincando ou não.

Só quando tudo está resolvido é que começo a perceber o que realmente significa ficar sem a mala. Não estou acostumada a parecer como estou atualmente. O mundo corporativo exige certa aparência cuidada e, como é uma das poucas coisas em meu trabalho que tenho total controle, levo isso a sério. Então, embora eu não tenha nenhum problema em me vestir confortavelmente para um longo voo, há poucas vezes em que uma garota pode virar sua calcinha do avesso.

— Preciso comprar algumas roupas.

— Em Paris? — Andrew faz uma careta. — Eles não são exatamente conhecidos por seu senso de moda.

— Fofo — digo sem expressão, mas estou secretamente feliz por ele estar animado. O café ajudou, e nós dois tomamos outro expresso antes de deixar sua mala *não* tão perdida no depósito de bagagem, antes de arriscar uma aventura na cidade. Parece um pouco como tentar o destino, mas faltam cinco horas para voltarmos para o nosso voo e nenhum de nós quer gastar mais um segundo do que o necessário em um aeroporto.

Uma breve consulta com meu bom amigo Google e pegamos o trem RER para Les Halles, um shopping subterrâneo perto do Sena, onde vou à primeira loja decente que vejo para comprar um par de jeans e duas camisetas simples e suéteres.

Andrew não está impressionado.

— São literalmente dois dias antes do Natal — diz ele, me arrastando pelas prateleiras. — E é isso que você quer vestir.

— Sim, porque sou uma adulta.

— Uma adulta que disse que não queria ser um grinch — pressiona. — Isso significa abraçar o significado do Natal.

— O significado do Natal não é uma camiseta dizendo: "Puxe meu biscoito".

— Não, é família e amigos. E como amigo, eu realmente apreciaria se você

adotasse um pouco de glamour. — Ele arranca um par de brincos de boneco de neve de uma vitrine, segurando-os para mim. — Estes, por exemplo.

— Não.

— Eu acho que eles iriam realmente... Ai meu Deus, eles acendem.

Reviro os olhos quando eles começam a piscar em suas mãos e vou para o balcão, movendo-me rapidamente com a ideia de tirar essas roupas. O vendedor me deixa fazer isso no vestiário e dou um suspiro de alívio enquanto coloco uma camiseta limpa na cabeça. Passo mais um minuto discutindo comigo mesma antes de fazer um rápido desvio de volta pela loja e sair para encontrar Andrew esperando do lado de fora com uma sacola de compras na mão.

— Diga-me que você não os comprou — digo com desconfiança.

— Para minha irmã — explica, olhando para minha roupa. — Sente-se melhor?

— Extremamente — admito. — Embora isso possa ser a magia da estação correndo em minhas veias.

— Pode repetir?

Abro meu casaco para revelar minha compra de última hora e os olhos de Andrew se arregalam ao ver meu novo suéter listrado de dourado e preto. *Joyeux Noel*, diz em letra inclinada, decorada com uma quantidade apropriada de purpurina.

— Olhe para você, Cindy Lou Who. — Um sorriso lento se espalha em seu rosto. — Não acredito que você fez um esforço tão mínimo por mim.

— Mínimo? Este é um grande passo! O glitter está coçando.

— Bem, beleza é dor. Sabe, esses brincos combinariam muito bem com...

— Não.

Ele sorri quando fecho meu casaco novamente, mas ainda parece divertido, nenhum indício de seu mau humor anterior. E era exatamente isso que eu queria que acontecesse quando o comprei.

— Sinto que deveríamos fazer coisas turísticas — diz Andrew relutantemente, mas um olhar um para o outro e sabemos que nenhum de nós tem energia.

— Algo para comer? — pergunto esperançosa, e ele sorri. — Mas não por aqui — acrescento. — Não vou desperdiçar nossas poucas horas em Paris com fast food.

— Você ama fast-food.

— Há hora e lugar — digo com firmeza, levando-nos para longe do shopping. Ainda temos muito tempo antes de precisarmos voltar. — Confie em mim.

Seguimos para o leste, longe do Louvre e de seus turistas assim que começa a chover. Um dos meus blogueiros de culinária favoritos elogia um pequeno restaurante na Torre de Saint-Jacques e é para lá que levo Andrew, encontrando-o em uma rua tranquila. Está aberto apenas para o almoço e nós pegamos uma mesinha ao

lado da janela, o cheiro de comida rica e a conversa suave de vozes imediatamente me deixando de bom humor. Sempre me senti confortável em restaurantes, mesmo quando estou sozinha.

— Muito francês — declara Andrew enquanto o garçom nos entrega nossos cardápios. — Você quer que eu tire uma foto sua?

— Não.

— Por que não? Eu tenho minha câmera. Você está em Paris. Você está louca por fermento — acrescenta enquanto começo a admirar a cesta de pão. Deixo cair um pãozinho no meu prato lateral e faço uma careta. — Vamos criar uma memória.

— Eu particularmente não quero me lembrar desta viagem — digo a ele, e ele me dá um olhar de falsa mágoa.

— *Esta* viagem? Esta cara, exaustiva e terrível viagem?

— Essa mesma.

— Acho que estamos nos divertindo.

— Isso é porque *você* ainda tem sua mala.

O garçom volta para buscar nossas bebidas e preciso morder a língua para me impedir de pedir uma taça de vinho. Em vez disso, peço uma água gelada com um fraco francês e Andrew pega um refrigerante de gengibre. Outro. É o que ele pegou no aeroporto e nos voos. Eu me pergunto se é a sua escolha sempre que ele quer algo alcoólico. Isso é algo que você faz quando está tentando ficar sóbrio? Eu realmente não tenho ideia. Mas não sei como perguntar a ele sobre isso sem soar muito intrusiva.

— Eles fazem batatas fritas na França, certo? — pergunta Andrew, pegando o cardápio.

— *Fritas* — respondo. — Mas acho que você deveria ir para...

Uma vibração aguda vem de algum lugar próximo e nós dois olhamos um para o outro antes que eu perceba que é meu telefone comercial. A ansiedade automática que recebo aumenta e mergulho em minha bolsa de laptop, tirando-a para ver uma ligação de meu chefe indo para o correio de voz.

— Você vai trabalhar no Natal de novo? — Não há julgamento na pergunta, mas por alguma razão isso só me faz sentir pior. Não quero ser a pessoa que sempre esperam estar ocupada.

— Não oficialmente — digo, verificando meus e-mails por reflexo antes de perceber o que estou fazendo.

Andrew me observa com uma carranca.

— Se você precisar...

— Não preciso.

— Não me importo. Faça o que você tem que fazer.

— Não preciso fazer nada — digo, desligando o telefone. — Isso pode esperar. O que? — acrescento ao olhar confuso em seu rosto.

— Nada — diz ele rapidamente. — É só que sei o quanto você está ocupada.

— Estou tentando obter um melhor equilíbrio entre trabalho e vida pessoal — digo, mesmo quando meu estômago embrulha. Uma coisa é perceber quanto da sua vida foi consumida pelo seu trabalho, outra é ouvir outra pessoa dizer isso.

Mas Andrew sorri.

— Equilíbrio entre trabalho e vida pessoal, hein? O que trouxe a mudança?

— Nada em particular. Eu só não queria... — dou de ombros, observando outra notificação de e-mail iluminar minha tela. — Acho que não sou mais assim — digo, tentando explicar — Estou pensando em desacelerar.

— Muito subestimada — diz ele, e relaxo um pouco com a facilidade com que ele aceita a coisa que está me pesando por tanto tempo.

— Posso estar dizendo adeus a qualquer bônus.

— Mas você receberá o bônus de um hobby do qual desistirá depois de alguns meses.

Eu sorrio, brincando com a ponta da toalha.

— Você não se importa se eu não conseguir mais voos de primeira classe?

— Ainda não estou convencido de que você os comprou em primeiro lugar. Essa foi uma tempestade *muito* conveniente.

Eu o ignoro, olhando para a janela enquanto a chuva cai mais forte. Os transeuntes começam a correr, os poucos infelizes sem guarda-chuva segurando jaquetas e bolsas no alto, tentando se proteger do aguaceiro.

*Paris,* eu me lembro. Estamos em Paris. Eu só queria não estar tão atrasada e poder me importar.

— Nós deveríamos sair de férias — digo. — Uma de verdade.

— Podemos fazer isso — diz ele, lendo o menu. — Onde você quer ir?

— Em qualquer lugar.

— Ok, isso restringe.

Pego meu pãozinho, inquieta enquanto o observo. Ele trocou de roupa no aeroporto, trocando seu conjunto de moletom por jeans e um suéter vermelho decorado com árvores de Natal. Deveria ser ridículo, mas de alguma forma ele consegue, o material ajustado ao seu peito de uma forma que...

— Você continua me olhando assim, vou começar a cobrar — murmura, sem olhar para cima. Eu ruborizo, pega em flagrante enquanto tomo um gole da minha água.

— Eu só não estou acostumada com a sua barba por fazer.

— Barba — corrige. — É uma barba atraente e impressionante.

— Não dar para ver sua covinha.

Andrew deixa cair o menu sobre a mesa, inclinando-se para trás enquanto seus olhos se movem para mim.

Uh-oh.

— Você gosta da minha covinha? — pergunta.

— Eu não disse isso. Só disse que não dar para ver.

— E isso te incomoda, não é?

— O que você vai comer? — pergunto, e ele sorri com o aviso na minha voz.

— O que você está pedindo? — contesta.

— O Andouillette grillée.

— E o que é isso quando está em casa?

— Uma salsicha.

Ele faz uma careta.

— Salsichas me assustam.

— É por isso que você deveria pegar o pesto tagliatelle — digo afetadamente. — E então você pegará a mousse de chocolate.

— Nunca fui muito fã de mousse.

Minha boca cai aberta.

— Isso é uma mentira descarada. Você adora chocolate. Por que não gostaria de mousse de chocolate?

— Não sei, passei por uma fase de comprar aqueles potinhos na mercearia e...

— Isso não é a mesma coisa — interrompo, exasperada. — Terá um sabor completamente diferente aqui. Fresco, para começar. Feito à mão. Li que acrescentam um toque de lavanda a... Pare de me olhar assim!

— Não posso evitar. — Ele ri. — Você fica tão animada com ovos batidos.

— Ovos *batidos.* — Cristo, é como se ele gostasse de me irritar. — Você bate ovos para fazer uma mousse. E nem mesmo ovos, claras de ovos. Você os bate e depois os transforma em... — interrompo quando meu telefone do trabalho toca novamente e sinto uma onda de raiva quando o alcanço, o polegar pairando por um segundo antes de desligar a coisa.

Ah, eles não vão gostar disso.

— Molly?

Meu olhar se volta para Andrew, que está me observando com preocupação.

— Sério, não me importo se você precisar atender uma ligação ou...

— Estou de férias — digo bruscamente. — Eles sabem que estou de férias. — Enfio a coisa na minha bolsa, olhando para o laptop e as pastas dentro dela. Sinto uma

vontade breve e avassaladora de jogar tudo na maior poça que conseguir encontrar.

— Estou pensando em desistir — digo abruptamente, e Andrew se senta surpreso.

— Do seu emprego? Você quer ir para outra empresa?

— Não, eu quero sair completamente. Quero parar de exercer a advocacia. — É a primeira vez que digo as palavras em voz alta. Eu nem as disse para mim mesma. Mas assim que digo, sei que é a decisão certa. Não há pânico, nenhuma sensação de mal-estar torcendo em meu estômago. Apenas uma sensação de alívio.

Andrew não diz nada por um longo momento, parecendo como se eu o tivesse pego de surpresa. O que acho que eu fiz, de certa forma. Meu trabalho é tudo o que tenho feito desde que começamos a nos conhecer. Nunca dei qualquer indicação em contrário.

— Para fazer o que? — pergunta, eventualmente.

— Não faço ideia.

Para minha surpresa, ele quase parece desapontado.

— Vamos, Moll. Você não tem ideia do que quer fazer? Sério?

— Não tenho — protesto. — Pelo menos não realisticamente. Dei uma olhada em...

Ele me interrompe com uma risada silenciosa.

— Você acabou de dizer. *Pelo menos não realisticamente*. Então, você sabe o que quer fazer.

— Oh, *desculpe* se estou tirando supermodelo e socialite de Hollywood da mesa neste momento.

— Eles nunca estiveram na mesa, para começar — diz ele categoricamente. — Você odeia qualquer evento que aconteça depois das onze da noite.

Ok, ponto justo.

— Me diz — continua. — Se o dinheiro não fosse um problema. Se você acordasse amanhã com uma vida totalmente nova e pudesse fazer qualquer coisa. O que você faria?

— Esse é o problema. Não sei.

— Você está mentindo. É algo boêmio, não é?

— Andrew...

— Você começará a fazer chapéus.

— Não sei o que quero fazer — repito, frustrada. — Só sei que, agora, estou infeliz.

Indo por sua carranca repentina, é a coisa errada a dizer.

— Quão infeliz?

— Não estou... é... — retroceda, Molly. Retroceda. — É apenas algo que estive

pensando. Não é como se eu fosse entregar meu aviso amanhã.

— Por que não?

— Porque não sou uma idiota? Sair sem um plano seria uma jogada muito estúpida financeiramente. E mesmo com um, pode ser um grande erro. Levará alguns anos.

— Alguns... — ele parece incrédulo. — Você acabou de admitir que está infeliz e agora ficará assim por, o quê? Mais cinco anos?

— Não *cinco* — murmuro. Talvez três.

— Erros podem ser corrigidos — continua Andrew.

— Eles também podem ser evitados.

— Não posso acreditar que você já está se convencendo disso.

— Não estou!

— Você está. Você está...

— *Excusez-moi?*

É nesse momento que nosso garçom resolve aparecer, com a caneta pousada sobre o bloco de notas e aquele ar estressado que todo atendente no Natal tem. Mais um motivo para não gostar dos feriados.

O homem hesita, observando nossos olhares enquanto nos viramos para ele.

— *Encore une petite minute?*

Meus olhos se voltam para Andrew, que espera um instante antes de empurrar o cardápio para o lado.

— Você escolhe — diz para mim. — Eu confio em você.

— Mesmo se eu pedir a salsicha para você?

Ele sorri um pouco com isso. Uma trégua temporária.

— Confio em você para não pedir a salsicha para mim — corrige, e me deixa assumir o comando, observando-me pensativo enquanto a chuva cai forte lá fora.

# Capítulo Onze

Peço a massa, seguida do mousse, e passamos a refeição repassando o plano para chegar a Dublin, sem falar sobre erros, trabalhos ou qualquer coisa além do que as próximas 24 horas trarão.

Voltamos para o aeroporto com horas de sobra e somos as primeiras pessoas em nosso portão. Andrew nem se arrisca a ir ao banheiro, esperando até embarcarmos, apesar de ficar visivelmente desconfortável com o passar dos minutos. Saímos cinco minutos antes e quase não há espera pela mala dele do outro lado. Tudo corre bem.

E não é que isso me deixa muito desconfiada?

— É como se você *quisesse* que algo desse errado — diz Andrew enquanto verifico a partida para amanhã uma última vez.

— Devemos fazer um plano de backup.

— Esse é nosso plano de backup. Estamos aqui. Os bilhetes estão reservados. O tempo parece bom. Nós ficaremos bem.

— O trem pode quebrar.

— Então vamos pegar um ônibus — diz ele com firmeza, e eu aceno apesar do sentimento mesquinho em meu estômago.

— Afinal, onde mora seu primo? — pergunto enquanto abrimos caminho em meio à multidão do lado de fora do aeroporto de Heathrow.

— Ele se muda muito. Mas ele está em um lugar chamado Notting Hill agora.

Eu me animei com isso.

— Como no filme?

— Exatamente como no filme. Você já esteve em Londres antes, certo?

— Minha mãe levou minha irmã e eu para passar um fim de semana quando éramos mais novas. Quase nos separamos no metrô e nunca me recuperei disso.

— Então é por *isso* que você grita toda vez que pega a linha L.

Aceno.

— As pessoas acham que é o som estridente dos trilhos, mas não.

— Apenas seu trauma de infância.

Esperamos na fila por um táxi e acabamos com um motorista silenciosamente feliz que, além de dizer olá, não tenta conversar. E assim, partimos para o próximo estágio de nossa maldita aventura.

— Devemos tentar ver algumas coisas se tivermos tempo — diz Andrew, olhando

para o M4. O oeste de Londres passa em um borrão de carros e casas. — Especialmente porque não conseguimos ver muito Paris. Faz anos que não venho aqui.

— Acho que não teremos tempo.

— Nós teremos — insiste, olhando para a minha relutância. — Temos o dia todo.

— Vamos ver — digo em uma imitação perfeita da minha mãe. (Significa "não".)

Nossos arredores ficam cada vez mais sofisticados à medida que saímos da rodovia e nos aproximamos de Notting Hill. As casas ao longo das estradas parecem mais bonitas, os carros mais lisos; Teslas e SUVs brilhantes que eu não acho que alguém realmente precise para navegar pelas ruas residenciais estreitas. Meu nariz está praticamente colado na janela enquanto observo, especialmente quando paramos do lado de fora de uma casa geminada branca que parece algo saído de *Mary Poppins.*

Estou instantaneamente confusa.

— Sua família é secretamente rica? — pergunto a Andrew quando saímos. Os imóveis em Londres não são exatamente baratos, embora eu saiba que as aparências enganam. Talvez o prédio tenha sido dividido em pequenos apartamentos e seu primo esteja sublocando de um sublocador que está ocupando. Mas acho que não. O lugar parece muito conservado, as venezianas pintadas e as floreiras combinando demais. Um cordão de luzes de bom gosto pende do telhado e uma grande vela branca fica na janela, esperando para ser acesa. — Você precisa me dizer agora — digo enquanto o taxista vai embora. — Eu saberei se você estiver mentindo.

Andrew apenas ri.

— Não somos ricos.

— Mas *alguém* é — insisto.

Com isso, ele hesita.

— Bem...

— Primo!

A porta da frente se abre quando um homem emerge do interior sombrio. Ele sai para a luz do dia em um roupão cor de vinho grosso e chinelos combinando, ambos os quais parecem deslocados no meio da tarde. Até no Natal.

Oliver.

Ele é mais jovem do que pensei que seria, talvez vinte e poucos anos, e bonito, com um rosto anguloso com cicatrizes de acne e uma cabeça espessa de cabelo loiro precisando desesperadamente de um corte. Ele quase parece surpreso em nos ver, apesar de saber que estávamos chegando.

— Não queríamos acordá-lo — grita Andrew, soando apenas um pouco sarcástico.

— Você está se referindo à minha roupa? — Oliver olha para si mesmo. — Isso é roupa de dormir. Estou acordado há horas.

— Isso é porque você não foi dormir.

Ele sorri com pesar.

— Você sempre foi o esperto. — Oliver espera até que tenhamos subido os degraus de pedra antes de abraçar Andrew com força suficiente para que ele quase caia para trás.

Para minha surpresa, ele faz o mesmo comigo, envolvendo seus braços firmemente em volta do meu corpo. Ele tem um cheiro estranho de canela e eu não odeio isso, mas quando ele se afasta, vejo que seus olhos estão vermelhos e de repente seu traje faz um pouco mais de sentido.

— Ficou até tarde ontem à noite? — pergunta Andrew, chegando à mesma conclusão.

Oliver dá um tapinha na bochecha dele.

— É a estação — diz ele fracamente. — Entre! Meu primo irlandês favorito e sua linda amiga irlandesa. Christian já a conheceu? Ela parece o tipo dele.

Sua voz desaparece enquanto ele desaparece lá dentro, sem se preocupar em verificar se estamos seguindo. Olho para Andrew, que está olhando cansadamente atrás dele.

— Ele é sempre...

— Sim — suspira Andrew. Sua mão vai para a parte inferior das minhas costas e ele me empurra para dentro da casa. — Sim, ele é.

— Eu costumava passar todos os verões em Cork — diz Oliver quando entramos. Meus olhos se ajustam à luz fraca para encontrá-lo de pé no degrau inferior de uma imponente escadaria acarpetada. — Você é de Cork, Molly?

— Dublin — digo, tentando olhar ao redor sem ser muito óbvia enquanto faço isso.

— Eu odiava ir para Cork. Semanas sendo constantemente ridicularizado por causa do meu sotaque inglês. Ou seja, por este homem.

— Era mais uma atividade de família — diz Andrew, e tento não sorrir.

— Ele era meu maior valentão — diz Oliver, apontando para ele. — Exceto no dia em que um dos garotos da aldeia tentou fazer o mesmo e ele deu um soco no nariz dele.

— O quê! — Eu me viro para Andrew, que nem tem a decência de parecer envergonhado.

— Ele tinha um excelente gancho de direita — continua Oliver. — Mesmo quando tinha dez anos.

— Ele ainda é da família — diz Andrew com um encolher de ombros. — Nós éramos os únicos autorizados a tirar sarro dele.

— Isso não é o que eu... — olho para ele. — Você quebrou o nariz de uma criança?

— Fraturei — diz ele como se isso fosse melhor.

— Foi magnífico — acrescenta Oliver com carinho. — Bem, então! Você quer um passeio de apresentação?

Andrew se espreguiça, olhando para sua mala.

— Acho que preferimos...

Mas Oliver já saiu, arrastando os pés para a próxima sala, e apesar da minha exaustão, eu corro atrás dele, muito intrometida para não fazer isso.

Já estive perto de pessoas ricas em minha vida, você as encontra muito em minha linha de trabalho, dinheiro novo e velho, mas este é um outro nível. Isso é como... rico *em filmes.*

A casa é pequena do jeito que suspeito que a maioria das casas de Londres são. A opulência está nos detalhes, nos móveis ornamentados e nas tábuas polidas, nos vasos de flores e nas decorações de Natal em ouro e prata combinando. Eles são elegantes e contidos, mas também me deixam com medo de tocar em qualquer coisa, caso elas se quebrem imediatamente em um milhão de pedaços.

Oliver nos conduz pela sala de estar e então outra sala de estar e então uma maldita *biblioteca* antes da cozinha, sala de jantar e despensa, que é quase do tamanho do meu quarto em Chicago. Eventualmente, acabamos onde começamos no corredor, onde um relógio antigo que não notei soa grandiosamente.

— E agora para o primeiro andar! — declara Oliver, mas é aqui que Andrew bate o pé.

— Podemos fazer isso mais tarde, Oli? Preciso ficar debaixo de água corrente e olhar para a parede até me sentir normal.

— Mas o... Ah, tudo bem — diz ele, obviamente desapontado. — Pelo menos deixe-me mostrar seus quartos. Dei a você meus favoritos. — Ele olha para ele incisivamente. — Porque eu sou legal.

Andrew luta com sua mala enquanto Oliver me leva escada acima, apontando as pinturas que revestem a parede ao longo do caminho.

— O que você acha dos padrões florais? — pergunta quando chegamos ao topo.

— Eu me sinto completamente neutra em relação a eles.

— Maravilhoso! — Ele abre uma porta e faz um gesto grandioso para que eu entre.

É, de longe, melhor do que qualquer quarto de hotel em que já me hospedei. É

realmente do tamanho de dois quartos, com grandes janelas com vista para a rua abaixo. Uma cama de dossel domina o espaço e o papel de parede é realmente floral, assim como a colcha, o estofamento da cadeira e o sofá de dois lugares encostado na janela. Um armário solene, possivelmente mal-assombrado, ocupa a outra parede, e à minha direita, ao lado da cama, há uma porta que acho que leva a um banheiro ou talvez ao quarto da camareira, porque, honestamente, quem sabe. Deve ser abafado, talvez um pouco antiquado, mas tem um charme que eu não esperava. Um que me faz sentir instantaneamente confortável.

— Você gosta? — pergunta Oliver.

— Gosto de tudo — confesso. — Você tem uma bela casa.

Ele sorri, encantado com a minha resposta.

— Vou deixar você se acomodar. Me avise se precisar de alguma coisa! — Sua voz ecoa na última parte, já desaparecida no corredor, e paro um momento para inalar, sentindo o cheiro de lustra-móveis. Enquanto faço isso, tiro meu casaco e entro no quarto, passando a mão pela colcha grossa.

Que estranhas vinte e quatro horas.

— Parece confortável.

Giro ao ouvir a voz de Andrew para encontrá-lo parado na porta, olhando para a cama.

Ele me dá um olhar inocente e deixa minha bolsa do laptop do lado de fora da minha porta. Hesito brevemente antes de segui-lo até seu próprio quarto, que fica ao lado do meu.

— Pelo jeito que ele falou sobre sua infância, pensei que iria te colocar no sótão — digo.

— O sótão aqui é provavelmente maior do que todo o meu apartamento.

Olho em volta, absorvendo tudo. É tão bom quanto o meu, mas com um toque estereotipicamente mais masculino, todo em madeira escura e papel de parede em tons de azul marinho. É também...

— Menor — digo prontamente, olhando ao redor. — Seu quarto é menor. Eu ganhei.

— Parabéns. — Ele abre seu estojo, sua atenção irritantemente não está em mim.

— Não posso acreditar que você não me disse que seu primo é rico.

— Ele não é.

— Por favor. Este lugar é como algo saído de um livro de histórias. — Cruzo meus braços quando Andrew não consegue reprimir um sorriso, sorrindo para si mesmo como se houvesse alguma piada que eu não sabia. — O quê?

— Não é dele.

— O que você quer dizer?

— Esta não é a casa dele, Moll.

Ai, Deus.

— Por favor, não me diga que estamos ficando em...

— Não. — Ele me interrompe enquanto se endireita, um saco de lavar nas mãos. — Um policial não vai bater na porta. Pelo menos não para isso. Oliver é assistente de galeria em um lugar minúsculo e ridículo em Mayfair. Esta é a casa do proprietário. Ou um deles de qualquer maneira.

— Ele mora com o dono? — Minha voz cai para um sussurro. — É, tipo, uma coisa de sexo?

— Você... *Não*. — Ele ri. — O *proprietário* é um homem de setenta e cinco anos com ligações reais duvidosas que fica em alguma ilha grega durante o inverno, porque não suporta o frio. Ele não gosta que o lugar fique vazio quando sai e está convencido de que alguém roubará todas as suas obras de arte, então, nos últimos três anos, quando ele não está aqui, Oliver fica.

— Isso é *loucura*.

— Só poderia acontecer com Oli — concorda Andrew, colocando um par de jeans limpo na cama. — Só não diga a ele que eu te contei, ok? Ele pensou que seria divertido fingir. Ele sempre quer um pouco de drama.

— Bem, quem sou eu para estragar o Natal dele?

Andrew apenas concorda com a cabeça, continuando a arrumar suas roupas até que minha presença se torne estranha e demorada.

— Posso tirar uma soneca — anuncio, entrelaçando minhas mãos atrás das costas.

— Vá em frente.

— Estou muito cansada.

— Eu aposto.

— Então talvez depois que eu... O que você está fazendo? — deixo escapar as palavras enquanto Andrew puxa o suéter *e* a camiseta sobre a cabeça. Meus olhos imediatamente caem em seu peito nu antes de voltar para seu rosto.

— Tirando a roupa.

— Por quê!

Ele olha para mim como se eu fosse louca.

— Porque vou tomar um banho. — Ele estende a mão para a fivela do cinto, uma sobrancelha levantada quando apenas fico lá. — Posso fazer um show se você...

— Vou indo! — digo, ignorando seu sorriso, e saio do quarto, batendo a porta.

# Capítulo Doze

quatro anos atrás

## Voo Seis, Chicago

— Não vá.

— Eu tenho que ir.

— Então deixa eu ir com você.

— Não. — Eu me viro, rindo quando me deparo com uma cara de beicinho. — Desde quando você ficou tão pegajoso? — provoco.

Mark dá um passo em minha direção, suas mãos indo para minha cintura.

— Desde que você ficará longe de mim por duas semanas.

— Uma semana — corrijo. — Você é quem vai por duas.

— Então venha me ver quando terminar. Minha família não se importará.

— Preciso trabalhar.

— E eu preciso ver você. — Sua voz cai para um murmúrio e eu me inclino em seu toque enquanto ele me beija. Não é que eu não entenda sua insistência. Esta será nossa primeira separação desde que oficializamos as coisas e também não estou exatamente ansiosa por isso.

Mark interrompe o beijo, as mãos deslizando ao redor dos meus quadris para me segurar contra ele.

— Eu te amo.

— Eu também te amo — digo, sorrindo contra seus lábios.

Seu aperto aumenta.

— Deixe-me ir com você.

— Talvez no próximo ano. Ou poderíamos... — paro quando alguém pigarreia alto atrás de mim e me viro desajeitadamente nos braços de Mark para encontrar Andrew parado a alguns metros de distância.

Ele está, estranhamente, vestido com um terno, e eu o encaro por um momento antes de lembrar que ele disse que viria direto do trabalho, de um casamento.

— Ah, não me deixe interromper — diz ele, sua diversão clara. — Só estou me sentindo um pouco vela hoje.

Dou a ele um olhar enquanto me afasto do meu namorado, levantando minha mochila sobre meu ombro.

— Você chegou cedo.

— Sim. Você deve ser Mark. — Andrew dá dois passos em nossa direção, estendendo a mão.

— E você é o amigo — diz Mark enquanto o aperta.

— A todos que me quiserem. Andrew.

— Prazer em conhecê-lo.

O aperto dura um pouco mais do que o necessário e encontro meus olhos voltando para Andrew. Ele parece diferente, todo limpo e bem vestido. Seu terno é azul-escuro, seus sapatos são marrons polidos e há um leve indício de barba por fazer ao longo de sua mandíbula que o torna mais bonito do que infantil. Mais adulto do que eu já o vi.

— Onde está Alison? — pergunto, desviando meu olhar para procurar sua nova namorada.

— Ah, ainda não estamos no estágio de acompanhar o parceiro ao aeroporto — diz Andrew. — Embora ela diga que se eu for bom, posso começar a segurar a mão dela lá pela primavera, então dedos cruzados.

— Ele gosta de fazer piadas — explico para Mark, carrancudo.

— Claro — diz Mark, ainda parecendo confuso, e eu me viro para ele antes que isso fique mais estranho.

— Nós provavelmente deveríamos seguir em frente. Está ficando cheio.

— Você tem algum tempo.

— Preciso fazer algumas compras — minto enquanto Andrew se afasta alguns passos, fingindo nos dar privacidade.

— Liga para mim quando pousar?

— Será no meio da noite!

— Não ligo. Ficarei acordado. — Ele me beija de novo enquanto suas mãos deslizam para baixo, dando um aperto rápido do qual eu rapidamente me afasto, olhando para Andrew, que milagrosamente não está olhando em nossa direção. É mais um minuto de *eu te amo* e *sentirei sua falta* antes de finalmente convencê-lo a ir embora, e mesmo assim ele permanece exatamente onde está, observando-nos caminhar em direção à segurança. Andrew fica quieto, o que me deixa *muito* desconfiada e, é óbvio, assim que dobramos a esquina, ele se vira para mim.

— Não — advirto.

— Não o quê? Falar sobre como seu novo namorado é legal?

— Cale-se.

— Ele é muito simpático. E tão alto.

— Andrew...

— Embora, claramente um homem burro.

Meu rosto esquenta quando uma mulher na fila ao nosso lado olha em nossa direção.

— Você ficará assim o voo inteiro? — pergunto concisamente.

— Se você continuar reagindo assim, eu vou — diz ele com um sorriso. — Acho que deixei ele com ciúmes.

— Acho que você se considera muito.

— Ah vamos lá. Aquele homem estava claramente marcando seu território lá atrás.

— Ele não estava!

— Ele estava a cinco minutos de mijar na sua perna.

Tento segurar minha risada, mas isso a transforma em um ronco, o que só o faz sorrir ainda mais.

— Não posso evitar inspirar tanta possessividade nas pessoas — digo finalmente.

— Deve ser o cabelo.

— Pare.

— Quero dizer. É muito chique. Você mesma cortou?

Bato nele com uma mão enquanto a outra puxa conscientemente meus fios recém-cortados.

— Combina com você — diz ele, percebendo o movimento.

— É?

— É. Realmente mostra suas orelhas.

Faço uma careta para ele antes de me virar para a frente.

— Te odeio.

— Não, você não odeia — diz ele, esbarrando suavemente em mim por trás. — E aquele homem está completamente apaixonado por você.

Olho por cima do meu ombro para descobrir que desta vez ele não está brincando. Meus lábios se contorcem enquanto tento segurar minha carranca contra a súbita explosão de felicidade com suas palavras.

— Tanto faz — digo, pegando o início de seu sorriso antes de me virar.

---

## Agora, Londres

Gabriela me liga cinco minutos depois de eu me trancar no quarto. Passo esses cinco minutos analisando cada palavra que Andrew já disse para mim e tentando lembrar o

tom exato de sua voz quando ele me disse que meu vestido estava bonito um ano, então, quando a ligação chega, fico tão aliviada pela distração que poderia chorar.

— Eles perderam minha mala!

— Quem perdeu? — exige como se fosse vir direto pra cá e bater neles para mim.

— Argentina. — Caio na cama, meu corpo imediatamente afundando no colchão macio. — Eles perderam, e nós perdemos nosso voo para Dublin, então agora estamos em Londres e vamos passar a noite com o primo que finge ser rico de Andrew.

— *Divertido.* Quão falsamente rico?

— Ele mora na mansão de seu chefe e seu nome é Oliver.

— Não brinca. — Ela suspira. — Quando você voará para a Irlanda?

— Não vamos — digo, olhando para o teto. — Pegaremos a balsa.

— *Fofo.*

— Longo — corrijo. — A balsa sai do País de Gales, o que significa que temos que pegar um trem para lá de manhã. E então Andrew tem outro ônibus de Dublin. Nós dois já estamos exaustos. Ficarei surpresa se ele não dormir durante o Natal a esse ponto.

— Ele está bem?

— Ele está... bem.

Há uma longa pausa do outro lado da linha enquanto ela provavelmente lê um milhão de coisas na minha hesitação. E depois:

— O que aconteceu?

— Nada.

— Ai meu Deus.

— *Nada!*

— Essa é a sua voz de algo — diz ela. — Eu sabia que algo estava acontecendo. Eu *sabia*.

— Não é por isso que eu estava... — suspiro, esfregando os olhos. — Isso é uma coisa totalmente diferente.

— Ah, nós teremos o maior almoço quando você voltar. Vamos pedir uma salada de caranguejo no Morillo's e nos trancar na sala de reuniões leste e você não sairá até me contar tudo. Na verdade...

— Ele me beijou.

Gabriela imediatamente para de falar, como se todo o ar fosse sugado de seus pulmões por minhas palavras.

— Quem?

— Andrew! — Eu rolo, então estou de cara no colchão. — Duas vezes.

— *Duas vezes?*

— Acho que tecnicamente fui eu quem o beijou. Teve um visco da primeira vez.

— Ok.

— E isso meio que me pegou. Porque eu estava toda, ah, um beijo de visco amigável entre amigos, porque somos amigos...

— Claro.

— ... mas depois *não* foi isso. E então, na Argentina, ele me seguiu até o banheiro...

— Ele *o quê?*

— É menos assustador do que parece — asseguro a ela, enrolando uma mecha de cabelo tão apertada em volta do meu dedo que dói. — Enfim, ele me seguiu e nos beijamos de novo.

— No banheiro?

— No corredor *do lado de fora* do banheiro. Porque eu disse a ele que o primeiro beijo mexeu comigo e ele disse que deveríamos tentar de novo, então tentamos de novo.

— Molly. — Ela parece extremamente desapontada comigo. — Essa é uma cantada genérica.

— Só soa como uma.

— Porque é uma! — murmura algo baixinho e eu a imagino andando de um lado para o outro no escritório. Uma verificação rápida da hora me diz que são quatro da tarde, horário de Londres, o que significa que são dez da manhã, horário de Chicago, e sinto uma pontada familiar de culpa. Não respondi a um único e-mail desde que saímos de Buenos Aires.

— O que você fará?

— Esperava que você me dissesse.

— Você gosta dele desse jeito?

— Não sei. Talvez. Mas e se isso for exaustão? E se for estresse e exaustão e, em vez de manifestar um cabelo grisalho ou uma espinha no nariz, me deixa com muito tesão?

— Ou e se você for super burra e nunca percebeu o que está bem na sua frente?

Viro de costas, fechando os olhos. Em algum lugar da casa, um jazz suave começa a tocar, porque é claro que sim.

Eu sou burra? Às vezes obviamente, mas desta vez acho que não. Houve momentos em que nós dois estivemos solteiros, mas mesmo assim...

Eu franzo a testa enquanto penso em suas namoradas anteriores. Um bando de mulheres perfeitamente legais (mais ou menos) cujos Instagrams eu definitivamente persegui por pelo menos alguns minutos quando estavam juntos. E quando estavam juntos, eles estavam *juntos*. Fotos deles nas férias e em festas com amigos. Em brechós,

cafés e parques. Elas nunca pareceram o tipo de pessoa que cancelaria planos porque precisava trabalhar no domingo.

Elas o teriam colocado em primeiro lugar.

Acho que nunca coloquei um parceiro em primeiro lugar. E eu tendia a namorar pessoas que entendiam isso e faziam o mesmo. Eu não queria me mudar para Seattle com Brandon. Mas ele não queria ficar em Chicago comigo. É por isso que nunca pensei em Andrew desse jeito? Por que nunca me permiti *pensar* nisso? Porque eu sabia que não seria capaz de dar a ele a atenção que ele merecia e não queria fazer isso com ele?

Porque eu sabia que nunca poderia colocá-lo em primeiro lugar. E foi só quando decidi fazer uma vida diferente para mim que eu...

— Oi, Gab? — Sento-me, puxando meus joelhos para o meu peito. — Se você não tivesse entrado na faculdade de direito, o que teria feito?

— Mudando pouco de assunto?

— Tenha compaixão.

Ela faz um som infeliz, mas ela tem.

— Não sei. Provavelmente eu teria um colapso nervoso, pintaria meu cabelo e tentaria de novo.

— Não, quero dizer, se você não fosse advogada. Se por qualquer motivo você não pudesse ter essa carreira, o que você faria?

— Ah, isso é fácil — descarta. — Provavelmente a coisa do violino.

— A coisa do violino... Você toca violino?

— Sim.

— Desde *quando?*

— Desde que eu tinha cinco anos? — Ela ri. — Eu queria estar em uma orquestra. Ainda tenho aulas uma vez por semana. Me ajuda a me acalmar.

— Como você tem tempo?

— Pergunta a garota que uma vez fez uma viagem de ida e volta de três horas em uma noite de segunda-feira porque leu sobre um food truck que queria experimentar. O mesmo que você, Moll. Eu faço ter tempo. Você sempre faz a hora que quer. É por isso que você está viajando pelo mundo agora, não é? — Ela faz uma pausa, sua voz ficando tão casual que é quase engraçada. — Por que? — pergunta. — O que você teria feito?

— Não sei.

— Mas é algo em que você está pensando? — pressiona levemente.

— Talvez.

Há um estrondo no lado dela, como se ela tivesse batido na mesa em triunfo.

— Eu entendi totalmente! Tem alguma coisa errada. Tem alguma coisa errada e eu sabia, porque estou sintonizada com você.

— Gab...

— Por causa do nosso vínculo próximo.

— Você me deixará falar ou o quê?

— Fale. Estou ouvindo. Conte-me tudo. O que você está pensando?

Reprimo um sorriso, mesmo quando a vontade de mentir ameaça tomar conta.

— Acho — começo —, que decidi me tornar advogada quando tinha dezesseis anos porque parecia impressionante e era uma coisa aceitável de se querer. E agora acho que passei um terço da minha vida dedicada a uma carreira da qual nem gosto tanto.

— De forma alguma?

— Gosto *de você* — digo, caindo no colchão. — Gosto da competitividade. Gosto da adrenalina quando fechamos um negócio e gosto de ter dinheiro para comprar coisas boas e que minha família tenha orgulho de mim porque tenho um bom emprego e uma boa vida. Mas a ideia de olhar para o futuro daqui a cinco, dez, quinze anos e me ver no mesmo escritório às duas da manhã de uma terça-feira me dá vontade de chorar.

— Jesus, Molly. É disso que se trata? Você quer desistir?

— Estive pensando sobre isso. Mas ainda não sei se estou pronta.

Gabriela fica quieta e eu me preparo para seu contra-argumento, por isso estou tão surpresa com suas próximas palavras.

— Então eu vou te ajudar.

— Vai?

— Sim — diz ela com determinação. — Mulheres ajudam mulheres. Eu vou te ajudar a parar. Vou levá-la a um coach de vida. Faremos algumas listas. Vou te ensinar violino.

Eu ri.

— Pensei que você tentaria me convencer do contrário.

— Você está brincando comigo? Preciso de novos amigos não advogados, Molly. Isso é uma bênção. — Ela faz uma pausa. — É por isso que você não me contou?

— Isso e ainda estou descobrindo por mim mesma.

— Não, você decidiu — diz ela. — Posso ouvir isso em sua voz, mesmo que você não possa. Mas isso é bom! Este é um projeto. Você sabe que eu amo projetos.

— Eu sei — digo. — Não vou olhar meu e-mail até voltar.

— Bom. Danem-se eles.

— Mas *você* pode me mandar uma mensagem se precisar de mim.

— Ok, graças a Deus — diz ela com pressa. — Spencer ainda está fora. Quem mais fica com mononucleose hoje em dia? Sério.

Eu sorrio, sentindo um pouco do peso que eu carregava ir embora. Duas pessoas já foram, faltam apenas todos os outros na minha vida.

— Parece mais real quando falo sobre isso. Menos assustador.

— Sabe que eu também sinto que estou ajudando? O que me faz sentir bem, então é uma vitória para nós duas.

Vou responder quando meu telefone vibra com uma mensagem no meu ouvido.

— Se for alguém da equipe, é só mandar para mim — diz ela ao ouvir também. — A revolução começa agora.

— É Andrew — digo, verificando a mensagem.

> Oliver diz que você pode se servir de qualquer coisa na cozinha se estiver com fome. Eu disse a ele que você está sempre com fome.

— Eu disse que estava tirando uma soneca. Ele provavelmente pensa que estou dormindo.

— Ah sim, seu outro problema.

— Ele não é um problema.

— Um enigma, então.

— Gabriela...

— Quero dizer, estamos indo tão bem agora, podemos muito bem continuar. Ele não está saindo com ninguém, está?

— Não — digo com relutância. — Ele estava, mas se separaram durante o verão.

— E você não esteve com ninguém sério desde Brandon.

— Não.

— Então eu digo, por que não explorar?

— Porque o que acontece se ele me beijar de novo e eu odiar? — pergunto. — E então está arruinado. Uma amizade perfeitamente boa acabou assim.

— E se isso não acontecer e, em vez disso, o beijo levar a um sexo alucinante e se tornar a melhor decisão que você já tomou? Acho que você precisa falar com ele seriamente sobre isso. Talvez ele esteja enlouquecendo também.

— Ele não parece estar enlouquecendo — resmungo, puxando um fio solto na colcha. — Ele está agindo como se tudo fosse engraçado. Como se fosse uma piada.

— Molly, eu não o conheço, mas garanto que ninguém pensaria que beijar você é uma piada. — Sua voz endurece. — Na *verdade,* se ele disser pelo menos *uma* coisa para fazer você se sentir...

— Tudo bem — interrompi. — Obrigada, amiga.

— Você é uma partidona, você me ouviu?

— Ouvi — digo secamente, mas sorrio. — Mas agora, acho que realmente preciso tirar aquela soneca. Jet lag não é divertido.

— Ok, mas se você tiver mais problemas sobre *qualquer coisa*...

— Eu virei para você. Vou desabafar.

— Essa é a minha garota.

Nos despedimos e eu desligo. Eu cochilo, mas só me faz sentir pior, e acordo quarenta minutos depois com a boca seca, o estômago roncando e o início de uma dor de cabeça. Com essa nojeira adicionada em cima da nojeira do meu avião, decido ver o chuveiro pela primeira vez. Há uma toalha cuidadosamente dobrada na penteadeira, então eu a pego e os produtos de higiene deixados na pia e espero em Deus que tenha água quente. Tem.

E é *uma felicidade.*

A pressão da água é o que imagino que aquelas cachoeiras comerciais de shampoo devem sentir, e fico lá por muito tempo. Até faço uso um condicionador profundo, mas não tenho escolha a não ser deixar meu cabelo secar naturalmente, já que não encontro secador de cabelo no quarto. No entanto, encontro um vaporizador de roupas portátil, que imediatamente coloco em uso, desenrugando tudo o que comprei em Paris e me divertindo demais fazendo isso.

Estou trabalhando na fronha só por diversão quando ouço uma batida na porta e abro para encontrar Andrew do outro lado, vestido como se estivesse prestes a sair.

— O que você está fazendo? — pergunto, apontando para o casaco dele.

— O que *você está* fazendo? — contesta. Ele olha para o meu vaporizador como se fosse uma arma espacial de um filme de ficção científica barato.

— Encontrei debaixo da cama. Só porque estamos viajando não significa que temos que aparecer todos amassados. Se você pedir educadamente, eu vou vaporizar suas coisas também.

Ele cai contra o batente da porta.

— Estou tentando desesperadamente pensar em uma maneira de distorcer isso em uma insinuação.

— E você não tem nada?

— Tive um longo dia. E para responder à sua pergunta, eu sairei e você também. Oliver sugeriu que fôssemos absorver a atmosfera.

— Agora?

Ele faz uma pausa com a descrença na minha voz.

— Você não quer ver Londres no Natal?

— Você quer dizer ver uma cidade já superlotada em uma das épocas mais

movimentadas do ano? Não. Estará cheio de turistas.

— Nós *somos* turistas. — Ele sorri quando desligo o vaporizador. — É só por uma hora.

— Precisamos acordar cedo.

— E iremos. Diga-me a última vez que você dormiu depois das oito da manhã

Abro a boca, mas o homem tem razão.

— Olha — continua, vendo minha hesitação. — Você pode ficar aqui sozinha e... vaporizar, mas eu vou sair e pegar um chocolate quente. — Ele aperta os dedos juntos. — Com um pouco de canela. E três marshmallows. Merecemos nos divertir um pouco.

Suspiro, olhando para a cama. Eu gostaria de estar com sono, mas não estou. Estou bem acordada e ficando inquieta. E ele sabe disso.

— Uma hora? — pergunto.

— No máximo.

— Está bem. — Começo a escorregar meu roupão dos meus ombros e seu sorriso desaparece. É nesse momento que me lembro que não tenho nada além de um sutiã por baixo. Todo o resto estava sendo vaporizado.

— Ok — estalo, puxando-o. — Desculpe te tentar com minha ousada exibição de pele.

Andrew se recupera com a mesma rapidez, seu sorriso de volta no lugar.

— Então, você está tentadora agora, não é?

— E com esse comentário, não vou vaporizar suas roupas. Espero que esteja feliz consigo mesmo. — Aponto para a porta e ele se endireita, com as mãos no ar.

— Vejo você lá embaixo — grita, fechando a porta. — De preferência vestida.

# Capítulo Treze

Fico com meu novo par de jeans, mas coloco uma outra camiseta por baixo do suéter de Natal. Não me preocupo em fazer nada com meu cabelo, deixando-o úmido nos ombros e arriscando o frio. Ainda tenho o cachecol de Andrew de quando ele me deu em Chicago e, depois de um momento de hesitação, eu o enrolo no pescoço e enfio dentro do casaco.

Oliver e Andrew estão esperando por mim na porta da frente quando desço. Oliver está vestido como se estivesse indo para algum restaurante chique e Andrew está vestido como Andrew. Ele trocou seu casaco pesado de Chicago por um de Oliver e sua bolsa de câmera está pendurada no ombro. Tento não encará-lo enquanto desço, mas não perco o modo como seus olhos se voltam para o cachecol quando apareço. Espero que ele peça de volta, mas uma pitada de satisfação pisca em seu rosto, como se ele estivesse satisfeito em me ver usando.

— Linda! — declara Oliver quando chego ao último degrau. — Você desceu as escadas como se tivesse nascido para descer.

— Huh?

Andrew apenas balança a cabeça enquanto Oliver pega uma mochila preta que eu não havia notado.

— Onde, exatamente, vamos? — pergunto enquanto ele a coloca.

— Achei que podíamos ver as luzes — diz ele vagamente. — E depois eu preciso fazer uma parada rápida para deixar algumas coisas e então... pub?

A ideia de um aconchegante pub inglês onde eu possa me jogar perto de uma lareira não é a pior ideia do mundo, mas olho para Andrew, pronta para dizer não. Ele está esperando por isso e apenas pisca para mim, antes de dar um olhar que diz, *eu disse que estava tudo bem*. E ele disse, mas ainda assim, não há necessidade de tornar as coisas mais difíceis para o homem. Com tudo o que aconteceu nos últimos dias, ele provavelmente espera que eu tenha esquecido sua bomba casual de *estou sóbrio agora*, mas é algo sobre o qual teremos que conversar em algum momento.

Agora, no entanto, não é essa a hora e, então, eu tento afastar isso da minha mente enquanto Oliver nos conduz porta afora. Assim que chegamos à Portobello Road, percebo instantaneamente o que ele quer dizer com *luzes*. Não havia notado as decorações no táxi, principalmente porque era dia e todas estavam apagadas. Mas agora as ruas estreitas e sinuosas estão iluminadas. Cordas de luzes de fada se cruzam

no alto e as casas ficam solidamente mais alegres à medida que nos afastamos do extremamente chique para o moderadamente chique. Brilhos dourados quentes dão lugar a bonanças multicoloridas, e não posso deixar de sorrir enquanto caminhamos lentamente pela multidão.

Oliver não parece estar com pressa e é praticamente indulgente enquanto deixa Andrew tirar fotos das casas e vitrines, dos restaurantes e pubs lotados. Ele até o faz tirar fotos dele, posando regiamente pela cidade, até que Andrew ameaça enviar apenas as ruins.

Oliver é meio que hilário. Apenas à beira de irritante. Mas ele parece genuinamente feliz por ter Andrew lá e eu, por extensão, perguntando sobre minha vida em Chicago e minha infância em Dublin, além de me comprar um vinho quente perfumado de uma das barracas espalhadas ao redor. É a primeira diversão natalina com a qual me vejo me acostumando, e a maneira como Andrew continua sorrindo para mim toda vez que Oliver me faz rir torna tudo ainda melhor.

Por fim, deixamos para trás as ruas iluminadas e nos mudamos para uma área mais residencial e silenciosa. Não é tão chique quanto onde Oliver está hospedado, posso dizer que a maioria dessas casas são divididas em apartamentos separados, mas é agradável e tranquilo e, através das cortinas abertas de muitos quartos, espio jovens famílias e grupos de amigos sentados em torno de mesas de jantar. Imagino que ele esteja nos levando a algum pequeno bar do bairro, e fico surpresa quando ele para em frente a uma casinha de tijolos vermelhos no meio da rua.

É no final de uma pequena fileira de casas, com um beco estreito entre ele e seu vizinho. Ao contrário de todos os outros pelos quais passamos, está completamente escuro, sem nenhum carro estacionado do lado de fora.

— Chegamos — anuncia, virando-se para nós com um sorriso.

— Chegamos onde? — pergunta Andrew, e fico feliz por não ser a única confusa. — Você também está cuidando dessa casa?

— Ah, não — diz Oliver alegremente. — Este sou eu invadindo.

— Este é você o quê? — sibila Andrew a última palavra enquanto seu primo desce o beco, desaparecendo nas sombras. — Oliver!

— Ele obviamente está brincando — digo, mas Andrew não parece pensar assim.

— Fique aqui — murmura enquanto o segue, mas para o inferno com isso. Ignoro seu olhar irritado enquanto sigo os dois na escuridão, meus olhos se ajustando a tempo de ver Oliver jogar sua mochila por cima de um muro alto de tijolos que bloqueia o que deve ser o quintal.

— Explique — diz Andrew, pegando-o pelo cotovelo antes que ele possa ir mais longe. — Agora.

Oliver dá um suspiro cansado enorme, e dá de ombros.

— Você costumava ser divertido, sabia disso?

— Vou contar à tia Rachel — adverte Andrew, mas Oliver apenas revira os olhos e então, antes que eu possa piscar, dá um passo para trás e pula, agarrando-se ao topo da parede e puxando-se agilmente para cima, desaparecendo do outro lado.

— Vocês veem? — ele grita muito alto. Andrew parece horrorizado, mas sinto um arrepio percorrer meu corpo. Embora eu tenha acabado de conhecer o homem, ele é primo de Andrew e duvido muito que, o que quer que estejamos fazendo, seja tão ilegal ou perigoso.

Quero dizer, talvez seja *um pouco* ilegal.

E talvez seja o vinho quente ou talvez seja porque, surpreendentemente, estou me divertindo, mas seja o que for, estou me sentindo um pouco imprudente esta noite.

— Eu te desafio — digo, e Andrew ri. Mas ele sabe que realmente não tem escolha e, então, com um último olhar aguçado para mim, copia o movimento de seu primo e pula. Ele se vira impressionantemente bem, enquanto meu esforço é menos gracioso. Nunca fiz nada parecido e há um momento em que estou escarranchada no topo da parede e tenho certeza de que simplesmente vou cair do outro lado, mas Andrew fica lá embaixo e me ajuda a descer enquanto meus braços tremem como gelatina.

— Legal — comemora Oliver enquanto limpo minhas mãos doloridas e levemente arranhadas e olho em volta. Estamos em um quintal pequeno e agradavelmente coberto de mato, o pedaço de grama iluminado vagamente pelas luzes que vêm das casas ao redor. Mas pelas janelas das portas da varanda, a casa parece como de frente, vazia e escura.

— Estamos realmente invadindo? — pergunto.

Andrew bufa.

— Não estamos invadindo.

— Estamos meio que invadindo — diz Oliver, caminhando para o pátio de pedra nos fundos da casa. — Mas estamos deixando coisas, não levando coisas. E ficaremos bem. Este é um bairro legal. Eles provavelmente pensam que somos faxineiros.

Eu o sigo até o jardim de inverno, abrindo caminho entre os canteiros de flores murchas de inverno enquanto Andrew permanece tenso perto da parede.

— Você vai quebrar a janela? — pergunto, preocupada.

— Claro que não — diz Oliver, olhando para os vários vasos de jardim espalhados ao nosso redor. — Vamos encontrar a chave. — Ele se ajoelha abruptamente ao lado de um pequeno vaso terracota, pegando-o. — Deve estar sob... Não. — Ele alcança o azul ao lado dele. — Este parece... Não.

O humor de Andrew piora cada vez mais quando Oliver usa a lanterna de seu

telefone para olhar entre os arbustos.

Parece um pouco óbvio demais para mim, mas eu o deixo enquanto dou uma olhada ao meu redor. O lugar é cuidado, apesar de sua aparência selvagem. Ao lado de uma bancada envelhecida, há uma churrasqueira coberta e uma mesinha com cadeiras. Borboletas feitas de vidro colorido balançam nas paredes e a grama parece ter sido cortada recentemente. Na verdade, todo o jardim está quase todo limpo de detritos e folhas... exceto por algumas propositalmente arrumadas ao redor da sarjeta.

— Molly — diz Andrew em um tom de alerta enquanto eu me afasto, mas sou como um cão de caça em busca de um cheiro. Tive muitos dias de formação de equipes durante os meus vários estágios. Salas de fuga não são novidade para mim.

— Não o encoraje — continua.

— Por que você está de mau humor? — pergunto, agachando-me ao lado do ralo.

— Não estou.

Eu nem me preocupo em responder enquanto copio Oliver com minha lanterna, arrancando as folhas. Elas estão enlameadas e nojentas, mas não demora muito para encontrar uma lata de balas de menta descartada, escondida no fundo. Bingo.

Oliver está ao meu lado em um instante.

— Excelente trabalho. Você ganha um prêmio.

— Ganho?

— Não *a encoraje* também — diz Andrew enquanto se junta a nós. Oliver limpa a chave na manga de Andrew antes que Andrew possa impedi-lo e corre para destrancar a porta. Um movimento de seu pulso e ela se abre e, por dois segundos, nós três simplesmente olhamos para dentro antes de um bipe alto começar.

Oliver entra e eu o sigo, muito envolvida com tudo para parar.

Talvez eu devesse me tornar uma criminosa? Algum tipo de ladra misteriosa de jóias.

Entro **e**m uma pequena cozinha que leva a uma sala de estar em plano aberto. Oliver caminha por ela como se já tivesse estado aqui um milhão de vezes antes e vou atrás dele, com Andrew tão perto que ele esbarra em mim a cada passo, como se estivesse se preparando para me agarrar e fugir.

— Temos vinte segundos para resolver isso — diz Oliver, parando na pequena entrada ao lado da porta. Ele abre a tampa para ouvir o alarme sonoro e estala os nós dos dedos. — Escolha um número entre um e nove.

Andrew faz um som de engasgo atrás de mim.

— Você está falando sério?

— Claro que não. — Seus dedos voam pelo teclado, desligando prontamente o bipe. — Você está muito fácil de irritar esta noite, você sabia disso?

— Não tão fácil quanto será *matar* você — estala Andrew, e envolvo a mão em seu pulso, apertando brevemente. Não faço ideia do que deu nele.

— Esta é a sua casa de verdade? — pergunto desconfiada. Oliver ri, passando por nós de volta para a sala. Como o quintal, é um pouco bagunçado, assim como todas as casas deveriam ser, mas ainda assim parece vazia. Ainda mais com a árvore pequena e nua no canto, como se o dono a tivesse erguido e não tivesse tempo de fazer mais nada.

— Quem mora aqui? — pergunto, olhando para uma foto perto de mim. Uma mulher alta com cabelo preto encaracolado sorri para mim, parada na frente da Torre Eiffel.

— Lara — diz Oliver casualmente.

— E quem é Lara? — pergunta Andrew quando ele não explica mais.

Oliver olha entre nós antes de voltar para Andrew com um sorriso agradável.

— Minha Molly. — Ele deixa cair a mochila no chão enquanto o rosto de Andrew se enruga em confusão. Como um palhaço tirando uma série de lenços do bolso, ele começa a tirar punhados de bandeirolas caseiras de Natal. — Você é alto — acrescenta. — Você está encarregado de pendurar.

— Oliver...

— Fomos para a universidade juntos — interrompe. — Durante a semana dos calouros, fiquei bêbado e tentei pular do prédio de ciências para o lago. Ela me chamou de idiota e me deu uma joelhada nas minhas partes não mencionáveis para me parar. Somos melhores amigos desde então. — Ele olha para cima, sua expressão irritantemente séria. — Lara adora o Natal e costuma ter a casa mais bem decorada da rua, mas este ano sua mãe está doente e ela está em Berlim ao lado da cama dela, onde está há três semanas. As duas voltam amanhã e não posso deixá-la voltar para uma casa vazia e fria. Simplesmente me recuso. E aqui estamos nós, decorando como se estivéssemos tentando ganhar um reality show diurno — hesita. — Se vocês me ajudarem, no caso.

Ah, meu Deus. Olho para Andrew com um olhar suplicante que o faz revirar os olhos.

— Você nem gosta de decoração.

— Agora eu gosto.

Ele se vira para Oliver, me ignorando.

— Você poderia simplesmente ter nos contado isso.

É a vez de Oliver parecer confuso.

— Mas aí não teria sido tão divertido.

— Oliver, eu juro...

— Um meio termo — interrompe, olhando para o relógio. — Já que estamos com pouco tempo. Trinta minutos no máximo. Vamos ver o que podemos fazer.

Pego um saco de confete de floco de neve.

— Como um jogo?

Andrew joga a cabeça para trás com um gemido, mas Oliver apenas balança a cabeça, satisfeito com o meu interesse.

— Exatamente. Vou até definir um cronômetro.

— Cristo — suspira Andrew, dando uma olhada no meu rosto e sabendo que estou perdida. Realmente não sei qual é o grande problema. Esse tipo de coisa parece bem a praia dele, mas sua carranca só aumenta quando ele aperta a bolsa da câmera no peito e olha para o primo. — Por onde começamos?

Após uma breve discussão, concordamos em usar nossos pontos fortes, e sou encarregada da cozinha. Oliver me passa pequenas caixas de comida de festa do supermercado local, junto com bolos e biscoitos. Guardo tudo em seus respectivos lugares, mas não posso deixar de arrumar alguns pratos prontos para serem comidos amanhã. Cidra de maçã espumante e vinho completam a parte comestível da decoração e, quando volto à sala da frente, o lugar está transformado.

A bandeirola paira alegremente sobre a lareira aberta junto com dezenas de luzes de fadas emitindo um brilho suave e quente. Um conjunto diferente e colorido está pendurado em volta da árvore, que Andrew está decorando, com uma expressão de concentração feroz em seu rosto enquanto tenta espaçar as bugigangas. Oliver está no trabalho das meias, enchendo as duas que ele prendeu na lareira com mais guloseimas.

Não tenho muita experiência nesse tipo de coisa, mas acho que não deve ser muito difícil e faço o melhor que posso com a última decoração, pequenas estatuetas de Papai Noel e flocos de neve brilhantes. No momento em que terminamos, o lugar não poderia parecer mais diferente do que onde Oliver está hospedado. Os ornamentos são incompatíveis tanto em tom quanto em estilo, dando ao ambiente uma sensação caótica, mas que não pode deixar de fazer você sorrir. Parece um sonho festivo febril. Deveria ser meu pesadelo, mas é meio... divertido. Não que eu vá dizer isso a Andrew.

— Levarei todo o crédito, a propósito — diz Oliver enquanto enfia a embalagem restante em sua bolsa. — Nenhum de vocês estava aqui. Tudo eu.

— Que surpresa. — Andrew se endireita de onde está sentado perto da janela. — Feliz? — pergunta.

— Delirantemente. Só uma coisa final. — Gentilmente, quase com reverência, ele coloca um pequeno presente embrulhado sob a árvore, arrumando a etiqueta da maneira certa. Diz *"Para Lara"* e saber o que ele comprou para ela imediatamente se torna a coisa mais importante em toda a minha vida. Contra todas as probabilidades,

consigo manter minha boca fechada.

— Muito obrigada por toda a sua ajuda — diz ele depois de um momento. — Mesmo que inicialmente eu tenha enganado vocês para isso.

Cutuco Andrew com o cotovelo e ele suspira.

— Estamos felizes em ajudar — diz ele, apenas um pouco relutante. — Embora da próxima vez, eu prefira que você...

Ele para quando luzes azuis piscando de repente atravessam a sala da frente.

— Oliver

— Tudo bem! — Oliver bate palmas, levando-nos para a porta dos fundos. — Tudo feito.

— Você disse...

— Hora de ir! — diz ele alegremente, voltando-se para definir o alarme.

Andrew e eu vamos direto para o quintal, onde ele me dá uma perna para subir a parede. Vinte segundos depois, Oliver se junta a nós e caminha rapidamente pela rua, deixando-nos para seguí-lo. Olho algumas vezes para trás, aparentemente apenas para ter certeza de que pareço mais suspeita, mas ninguém vem atrás de nós e nenhuma sirene começa a soar. Estamos seguros, mesmo que Andrew tenha voltado a parecer agitado novamente.

Ninguém fala até chegarmos à próxima rua, momento em que Oliver para de repente, esfregando as mãos.

— Certo então! — diz ele. — Obrigado por isso. Pub?

Andrew balança a cabeça.

— Vamos para casa.

— O que? — Oliver parece horrorizado. — Por quê?

— Porque não confio em você esta noite.

— O que você está falando? Correu tudo bem.

— Vamos voltar para casa — diz Andrew com firmeza. — Vamos acordar cedo.

Oliver se vira para mim em busca de apoio, mas tudo que posso oferecer é um sorriso simpático.

— Tudo bem — suspira. — Acho que encontrarei algumas pessoas que pensam como vocês.

— Faça isso — diz Andrew, conduzindo-me firmemente na direção que viemos.

Oliver nos xinga por mais alguns momentos antes de desistir e, quando olho por cima do ombro, vejo-o caminhando para o outro lado.

— Isso foi meio divertido — digo. Andrew apenas resmunga. — Toda a sua família é assim?

— Só ele.

— Toda a minha família é chata. A única ovelha negra que temos é minha tia, que tem uma loja Etsy para suas pulseiras. — Ele não responde e, não pela primeira vez naquela noite, fico irritada com sua mudança repentina de atitude.

— Quer parar? — pergunto. — Nunca te vi tão mal-humorado.

— Estou bem.

— Você soa como eu — digo a ele. — O que foi?

Ele balança a cabeça, o maxilar ainda cerrado enquanto olha para trás por onde viemos.

— Ele poderia ter nos colocado em apuros. Ele deveria ter nos contado o que estava acontecendo.

— Ele só estava brincando com você.

— Se a polícia tivesse batido na porta...

— Eles teriam contatado Lara— digo. — Teria ficado tudo bem.

Mas poderia não ter ficado. É só então que percebo o que ele quer dizer. Quando eles entrassem em contato com Lara, provavelmente estaríamos presos em uma delegacia de polícia em algum lugar, perdendo muito a janela para chegar em casa. E embora isso nem tivesse me ocorrido, é claro, isso estaria na mente de Andrew. Claro, ele teria ficado preocupado em superar outro obstáculo para ver sua família.

A culpa escorre por mim enquanto ele abre o mapa em seu telefone, procurando o caminho mais rápido para a casa de Oliver. Minha mente vacila por apenas um instante antes de eu fazer as pazes.

— Por que não passeamos?

Ele nem sequer me dá um olhar.

— Era você quem queria ficar dentro de casa.

— Sim, mas estou acordada agora. E a noite é uma criança. Vamos explorar a cidade.

— A noite é uma criança? — Ele olha para cima e posso dizer que está desconfiado da minha mudança de opinião. — Achei que você não gostasse de Londres no Natal.

— Mais uma razão para provar que estou errada.

— Molly...

— Vamos. Apenas por uma hora. Antes que eu fique cansada e irritada. Como você.

— Engraçadinha — diz ele, mas ele se move quando puxo seu braço e o levo em direção à estação.

# Capítulo Catorze

Andrew relaxa quanto mais viajamos para o centro de Londres e quando descemos em uma estação lotada de Westminster, ele está de volta ao seu estado normal, sorrindo para a multidão de turistas de férias ao nosso redor. Não planejei mais do que *ir para a cidade, encontrar algo mergulhado em açúcar* e depois de um momento de desorientação, decidimos seguir todos os outros atravessando a ponte ao lado do Big Ben, onde logo avistamos um mercado de Natal na margem sul do rio.

É cafona, mesmo para Andrew, com barracas pitorescas de mamãe e papai cheias de doces e bugigangas de plástico que não me enganam como autênticas por um segundo. Mas acho que não é o pior lugar para se estar em uma noite clara de dezembro. Está cheio, mas não tão cheio que não possamos nos mover, e assim que passamos pelas barracas, há bancos para sentar e jogos para jogar. Um carrossel clássico gira em torno de crianças gritando e seus pais indulgentes, e música pop de Natal toca nos alto-falantes, uma música de sucesso após a outra.

Compro para nós dois um saco de churros e para Andrew o prometido chocolate quente, enquanto caminhamos ao longo do Tâmisa e estou me sentindo estranhamente contente e perfeitamente confortável, então nem penso quando as próximas palavras saem da minha boca.

— Esta seria uma ótima noite para um encontro. — Fico imóvel assim que digo isso, apenas para me tornar ainda mais determinada quando Andrew se vira para mim com um sorriso malicioso. — Seria!

— É isso que estamos fazendo?

— *Não* — digo infantilmente, mas depois, com minha conversa com Gabriela ecoando em minha mente: — Talvez.

A expressão de Andrew não muda, mas leva um momento para ele desviar o olhar.

— Isso não é um encontro — diz ele. — Eu não levaria você para um encontro natalino.

— Onde me levaria?

— Não pensei sobre isso.

— Você pensou sobre isso o suficiente para saber que não me levaria aqui — indico e sei que o peguei quando ele fica quieto. — Me diz — digo, e sacudo os churros diante dele como um suborno. Ele pega um na mão, examinando-o por um segundo antes de comer metade de uma só vez. Homens.

— Tudo bem — diz ele, enquanto continuamos andando. — Acho que é mais o que você não gosta do que o que você gosta.

— E do que eu não gosto?

— Piqueniques.

— Gosto de piqueniques — protesto. — Apenas não gosto de insetos. Que piqueniques geralmente envolvem.

— Você também não gosta de se sentar ao sol.

— Eu queimo.

— Ou pratos de papel.

— Eles são frágeis.

— Você não gosta de piqueniques — conclui. — Você *gosta* de cinema, então eu poderia levá-la a algum filme antigo chique e pagar preços absurdos de ingressos, mas nunca gostei de coisas assim para um primeiro encontro. Por que desperdiçar uma noite sentado em silêncio quando eu poderia estar falando com você?

— Então, isso exclui o teatro.

— O que é útil já que você também odeia o teatro.

— Espera, veja, eu não odeio o teatro. O que odeio são lugares que não deixam você fazer xixi quando você precisa fazer xixi. E às vezes você só precisa espirrar. Quero dizer, sinto muito, é o seu grande monólogo idiota, mas você não consegue segurar algo assim. Isso danifica seu cérebro.

— Não, não danifica.

— Sim. Li online.

— Sem teatro — diz ele. — Museus e galerias são difíceis. Cada um tem seu ritmo e pode ser cansativo também. Uma livraria pode ser romântica, mas você não lê...

— Leio! — Às vezes.

— Trilhas e caminhadas, você está de volta ao ritmo. Além disso, o sol, os insetos.

— Muitos lugares para fazer xixi.

— Verdade. Se o tempo estiver bom, podemos ir para a água, mas novamente...

— Entendo — interrompo categoricamente. — Eu sou inamorável.

— Eu não disse isso. — Ele come a outra metade de seu churro e estou tão distraída com um pingo de açúcar no canto de sua boca que quase perco suas próximas palavras. — Arremesso de machado.

— Arr... o quê?

— Eu levaria você para um arremesso de machado — diz ele.

Eu o encaro.

— Que diabos é um arremesso de machado?

— Exatamente o quê...

— ... parece — termino. — Tudo bem, Sr. Espertinho. Isso não parece muito romântico.

— Você já foi?

— Obviamente não.

— Você pega esses pequenos machados e esses blocos redondos de madeira, como arco e flecha ou alvo de dardos. Tem mira e tudo. E então você vai para a sua pista e apenas joga. — Ele imita o movimento. — Você já sentiu vontade de gritar às vezes? — pergunta. — Já teve um dia ruim em que tudo está dando errado e você só quer se levantar e gritar?

— Apenas três a quatro vezes por semana.

— Ioga não cura tudo — diz ele uniformemente. — Então, eu levaria você para arremessar machado. Depois disso, nós dois teremos apetite, então eu levaria você para jantar. Em algum lugar quieto para que pudéssemos conversar. De sua escolha, claro. E esse seria o nosso encontro. — Ele engole o último de seu chocolate quente e joga o copo vazio em uma lata de lixo próxima, como se não tivesse acabado de descrever o que pode ser o dia mais estranho e, possivelmente, o melhor de todos.

— O que você faria para mim? — pergunta ele.

— Num encontro? — Eu franzi a testa. — Não tenho ideia.

— Bem, isso não parece justo.

— Sou péssima com ideias para encontros.

— Então faça um esforço.

Eu gemo interiormente. Não estava mentindo. Com minha linha de trabalho, namoro segue um padrão preditivo. Uma bebida alcoólica depois do trabalho, geralmente tarde, e depois talvez um jantar formal. Não fiz nada que alguém considerasse *divertido* desde a faculdade.

— Bem, já que você *adora* piqueniques — começo, e ele ri. — Jantar — digo, mais séria. — Mas não fora. Eu convidaria você para o meu apartamento e eu cozinharia.

— Eu não sabia que você sabia cozinhar.

— Posso fazer macarrão, pão de alho e pão de alho com queijo.

— Ah, os três grupos de alimentos.

— Eu não tentaria a sobremesa. Eu a compraria, mas a prepararia bem e provavelmente mentiria e diria que fiz do zero para que você ficasse impressionado comigo.

— E eu fingiria acreditar em você porque sou legal.

Ele fingiria. Sei que fingiria. E eu pegaria duas sobremesas caso ele não gostasse de uma. Mas sei do que Andrew gosta. Qualquer coisa com chocolate derretido no meio.

Usaria algo casual com o qual me sentisse confortável porque, entre cozinhar e empratar, não teria tempo de me arrumar. Depois, íamos para o sofá assistir a uma de suas comédias idiotas ou talvez ele me deixasse escolher o filme e ele sofreria em silêncio. E então os créditos rolariam e estaria escuro lá fora e eu o beijaria porque seria um encontro e é perfeitamente normal beijar alguém em um encontro e ainda mais normal sentir seu coração disparar quando você beija.

— Então, você vai me cortejar com comida, é isso?

Pisco afastando a imagem de nós dois, limpando a garganta para garantir.

— Você está reclamando?

— Absolutamente não. Isso soa bem para o meu gosto.

— Posso fazer isso depois do arremesso do machado — digo alegremente, e ele sorri.

— Vendido.

Nossos olhos se encontram e lá está de novo, a centelha de algo que parece acontecer cada vez mais.

E Andrew sabe disso. Ele para ao longo da passarela, parando para se apoiar no corrimão. Ao longe, o Big Ben aparece do outro lado do rio, enquanto, logo atrás dele, o mercado continua em todo o seu espírito festivo. Mas é mais tranquilo aqui, na maior parte casais e visitantes sozinhos vagando como nós, tirando fotos das luzes enquanto comem castanhas assadas e lambem marshmallows derretidos em seus dedos.

Mas não estou olhando para eles. Estou olhando para Andrew, Andrew, que está olhando para mim com uma expressão tão séria que de repente sinto como se estivesse sendo puxada na frente do diretor da escola. E sei que ele me perguntará sobre isso. Sobre o beijo. Sobre nós. Ele fará a pergunta e não sei a resposta e fico tão em pânico, tão preocupada, que o distraio com a primeira coisa que consigo pensar.

— Tire uma foto minha.

— O quê?

— Tire uma foto minha — repito, mais confiante desta vez.

Suas sobrancelhas se erguem.

— Você odeia que tirem fotos suas.

Odeio. Não só porque eu parecia um desastre em Paris. Sempre me senti desconfortável na frente da câmera. Mal suporto as fotos profissionais que eles nos obrigam a fazer no trabalho e meu feed do Instagram não tem uma única selfie minha. Nem mesmo quando eu estava arrasando com aquele corte bob que todo mundo me elogiava, mas era muita manutenção para acompanhar. Não tiro fotos. Mas minha distração está funcionando.

— Eu me sinto bonita — digo. — E quero documentar este dia ridículo.

Ele não responde a princípio, como se esperasse a piada. Eu apenas fico lá.

— Ok — diz ele, pegando sua câmera.

— Você também poderia ter me dito que eu sempre pareço bonita — digo a ele.

— Eu poderia — concorda, e gesticula para eu posar.

Previsivelmente, sinto-me instantaneamente autoconsciente.

O que eu faço com minhas mãos? Como faço para posar? Inclino minha cabeça? Sorrio? Pulo no rio e nado para longe, muito longe?

Andrew olha pela lente e faz um ajuste, os olhos piscando para cima quando ele vê eu me debatendo.

— Você é péssima nisso.

— Andrew!

Ele ri e um pouco da minha estranheza muda para aborrecimento.

— Não importa — digo. — Pode guardar.

— Ah, absolutamente não. Estou me divertindo muito agora.

Quase faço beicinho, me contorcendo sob sua atenção enquanto ele se prepara.

— Coloque a mão esquerda no corrimão — diz ele. — Não como se você estivesse se segurando no *Titanic*... Perfeito. Olhe para mim.

— Estou olhando para você.

— Olhe para mim como você fez antes.

— E isso foi como? — pergunto, confusa, mas ele apenas balança a cabeça, sua atenção na câmera.

— Faça o que fizer — diz ele enquanto fica quase anormalmente imóvel. — Não sorria.

— Cala a boca.

A lente fecha.

— O que acabei de dizer? — diz ele em ultraje fingido enquanto meus lábios se contraem. Ele clica novamente. — Você sabe o que dizem sobre câmeras roubando sua alma, não é?

— É isso que você está fazendo?

— Só quero que você saiba no que está se metendo — diz ele, e finalmente abaixa a câmera, parecendo satisfeito enquanto verifica a tela.

— Pronto? — pergunto. Estranhamente, sinto-me um pouco sem fôlego, mas suponho que seja esse o efeito quando Andrew Fitzpatrick volta toda a sua atenção para você.

Ele acena com a cabeça e eu estendo minha mão.

— Deixa eu ver.

— Não.

— Deixa eu ver! — Eu a pego dele, mas só porque ele deixa, puxando a alça sobre a cabeça enquanto ele clica em algo e uma tela aparece, mostrando a última foto que ele tirou.

Por um momento não me reconheço.

Meu cabelo secou naturalmente em ondas suaves e enroladas e o frio deixou meu nariz e bochechas rosadas, enquanto o resto de mim está banhado pelo brilho suave da feira. Não estou olhando para a câmera. Estou olhando para Andrew. Olhando para ele com um sorriso que eu nunca vi. Sempre que poso para uma foto, costumo sorrir com os lábios fechados graças aos meus dois dentes da frente tortos. Alguém fez um comentário passageiro sobre eles quando eu tinha quatorze anos e nunca esqueci. Honestamente, nunca tirei uma foto minha sem prever como ficaria. E como pensei que os outros olhariam para mim.

Meus lábios estão abertos nesta foto, meus olhos enrugados, pegos no meio de uma risada enquanto me afasto ligeiramente dele. Parece que estou me divertindo muito. Parece que estou no país das maravilhas do inverno. Eu pareço...

— Eu pareço *incrível*.

— Eu sou apenas um fotógrafo muito bom.

Estou muito satisfeita até mesmo para pensar em uma réplica.

— Você pode me enviar esta aqui?

— Claro.

Começo a devolver a câmera, mas mudo de ideia no último segundo, segurando-a contra o peito.

— Posso tirar uma de você?

Ele faz uma pausa.

— Não vou mentir, sei que você é uma adulta capaz e profissional, mas essa câmera custou três mil, então se você...

— Obrigada — digo, ignorando seu suspiro enquanto espio pelas lentes. Isso eu sei fazer. — O que eu pressiono?

— O grande botão vermelho.

Faço uma careta para ele, mas para ser justa, acho que essa é a resposta.

— Diga queijo — murmuro, tentando enquadrá-lo como ele fez comigo. Para alguém que está acostumado a estar do outro lado da câmera, ele não parece estranho, apenas se inclina contra o corrimão, seu corpo voltado para a água, enquanto seu rosto se inclina na minha direção.

Hesito.

— Não será tão boa quanto a sua.

— Espero que não, visto que sou um profissional — diz ele sem expressão. Mas sua expressão suaviza. — Apenas sinta — diz simplesmente — Não é tudo sobre ciência, ângulos e luz. Às vezes você apenas... sente.

Sentir. Acho que posso fazer isso.

— Pense em algo que te faça feliz — digo, clicando no botão novamente.

Ele sorri.

— Como você?

— Talvez não eu — digo sem perder o ritmo. — Vamos tentar manter essa sessão para maiores de treze anos.

E aí está. Seu sorriso é instantâneo, iluminando todo o seu rosto, e o carrossel ao fundo é um borrão de tanta cor e movimento que é como se o barulho dele fosse capturado ao lado de todo o resto. E com um pequeno clique do meu dedo, eu o salvei para sempre.

Nem preciso olhar para saber que fiz um bom trabalho e devolvo a câmera para ele, tão feliz que quase dói.

— Aqui — digo. — Agora estamos quites.

— Quites? — pergunta ele, ainda sorrindo.

Concordo com a cabeça, voltando-me para a água enquanto ele examina a foto.

— Agora eu também tenho sua alma.

# Capítulo Quinze

A casa está escura quando voltamos, mas, embora precisemos acordar em algumas horas, ainda não estou pronta para que a noite acabe. Penso em propor um filme, talvez assaltar a geladeira para comer uns salgadinhos e recriar o Natal que teríamos se tivéssemos ficado em Chicago. Mas meu grande plano sai pela janela assim que passamos pela porta e vemos uma linha de roupas descartadas espalhadas pelo corredor que leva à cozinha.

— Huh — digo enquanto Andrew suspira. Ele passa a mão pela parede em busca de um interruptor de luz e, quando o encontra, vejo que as roupas estão acompanhadas de recibos e o que parecem ser cartões bancários, como se alguém (Oliver) tivesse mexido em seus bolsos enquanto se despia, deixando um rastro de migalhas de pão bizarras atrás dele.

Andrew apaga a luz novamente.

— Eu voto em irmos apenas para a cama.

— E se ele se machucou? — pergunto, já indo para a cozinha.

— E se ele tiver companhia e você o estiver interrompendo?

— São apenas as roupas *dele* — indico, embora eu me prepare para fechar meus olhos rapidamente no caso de um Oliver nu e companhia estarem perambulando pela casa. Felizmente, isso não acontece, e encontro nosso gracioso anfitrião caído no chão da cozinha ao lado da geladeira vestido com um traje completo de Papai Noel, barba branca e tudo.

— Prima! — proclama quando me vê.

— Eu sou a amiga — digo a ele.

— E ainda assim você é como da família, tal é a nossa conexão.

Ele está perdido. Bêbado. *Embriagado.* Como você quiser chamar, o homem sentirá isso pela manhã.

— Você deveria ter usado isso na casa de Lara — brinco quando Andrew entra na sala atrás de mim.

— Você terá que me perdoar, geralmente sou muito mais civilizado do que isso, mas me encontrei com meu amigo Zac em Chelsea e ele insistiu.

— Ele insistiu? — pergunta Andrew categoricamente.

— Bem, eu não queria ser rude — diz Oliver, parecendo magoado por Andrew pensar em tal coisa.

— Preciso te levar ao hospital?

— Prefiro que você peça um tikka masala para mim.

— Que tal um copo de água e uma torrada?

Oliver suspira alto, mas não protesta e, enquanto Andrew dá a volta na cozinha, enfio a mão no bolso e entrego a ele a caixa de biscoitos de gengibre que peguei quando estávamos saindo do mercado.

Ele sorri para mim, virando-o em suas mãos.

— Você me deu um presente?

— Como agradecimento por nos deixar ficar.

— Isso é quase questionavelmente atencioso da sua parte, Molly, mas vou aceitá-lo no espírito que tenho certeza de que é intencional.

—... Ótimo.

Seus olhos se fixam no meu rosto, surpreendentemente focados.

— Você se divertiu? — pergunta ele, de repente urgente.

— Tivemos um ótimo momento.

— Você voltará para visitar então. Com ou sem Andrew, não tenho sentimentos fortes em relação ao homem.

Eu rio e ele começa a abrir a caixa.

— Sabe, tenho quase certeza de que há uma pizza pronta no freezer — grita ele para Andrew. — Eu não ousaria fazê-la eu mesmo, no entanto. Não neste estado. — Ele abaixa a voz para um falso sussurro. — Muito perigoso.

Eu sorrio, olhando por cima do ombro, mas Andrew não está nos ouvindo enquanto tira pão branco de um pacote de plástico, um olhar de concentração feroz no rosto. É só então que observo o ambiente bagunçado da cozinha, das inúmeras garrafas de vinho e bebidas alcoólicas alinhadas no balcão. Oliver deve ter tentado invadir os armários antes de ficar muito bêbado.

— Ei — chamo baixinho, me virando totalmente para encarar Andrew.

Leva um momento para que sua atenção volte para mim.

— Sim?

— Você poderia preparar as coisas dele para dormir? Eu cuido da torrada.

— Pizza — protesta Oliver, mas balanço a cabeça.

— A torrada fará o mesmo *e* você não acordará de manhã com metade dela grudada no rosto.

— Quer apostar?

Eu o ignoro, observando Andrew enquanto ele coloca uma fatia de pão cuidadosamente no balcão, seus olhos passando rapidamente entre ela e o álcool na ponta dos dedos.

— Claro — diz ele depois de um segundo, e desaparece sem dizer mais nada.

— Amo uma mulher no comando — diz Oliver enquanto faço a comida antes de forçá-lo a beber meio litro de água. Quando ele termina, Andrew já voltou e juntos levantamos Oliver.

Seu quarto fica, é claro, no sótão, e fico desapontada ao descobrir que seu quarto é incrivelmente comum em comparação com o resto da casa, com paredes caiadas de branco e uma colcha azul-marinho simples. Também é uma bagunça. Seus pertences estão espalhados por toda parte, mas sorrio ao ver os restos da decoração de Natal de Lara espalhados pelo chão, papéis coloridos descartados e algodão, como se ele tivesse passado o dia fazendo artesanato só para ela.

— Apenas mais duas noites até o Natal — diz Oliver grandiosamente enquanto Andrew o ajuda a subir no colchão. — Vou levantar de manhã para me despedir de você.

— Estou disposto a apostar tudo na minha mala que você não vai — diz Andrew. — E tenho um Toblerone gigante lá.

Oliver parece horrorizado quando seu primo se agacha diante dele.

— Você só está me contando isso agora?

— Obrigado por nos deixar ficar. Arrume um emprego de verdade.

— A qualquer momento. E absolutamente não. E, Molly! — Ele estica o pescoço para onde estou na porta. — Um prazer conhecê-la. Obrigado pelo meu presente.

— Obrigada por nos receber.

— Sempre, sempre.

Nós o deixamos dormindo e descemos as escadas, parando do lado de fora de nossas respectivas portas no andar de baixo.

— Desculpe por tudo isso — diz Andrew. — Há um em cada família.

— Gostei dele — digo. — Estou feliz por conhecê-lo.

— Sim, bem... — ele sorri um sorriso de boa noite, virando-se em direção ao seu quarto.

— Andrew? — Eu me aproximo dele, tentando adivinhar onde está sua mente, mas incapaz de dizer qualquer coisa por sua expressão. — Você está bem?

— Com Oliver? — Ele dá de ombros. — Ele é melodramático, mas tem boas intenções.

— Eu quis dizer com... ele está muito bêbado — termino, e Andrew fica tenso em compreensão.

— Estou bem — diz ele. — Nenhuma carroça caindo aqui. Meu primo não é exatamente um anúncio brilhante das maravilhas da bebida.

— Mesmo assim — tento novamente. — Podemos conversar se você quiser.

— Estou bem, Moll. Pare de se preocupar.

— Eu vou se você parar de mentir. — Nós dois ficamos surpresos com a exasperação na minha voz, mas vou com ela, não me importando mais. — Eu vou me preocupar — digo a ele. — Claro que vou me preocupar. Você não pode simplesmente me dizer que está passando por essa coisa incrivelmente difícil e não esperar que eu queira ajudar.

— Molly...

— Você não precisa fazer isso sozinho. — Assim que digo as palavras, tenho um flashback de Gabriela me seguindo pelo escritório, implorando para que eu fale com ela. Ela sabia que algo estava acontecendo comigo assim como sei que algo estava acontecendo com ele. E acho que agora finalmente entendo sua frustração. — Você pode falar comigo.

— Sei que posso. — Seu olhar suaviza com a dor óbvia em minha voz. — Eu sei, estou apenas... Isso tudo é muito novo para mim também. Além dos meus colegas de quarto, você é a primeira pessoa a quem conto.

Agora, isso me choca.

— Sério? Nem mesmo sua família?

Ele balança a cabeça.

— Ainda não. Ainda estou descobrindo como explicar isso para eles sem assustá-los.

— Mas e o Natal?

Ele sabe o que quero dizer. Ninguém gosta do estereótipo, mas a cultura de beber casualmente está muito viva na Irlanda. Ainda mais nesta época do ano, quando meus feeds de mídia social se enchem de mimosas de café da manhã e cervejas na hora do almoço com legendas de *Viva ao espírito natalino* e *Mais uma para a conta*. É esperado. Quase encorajado. E se você não participar, significa que algo está errado.

— Direi a eles que estou tomando antibióticos ou algo assim — diz Andrew. — Christian geralmente está de ressaca demais para tocar em qualquer coisa de qualquer maneira. Eu não estarei sozinho. Acho que não quero que ninguém me trate de maneira diferente.

— Mas eles vão — digo. — Eles precisam. — Dou mais um passo em direção a ele, aliviada por ele finalmente estar falando comigo, furiosa por não ter perguntado antes. Não percebi o quanto me sentia culpada desde que ele me contou. Quero dizer, exemplo sobre ser uma amiga ruim. Tão presa em meus próprios problemas, ano após ano, que nem percebi.

Andrew sorri, lendo meus pensamentos como se eu os falasse em voz alta.

— Você não pode levar a culpa por isso, Moll. Isso é tudo por minha conta.

Fiquei muito, muito bom em esconder isso. Até de mim mesmo.

— Quando você soube?

— Que eu tinha um problema? — Ele dá de ombros, tentando parecer casual mesmo quando uma rigidez se insinua em seu corpo. — Não houve nenhum sinal de alerta — diz ele. — Pelo menos não aqueles que você acha que sabe procurar. Eu não acordava de ressaca o tempo todo. Não estava com raiva ou mal-humorado. Ou pelo menos eu disse a mim mesmo que não. Mas estava se tornando uma coisa cotidiana. Cada refeição, cada evento. Toda vez que ia a algum lugar, sempre que fazia alguma coisa, era tudo em que conseguia me concentrar. Mas continuei dizendo a mim mesmo que, desde que não ficasse muito bêbado, não seria um problema. — Ele faz uma pausa, coçando a lateral do pescoço. É um gesto nervoso. Um que não estou acostumada a ver dele. — Eu estava em negação — diz ele eventualmente. — E acho que menti agora há pouco, não consegui esconder isso de todos. É por isso que Marissa e eu...

Endireito, percebendo o que ele está dizendo.

— Ah, meu Deus, Andrew.

— Ela me pediu para parar e não parei. Eu estava convencido de que ela estava exagerando. Mas ela podia ver. Seu pai teve problemas quando ela estava crescendo e ela não queria isso em sua vida.

Não tenho ideia do que dizer, então não digo nada, ouvindo como preciso começar a fazer.

— Ficou pior depois que ela se foi — diz ele depois de uma batida. — Só para ser previsível. Mas agora percebo que eu não poderia parar por ela. Eu precisava parar por mim. E parei.

— Isso é bom — digo. — Isso é *ótimo.*

Ele sorri com a minha seriedade.

— Ainda tenho momentos estranhos — admite. — O cara que dirige o programa diz que é bom evitar lugares com excesso de bebida, mas são os pequenos momentos que me incomodam. Os momentos tranquilos em que você pensa... talvez, não seria tão ruim. Talvez eu pudesse tomar apenas uma e depois parar. Mesmo sabendo que, no fundo, não vou. E hoje à noite? Passar com você, sabendo que verei minha família amanhã? Que melhor maneira de terminar um dia perfeito?

— Então me diga quando isso acontecer — digo. — Deixe-me estar lá para você. Mesmo que seja apenas como uma distração.

— Uma distração, hein? — Sua voz fica suave quando ele olha para mim. — Você quer ser minha distração, Moll?

Não respondo, sentindo como se estivesse presa no lugar enquanto engulo, minha

boca seca de repente. Seus olhos caem para minha garganta com o movimento antes de descer para o colar que ele me deu. Acho que nem estou respirando quando ele estende a mão, puxando a corrente por baixo do meu suéter para que fique por cima.

— Obrigada por me contar — sussurro, enquanto ele brinca com ele. — Você pode me dizer qualquer coisa. Você sabe disso, certo?

— Eu sei. — Ele solta o pingente, mas sua mão permanece onde está, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, no que está rapidamente se tornando seu movimento de assinatura. — Mas só para constar — diz ele. — Você não pode me contar coisas.

Ele sorri enquanto desvia do meu golpe, dando um passo para trás e colocando uma distância muito necessária entre nós no processo.

— Prometo te contar quando ficar demais — diz ele. — E você pode me distrair como quiser.

Faço uma careta, pensando que ele voltou a brincar, mas ele balança a cabeça.

— Prometo — repete, e parece tão sincero que, dessa vez, eu acredito nele.

— Devíamos dormir um pouco — digo finalmente, pensando em nosso último dia de viagem amanhã. — Se acordarmos e a balsa for cancelada, eu digo para comprarmos o máximo de comida que pudermos carregar e fazermos smores naquela lareira gigante lá embaixo.

— E você diz que não celebra o Natal.

— Boa noite, Andrew. — Abro a porta do meu quarto, desviando meu olhar do dele enquanto entro.

— Bons sonhos — grita atrás de mim, e ouço sua própria porta fechar antes de fazer o mesmo com a minha.

Lá dentro, acendo a luz de cabeceira e troco de roupa, deixando a calcinha e a camiseta para usar como pijama antes de lavar o rosto no banheiro. Com quase nada comigo, não demoro muito para fazer as malas para amanhã. Minha bolsa de laptop permanece intocada onde Andrew a deixou naquela tarde e tenho uma camiseta extra para usar na viagem. O resto eu dobro na bolsinha de onde as comprei e coloco ao lado dos meus sapatos, alinhados ordenadamente no final da cama.

Quando termino, coloco o grosso roupão cinza pendurado na parte de trás da porta do banheiro e fico olhando para a cama.

Sei que preciso pelo menos tentar dormir um pouco. Que vou me odiar amanhã se não o fizer. Mas acho que nunca estive tão acordada, minha mente pulando de uma coisa para outra.

Minha pele está tensa. Meu corpo inquieto.

*Um dia perfeito.*

Foi o que ele disse sobre hoje. *Perfeito*.

Há um ruído arrastado na parede que nos separa, provavelmente ele apenas conectando algo, mas ao ouvir isso eu fico tensa, de repente dolorosamente consciente de quão perto ele está.

Antes que eu saiba o que estou fazendo, estou fora da minha porta, marchando os dois passos necessários para chegar até a dele, onde bato, quase machucando os nós dos dedos contra a madeira até ouvi-lo xingar do outro lado.

— Oliver — rosna enquanto abre. — Juro por Deus se você...

Andrew para de falar assim que me vê.

— Você está bem? — pergunta, instantaneamente preocupado.

Estou? Penso seriamente sobre a minha resposta enquanto observo seu cabelo bagunçado, seus olhos gentis e sua camisa estúpida dizendo, *Yule conseguiu isso.*

— Não — digo, e pressiono a mão contra o centro de seu peito, empurrando-o de volta para o quarto.

# Capítulo Dezesseis

Está escuro do outro lado da porta. Ele ainda não acendeu uma lâmpada, e as luzes da rua do lado de fora lançam tudo em um estranho brilho roxo e laranja. Atrás dele, o quarto está arrumado. Ele mal desfez as malas além de sua bolsa de banho e uma camiseta sobressalente jogada na cama, pronto para acordar e ir amanhã. Pronto para deixar tudo isso para trás.

Fecho a porta com esse pensamento, mas mantenho uma mão na maçaneta para o caso de me acovardar.

— Molly?

— Só não fale por um segundo. — Para minha surpresa, ele faz o que eu peço, deixando-me ficar ali, observando-o em silêncio. E eu o observo, meus olhos viajando de seu rosto, descendo até seu peito, seu jeans, e de volta para cima novamente.

*Ou se você for super burra e nunca percebeu o que está bem na sua frente?*

As palavras de Gabriela ecoam em minha mente enquanto o encaro. Fico olhando para ele por tanto tempo que minha mão começa a ter cãibras na maçaneta e preciso soltá-la.

— Você me beijou — digo, e ele fica tão imóvel que juro que ele não está respirando. — Não para limpar minha mente. Não porque você pensou que eu estava sendo engraçado. Você me beijou porque quis.

— Beijei — diz ele, e meu coração gagueja com essa palavra simples. Mas ainda não é o suficiente. Não entendo e não sairei daqui até que eu entenda.

— Você já quis me beijar antes?

— Molly...

— Já?

Um músculo salta em sua mandíbula, me fascinando antes que ele responda.

— Uma vez — admite, forçando a palavra. — Anos atrás.

— Quando?

— Temos que acordar em cinco horas. Você realmente quer fazer isso agora?

— Você quer esperar mais dez anos?

Ele ri, mas não discute mais, parecendo quase envergonhado quanto mais eu o observo.

— Nosso terceiro voo — diz finalmente, e então, tão baixinho que nem tenho certeza se ouvi direito: — Você estava usando um elástico vermelho.

Eu franzo a testa para ele, confusa.

— Esse foi o nosso primeiro voo de verdade.

— Eu acho.

— Isso foi há sete anos atrás.

— Eu...

— Você queria me beijar por sete...

— Eu queria te beijar *lá* — enfatiza. — Mas você não parava de falar sobre seu namorado, não é? Então deixei isso para trás.

Ele deixou para trás.

— E você? — pergunta, enquanto eu surto. — Você já quis me beijar antes?

— Não.

Ele espera um instante para eu continuar, bufando quando não o faço.

— Tudo bem, obrigado, Molly.

— Eu não quis! — É a verdade. — Não até o outro dia. — Quando se tornou a única coisa que eu sempre quis. Como se alguém tivesse ligado um holofote e apontado diretamente para ele. — Gostei quando nos beijamos — digo porque parece algo que precisa ser esclarecido para ele. — Mas então você começou a brincar...

— Você disse que não queria fazer isso de novo.

— Eu estava obviamente *mentindo!* — exclamo. — E você disse que não era grande coisa.

— Porque você estava agindo de forma estranha!

— Porque *é* estranho! *Isso* é estranho. Nunca me senti assim com você.

— Sentir o que?

— Bem, agora, como se eu quisesse empurrá-lo — retruco. — E caso contrário... — caso contrário, como toda a minha vida estivesse me levando até aquele momento. — Gostei quando nos beijamos — repito, cruzando os braços sob o peito.

— Então, por que você surtou?

— Porque não queria estragar nossa amizade. Gosto da nossa amizade. É importante para mim e não queria perdê-lo.

— Você não vai.

— Você não sabe disso. Você não sabe. E pelo que eu sabia, você não sentia nada além de amizade por mim, o que significa que eu estaria tornando as coisas muito estranhas para nós dois, e se você *sentisse* mais... — eu me atrapalhei com as palavras, confusa agora que estávamos chegando ao coração das coisas. — Se você sentisse e nós tentássemos alguma coisa, não há como dizer se duraria ou não, e pronto. Dez anos foram embora. Você não pode voltar atrás em algo assim. Algumas coisas não podem

ser desditas.

— Então, você está com medo de gostar de mim porque está com medo de me perder?

A vontade de se esconder é forte.

— Bem, quando você diz isso me faz parecer patética, então não.

— Moll... — sua voz está cheia de ternura quando ele dá um passo em minha direção. — Olhe para mim, não vou a lugar nenhum.

— Eu sei.

— Não sabe. E esse é o problema. Tudo o que você acabou de dizer? Também me preocupo com isso. E não abrirei mão de algo assim, alguém como *você,* assim tão fácil. — Ele faz uma pausa, franzindo a testa ligeiramente. — Eu não deveria ter enganado você para me beijar na Argentina. Foi egoísta. E você está certa. Eu queria te beijar. Quando percebi que você também me queria... — ele balança a cabeça, seu olhar intenso enquanto olha para mim. — Agarrei a chance.

Agarrou.

Ninguém nunca me agarrou.

Não sei por que isso me excita tanto.

— Acho que todo mundo fica um pouco louco durante as férias — sussurro, e honestamente coro com o olhar em seus olhos.

Fica muito claro para mim então que tenho duas opções. Posso voltar para o meu quarto e dormir, e continuaremos na ponta dos pés até que um de nós quebre.

Ou posso ficar onde estou. Posso ficar onde estou e posso...

— Sete de dez? — pergunto.

Sua confusão dura apenas um segundo, antes que ele perceba o que estou dizendo.

— Acho que a prática leva à perfeição — diz ele calmamente.

E então tudo acontece de uma vez.

Fecho o espaço entre nós e entro nele, totalmente dentro dele. Peito contra peito, quadril contra quadril, até que apenas nossos rostos não estejam pressionados juntos. Andrew fica tenso contra mim, mas não me permito ler muito sobre isso e, quando ele não se afasta, inclino minha cabeça para cima e pressiono meus lábios nos dele.

Não é o movimento mais suave que já fiz. Mais *eu te desafio a parar com isso* em vez de *vamos explorar essa coisa recém-descoberta e delicada entre nós*, e ainda assim, funciona. O calor flui através de mim novamente, uma forte sensação de retidão que preenche e acalma cada centímetro de mim. Lugares que eu nem sabia que precisavam de alívio, como a tensão nervosa em minha barriga e o aperto em meus ombros. Tudo se desfaz com uma facilidade ridícula, como se dissesse: *Olha, sua idiota, isso era tudo*

*que você precisava fazer. Estava bem na sua frente o tempo todo.*

Ainda há um pouco de açúcar na boca dele, sobra de seus churros, e, quando passo a língua para fora para lambê-lo, ele faz um barulho que nunca ouvi dele. Minhas mãos vão para o cabelo dele, passando de uma carícia para um aperto enquanto o seguro para mim, nossos beijos ficando mais profundos, mais carentes até que os espaços entre eles diminuem, até que mal paramos de nos tocar. E nunca quero parar de tocar. Beijar Andrew Fitzpatrick foi a melhor decisão que já tomei e estou descaradamente prestes a dizer isso a ele quando ele se afasta, me empurrando um centímetro para que haja espaço entre nós.

Minha respiração está irregular, a dele tão ruim quanto, e acho que talvez seja isso e vamos voltar a conversar ou ele me dará boa noite e vou querer o que quer que seja o equivalente feminino de bolas azuis, mas em vez disso seus olhos caem do meu rosto até onde meu roupão está amarrado frouxamente em volta da minha cintura. Ele estende a mão para lá, passando o dedo ao longo do nó frouxo antes que um puxão gentil o solte.

Não estou exatamente usando a lingerie mais sexy por baixo. A camiseta é de algodão branco liso, a calcinha preta e prática, mas Andrew não parece se importar, seu olhar intenso enquanto suas mãos deslizam sob a bainha da camisa e ao redor da minha cintura, ficando mais seguro a cada centímetro até que me segura firme.

— Está tudo bem? — pergunta.

Só posso acenar com a cabeça, mal conseguindo formar um pensamento enquanto ele desenha um caminho até a pele sensível do meu peito. Minha blusa sobe conforme ele vai, revelando meu estômago quando ele para um pouco antes dos meus seios. Seus dedos estão quentes o suficiente para queimar.

— Fale, Molly.

— Está tudo bem — digo, mas ele faz uma pausa pelo o que ouve na minha voz e traz seu toque de volta para os meus quadris. Antes que eu possa dizer a ele para continuar, ele deixa cair seus lábios nos meus, e tudo bem, isso é bom também.

Respondo com um entusiasmo que poderia ter ficado envergonhada de mostrar com outro parceiro, mas com Andrew não hesito, passando um braço em volta de seus ombros enquanto me pressiono contra ele, dando a ele, desta vez, nenhuma dúvida sobre o que eu quero. Ele entende a dica.

Ele me beija. Mais forte do que antes. Tão forte que estou ofegando contra ele, me esforçando para acompanhá-lo, e minhas costas batem na porta antes que ele nos gire para longe dela. Ele faz isso tão rápido que quase tropeço e tento me concentrar no beijo enquanto me concentro em ficar de pé e me concentro em Andrew. Andrew, que está me conduzindo para a cama e me seguindo até ela. Que está me oprimindo

até que ele seja tudo que sei, até que eu pare de pensar em qualquer coisa que não seja o calor dele e o calor por causa dele.

Minhas pernas se separam e ele cai no berço das minhas coxas, nossos corpos empurrando um contra o outro até que um pulso passa por mim, profundo e necessitado.

Quero a camisa dele longe. Quero a camisa dele e a minha longe. Quero minha pele contra a dele e meu corpo contra o dele, e quero agora e pelo resto da noite e para todo o sempre.

E ainda assim, ele me beija enquanto seus dedos se movem novamente sob minha blusa, finalmente indo exatamente onde eu quero, onde *preciso* que eles vão, e dane-se nossa amizade. Tenho uma vida para viver aqui e quero que seja esta. E com meus lábios nunca deixando os dele, alcanço a barra de sua camiseta, com a intenção de retirá-la e ceder a tudo que eu quero, quando somos interrompidos por uma batida firme e zombeteira na porta.

Eu não sabia que as batidas podiam parecer zombeteiras, mas de alguma forma esta consegue.

— Ei, garanhão?

Andrew congela acima de mim, sua expressão quase cômica.

— Você só pode estar brincando — diz ele, tão perto de mim que sua respiração roça em meus lábios.

— Romeu? — grita Oliver de novo.

— Estou dormindo — grita Andrew.

— Não vou cair nessa de novo — diz Oliver, suas palavras arrastadas. — Você sabe que não sou do tipo que impede um homem de relaxar, mas infelizmente preciso de uma ajudinha. Não vou mentir para você, depois de toda aquela água, estou precisando desesperadamente de uma mijada, mas não consigo encontrar a saída deste maldito traje.

Andrew olha para mim e, antes que eu possa me conter, passo o dedo em seu nariz. Uma expressão quase de dor cruza seu rosto.

— Estou cansado, Oliver.

— Molly é bem-vinda também — diz seu primo em tom de conversa, e coloco a mão sobre minha boca quando o constrangimento dispara através de mim.

— Ela também está dormindo — grita Andrew.

— Não acho que foi um ronco que ouvi.

Cristo em uma bicicleta.

— Ou talvez tenha sido apenas um sonho muito bom?

Andrew revira os olhos e começa a se inclinar, mas eu o interrompo com a mão

em seu peito.

— O que você está fazendo? — sussurro.

— O que parece? — pergunta, e não posso deixar de sorrir com seu tom irritado. Eu o empurro novamente e ele segue o movimento, desabando ao meu lado.

— Não quando ele ainda está lá fora — digo a ele.

— Ele não está.

— Oh, não, eu ainda estou aqui — grita Oliver. — Ouvindo também. Paredes surpreendentemente finas, sabe. — Ele bate novamente e Andrew lança um olhar furioso para a porta antes de se virar para mim. Um olhar para o meu rosto e ele reconhece a derrota.

— Me dê um minuto — diz ele, e dou um tapinha em seu braço.

— Excelente! — Oliver parece encantado e um momento depois ouço o arrastar suave de seus chinelos contra as tábuas do assoalho.

Nenhum de nós se mexe, Andrew ainda me olhando como se esperasse que eu mudasse de ideia.

— Você deveria ir — digo enquanto olho para baixo em seu corpo, para a evidência do que senti contra mim alguns momentos atrás.

— Ele terá que esperar um minuto — resmunga Andrew, e mordo meu lábio, tentando não parecer presunçosa. Certamente me sinto presunçosa. E Andrew também sabe disso, bufando enquanto desce da cama e pega meu roupão do chão. Ele se recosta no colchão enquanto eu o coloco.

— Você está bem? — pergunta com cuidado.

Concordo com a cabeça, parando para olhar para ele.

— Você?

— Sim.

— Tudo bem então — sussurro, e nós sorrimos um para o outro como se estivéssemos compartilhando uma piada, ou talvez apenas compartilhando quão ridículo isso é. Da melhor maneira possível.

— Boa noite, Andrew — digo, desviando meu olhar da visão dele, deliciosamente amarrotado no final da cama. Sinto seus olhos em mim enquanto me dirijo para a porta e não é até que estou do outro lado, fechando-a, que ouço sua resposta baixa.

— Boa noite, Moll.

# Capítulo Dezessete

três anos atrás

## Voo Sete, Chicago

— Eu odeio homens. Eu odeio eles. Quero dizer, olhe para essa porcaria. *Olhe.*

Andrew recua quando enfio o telefone em seu rosto, mostrando a ele uma foto de Mark e sua nova namorada. *Noemi.* A mulher com a pele sem poros.

— Viu? — exijo quando ele não diz nada.

— Vi o quê? Sua tela está bloqueada.

Solto meu braço com uma carranca, digitando minha senha com tanta força que machuco meu polegar.

— Molly...

— Espere — murmuro enquanto coloco os dígitos certos. — Aqui. — Viro meu telefone para ele com uma das mãos e alcanço minha sacola gigante de caramelos duty-free com a outra. — Faz três semanas que terminamos. Três semanas e já estão de férias juntos. Você sabe o que isso significa?

— Não consigo pensar em uma única resposta que faria você não gritar comigo.

— Isso está acontecendo há muito mais tempo — digo, ignorando-o. — Mark me traiu.

— Você não sabe disso.

— Eles estão na *praia* — digo, indo para a próxima foto. — Bebendo água de *coco.*

Ele começa a concordar antes de balançar a cabeça quando eu apenas olho para ele.

— Moll, não vou mentir para você; sou extremamente ruim em papo de garotas, então toda essa conversa está me deixando nervoso por receio de dizer a coisa errada.

— Bem, problema seu — estalo. — Porque você está sentado ao meu lado por sete horas, o que significa que você tem que contribuir com o meu colapso. Essa é a regra da amizade.

— Mas é uma regra *de avião?* — começa quando começo a percorrer as últimas postagens de Mark. Amargura me apunhala com cada uma, como se meu coração estivesse partindo novamente.

Levei um fora três vezes na minha vida e cada vez foi *uma droga.* Uma droga *demais*. E...

— Acho que chega disso — diz Andrew, pegando o pacote de caramelo de mim. — Tenho certeza de que todos aqui prefeririam que esses sacos de vômito permanecessem decorativos pelo resto do voo.

Engulo o torrão de açúcar na minha boca, ciente de que estou agindo como uma criança fazendo birra, mas incapaz de parar. Entre Mark e mais responsabilidades no trabalho, alguns dias parecia que eu estava por um fio.

— Isso é o que *conheci outra pessoa* significa — digo, continuando a conversa que eu estava tendo na minha cabeça. — Significa, *eu estive traindo você.* — Fui muito estúpida para perceber isso. Ninguém termina com alguém porque vê outra pessoa do outro lado da rua e diz: *Sim! É ela!* Ele teria começado algo com ela semanas atrás. Talvez não indo até o fim, mas seguindo em frente emocionalmente antes de me surpreender em uma noite chuvosa de terça-feira com um discurso bem ensaiado e um pacote de lenços porque ele sabia que eu ia chorar, e eu chorei. — Posso ter meu caramelo de volta?

— Não.

Faço uma careta quando Andrew empurra o pacote para o lado de seu assento. Ele está vestindo um suéter com um cachorro que diz, *Dachshund through the snow*, o que honestamente parece um pouco preguiçoso, mas ele me disse que sua namorada comprou para ele, então não é como se eu pudesse dizer isso a ele.

— Acho que você deveria terminar também para que possamos ser miseráveis juntos — digo ao pensar nela.

— Isso *fazia* parte do nosso contrato.

Contrato. Eca. Eu ainda estava esperando uma resposta de um dos meus clientes sobre...

— Pare de pensar nele — diz Andrew.

— Não estou. Estou pensando em trabalho.

— Tão ruim quanto. Por que você não pensa em *Esqueceram de Mim 2* hífen *Perdido em Nova York?*

— Ninguém diz o título assim.

— Porque eles não têm o devido respeito por *Esqueceram de mim 2* híf...

Eu o interrompo com um gemido quando ele começa a percorrer as opções na minha tela. Ele já carregou o filme no dele.

— Você vai se casar com Alison — digo enquanto ele conecta os fones de ouvido. — Você se casará com Alison e *eu* terei que ficar com alguém no seu casamento. Seu irmão ainda está solteiro?

— Você não ficará com meu irmão.

Eu bufo com a rejeição clara em sua voz.

— Por que não? Sou uma delícia. Você não me quer em sua família?

— Não assim, não.

— Eu me contentaria com um primo de terceiro grau — digo, mas isso só parece deixá-lo mais furioso.

— Sem acordo.

— Bem, eu terei que fazer *alguns* ajustes, já que não consigo manter um relacionamento por mais de um ano. Quero dizer, deve haver algo errado comigo, a esse ponto. — Lamento as palavras assim que as pronuncio, estremecendo quando Andrew olha para mim. Por que não expor todas as minhas inseguranças para que todos na minha vida saibam? Por que não para todos no avião! Parece um ótimo plano. Super saudável. — Desculpe — digo. — Posso ou não estar tendo um dia ruim, não sei se você pode dizer.

Andrew não responde, apenas levanta um fone de ouvido até que eu aceite, encaixando-o no lugar e colocando um dedo sobre o botão play para que possamos sincronizar. Mas Andrew não se move, ainda me observando com aquela expressão séria que me deixa desesperada para preencher o silêncio.

— Ok, então eu posso ter exagerado sobre as águas de coco também. Mas...

— Mark não merece você — interrompe. — E não me importo se ele encontrou sua alma gêmea ou se passa o fim de semana resgatando cães de rua. Ele te machucou, então eu o odeio. E eu gostaria muito de dar um soco nele por quebrar seu coração. Na verdade, se alguém fizer você pensar que é menos do que é, ou que não merece tudo o que almeja, tornarei a vida deles tão miserável quanto você quiser. Trotes no telefone. Pedras em seus sapatos. O que quer que você me peça para fazer, eu farei. Você é trabalhadora, apaixonada e gentil e um dia... um dia você encontrará alguém que a iluminará ainda mais do que você já se ilumina. E ele terá sorte de ter você.

Eu só posso olhar para ele enquanto ele fica lá, tão sem palavras que não percebo ele devolvendo meu saco de caramelo até que ele o deixa cair no meu colo.

— Ok? — pergunta, enquanto eu pulo.

— Ok.

— Sem se conformar com menos?

— Sem me conformar com menos. — As palavras saem como um sussurro, mas algo em meu rosto deve satisfazê-lo, porque ele balança a cabeça, voltando sua atenção para a tela.

— Bom — diz ele, apertando play. — Agora assista ao maldito filme.

# Agora, Londres

Na manhã seguinte, estou no saguão da estação de Euston, esperando que Andrew volte com nossos cafés prometidos quando o que, honestamente, parece que onze milhões de pessoas convergiram ao meu redor. São seis e quarenta da manhã da véspera de Natal, e ninguém parece particularmente feliz por estar aqui. Pais agarram as mãos de crianças com olhos turvos e viajantes solteiros e casais ficam tão sombrios quanto eu, carregados de sacolas e suando em seus casacos. Todos olham para seus telefones ou para o grande quadro acima, que pisca a cada trinta segundos com destinos e horários de partida.

É o caos. E mais uma vez, penso em como isso não deveria acabar assim. Andrew e eu deveríamos ter aproveitado uma hora no lounge da primeira classe antes de flutuar para nossos assentos. Deveríamos ter aproveitado nosso voo com conforto e luxo antes de nos separarmos como de costume no aeroporto, eu em um táxi e ele em um ônibus para levá-lo para casa. Nós deveríamos estar em nossas respectivas casas agora, o que significa que eu não estaria aqui, com frio, mal-humorada e exausta.

Eu também não o teria beijado.

Não teria feito muito mais do que apenas beijá-lo.

Ou talvez eu ainda teria.

Olho para o painel, esperando que nossa plataforma apareça enquanto brinco com o cachecol em volta do meu pescoço. Cachecol de Andrew. Debaixo dele está o colar que ele me deu, aquele que ainda não tirei. Eu corro meu dedo sobre o pingente, tremendo quando me lembro da sensação dele na noite passada. Não quero nem pensar no que teria acontecido se Oliver não tivesse nos interrompido.

Quer dizer, eu quero pensar *muito* sobre isso, mas...

— Três e cinquenta por um croissant — anuncia Andrew enquanto aparece no meio da multidão com nosso café da manhã. — Existem os preços de Londres e daí existe apenas roubo à luz do dia.

— Então você não pegou nenhum?

— Não, eu peguei dois. Já vi você com fome, ninguém quer isso.

Eu sorrio quando ele me passa um café, tomando um gole enquanto morde um dos doces.

— Por que essa cara? — pergunta. Estou surpresa com a sugestão de preocupação que ouço. Como se ele tivesse medo de ser a razão do meu humor.

— Estou pensando naquelas passagens de primeira classe — digo. — E quanto aquela experiência não teria sido esta experiência.

— Ah, é bom estar no meio do povo — diz. — Mantém você com os pés no chão.

— Sinto que estou a um olhar errado de gritar com o lugar todo.

Ele dá de ombros, seu olhar passando distraidamente pela multidão.

— Nós podemos lidar com isso. Qual é o seu limite?

— Meu limite?

— O seu limite de *eu-já-tive-o-suficiente-e-não-me importo-com-o-quão-mau-humorada-estou.* — Andrew toma outro gole de seu café. — O meu é se quebrar. Não me importo de esperar para trocar de motorista, mas se quebrar, estou oficialmente enlouquecendo.

— Ainda não sei qual é o meu.

— Você aguenta um bebê chorando? Bebê chorando é um bom. Também há comida com cheiro forte, considerando o quão cedo é de manhã. Esse seria o limite número um muito forte para mim, se eu não tivesse tanta certeza de que algo extremamente ruim não iria acontecer.

— Não diga isso.

— Não quero dizer um acidente — diz ele casualmente. — Mas pelo menos um atraso de três horas, resultando em uma balsa perdida.

— Você está sendo pessimista. *Eu* sou a pessimista. Eu sou a mais pessimista.

— Você está seriamente tentando me vencer no pessimismo?

— Tentando? — pergunto, e ele sorri, deixando a conversa morrer.

Ainda não falamos sobre ontem à noite. Não é como se tivéssemos ignorado. Saímos de casa há apenas uma hora e antes disso estávamos nos arrumando. Teremos que reconhecer isso em algum momento. E dizer o que, eu não faço ideia. Não faço ideia porque ainda não sei como me sinto sobre isso.

Não me arrependo. Mas também não sei o que isso significa. Nunca fui uma daquelas pessoas que analisam demais seus relacionamentos. Mas isso é porque eles seguiram um padrão tradicional. Conheça um cara, converse com um cara, namore um cara. É isso. Nada do que quer que seja isso. Não o que quer que nós...

— Você sabe que faz essas caras quando está pensando muito sobre alguma coisa?

Eu desperto, derramando meu café sobre a tampa enquanto aperto o copo com muita força.

— Huh?

— Como se você estivesse tendo uma conversa interna — continua Andrew, me observando com curiosidade. — Você começa a fazer essas expressões. Você sabia disso?

Eu não sabia.

— Sobre o que você está falando consigo mesma?

— Você.

Suas sobrancelhas se erguem, um sorriso começando antes de eu derrubá-lo.

— Você tem migalhas na frente do seu casaco.

Seu sorriso desaparece enquanto ele os afasta e eu me viro, um pouco afetadamente, devo dizer, de volta ao saguão.

Talvez ele esteja esperando que eu fale sobre ontem à noite. E tudo bem. Tudo bem, afinal de contas, iniciei a maioria dos eventos de amizade não platônicos entre nós. Sei que ele não se arrepende, porque está agindo completamente normal como prometeu que faria, então talvez ele esteja apenas esperando. Por mim. Por um *Ei, lembra quando quase transamos algumas horas atrás? Lembra quando nos beijamos por alguns minutos e apalpamos um ao outro e...*

— Eu vou te dar cem dólares se você me disser o que está pensando agora.

— Só não olhe para mim! — exclamo, e passo na frente dele para que ele só possa ver a parte de trás da minha cabeça. Assim que o faço, o painel muda e Andrew aponta para onde nosso número de plataforma acabou de aparecer.

— A seacht — diz ele, falando em irlandês enquanto puxa a alça da mala. — Número siete. Sortudo número sete.

— Ok.

— Por aqui, Molly. Deixe-me mostrar-lhe o caminho para ir para casa. Para as colinas verdes da Irlanda. A velha Esmeralda...

— Eu entendo — estalo, e ele ri.

Uma coisa boa sobre sua mala ridícula: ela abre um pequeno caminho para mim no meio da multidão. Ao nosso redor, dezenas de pessoas se afastam, fazendo o mesmo. Este trem, como todos os outros, só tem espaço para ficar em pé. Há filas na barreira e novamente na plataforma, com algumas pessoas chegando a erguer a bagagem sobre a cabeça para se espremer até as portas.

Fica um pouco tenso, e não demora muito até que algo bata no meu ombro, seguido por um pedido de desculpas abafado quando um homem com um violão passa por mim.

Olho para ele com desconfiança.

— Se ele começar a tocar aquela coisa, vamos para um vagão diferente — digo a Andrew.

— Esse é seu limite?

— Esse é meu limite.

Por algum milagre, conseguimos encontrar um lugar para nossas malas e ninguém está sentado em nossos assentos reservados, então também não precisamos fazer ninguém se mover.

Ainda assim, prendo a respiração, esperando que algo aconteça. Para uma árvore

nos trilhos ou um motor com defeito. Mas todos embarcam e, eventualmente, com cautela, saímos da estação e abrimos caminho entre os prédios do norte de Londres.

Começo a me sentir um pouco melhor.

Acho que o Andrew também. Ele não faz nada nos primeiros minutos da viagem, sentando-se rigidamente ao meu lado antes de abaixar os ombros com um suspiro silencioso. Mais um minuto e ele abre a mesma *National Geographic* que tinha em Chicago, junto com um livro de suspense que deve ter adquirido com nossos cafés.

Luto contra um bocejo e me viro para a janela, observando enquanto o céu começa a clarear e a cidade dá lugar aos campos verdes do campo que compõem minha visão pelas próximas horas. Devo ter cochilado, porque a próxima coisa que sei é que Andrew está me sacudindo para me acordar enquanto o condutor anuncia nossa chegada iminente a Holyhead. Ainda temos mais uns vinte minutos, mas previsivelmente todos se levantam para esticar as pernas e o trem logo se enche de gente passando malas e recolhendo seus pertences.

Há uma diferença marcante de humor de quando entramos no trem para quando saímos dele. Não há empurrões desta vez. Todo mundo está sorrindo, de repente tagarelas agora que estamos a meio caminho de casa. Começo a ficar um pouco impaciente enquanto esperamos nossa vez de sair, mas isso desaparece assim que piso na plataforma e estico minhas pernas. Não posso ver o mar, mas posso sentir seu cheiro, fresco, salgado e vivo. Posso ouvir também, o guincho das gaivotas, a buzina de um navio partindo. É um dia ensolarado no País de Gales, as nuvens brancas se esvoaçam acima de nós, e o ar está o mais claro que já experimentei em meses.

Respiro fundo, virando para Andrew enquanto ele me passa minha bolsa.

— Acabei de me lembrar de uma coisa.

— É? — Ele está distraído, certificando-se de que temos tudo enquanto coloca o casaco.

— É. Eu amo a balsa.

Ele ri tão alto que uma criança próxima olha para ele alarmada.

— Nunca estive em uma.

— Sério?

Ele hesita.

— Acabei de cair muito em sua estima, não é?

— Você nunca esteve em uma balsa? Elas são as melhores!

— Acredito em você.

— Vou levá-lo para o convés quando chegarmos a Dublin.

— Você pode fazer o que quiser comigo — diz ele, apenas para sorrir com o olhar que dou a ele.

Despachamos a mala dele e, em seguida, esperamos um pouco no controle de passaportes antes de seguirmos por um longo corredor, direto para o navio.

É menor do que me lembro, provavelmente porque a última vez que andei em um eu era criança, mas ainda há muito espaço para se movimentar, e passamos alguns minutos explorando antes de pegar sanduíches de peru e presunto no refeitório. O próprio Papai Noel faz uma aparição, o que deixa todas as crianças a bordo em um frenesi. A criança interior de todos também, considerando que Andrew nos faz ficar na fila por vinte minutos para dizer olá e obter um chaveiro com a marca da empresa por nossos esforços. O resto da jornada é gasto assistindo *Elf* em uma das telas gigantes da televisão antes de eu arrastá-lo para se juntar às outras almas corajosas no convés aberto. Um vento forte nos atinge assim que o fazemos, mas encontramos um pouco de abrigo quando nos aproximamos do porto, Andrew uma presença acolhedora enquanto ele se aglomera nas minhas costas, protegendo-me do pior do vento.

A esta altura já é fim de tarde e o dia está virando noite, mas mil luzes nos dão as boas-vindas onde a cidade de Dublin abraça a baía.

— Aposto dez dólares que afundamos — diz Andrew, sua boca bem perto da minha orelha para que ele possa ser ouvido acima do barulho do motor.

— *Você* vai afundar — digo. — Sou uma excelente nadadora.

Ele ri enquanto se aproxima, seus braços me envolvendo enquanto segura o corrimão de cada lado meu. Fico muito quieta, praticamente prendendo a respiração enquanto ele se inclina.

— Obrigado — diz ele.

— Pelo que?

— Por me levar para casa no Natal.

— Você não está em casa ainda — aviso, mas ele me ignora. Seus lábios roçam minha bochecha, suas mãos enluvadas pousam nas minhas, o que exatamente dois segundos atrás, eu estaria mais do que bem, então posso entender sua surpresa quando imediatamente me desvencilho, subindo o navio.

— Ok, então isso é o que chamamos de sinal misto — grita ele atrás de mim, mas mal o ouço, minha atenção na costa que se aproxima rapidamente. — E supostamente não podemos fazer isso? — Ele me puxa bruscamente para trás enquanto me inclino sobre o corrimão.

— Está tudo bem.

— Assim como ficar atrás da linha de segurança.

A buzina do navio soa quando nos aproximamos do porto e faço sinal para que Andrew fique ao meu lado antes que percamos.

— Precisamos acenar!

— Para quem? — pergunta, ainda soando um pouco descontente por eu ter arruinado o momento.

— Para eles.

Aponto por cima do corrimão para a parede plana de pedra que leva ao farol de Poolbeg, em Dublin. As pessoas pontilham o caminho, fazendo suas caminhadas na véspera de Natal, e levantam os braços enquanto passamos.

Estamos muito longe para vê-los com clareza, muito longe para realmente vê-los na penumbra, mas posso apenas distinguir seus gritos fracos, posso ver seus movimentos exagerados quando dizem olá.

— É como se estivessem te dando as boas-vindas em casa — digo, olhando para Andrew quando ele não responde. Ele não está nem olhando para eles, seu olhar fixo em mim com o maior sorriso no rosto.

— Não ria — advirto, de repente autoconsciente.

— Não vou.

— Você está prestes a rir.

— Porque você é adorável.

— Acene para o bom povo de Dublin — ordeno, e ele acena com a cabeça, controlando suas feições em uma expressão séria quando se junta a mim no corrimão.

— Posso gritar? — pergunta.

— Dentro do razoável.

Ele parece considerar isso por um momento antes de erguer as mãos.

— *Olá!* — grita sobre o barulho. — *Feliz Natal!*

— Andrew...

— *E Feliz Ano Novo!*

— Você pode parar agora.

— É aliviador — diz ele. — Tente.

— Não.

— Te desafio.

Eu bufo, mas quando a buzina soa novamente, não é como se alguém pudesse nos ouvir.

— Vá em frente — insiste Andrew, e pressiono meus lábios antes de imitá-lo.

— *Feliz Natal!* — grito, e ele sorri.

— De novo — diz ele, então eu repito. E juntos gritamos e acenamos até nossas vozes ficarem roucas e nossos braços se cansarem e um anúncio soar pelo interfone, incitando-nos a voltar para dentro para desembarcar.

Só então Andrew me puxa do corrimão e rimos, sem fôlego, enquanto descemos

as escadas atrás dos outros e nos preparamos para ir para casa.

# Capítulo Dezoito

Um alegre motorista com um chapéu de Papai Noel está lá para nos receber quando saímos do porto, seu sotaque é tão forte que levo um momento para me ajustar.

— Bem? — brinca ele enquanto colocamos nossa bagagem no bagageiro. — O que vocês me trouxeram?

Andrew não consegue tirar o sorriso do rosto enquanto nos sentamos. Escolhemos dois perto dos fundos, com ele na janela, e mando uma mensagem para Zoe dizendo que não apenas ainda estamos vivos, mas que agora ela tem que cumprir o prometido e me buscar.

— Que horas sai o seu ônibus? — pergunto, minha voz um pouco rouca de tanto gritar.

Andrew dá de ombros, observando o mundo lá fora enquanto deixamos o porto e seguimos para a cidade.

— Hora sim hora não. Eles funcionam até às onze.

— Sério?

Ele olha por cima do ombro para ver o quão satisfeita eu estou.

— De acordo com o site.

— Bem, por que você não passa na minha casa primeiro? Você pode finalmente conhecer todos. Tomar um banho, jantar. Não estamos tão longe. — Meu entusiasmo diminui quando ele apenas olha para mim. — A menos que você queira ir direto...

— Isso parece ótimo — interrompe. — A parte do chuveiro, em particular. Além disso, adoraria conhecer seus pais. E Zoe.

— Você não tem permissão para gostar dela mais do que de mim — digo, apenas meio brincando.

— Bem, então você terá que melhorar seu jogo nos próximos vinte minutos agora, não é?

E são exatamente vinte minutos até que minha irmã envie uma mensagem de volta, confirmando o novo plano. A essa altura, o ônibus nos deixou no início da O'Connell Street, uma avenida larga e extensa no centro da cidade, que parecia estar no Pólo Norte.

O ar está cheio de barulho, de vozes e risadas e músicas natalinas vindo de todas as direções. As mulheres gritam enquanto vendem potes de poinsétias e buquês de frutas

vermelhas, segurando xícaras de café para se aquecer. Adolescentes entusiasmados coletando doações para caridade agitam baldes de moedas para os transeuntes. Todas as lojas que vejo estão com as portas escancaradas, lotadas de compradores de última hora e pessoas que, aparentemente, apenas vivem para o caos.

Até os carros fizeram um esforço, vestidos com narizes de Rudolph e chifres de rena enquanto rastejam tão lentamente pelo tráfego que a maioria das pessoas simplesmente ziguezagueia entre eles para atravessar as ruas.

Olho ao redor com uma sensação estranha no estômago, surpresa com o quão feliz a cena me deixa. É como se minha cabeça soubesse que são apenas as mesmas velhas decorações que eles colocam todos os anos, mas algo sobre elas agora faz meu coração bater um pouco mais rápido, me faz sorrir para os estranhos que passam, e até mesmo o coro exuberante cantando Mariah Carey do outro lado da rua é um pouco menos irritante do que normalmente seria.

É Dublin no Natal e há emoção no ar.

E sim, você teria que ser um grinch para não se deixar levar por tudo isso.

Precisamos ir à Merrion Square para encontrar minha irmã, então pegamos nossa bagagem e começamos a caminhar pelos hotéis reluzentes e árvores de Natal impressionantemente grandes em direção ao Liffey, o rio que divide a cidade em norte e sul. Nem isso escapou à alegria festiva, com as inúmeras pontes que a atravessam iluminadas por luzes neon que brilham alegremente no reflexo da água, prontas para serem postadas em mil contas do Instagram. Incluindo a minha, eu acho, já que Andrew nos para no meio do caminho para tirar uma selfie.

Em seguida, contornamos a curva do Trinity College, onde flocos de neve gigantes são projetados na entrada da frente. Nosso progresso diminui consideravelmente aqui, as calçadas estreitas congestionadas com pessoas, mas Andrew não parece se importar, conduzindo sua mala com bom humor, mesmo quando o meu começa a azedar. Eventualmente, eu deslizo na frente dele, com a intenção de empurrar educadamente as pessoas para fora do caminho, mas Andrew me puxa e sigo seu olhar em direção à Grafton Street, a movimentada rua comercial com suas famosas luzes de Natal penduradas elegantemente no alto.

— Não — digo quando ele levanta uma sobrancelha.

— Vamos.

— Está atolada de gente.

— É Natal.

É Natal.

E o sorriso em seu rosto é tão infantil, tão esperançoso, que não resisto muito quando ele me puxa de novo, e nós abrimos caminho através do tráfego e para a rua

movimentada. As lojas ainda estão abertas aqui também, e as pessoas entram e saem delas com cones de gelato e xícaras de chocolate quente, várias sacolas de compras penduradas nos braços.

Nós contornamos um círculo apertado cantando junto com um artista de rua, um adolescente de bochechas rosadas que parece estar tendo a noite de sua vida, antes de Andrew nos fazer parar na entrada de um beco para nos orientarmos.

— Sinto que devo parar em algum lugar e comprar algo para seus pais — diz ele, espiando a loja mais próxima. — Eu oferecia o Toblerone gigante, mas não estou tão agradecido.

— Que tal uma de suas fotos? — sugiro. — Eles adorariam uma. De verdade.

— Você acha? — Ele parece distraído e olho para ver seu rosto inclinado para o céu, ou mais especificamente, para o visco pendurado no arco de pedra acima.

— Isso pode ser qualquer coisa — digo. — Pode ser drogas. Muitas drogas nesta cidade. É um grande problema.

— Preocupada que você vai surtar de novo, hein?

— *Não*, eu...

— Porque sou muito gostoso para lidar? É o chapéu bobble, não é? Nada grita mais apelo sexual do que um bobble de tricô...

Eu o beijo, e nós dois sorrimos quando o faço.

Talvez não precisemos falar sobre nós. Talvez falemos sobre isso quando tivermos tempo, sem o Natal e a família pairando sobre nós. Conversaremos quando voltarmos a Chicago. E enquanto isso, daremos um beijo de despedida.

Só que não quero que isso seja uma despedida.

O pensamento me ocorre assim que seus lábios tocam os meus, enviando uma faísca aguda de pânico através de mim, e embora ele obviamente pretenda que isso seja apenas um beijo rápido, eu me mantenho pressionada firmemente contra ele, agarrando as pontas de seu casaco enquanto suas mãos pousam em meus braços.

— Sabe de uma coisa? — murmura quando se afasta. — Acho que nós dois somos muito bons nisso. Oito de dez.

— Cale a boca — gemo, mas estou mais envergonhada do que irritada. Mais satisfeita do que envergonhada. E ele sabe disso. A maneira como ele olha para mim agora me faz pensar se ele está pensando a mesma coisa que eu, que é *por que diabos nunca tentamos essa coisa toda de beijo antes?*. Embora se tivéssemos, talvez, não teria sido o mesmo. Esses sentimentos pareciam repentinos para mim em Chicago, confusos e estranhos. Mas agora não posso deixar de pensar que talvez eles não sejam tão repentinos, afinal. Talvez eles fossem mais graduais do que isso. Uma onda crescendo lentamente apenas esperando para quebrar na praia. Talvez estivesse

sempre chegando. Talvez seja por isso que pareça tão certo e a ideia de deixá-lo agora, mesmo que apenas pelos próximos dias, me faça sentir mais vazia do que tenho o direito de estar.

— Vamos — diz ele, deslizando sua mão enluvada de volta na minha. — Quero perambular.

— Estamos perambulando há *três dias.*

Ele não se importa.

Andrew nos faz caminhar até o topo da rua, o que leva o dobro do tempo que deveria, visto que ele para em cada vitrine.

Finalmente, viramos à esquerda na árvore de Natal, caminhando paralelamente ao parque St. Stephen's Green. Está fechado à noite, mas a fila de carruagens puxadas por cavalos ainda está operando do lado de fora e eles se revezam para passear com turistas encantados fazendo vídeos enquanto caminham. Continuamos em movimento, passando por mais hotéis, pubs e restaurantes onde as pessoas se espalham pelas ruas e vão direto para os táxis, antes de completar o quarteirão na mais silenciosa e escura Merrion Square. E lá, no meio dos imponentes prédios do governo, uma mulher com um casaco rosa brilhante se apoia contra um carro, com a cabeça inclinada enquanto mexe no telefone.

Minha irmã.

— É ela — digo desnecessariamente, já que ela é a única pessoa por perto. Meus passos aceleram conforme a empolgação borbulha por dentro e quando nos aproximamos ela olha para cima, acenando quando nos vê.

Andrew faz um barulho surpreso atrás de mim.

— Então, ela é, tipo, *idêntica* idêntica.

Eu ri.

— Definitivamente tenho certeza que mostrei uma foto para você antes.

— Sim, mas pessoalmente é...

Bastante. Eu sei que é. Zoe e eu parecemos iguais até a última sarda às vezes, embora ela sempre mantenha o cabelo mais comprido que o meu. E, claro, agora há uma grande diferença.

— Você está viva! — proclama, abrindo os braços. Preciso dar um passo para o lado para abraçá-la, sua barriga de grávida tornando impossível encontrá-la cara a cara. Quando me afasto, ela agarra minhas mãos, colocando-as onde meu futuro sobrinho descansa.

— Conheça Logan — diz ela.

— Pensei que era Patrick.

— Patrick foi na semana passada. Agora é Logan.

Sorrio.

— E semana que vem será?

— Conheci um Ryan muito legal outro dia — diz ela enquanto seus olhos piscam atrás de mim.

— Conheça Andrew — digo, dando-lhe as boas-vindas à reunião de família.

Zoe estende a mão como se esperasse que ele a beijasse.

— Encantada.

— Quer parar?

— O que? Meu filho precisa de um pai. — Ela diz isso enquanto aperta a mão de Andrew, Andrew, que não é rápido o suficiente para mascarar sua confusão.

Sua expressão fica séria.

— Ele me deixou quando descobriu.

E aqui vamos nós.

— Zoe...

— Pensei que significava algo para ele, sabe? Mas ele me deixou. Sem um tostão e sozinha e...

— Ela engravidou de um doador de esperma — digo em voz alta. — E ela ganha mais do que eu.

Zoe bufa.

— Estraga prazeres. Paguei uma quantia estúpida de dinheiro por um pouco de sêmen — diz ela a ele, apertando os dedos. — Um completo roubo. Eu estava perfeitamente bem em arriscar com alguns casos de uma noite, mas Molly disse *Nãão, isso é antiético.*

— Ser a gêmea sarcástica é tudo o que ela tem — digo, e Zoe inclina a cabeça, olhando para ele pensativa enquanto esfrega a barriga.

— Nunca tive um Andrew na minha lista de nomes.

— Ok — digo, parando na frente dele. Ao fazê-lo, chamo a atenção dela de volta para mim e um sorriso ilumina seu rosto.

— Não posso acreditar que você está aqui — diz ela, e me puxa para outro abraço. Este é adequado e sinto a mesma pontada de tristeza que sempre sinto quando a vejo pela primeira vez depois de alguns meses. Acho que nunca será fácil ficar tão longe dela, mesmo que seja o que eu quero.

— Você precisa se sentar — digo. — Como você está de pé agora?

— Com muita dificuldade. — Ela destranca o carro enquanto Andrew leva suas coisas para o porta-malas. — Você viu esses tornozelos? Claro, sempre que reclamo com mamãe, recebo um sermão de vinte minutos sobre como ela teve de carregar *dois* bebês. A propósito, ela está *emocionada* por finalmente conhecer esse cara. O famoso

Andrew em carne e osso.

Ele sorri.

— Famoso, é? Sem pressão, então.

— Nós também esperamos que nossos hóspedes retribuam nossa hospitalidade com ouro maciço? Molly, não sei se você disse a ele as regras?

— Há um tubo gigante de M&Ms aqui, se você jogar bem as cartas — diz ele, colocando sua mala dentro do carro. Zoe coloca a mão sobre o coração.

— E lá vamos nós. Andrew está no topo da lista. Adeus, Logan! Nós mal conhecíamos você. — Ela olha para mim. — Ele vai na frente.

— Mas eu sou sua irmã!

— E ele é o *convidado*. Entre, antes que eu faça você andar, meu bebê está com frio.

E com isso, entramos no carro.

# Capítulo Dezenove

O mal-estar começa a aumentar à medida que nos aproximamos da casa. Zoe enche Andrew de perguntas o tempo todo, o que me dá a chance de sentar e não pensar por alguns minutos. Ou, pelo menos, tentar não pensar. Acho que devo sentir uma sensação de alívio. Todo aquele dinheiro, todo aquele estresse, todos aqueles chocolates dados a motoristas de táxi mal-humorados, e aqui estamos nós. Conseguimos.

Mas tudo o que sinto é apreensão. Não posso deixar de me perguntar se, assim que pisarmos de volta em Chicago, isso acabará. Que vamos voltar a ser apenas Andrew e Molly. Quero dizer, claro, nos divertimos muito em Londres. Um pouco para frente e para trás, oh, vou levar você para jogar machado. Mas isso foi dito com luzes cintilantes de fada e um primo excêntrico e aquele novo contentamento caloroso que não tinha nada a ver com nossas vidas reais. Com nossos amigos, empregos e responsabilidades. Jogue isso na mistura e tudo pode acontecer.

— Você viu que os O'Reillys conseguiram uma extensão? — pergunta Zoe quando entramos na nossa rua. Passamos por uma casa familiar de tijolos vermelhos na esquina com uma caixa muito notável colada na lateral. — Mamãe está furiosa. Diz que está arruinando a rua inteira.

— Ela só está com ciúmes.

— Claro que ela está com ciúmes. — Ela estaciona bruscamente, paralelamente, com facilidade invejável. — Lar doce lar — diz ela, me enviando um sorriso malicioso.

Eu a ignoro, olhando para a pequena casa geminada da minha infância.

— Eles realmente fizeram você morar com eles?

Zoe mora em um apartamento decente nas docas. Um daqueles prédios chiques com seu próprio estúdio de Pilates e pelo menos cinco cafeterias independentes e *muito* sérias a uma curta distância.

— Só por algumas semanas — diz ela quando saímos do carro. — Não vou mentir, eu meio que gosto de ser cuidada. Só não conte a eles.

Nós a seguimos pela pequena viela, Andrew sorrindo para as renas iluminadas no jardim ao lado.

— *Mãe?* — grita Zoe quando entramos. — Encontrei sua segunda filha favorita!

— Zoe.

— E ela trouxe um menino para casa!

— Zoe!

Ela me ignora, gingando alguns passos para dentro da casa.

— Eles devem estar na casa de Mary — diz ela, já se virando quando não há resposta. — Dê-me cinco minutos.

— Casa de Mary? — pergunta Andrew quando ela desaparece do lado de fora novamente.

— Nossa vizinha. Ela está sozinha desde que o marido morreu. Eles passam muito tempo lá.

— Isso é gentil da parte deles — diz Andrew, seguindo-me para a sala. — Você deve sentir falta disso, conhecer todo mundo na rua.

— Você está brincando comigo? Você sabe como as pessoas podem ser intrometidas? A mulher quatro casas abaixo fez um bolo para mim no dia em que comecei a menstruar. Eu nem sei como ela sabia.

Ele ri.

— Ainda acho que parece legal

— Era red velvet.

Tiro meu casaco e cachecol, já suando com as condições amenas que eles gostam de manter a casa. Algumas das coisas de Zoe estão espalhadas, assim como alguns presentes, notavelmente para o bebê, mas fora isso o lugar parece exatamente o mesmo, como sempre acontece. Uma pequena sala na frente e uma cozinha estendida nos fundos, com três quartos e um banheiro no andar de cima. Era pequena e básica, mas amada e cuidada, e eu não tinha nada além de boas lembranças dela enquanto crescia.

— Onde está a árvore? — pergunta Andrew, sacudindo a borla na ponta de uma das almofadas de mamãe. Ela os tem desde antes de eu nascer, junto com o sofá marrom e a pesada cômoda de madeira que pertenceu à minha avó. Isso fica onde sempre esteve, no canto da sala, gemendo sob o peso de um milhão de fotos de família.

— Nunca pegamos uma árvore.

Pelo olhar em seu rosto, eu poderia muito bem ter dito a ele que o Papai Noel não é real.

— Onde a colocaríamos? — continuo, gesticulando ao redor da pequena sala.

— Vocês realmente não fazem nada?

— Acho que costumávamos decorar o pinheiro do lado de fora quando éramos mais jovens. Papai fingiu que havia fadas lá dentro.

— Ok, bem, isso é completamente encantador.

— Eu era uma criança encantadora. — Aponto para uma foto radiante de mim

aos quatro anos de idade como prova. — Até mais ou menos aos doze.

— Tudo piorou, hein?

— A puberdade não era minha amiga.

Ele examina a fileira de fotos, demorando em algumas.

— Esta é a parte em que você me diz que cresci bem — lembro a ele.

— Você acha?

— *Tudo bem*, Sr. Sarcasmo. Você é um hóspede nesta casa, não se esqueça.

Andrew apenas aponta para outra foto de uma de nós montada em um burro.

— O que está acontecendo aqui?

— Aniversário de Zoe.

— Que também é seu aniversário — diz ele, apenas para franzir a testa quando eu balanço a cabeça. — Vocês são uma daquelas situações de minutos antes da meia-noite, um minuto depois no dia seguinte?

— Não. Apenas comemoramos em dias diferentes. Nós podemos escolhê-los.

Ele me encara.

— Você pode escolher seu próprio aniversário?

— Uh-huh. — Sorrio quando percebo que estou explodindo sua mente. — Meus pais estavam muito ansiosos para que cada uma de nós se sentisse única. Então, comemoramos nosso aniversário de verdade *e* ganhamos mais um dia.

— Isso é apenas ganancioso.

Eu rio.

— Parecia muito normal para nós.

— Qual deles nós celebramos?

— Meu verdadeiro — asseguro a ele.

— E o seu outro?

— Dez de março. Não há significado — acrescento. — Nenhum. Escolhi aleatoriamente. Não fiz nada nele desde que me mudei, mas meus pais ainda me mandam um cartão.

— Não acredito que você ganha dois aniversários.

— Sou especial.

Ele fica em silêncio, examinando cada foto com foco intenso, como se tentasse extrair o máximo possível delas antes de finalmente se afastar, perguntando sobre o chuveiro. Apesar de tecnicamente não morar mais aqui, rapidamente assumo o papel de anfitriã, subindo as escadas para garantir que o lugar esteja limpo enquanto ele sai correndo para pegar o que precisa em sua mala.

— Estarei aqui — digo, apontando para o meu antigo quarto quando ele retorna. — Mamãe provavelmente fará ensopado porque é a única coisa que ela sabe cozinhar.

— Ensopado parece ótimo — diz ele, pendurando a toalha extra que passo para ele.

— Dá um grito se precisar de alguma coisa.

Ele me dá um breve sorriso e desaparece atrás da porta fechada.

É aqui que uma pessoa normal o deixaria. Mas não me mexo. É como se meus pés estivessem presos ao carpete, meu corpo preso ao chão enquanto ouço o raspar da fechadura contra a madeira, o farfalhar suave da roupa antes do chuveiro ser ligado. O corredor enche-se com o barulho da nossa caldeira aquecendo a água, da própria água batendo nos ladrilhos.

É só quando a porta da frente se abre que eu me forço a voltar para o meu quarto. Zoe deixou de fora algumas de suas roupas (não de maternidade) para mim e coloco um par de jeans e um moletom com capuz antes de prender meu cabelo em um coque. A água é cortada apenas alguns segundos depois e rapidamente arrumo minhas coisas enquanto ouço Andrew se atrapalhar com a fechadura.

Nos encontramos no corredor, ele apenas com aquela toalha esfarrapada enrolada na cintura. Suas roupas estão em seus braços, escondendo metade de seu peito, mas ainda consigo ver sua pele molhada e um rastro sombrio de cabelo escuro que desaparece sob o...

— Sem tanquinho de seis, desculpe.

Meus olhos se fixam no pequeno sorriso conhecedor em seu rosto.

— Você não precisa de um — digo, e seu sorriso se alarga. — Isso foi rápido — acrescento.

— Achei que você poderia querer uma ducha também.

— Ah. Não. — Eu aceno com a mão, meus olhos fixos em algum lugar acima de seu ombro esquerdo. Não quero perder um segundo a mais longe dele do que o necessário. — Eu vou, uh... Você pode se trocar no meu quarto.

Não dou a ele a chance de responder, deslizando por ele para o banheiro agora vazio, enquanto trocamos de lugar. Está cheio de vapor do seu banho, o ar quente e perfumado com sabão. *Seu* sabonete. Aquele estúpido sabonete de sândalo/pinho/vou-levar-você-para-a-floresta-num-dia-de-verão-e-beijar-você-no-chão-macio-da-floresta.

O que *é* isso?

Eu me movo automaticamente, tentando me manter ocupada. Limpo o espelho e abro a cortina do chuveiro. Penduro o tapete e lavo as mãos. Fico no meio do cômodo e tento não chorar.

São lágrimas cansadas, eu sei que são. Lágrimas emocionais, físicas, alguém cuide de mim, que queimam atrás dos meus olhos. Que eu me recuso a deixar cair.

Talvez eu devesse tê-lo levado direto para o ponto de ônibus. Teria sido mais fácil assim. Uma despedida limpa. Nada de vê-lo em minha casa, brincando com minha irmã, provavelmente prestes a encantar minha mãe. Eu deveria ter me despedido na cidade, mas não quero me despedir de jeito nenhum.

Não quero que ele vá.

Não quero que ele vá. Não quero que ele vá. Não quero que ele vá.

Olho para o chuveiro, respirando fundo algumas vezes até ter certeza de que estou sob controle. Quando estou, volto para o meu quarto, onde bato suavemente, entrando quando Andrew diz que posso. Ele ainda está apenas meio vestido, com o peito e os pés nus enquanto olha entre as opções de camisas que colocou na minha cama.

— Quão formal é o jantar aqui? — pergunta.

— Ternos ou vá embora.

— Imaginei.

Entro no quarto enquanto ele pega uma camiseta com uma das mãos e esfrega a toalha úmida no cabelo com a outra. Os músculos de seu estômago ficam tensos quando ele faz isso. Os mesmos músculos que toquei ontem à noite. E onde, assim como o beijo em Buenos Aires parecia um outro mundo, o quarto escuro em Londres parece uma vida atrás, sobre a qual ainda não falamos.

— Você está fazendo careta.

— Eu sei.

Andrew franze a testa, colocando a toalha nas costas de uma cadeira.

— E aí?

— Quero decidir o que é isso antes do Natal — digo. — Não quero esperar até voltarmos para Chicago. Isso é muito longo. Você disse que não vai a lugar nenhum, mas preciso saber onde estamos ou vou enlouquecer. — Faço uma pausa, deslizando minhas mãos pelas minhas coxas. — Isso faz sentido?

— Claro que sim.

Eu aceno, esperando.

— Bem — diz ele quando apenas olho para ele. — O que você quer que seja?

Droga. Eu deveria ter perguntado isso primeiro.

— Não sei — digo honestamente. — Eu sei que não quero parar.

— Nem eu.

— Mas você não acha que estamos indo rápido demais? — pergunto. — Quero dizer, nós passamos de nada para algo muito rapidamente, não é?

— Talvez. — Ele dá de ombros. — Talvez não. Não me parece errado. — Ele hesita, olhando para mim com curiosidade. — Isso parece errado para você?

Balanço a cabeça. Porque esse é o problema, não parece nada errado. Parece certo.

— Porque se Oliver não tivesse nos interrompido... — continua Andrew.

— Eu sei.

— Eu estava pronto para usar alguns dos meus melhores movimentos, é tudo o que estou dizendo.

— Cala a boca — gemo, sentando na beira da cama. Pego um breve vislumbre de seu sorriso antes de deixar cair minha cabeça em minhas mãos.

— Temos tempo — diz ele quando encontro seu olhar. — Temos muito tempo. Então, se você quiser voltar ao começo, podemos fazer isso.

— Ao começo?

— Sim. — Ele sorri enquanto se agacha diante de mim. — Como o começo do primeiro encontro. Quero dizer, com certeza teremos uma vantagem sobre outros casais, mas não é como se eles pudessem competir conosco de qualquer maneira.

Outros casais. Uma espécie de prazer efervescente dispara através de mim com as palavras.

— Você diz que não acha isso errado. Mas se você está preocupada que possa ser, vamos apenas... relaxar. Aceitar as coisas como elas vierem. Ok?

— Ok — murmuro, mexendo na bainha da minha manga.

— Quando você volta para Chicago?

— Dia vinte e oito.

— Volto no dia sete — diz ele formalmente. — Gostaria de tomar um café comigo, Molly?

— Eu acho.

— Você gostaria de mostrar um pouco mais de entusiasmo?

— Você gostaria de colocar sua camisa? — respondo e ele ri, fazendo o que foi pedido.

— Vejo você no dia sete.

— Você terá acabado de chegar!

— E eu irei direto para você. Podemos jantar.

Jantar. Eu posso jantar. Já jantei com muita gente.

— Escolho onde comemos.

— Eu não sonharia com isso de qualquer outra maneira.

Concordo com a cabeça, distraída enquanto suas mãos encontram as minhas. Está ficando mais difícil pensar quando ele está perto de mim assim. Mas jantar é bom.

— Há um lugar nepalês em Wicker Park que eu acho que você realmente...

A maneira como seu olhar cai para a minha boca é o único aviso que recebo antes que ele me beije. Dura apenas alguns segundos, nem de longe o suficiente, e tento

conter minha irritação quando ele se afasta.

— Quando você diz ir devagar... — murmuro, e ele sorri antes de me beijar novamente.

— Você quer dar uns amassos na sua cama?

— E realizar todos os meus sonhos de adolescente? — Sim. Sim, eu quero. Mas antes que eu possa empurrá-lo no colchão flácido e representar as fantasias da minha eu de dezessete anos, somos interrompidos por Zoe chamando meu nome lá de baixo.

— Se essa coisa de sermos interrompidos pela família se tornar um hábito para nós — começo, e ele ri, sentando-se sobre os calcanhares. — Pronto para conhecer meus pais? — pergunto, aceitando sua mão enquanto ele me ajuda a ficar de pé. — Mamãe é...

Eu paro com um bufo irritado quando Zoe me chama novamente. E mesmo que já se passaram anos, estou tão acostumada com o som de minha irmã gritando comigo que meu primeiro instinto é ignorá-la. Mas um segundo depois ela grita uma terceira vez, só que esta é seguida por um grito curto e penetrante.

# Capítulo Vinte

Desço as escadas tão rápido que quase tropeço. Andrew realmente acaba fazendo isso, tropeçando no último degrau quando encontramos Zoe parada no meio da cozinha. Ela está curvada, uma mão segurando o encosto de uma cadeira, o rosto contorcido de dor.

— Estou bem — diz ela quando nos vê. — Desculpe, estou bem.

— Você gritou!

— Sou dramática. Eu só... — seus lábios se apertam enquanto ela mal consegue conter um gemido. Andrew xinga baixinho ao meu lado.

— Você está tendo contrações?

Ela balança a cabeça.

— Falsas.

— Elas não parecem falsas — digo.

— Elas são Braxton Hicks. É uma coisa. É uma coisa conhecida. — Ela tem que forçar a última palavra quando outra bate, os nós dos dedos ficando brancos quando ela cai na cadeira. — Jesus *Cristo.*

— Devemos ir para o hospital — digo enquanto Andrew se agacha ao lado dela. Ela imediatamente agarra a mão dele, e ele nem estremece quando ela começa a espremer os ossos dele. — Zoe? Hospital?

Zoe apenas revira os olhos, ou tanto quanto ela pode revirar os olhos enquanto seu útero está se agarrando como uma bola anti stress.

— Eu só vou tomar um banho.

— Como isso ajudará!

— Não sei! Pare de gritar comigo!

Andrew age como um peso estabilizador enquanto ela tenta se levantar e ela resmunga um agradecimento quando se levanta.

Enquanto ela faz isso, vejo uma mancha molhada se espalhando rapidamente por suas calças. É apenas por pura força de vontade que engulo meu suspiro.

Andrew segue meu olhar e, para ser justo com o homem, ele nem se encolhe ao olhar rapidamente para mim, com as sobrancelhas levantadas.

— Zoe? Querida? — Eu mantenho minha voz o mais gentil possível. — Acho que sua bolsa acabou de estourar.

— Eu provavelmente só fiz xixi em mim mesma. Você faz muito isso quando tem

um humano pressionando sua bexiga.

— Não acho que você fez xixi em si mesma e não acho que essas são contrações falsas. Acho que você terá seu bebê.

Zoe olha para mim, parecendo genuinamente confusa e extremamente irritada.

Minha irmã não é idiota. Nós lutamos juntas na escola para sermos as primeiras de nossas classes. Ela me venceu por três pontos em nossos exames finais. Ela faz as palavras cruzadas *do New York Times* todos os dias e uma vez aprendeu português em seis meses porque apostei que ela não conseguiria.

Ela não é uma idiota. Mas ela é, e sempre foi, uma pirralha teimosa e, agora, parece tão completamente determinada em seus planos que a alternativa é impensável para ela.

Eu tento novamente.

— Você está entrando em...

— Não vou entrar em trabalho de parto — diz ela, a irritação vencendo a confusão. — Não seja estúpida. Você é estúpida.

— Zoe...

— Eu não estou parindo por mais três semanas.

— Não é como se o bebê estivesse checando o calendário!

— O hospital? — pergunta Andrew.

Começo a acenar antes de lembrar o quão pouco eu tenho comigo.

— Não tenho minha carteira de motorista.

— Posso levá-la.

— Olá? — grita Zoe, acenando com a mão. — Pare de falar de mim como se eu não estivesse aqui.

— Pare de ser uma idiota — retruco. — Onde estão mamãe e papai?

— Eles estão deixando Mary na igreja.

— Qual igreja?

— Não sei!

— Bem, quanto tempo eles vão levar para...

— Talvez eles devessem nos encontrar lá? — pergunta Andrew.

— Isso não está acontecendo — resmunga Zoe enquanto Andrew e eu compartilhamos um olhar sobre sua cabeça inclinada.

— Olha, se elas são falsas, então elas são falsas — digo. — Sem problemas. Mas não vai doer ouvir isso de alguém que não aprendeu seus conhecimentos médicos por *Grey's Anatomy*. Por favor, só nos deixe te levar lá.

Zoe olha para mim como se *eu fosse* a irracional nessa situação, mas algo em meu rosto deve convencê-la de que ela não sairá dessa.

— Talvez eles me dêem analgésicos — diz ela, e aceno encorajadoramente.

As contrações parecem diminuir assim que a colocamos no carro e ela se acalma quando estamos na estrada, mandando mensagens de texto para nossos pais e também para algumas de suas amigas para que saibam que estou sendo uma idiota. Apesar de sua recusa em acreditar que isso está acontecendo, ela felizmente tem as direções salvas em seu GPS e Andrew faz um trabalho rápido no trânsito enquanto nos leva de volta à cidade. A maternidade fica bem no centro da cidade e acabamos pagando uma quantia exorbitante para estacionar a três ruas de distância, mas, no momento, não estou nem aí.

Na recepção, uma enfermeira com brincos de pudins de Natal olha para nós e imediatamente entra em ação.

— Estou *bem* — diz Zoe pela milionésima vez enquanto a mulher, Cara, de acordo com seu cordão, tenta conduzi-la até uma cadeira de rodas. — Eu nem estou mais tendo elas.

Aperto a mão em seu antebraço quando ela tenta se livrar de mim.

— Podemos talvez ouvir os bons profissionais médicos?

— Eu *vou* quando for a *hora*. — Mas ela se senta na cadeira, com os olhos arregalados e o rosto pálido, e vejo sua atitude pelo que realmente é, puro terror não diluído.

Apesar de suas piadas sobre pais de bebês, ela nunca quis estar em um relacionamento. Nunca a vi sair com alguém por mais de algumas semanas e, mesmo assim, acho que é porque ela estava curiosa sobre o motivo de toda aquela agitação. Mas ela queria ser mãe, então ela se tornou uma. Nunca teria ocorrido a ela que ela não poderia pelo menos tentar. E como tudo o que ela fez, ela deu o seu melhor.

Como mãe solteira, isso significava planos. Planos de cinco anos e planos de dez anos, gráficos financeiros complicados e uma estreita rede de amigos e familiares para ajudá-la. Sei que ela planejou por tanto tempo e tentou por tanto tempo que uma parte dela se esqueceu do evento real, especialmente quando esse evento está duas semanas e meia adiantado.

— Vamos para outra sala de espera? — pergunta, parecendo muito jovem enquanto assina cegamente um formulário.

— Nós vamos para a ala de parto — diz Cara.

— A... Por quê?

Ela nem pisca.

— Porque você está entrando em trabalho de parto.

— Isso não pode estar acontecendo — repete Zoe pela décima segunda vez. Ela devolve a prancheta e vira seu olhar selvagem para mim. — Não posso ter um

capricorniano de dezembro.

— Ficou tudo bem para Jesus.

— O homem foi *crucificado,* Molly!

Cara assume sua posição na parte de trás da cadeira, olhando para nós com expectativa.

— Você quer me seguir?

Levamos um momento para percebermos que ela está falando com Andrew.

— Não sou o pai — diz ele, assustado.

— Ah, me desculpe. Pensei...

— Eu sou uma mãe solteira — interrompe Zoe, mandando mensagens de texto furiosamente em seu telefone. — Moderna, forte e corajosa. Podemos esperar pela minha mãe?

A enfermeira já está empurrando-a pelas portas.

— Se ela se identificar quando chegar, vamos garantir que...

— Não, precisamos esperar por eles — diz Zoe, começando a entrar em pânico novamente. — Precisamos... Mãe!

Naquele momento, nossa mãe decide entrar pela porta da recepção, sem casaco e sem chapéu, apesar do tempo lá fora.

— Estou aqui, amor. Estou aqui. — Seu cabelo anteriormente loiro agora é branco-prateado e há mais linhas ao redor de seu rosto do que eu me lembro, como há sempre que a vejo, mas ela parece mais forte do que nunca enquanto corre até nós, seu olhar parando em mim brevemente antes de se agarrarem à minha irmã.

Zoe agarra seu pulso, segurando-a junto a ela.

— Acho que terei meu filho — diz ela, como se estivesse confessando alguma coisa.

— Vamos ver o que os médicos dizem.

— Onde está o papai? Papai está vindo? Onde...

— Ele voltou para casa para pegar suas coisas, mas achamos melhor eu vir direto pra cá.

— Sim — diz Zoe. — Sim, fique comigo.

— Estarei lá o tempo todo — diz ela, apertando-a.

— Estamos prontas para ir agora? — pergunta Cara com a paciência de uma santa. Minha mãe acena com a cabeça e, com um sorriso frenético em minha direção, ela empurra minha irmã pelas portas de vaivém da ala de parto, nos deixando olhando para elas.

— Essa é a parte em que ela descobre que de repente está grávida de trigêmeos? — digo a Andrew, que parece um pouco sem fôlego.

— Eu estava tendo visões dela entrando em trabalho de parto no carro — diz ele, passando a mão pelo rosto. — Sempre pensei que era muito bom em uma emergência, mas...

Dou uma risada maníaca e olho ao redor da sala de espera. Ninguém parece particularmente incomodado com nossos poucos minutos de drama, todos muito preocupados com quem eles estão esperando.

— Bem, acho que deveríamos... Merda! Seu ônibus! Se você precisar...

— Tenho muito tempo — interrompe. — Posso ficar aqui se você quiser.

— Sério?

— Na hora, toda hora — ele me lembra, e aceno, aliviada.

— Pelo menos até meu pai chegar aqui?

— Claro. — Ele passa um braço sobre meu ombro, me puxando para ele enquanto me leva a uma fileira de cadeiras vazias ao longo da parede do fundo, onde parece que passarei o resto da minha véspera de Natal.

---

Em algum momento, ficamos sentados lá por tempo suficiente para que eu adormeça. Não me lembro de me sentir cansada, mas os acontecimentos dos últimos dias devem estar me alcançando, porque em um momento estou olhando fixamente para um pôster para parar de fumar e no próximo estou na horizontal, olhando para as pernas de um dos futuros pais do outro lado da sala.

Estou torcida ao longo de três assentos em uma posição muito estranha, uma que sei que vou sentir nas costas por dias, visto que não tenho mais vinte anos e me abaixar para pegar uma meia muito rapidamente tem o potencial de me colocar fora de comissão. Mas não me movo imediatamente, e não apenas porque minha perna esquerda está morta e prestes a quebrar em mil alfinetes e agulhas. Não, fico onde estou porque sinto um arranhão agradável no couro cabeludo, uma experiência francamente semiorgásmica que não quero que termine nunca.

Andrew está brincando com meu cabelo.

Abro os olhos para ver os dele fechados, a cabeça inclinada contra a parede enquanto ele passa os dedos distraidamente pelo alto da minha cabeça. Um puxão em particular envia um arrepio pela minha espinha e ele abre os olhos enquanto eu me mexo, olhando para mim como se estivesse surpreso por me encontrar ali. Ele imediatamente para de me tocar, voltando a mão para descansar em sua coxa.

— Desculpe — murmura, e balanço a cabeça.

— Continue. Isso é melhor do que qualquer uma das massagens pelas quais pago

um zilhão de dólares.

— Procuro agradar — diz sarcasticamente, mas o olhar em seu rosto é inseguro, então eu propositalmente fecho meus olhos e afasto dele, esperando.

Depois de um momento, ele recomeça e, juro por Deus, eu quase ronrono.

— Que horas são? — pergunto em vez disso.

— Um pouco depois das onze.

— O que? — Meus olhos se abrem. — Seu...

— Ficarei bem — diz ele, sua outra mão pressionando firmemente meu ombro enquanto tento me sentar. Minha cabeça gira enquanto eu o afasto, movendo-me muito rapidamente.

— Você perdeu o último ônibus.

— Vou pegar um táxi.

— Mas você vai...

— Estou bem, Moll.

Meu pânico diminui com sua calma.

— Ok — digo, ainda hesitante enquanto caio na cadeira. — Meu pai está aqui?

— Ele saiu há cerca de vinte minutos. Desculpe. Acho que ele e sua mãe vão dormir em turnos, para sempre ter alguém com a Zoe. Ele não queria te acordar. Disse que você parecia tão cansada quanto um cadáver — hesita Andrew. — Mas de uma forma afetuosa.

Eu bufo.

— Parece com ele. — Pego meu telefone para mandar uma mensagem para ele e, ao fazê-lo, minha atenção se concentra na sacola do duty-free ao nosso lado.

— Ele também deixou isso — diz ele quando eu pego. — Disse que presumiu que fosse para sua irmã.

— É — digo, tirando o pacote embrulhado em tecido. Parece que faz anos que comprei. — É o presente terrível de Natal dela.

— Tenho certeza que você pode conseguir outra coisa para ela — diz ele gentilmente. — As lojas ainda estão abertas.

Eu só posso sorrir.

— É um presente de Natal terrível propositalmente — explico. — É tradição dar presentes ruins uma para a outra.

— É tradição dar presentes uma a outra que nenhuma de vocês quer? — Ele parece compreensivelmente confuso.

— É a intenção que conta.

— Vocês já pensaram em comprar uma para a outra algo que vocês realmente gostariam? Talvez você possa começar uma nova tradição. Uma, ouso dizer, muito

melhor?

— Sei como isso soa — eu rio. — Mas é algo que fazemos desde crianças. Não sabemos por que fazemos isso, exceto que sempre o fizemos. E não sei... — dou de ombros. — É divertido. Sempre dou um perfume para ela. O pior perfume que posso encontrar.

— O que ela dá para você?

— Comida — digo. — Normalmente algum lanche nojento e inovador do qual só posso dar uma mordida. Em seguida, passa um mês no fundo do armário antes que papai o encontre e coma.

— Perfume — diz Andrew lentamente, percebendo. — É por isso que você sempre cheira mal em nossos voos. É verdade! — acrescenta quando bato em sua perna. — Pensei que você fosse apenas excêntrica. Devo dizer que estou um pouco aliviado. Embora eu ainda não tenha entendido.

— Sabe como é difícil conseguir algo que alguém vai odiar? — pergunto. — Sabe o quanto pensei naquele presente? Penso mais no presente dela do que no de qualquer outra pessoa.

— Sei que você está tentando fazer parecer que isso é uma coisa lógica, mas na verdade não é.

Eu sorrio, alisando a bolsa no meu colo.

— É tradição — repito. — Não precisa ser lógica.

— E você disse que vocês não sabiam celebrar o Natal.

Mamãe entra na sala de espera antes que eu possa responder, carregando uma bandeja com copos de plástico cheios de água.

— Os médicos estão com sua irmã — diz ela, passando-os para nós. — Que me mandou embora porque aparentemente eu estava olhando demais para ela. — Ela se senta ao meu lado, olhando meu suéter de Natal com uma única sobrancelha levantada.

— É de Paris — digo, um pouco na defensiva, e ela balança a cabeça.

— Pobrezinha. Você deve estar morta depois de tudo isso.

— Não foi tão ruim — digo, olhando para Andrew. É só então que percebo que não fizemos exatamente as apresentações. — Mãe, este é...

— Nós nos conhecemos — interrompe ela, dando-lhe um sorriso caloroso. — Quando você estava dormindo. Ele me contou tudo sobre suas aventuras.

Ah, ele contou, não é? Andrew olha inocentemente para mim enquanto ela pega seu telefone, lendo uma mensagem antes de digitar cuidadosamente uma resposta com um dedo. Ela ainda está mandando mensagens quando ele se levanta de repente, dando um bocejo exagerado.

— Vou apenas esticar as pernas — diz ele, se afastando antes que eu possa impedi-lo.

— Ele é muito bonito — murmura mamãe, ainda focando em seu telefone. — Você nunca me disse que ele era bonito.

Faço um barulho evasivo, esperando que ela envie sua mensagem.

— Seu cabelo está lindo.

— A nova garota no salão diz que eu consigo ficar bem grisalha.

— Você consegue.

— Hmmm. — O telefone vai para o colo dela enquanto ela se vira para mim, esfregando o polegar na minha bochecha. O que quer que ela veja em meu rosto deve satisfazê-la, porque ela me solta, voltando sua atenção para as portas da sala de parto. — Estou feliz que você ainda está inteira. Você nos deixou em pânico pensando que não conseguiria voltar.

— Não pensei que seria uma grande coisa.

— Não ter você em casa? — Ela parece surpresa com a minha surpresa. — Porque você pensaria isso?

— Só... — paro, um pouco envergonhada. — Não sei. Não somos exatamente pessoas muito do Natal.

— Eu ainda quero você aqui — diz ela. — Nós dois queremos. Você deveria ter visto seu pai. Ele geralmente rastreia seu avião a cada minuto. E este ano, com a tempestade, ficamos com medo de que você não conseguisse voltar. Ele ficou acordado a noite toda esperando para ver se eles colocariam voos extras.

— Você não disse nada — protesto, pensando em todas as ligações em que Andrew teve que se defender de sua família.

— E te estressar ainda mais? — Minha mãe balança a cabeça. — Essa é a última coisa que você precisava, se preocupar conosco. Molly, você é uma adulta. Alguém que está fora, vivendo sua própria vida. Eu nunca quero fazer você pensar que tem que largar tudo para voltar aqui. Só se você quiser.

— Eu quero — digo rapidamente. — Eu sempre quero.

Ela hesita, os seus olhos caindo para o meu suéter.

— Se você quiser começar a colocar decorações — começa, e quase sorrio com a relutância em sua voz.

— Não quero. Eu realmente, realmente não quero. Eu só quero estar com vocês.

Ela parece um pouco apaziguada com isso, inclinando-se para mim como se compartilhasse um segredo.

— Você viu aquele boneco de neve iluminado que os Brennan colocaram no telhado? Onde eles estão encontrando dinheiro para toda a eletricidade, eu não sei.

Mas Deus me livre de dizer qualquer coisa a eles sobre isso.

— Terei que tirar uma foto para Andrew — digo. — Ele ama todas essas coisas.

— Ele ama, é? E é isso que está passando para você, não é?

— Talvez um pouco.

— Você estará usando chifres de rena em sua cabeça a seguir — murmura.

— Ou colocando meias na calada da noite. Você pode imaginar se papai descesse as escadas um ano e toda a casa estivesse como a gruta do Papai Noel?

— Ele provavelmente não notaria — diz ela secamente, e eu rio. Sua expressão suaviza com o som.

— Estou feliz que você chegou em casa — diz ela. — Nunca pense que não quero isso. — Ela me puxa para um abraço, beijando-me firmemente na bochecha.

— Estamos sendo observadas — acrescenta, quando nos afastamos e olho por cima do ombro para onde Andrew permanece na prateleira de revistas, dando-nos o nosso momento. — Aquele garoto não deveria estar em um ônibus em algum lugar?

— Acho que ele quer estar aqui caso algo aconteça.

— Entendi. Bem, você pode me contar tudo sobre *isso* quando estivermos em casa.

— Você gostará dele — digo com sinceridade, e um sorriso caloroso aparece em seu rosto enquanto seu telefone toca.

— Sua irmã me quer de volta — diz ela, levantando-se com um gemido. — Tentarei não olhar nos olhos dela desta vez.

Andrew retorna quando ela sai, com um olhar provocador.

— Hah hah — cantarola. — Sua família te ama.

— Todo mundo me ama — resmungo, tentando não mostrar como estou envergonhada. Ele pode ver através de mim, é claro, mas felizmente sabe que não deve forçar e apenas se acomoda em sua cadeira, nós dois de frente para as portas de vaivém do hospital enquanto esperamos o último milagre acontecer.

# Capítulo Vinte e Um

Meu sobrinho nasceu noventa minutos depois, três semanas prematuro, nas primeiras horas da manhã de Natal.

— Ele deslizou para fora — anuncia minha mãe quando nos conta a notícia. Andrew, para seu crédito, dá apenas um leve estremecimento. Porque, claro, Andrew ainda está aqui. Andrew, que ficou comigo, que apenas riu quando eu disse a ele duas vezes para pegar um táxi. Que segurou minha mão sem nem pedir, sabendo que eu precisava. E eu estava feliz por isso. De forma egoísta. Eu não queria que ele fosse. Quero ele aqui. Quero ele comigo.

Como o bebê era um pouco prematuro, as enfermeiras o levaram para fazer alguns exames, então demorou um tempo até que eu pudesse vê-lo. Um tempo que logo me faz andar para cima e para baixo na sala de espera em frustração.

— Se ele está bem, então por que precisam fazer tantos testes? — digo em voz alta pela milionésima vez. Andrew não se preocupa em responder, apenas dá um tapinha no meu joelho quando eu desabo na cadeira ao lado dele.

— Distraia-me — ordeno.

— Distração sexy ou distração com truques de cartas? Não que sejam mutuamente exclusivos, é claro.

— Você pode me trazer açúcar?

— Melhor ainda. Posso conseguir para você o açúcar mais processado, que nem deveria ser permitido em um hospital, conhecido pelo homem. — Ele aperta minha perna e faz a longa e árdua caminhada pela sala de espera enquanto tento chamar a atenção da enfermeira que está no posto, a enfermeira que aprendeu nos últimos vinte minutos a nem mesmo olhar na minha direção.

Enquanto faço isso, outra aparece pela porta principal, com uma pilha de papéis nas mãos. Ela é bonita, com longos cabelos escuros presos em uma trança grossa. Ela olha duas vezes ao passar por Andrew, o que não me surpreende exatamente, mas então ela para completamente, seus olhos se arregalando quando ela para no meio de um passo.

— Andrew?

Andrew olha para cima, prestes a bater seu cartão na máquina, quando seu rosto se abre em um sorriso.

— Ava?

Ava? Quem diabos é Ava?

Observo, perplexa, enquanto a estranha se inclina para um abraço, abalada pela ponta afiada de ciúme que corre através de mim.

Suas vozes ficam mais baixas quando ele a puxa para o lado e conversa rapidamente por alguns minutos. Eventualmente, ela o abraça novamente, sorrindo alegremente enquanto desaparece na esquina. Andrew olha na minha direção e meus olhos imediatamente caem para o meu telefone no movimento mais óbvio de todos.

— Fazendo amigos? — pergunto quando ele volta, jogando uma barra de chocolate no meu colo.

— Eu costumava tomar conta dela — diz ele, e olho para cima com surpresa. — Estou velho agora?

— Eles estão ficando mais jovens — digo, aliviada. — Então ela está trabalhando no Natal?

— Na verdade não. Dependendo da papelada dela, ela sai daqui em uma hora. Ela voltará para seus pais hoje à noite.

Começo a assentir antes de perceber o que ele está me dizendo.

— Ah.

— Sim. Ela vai me dar uma carona. Estarei em casa para o café da manhã.

— Perfeito. — Começo a desembrulhar meu lanche mesmo com meu apetite diminuindo. — Notícia brilhante.

— Pelo menos me poupará a corrida do táxi. Mas se você precisar que eu...

— Cale a boca — interrompo. — Cala a boca. Vá para casa. Este era o ponto principal de tudo. Você já ficou muito mais tempo do que deveria.

— É uma situação um pouco especial.

— E tenho *certeza* que Zoe vai entender que você, um estranho, não está aqui para cuidar dela.

— E quem cuidará de você?

Congelo com suas palavras, derretendo um pouco por dentro, e dou uma grande mordida no chocolate para esconder. Percebo então como seria fácil fazê-lo ficar comigo. Que tudo que preciso fazer é pedir e ele ficaria. Eu sei disso sem dúvida e, estranhamente, isso me ajuda a não ter dúvidas.

Minha mãe aparece pelas portas um momento depois, chamando minha atenção. Hora de ver minha irmã.

— Vá — digo suavemente. — Por favor. Estou tão farta de você.

Ele ri, recostando-se na cadeira.

— Ela não vai por um tempo ainda — diz ele. — Vejo você de volta aqui?

Concordo com a cabeça, meus joelhos rangendo enquanto me levanto. Precisarei

fazer um pouco de ioga depois do Natal.

— Me mande uma mensagem se algo mudar.

— Sim.

— É melhor eu ir conhecer o mais novo Kinsella — digo, e penso em me inclinar para beijá-lo, como os casais fazem, mas me acovardo e faço um movimento de dedo incrivelmente cafona que o faz sorrir e eu querer morrer.

Antes que eu possa fazer qualquer outra coisa para me envergonhar, eu me viro e sigo as placas até a maternidade.

O trabalho chique de Zoe pagou por um quarto privado chique. É pequeno e vazio, tirando as gigantescas máquinas do hospital piscando para nós, mas papai trouxe algumas coisas de Zoe de casa, incluindo um cartão dos vizinhos e um bichinho de pelúcia da nossa infância. Lembro-me do ursinho de Gabriela esperando na mala, que provavelmente ainda está presa na Argentina, e faço uma anotação mental para entregá-lo a ela assim que puder para que o bebê possa se apegar mais cedo.

E é o bebê que eu vou ver primeiro. Meu sobrinho ainda sem nome jaz rosa e novo em um berço de plástico do outro lado da sala e, assim que coloco os olhos nele, o previsível acontece.

— Você não pode estar chorando já — resmunga Zoe da cama.

— Tudo bem chorar agora, Zoe. Todas as crianças legais estão fazendo isto. — Eu me inclino sobre o berço, pressionando meu dedo na ponta de seu nariz. — Você é muito pequeno — digo a ele.

— Ele não parecia pequeno quando o empurrei para fora.

— Estou tentando ter um momento privado com meu sobrinho.

— Bem, faça isso enquanto me passa meu suco. *Ow.*

Eu me viro para vê-la cair contra a cama, um travesseiro sustentando seu torso.

— Você parece uma merda — digo a ela, deixando a criança dormir enquanto me concentro nela.

— Acabei de ter um bebê — resmunga. — Qual é a sua desculpa?

— Dias viajando para estar com você.

— Ah, isso foi por *mim*, foi?

— Eu sabia que o bebê estava chegando. Sexto sentido.

— Obrigada pelo aviso.

Sento-me ao lado da cama, entregando-lhe o copo de plástico no criado-mudo. Ela realmente parece desgastada, o que é compreensível, considerando todas as coisas. E embora minha reação normal a qualquer coisa que ela faça seja tirar sarro dela, sinto que ela deveria ter um passe por hoje, então, em vez disso, eu pego sua mão e acaricio

cuidadosamente, até que ela bufa e a afasta.

— Isso é carinho suficiente de você, muito obrigada.

— Muito bem, Zoe.

Ela bufa, mas sorri.

— Obrigada.

— A enfermeira disse que está tudo bem?

— Sim. Apenas alguns testes porque ele é um bastardo precoce.

— Um caçador de atenção como sua mãe. Não é nada que não possamos lidar.

Ela me observa enquanto afasto o cabelo de sua testa, seu rosto se suavizando a cada movimento.

— Desculpe, eu surtei antes — murmura.

— Acho que você tem permissão para isso. Além disso, você está certa. Os aniversários no Natal são os piores.

— Eu sei. — Ela geme. — Será tão absurdamente caro. E quando crescer, só vai reclamar que não recebe atenção. — Ela suspira. — Ele terá que ter um aniversário falso também, não é?

— Talvez mamãe e papai estavam certos em alguma coisa.

— Hmmm. — Ela inclina a cabeça e dá um tapinha na cama ao lado dela. — Suba.

— O que?

— Suba! — ela comanda, puxando o cobertor. — Preciso de um abraço. Todos aqueles hormônios.

Reviro os olhos, mas há espaço mais do que suficiente na cama para nós duas, então faço como solicitado, subo cuidadosamente no colchão e me aperto em seu corpo, jogando um braço em volta dela. Costumávamos dormir assim quando éramos crianças e mamãe nos colocou em nossos próprios quartos. Era uma necessidade, afirmou ela. Ela disse que éramos muito pegajosas e que precisávamos aprender a ser independentes. Ela não estava errada. Zoe e eu éramos inseparáveis naquela época e naqueles primeiros dias eu não sabia o que fazer sem ela. Mas Zoe, especialmente, achou difícil. Começou a ter pesadelos e, por fim, mamãe a deixava entrar no meu quando acordava (acho que só o fazia para a Zoe não entrar no *dela)* e na maioria das vezes eu acordava de manhã com um cotovelo no meu estômago.

Ainda assim, depois de todo esse tempo, parece natural me aconchegar ao lado dela e deitar minha cabeça em seu ombro. Acho que sempre será.

— Ei — sussurro, colocando seu presente em seu colo. — Feliz Natal.

— Ah não. — Ela faz uma careta, cutucando-o com um dedo. — Perfume?

Aceno.

— O seu está em casa. Eca. — Ela deixa o lenço de papel cair na cama enquanto vira o frasco rosa brilhante em suas mãos. Parece ainda pior do que no aeroporto. — Já posso sentir o cheiro.

— Sem cheirar — digo enquanto ela o leva ao nariz. — Isso é roubar.

— Tudo bem. Tudo bem.

Observo com um sorriso enquanto Zoe fecha os olhos e borrifa a alguns centímetros do peito. Ela imediatamente começa a tossir.

— Ai meu *Deus.*

— É bom, certo?

— Isso não pode ser saudável para o bebê. Eu cheiro como uma revista feminina de doze anos. De 2004.

— Um buquê vintage.

Ela estremece novamente.

— Não tente me fazer rir. Minha vagina dói.

— Como assim...

— Eu não *sei* — ela geme. — Simplesmente dói. Não me questione, sou uma mãe recente. — Ela se enterra mais fundo em mim e eu torço meu nariz com o cheiro perfumado dela. — Andrew parece legal — diz depois de um minuto.

— Transição suave.

— Você quer me dizer o que está acontecendo?

— Como você...

— Por favor — ela ri. — É óbvio. *Você é* óbvia.

— Nós nos beijamos.

— Beijaram? — Ela faz um zumbido que não sei como interpretar. — Que tipo de beijo?

Dou a ela um breve resumo dos últimos dias, incluindo a breve, mas memorável sessão de amassos em Londres.

— Decidimos tentar sair quando voltarmos — termino.

— *Sair?* — Ela parece chocada. — Vocês não precisam sair. Vocês basicamente sabem tudo um sobre o outro.

— Não é assim.

— Sim, é assim — diz ela. — Vocês estão apenas acrescentando sexo.

— Zoe!

— Estou *brincando* — diz ela quando ameaço sair da cama. Ela me puxa rapidamente de volta, seu braço como um punho de ferro em meu estômago. — Ele foi para casa, então?

— Ele vai embora logo. Ele esbarrou em alguém de sua cidade natal porque esta é

a Irlanda, então é claro que sim. Ela dará uma carona para ele.

— Ele sempre pode passar a noite aqui. Voltar pela manhã.

— Ele não pode, ele precisa ir para casa. Esse é o objetivo de todo o estresse. — Puxo a colcha e então, quando isso não me satisfaz, meu cabelo, de repente inquieta.

— Você não quer que ele vá — supõe Zoe.

Dou de ombros, não enganando ninguém.

— Vou vê-lo em alguns dias.

Ela apenas me observa, seu rosto pálido e cansado, mas seus olhos tão perspicazes como sempre enquanto me observa.

— Você poderia sempre ir com ele.

— Como é?

— Você poderia ir para casa dele com ele — diz ela. — Para o Natal.

— Isso é ridículo.

— Não, não é. Natal é passar tempo com as pessoas que você ama.

— Eu não *amo*...

— Como amiga, então — interrompe. — E não é como se estivéssemos fazendo alguma coisa aqui. Eles estão me mantendo aqui durante a noite.

— Estou cansada demais para continuar viajando — digo. — E certamente não vou atrapalhar o Natal deles.

— Tenho certeza que eles adorariam ter você. Tenho certeza *que ele* adoraria ter você. Por que mais você acha que ele está preso aqui tanto tempo? Se ele não se importasse tanto com você, já teria ido embora horas atrás. Ele gosta de você.

— E eu gosto dele! Ninguém está negando isso, mas não deixarei você. Não quando você tem pontos onde ninguém deveria ter pontos.

— Mas eu não farei nada! — diz ela com uma risada. — Terminei por aqui. Esse é o meu bebê e este é o meu Natal. Esta cama. Essas paredes. Estamos falando de algumas horas de estrada.

— Você está lendo muito nessa situação.

— Você perguntará a ele pelo menos?

— Não!

— Molly!

Nós duas congelamos quando um som vem do berço, um pequeno soluço que nos faz virar para o bebê. Meu sobrinho faz outro barulho e se contorce, como se estivesse testando esse estranho mundo novo, antes de cair imóvel novamente. Nem Zoe nem eu nos movemos, esperando para ver se ele faz mais alguma coisa.

Ele não faz.

— Então, coisa nova e divertida sobre mim — diz Zoe enquanto olhamos para ele.

— Acho que nunca amei ou amarei alguém tanto quanto o amo. Mesmo que ele se torne um idiota. O que, comigo como mãe dele, é uma possibilidade real.

— Eu meio que quero mordê-lo. Isso é uma coisa, certo? Tipo, eu vejo os punhos dele e só quero... mordê-lo.

— Que tal você segurá-lo em vez disso?

Faço uma careta.

— Não.

— Por que não?

— Você conhece minha relação com bebês — digo, mesmo achando difícil desviar meus olhos dele.

— Sim, mas este é *meu* bebê. Espero que você mostre a ele mais amor e atenção do que isso.

— Bem, eu esperava ser madrinha.

— Você vai superar isso? — estala assim que a porta se abre e uma enfermeira que não parece ter idade suficiente para se encarregar de, você sabe, manter os humanos *vivos* entra no quarto.

— Gêmeas! — proclama, olhando entre nós. — Qual de vocês é Zoe? Estou brincando. Aquela de bata de hospital, certo?

— Nada passa dessa detetive — suspira Zoe, se levantando. — Posso ir para casa agora?

— Não — diz a enfermeira alegremente. — Faça isso e estará de volta aqui em uma hora. É hora da alimentação.

— Não estou com fome.

Reviro os olhos enquanto saio da cama.

— Do bebê, sua idiota.

— Oh. — Zoe olha para os seios com um olhar duvidoso. — Você mandará mamãe entrar?

Concordo com a cabeça, contornando a cama para beijar a pequena testa do meu sobrinho.

— Eu te amo — sussurro porque amo, e então abraço minha irmã em despedida.

Minha mãe está falando ao telefone lá fora, mas desliga quando eu saio.

— Zoe quer que você entre — digo e ela balança a cabeça, mas não se move.

— Você está bem?

— Estou bem. Eu estava... Zoe, na verdade...

Ela apenas espera.

— Eu estava pensando em talvez passar hoje com Andrew. Com a família dele. Para o Natal. Dia de Natal. E então eu poderia...

— Acho que parece uma ideia maravilhosa — interrompe.

— Você acha?

— Sim, não é como se estivéssemos fazendo alguma coisa aqui — diz ela, repetindo o que Zoe disse. — Poderemos comemorar adequadamente amanhã.

Levanto minhas sobrancelhas para isso, mas não digo nada.

Deus, mencionei brevemente que pensei que ela não me queria em casa e agora vou voltar no ano que vem para descobrir que ganhamos o prêmio de casa mais festiva de Dublin.

— Terei que perguntar a ele primeiro — murmuro, puxando minhas mangas para baixo sobre minhas mãos. — Ele pode dizer não.

Mamãe se limita a me olhar quando a enfermeira sorridente enfia a cabeça pela porta.

— Podemos ter a mãe da mãe? — pergunta quando o grunhido frustrado de Zoe vem de dentro da sala.

— Não consigo fazer isso! — grita. — Meus mamilos estão quebrados!

— Apenas me mantenha atualizada — diz mamãe, segurando minha bochecha brevemente enquanto ela segue a enfermeira para dentro. — E quero o seu melhor comportamento.

— Por que eu não...

— Diga por favor e obrigada.

— Não tenho *nove anos.*

Embora bastasse algumas horas em casa para que eu me sinta como se tivesse. Luto contra um sorriso quando a porta se fecha, deixando-me sozinha no corredor. Fico ali por um momento, protelando, antes de voltar lentamente para a sala de espera, passando por quartos de mães adormecidas e parceiros exaustos, passando por enfermeiras, parteiras e médicos que se preparam para passar o dia de Natal no hospital.

Andrew está na mesma posição em que o encontrei no O'Hare, curvado na cadeira, com uma revista nas mãos. Só que desta vez parece ser uma para mães lactantes em vez da *National Geographic*. Eu paro ao virar a esquina para observá-lo, e sei em meu coração que tudo o que estou sentindo não desaparecerá tão cedo. Essa não é sou eu correndo atrás de Brandon ou enlouquecendo por causa de um plano de viagem que foi para o inferno. É mais profundo do que isso. É mais profundo e real e vale a pena arriscar meu pescoço.

— Zoe está bem? — pergunta ele quando me aproximo.

— Ela está bem — digo. — Os dois estão bem. Bem e supimpas. — Ai meu Deus, cale a boca. — Ava ainda está por aí?

— Ela deve terminar a qualquer segundo agora. Embora eu perceba que estou me azarando ao dizer isso. — Ele se levanta, esticando os braços sobre a cabeça. — Você está bem?

— Sim. Cansada.

— Eu aposto. Talvez você possa...

— Na verdade, eu estava pensando em me juntar a vocês — interrompo, as palavras saindo de mim rapidamente.

Andrew parece confuso, os braços ainda levantados enquanto ele dobra as costas.

— Para que?

— Para o Natal. Zoe sugeriu e achei que seria uma boa oportunidade para conhecer sua família. — Perco a confiança a cada segundo quando ele apenas olha para mim. — Quero dizer, só se estiver tudo bem para você. E não se preocupe se não estiver, porque sei que você está animado para ver todo mundo e viemos até aqui para... — Nada. Ele não está me dando nada. — Sabe o que? Desculpe. Está tão em cima da hora. Esqueça que eu disse alguma coisa. Zoe apenas está...

— Eu adoraria que você viesse. — Seus braços caem ao lado do corpo antes de esfregar o rosto, como se estivesse tentando acordar. — Isso parece ótimo. Se você tem certeza de que está bem deixando Zoe?

— Ela não sairá até amanhã — digo, um pouco estranha. — Você não deveria verificar com seus pais primeiro?

— Vou avisá-los — ele encolhe os ombros.

— Que uma estranha vem visitá-los no dia mais importante do ano?

Ele me dá um olhar estranho.

— Você não é uma estranha. Eles sabem quem você é.

— Sabem?

— Claro que sim — diz ele como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Eles sabem sobre você há anos. E o maior dia do ano é o aniversário de Hannah. Ela garante isso.

— Se você tiver certeza...

— Eu tenho — diz ele com firmeza, parecendo muito mais acordado agora. — Eles adorariam conhecer você. Mamãe especialmente. Honestamente, isso fará o dia dela.

— Bem... tudo bem. Acho que contarei a todos. — Começo a andar para trás, sem tirar os olhos dele. — Te encontro aqui?

Ele acena com a cabeça, observando-me ir, e é só quando chego às portas duplas que me forço a me virar, sorrindo tanto que minhas bochechas começam a doer.

# Capítulo Vinte e Dois

dois anos atrás

## Voo Oito, Chicago

— Acho que estou morrendo.

Andrew me observa com simpatia enquanto eu caio na cadeira, pressionando a mini lata de refrigerante na minha têmpora.

— Você deveria ter dito alguma coisa.

— Eu sei — gemo, mudando de posição novamente. É impossível ficar confortável neste assento estúpido. No ano que vem, estaremos voando na classe executiva. Pago por nós dois, não me importo. Embora ache que nem isso possa me salvar agora.

Meu período menstrual está sendo uma vadia. A médica disse que pode ser estresse. Ela fez aquela coisa em que me perguntou se eu tinha um trabalho de alta pressão e comecei a rir. Mas sim, estresse. Quem adivinharia. Quero dizer, as velhas marés vermelhas sempre foram ruins, mas pelo menos foram *administráveis*. Nada que alguns analgésicos e uma noite sentindo pena de mim mesma não pudessem resolver. Este mês é como se meu corpo tivesse decidido desistir. Estou fraca como um gatinho recém-nascido e a viagem ao aeroporto me esgotou completamente.

— Não olhe para mim — reclamo. — Estou nojenta.

— Você já esteve pior — diz ele, sorrindo quando o olho. Eu me esforcei quando cheguei, usando toda a energia que tinha enquanto comíamos, ouvindo e balançando a cabeça em todos os lugares certos enquanto ele me atualizava sobre sua vida amorosa pós-Alison (merda) e seu apartamento (também uma merda). Mas a dor de cabeça começou quando chamaram para o nosso portão e, quando entramos no avião, mal conseguia manter os olhos abertos.

Eu me mexo novamente, puxando minhas pernas para cima enquanto tento desesperadamente ficar confortável no pequeno espaço, como se, se eu contorcesse meu corpo da maneira certa, a dor pararia de repente.

— Aqui.

— O que... Ei! — Olho com mais esforço quando Andrew rouba o pequeno travesseiro de avião do meu colo, afofando-o o melhor que pode antes de colocá-lo em seu ombro. Quando eu apenas olho para ele, ele dá um tapinha convidativo, uma

sobrancelha levantada.

— Não — digo categoricamente.

— Você não se sentirá confortável sentada assim. — Quando não me mexo, ele pega o cobertor e depois o próprio travesseiro, construindo uma espécie de muro entre nós. — Certa vez, namorei uma garota que disse que a única maneira de se sentir confortável durante a menstruação era se deitar no chão com as pernas contra a parede. Eu costumava voltar para o apartamento e encontrá-la em quartos diferentes, trabalhando em seu laptop assim. Não a questionei e não vou questionar você. — Ele dá um tapinha no travesseiro. — Chegue aqui.

Deus, isso é embaraçoso. Mas acho que a boa notícia para mim é que estou com muita dor para me importar. Empurro o apoio de braço para cima, arrastando os pés para mais perto dele. A posição imediatamente me permite trazer minhas pernas para cima com mais conforto enquanto descanso minha cabeça cuidadosamente contra o travesseiro. Maldito seja, mas funciona.

— Ok, você não tem permissão para se mover — murmuro e posso sentir sua risada através da barreira improvisada enquanto puxo minhas pernas mais apertadas ao meu corpo. — Não me deixe cair no sono.

— Não vou.

— Falo sério, Andrew. — Meus olhos estão tão pesados.

Testo mais meu peso sobre ele, inclinando-me um pouco mais quando ele não comenta, e finalmente começo a relaxar.

— Desculpe, estou arruinando o Natal — murmuro, e ele ri.

— Você não está arruinando o Natal.

— Estou arruinando o voo.

— O objetivo deste voo é passar um tempo com você. Estou passando um tempo com você, então você me vê reclamando?

Ele não tem tempo para reclamar quando estou reclamando o suficiente por nós dois.

— Você está mal — diz ele com firmeza. — Deixe-me cuidar de você. Eu sempre cuidarei de você.

Ele diz a última parte quase como se estivesse bravo por eu pensar o contrário e eu me aconchego no travesseiro, me sentindo um pouco melhor.

— Ok — digo. — Talvez eu tire uma soneca bem curta.

— Bom.

— Mas você precisa me acordar para lanchar.

— Pode ficar tranquila.

Há um movimento acima de mim quando sua cabeça se inclina, quase como se ele

estivesse colocando um beijo no topo da minha cabeça. Mas é leve demais para isso, pouco mais que um sussurro, e não penso mais nisso enquanto a inconsciência me puxa para baixo.

---

**Agora**

Leva mais uma hora antes de Ava retornar, parecendo heroicamente alerta depois de um turno duplo, e ao vê-la, sou lembrada mais uma vez que o que quer que o mundo pague a suas enfermeiras, nunca será o suficiente. Ela vestiu uma calça de moletom e uma blusa de lã preta e aceita minha companhia adicional com um sorriso ainda mais alegre.

A cidade está bem mais silenciosa quando saímos do hospital, o céu escuro e sem nuvens. Ava nos leva pela rua até um pequeno carro azul no qual, de alguma forma, com a habilidade de Tetris, conseguimos colocar a mala de Andrew dentro. Claro, isso significa tirar as malas de Ava e colocá-las no banco de trás, mas só comigo para me juntar a elas, temos espaço.

Além de tocar o rádio no volume máximo, Andrew se esforça para conversar com ela enquanto dirigimos, ajudando a mantê-la acordada, e ela parece agradecida ao atualizá-lo sobre as últimas notícias da cidadezinha e compartilhar histórias de casa. Nomes e memórias passam por mim, sem significar nada, e apesar do barulho, o ritmo suave do carro passando suavemente pelas ruas vazias logo me faz fechar os olhos.

Em algum momento, adormeço. Como, eu não sei. É desconfortável na parte de trás e as ruas ficam cada vez mais esburacadas quando saímos da rodovia. Mas estou mais do que exausta e durmo, acordando apenas quando um dedo fantasma traça um caminho pela minha bochecha.

Claro, não é um fantasma, mas Andrew, e quando me mexo, ele se afasta, sorrindo suavemente sob a luz fraca do painel enquanto se vira em seu assento para me observar.

— Você está bem? — pergunta.

Aceno apenas para me arrepender imediatamente quando meu pescoço grita em protesto.

— Quanto tempo fiquei fora?

— Cerca de uma hora — diz Ava. — Estamos quase lá.

Estamos? Sento-me, com um sorriso puxando meus lábios enquanto observo os campos que passam antes de me aninhar de volta no meu canto.

— Ei — diz Andrew. — Não durma de novo.

— Você não é o meu chefe.

— Estou falando sério, Molly. Não me faça acordá-la.

Eu o ignoro, tentando ficar confortável. Na verdade, não pretendo voltar a dormir, mas minhas pálpebras estão cada vez mais pesadas e...

— Ai! — Meus olhos se abrem quando Andrew me cutuca com força na perna.

— Eu te avisei — diz ele, e se vira. — Podemos caminhar a partir daqui — continua ele, apontando para o lado da rua.

Ava lhe lança um olhar confuso.

— Sério?

— Sério. Estamos bem em cima da colina. São cinco minutos no máximo.

— E a sua mala?

— Daremos um jeito. — Sua voz aumenta quando ele se volta para mim. — Podemos andar, não podemos, Moll?

Faço uma careta, vendo como prefiro ficar aqui no carro quente até que ele me deixe na casa presumivelmente quente, mas Andrew tem outras ideias.

— Ela pode andar — diz ele.

Depois de um minuto, Ava para ao lado de um campo e destranca as portas. Ela está com muito sono para continuar protestando, mas ainda parece insegura quando dá um abraço de despedida em Andrew e depois em mim, partindo com um *Feliz Natal* e um bipe suave da buzina.

Espero até que ela desapareça na esquina antes de me virar para Andrew com uma careta.

— Estou sendo punida?

— O que você quer dizer?

— Estou com minha bunda congelando.

— Quer que eu esquente?

Nem sequer dignifico isso com uma resposta, caminhando à frente dele no que felizmente deve ser a direção certa, porque ele corre alguns passos para me alcançar.

O ar frio pelo menos me acorda, embora ainda haja aquela dor surda atrás dos meus olhos que levará mais do que uma xícara de café para compensar. O pensamento de ter que dar um sorriso brilhante para a família de Andrew, além de explicar desajeitadamente minha presença ali, me faz gemer e fecho e abro minhas mãos enluvadas, a dúvida me enchendo enquanto alongo meu passo morro acima assim que o amanhecer começa a despontar.

Esta foi uma ideia estúpida. Estou invadindo *o Natal* deles. Não me importo com o quão legais eles são. Não me importo o quanto Andrew gosta de mim agora. Ninguém realmente gosta da estranha que aparece na manhã de Natal. Ótimo jeito de causar uma primeira impressão, Molly. Ótima jeito de...

— Então, o que você está fazendo agora é andar pela cidade. — Andrew fala para mim. — Quando o que você precisa fazer é caminhar pelo campo. Especialmente em uma inclinação.

Paro assim que chegamos ao topo.

— Desculpe.

— Não, por favor — diz ele, um pouco sem fôlego. — Estou impressionado.

— Você quer ajuda com sua mala?

— Você realmente quer ajudar?

— Não — digo, olhando para a coisa. — Mas não tenho nenhuma simpatia por você. Foi sua ideia caminhar.

— Foi. Eu esperava ser romântico.

Pisco para ele.

— Ok, vamos precisar ter uma conversa séria sobre o que é e o que não é romântico, porque se você acha...

— Apenas olhe por cima da colina, sua idiota. — E então murmurando para si mesmo: — Antes que eu empurre você para baixo.

Faço uma cara de *muito engraçado* e subo os degraus finais, parando no topo enquanto espero por ele.

— Adorável — proclamo, olhando para o pequeno vale. — Estou tão feliz que você nos fez...

Ah.

Andrew chega ao meu lado enquanto fico em silêncio e, juntos, observamos lentamente, gentilmente, o mundo ao nosso redor se iluminar, como se ganhasse vida diante de nossos olhos.

— É por isso que estamos caminhando — diz ele. Para seu crédito, ele soa apenas um pouco presunçoso.

Os primeiros raios fracos do sol destacam a geada nas colinas levemente inclinadas. Vai nevar nas montanhas esta manhã, mas aqui embaixo a grama ainda está verde o suficiente para que você seja perdoado por pensar que é verão. Não há mais ninguém à vista. Nenhum outro carro na estrada, nenhuma figura solitária passeando com o cachorro. Apenas Andrew. Apenas eu. Apenas este momento, pacífico, perfeito e brilhante.

— Em um ano nevou — diz Andrew, apontando para os campos. — Descemos aquela colina de trenó o dia todo.

— Estou com inveja. A neve em Dublin simplesmente derrete. E em Chicago, é...

— Normal.

— Sim. — Na Irlanda, era raro e geralmente motivo de comemoração, senão

grandes problemas de trânsito. — Sinto que você planejou isso — acrescento.

— Não. Apenas tive sorte com o clima. Não teria o mesmo efeito se estivesse chovendo.

Murmuro de acordo.

— Esta é a parte em que você me diz que vive em uma toca de hobbit?

— Eu vivo lá.

— Onde?

Ele estende a mão e gentilmente agarra meu queixo, virando meu rosto para uma ampla casa de fazenda branca à nossa direita.

— Você mora em uma fazenda — digo, incapaz de esconder minha surpresa.

— Moro.

— Com animais?

Ele parece se esforçar muito para não rir.

— Temos vacas.

— Quantas vacas?

— Cinquenta.

Meus olhos se arregalam.

— São tantas!

Desta vez ele ri de mim, mas estou encantada demais para me importar.

— E pensar que você ia passar o dia de hoje em Chicago — digo. — Sem nenhuma vaca.

— Eu ia passar com *você* — corrige calmamente. — E ainda vou.

Pressiono meus lábios, tentando não mostrar o quão quente e fora de foco isso me faz sentir, mas é claro, ele percebe, sorrindo para mim com reconhecimento.

— Ok — diz ele. — Vamos entrar. Antes que você fuja do constrangimento.

— Não vou fugir. Estou com muito frio para correr.

Ele acena para baixo da colina.

— Devemos ficar na grama — diz ele. — As estradas estarão geladas.

Descemos com cuidado, o passo de Andrew acelerando a cada passo que damos.

— Alguém estará acordado tão cedo? — pergunto, quase sussurrando enquanto ele conduz a mala pela entrada. Há três carros junto com um trator estacionado do lado de fora, mas a própria casa parece que ainda está adormecida.

— Papai já vai acordar com os animais — diz ele. — Ele ficará fora o dia todo e mamãe provavelmente ainda está na cama, embora o Natal seja meio que o forte dela, então ela pode... — Andrew se distrai quando, de repente, para — Ah. Cristo.

— O quê? — pergunto em alarme. — O que foi?

— Você é alérgica a...

Mas o que quer que ele fosse perguntar é abafado quando a porta da frente se abre e o ar se enche de latidos excitados. Dois cachorros correram em nossa direção e mal tive tempo de me preparar enquanto eles miravam em Andrew, quase o derrubando antes de virem até mim.

— Ei ei ei!

Andrew avança, agarrando o marrom pelo colarinho, mas o maior pula, suas patas batem em meus ombros enquanto ele tenta lamber meu rosto.

— Uisce! Polly!

Um sussurro sibilado vem da direção da casa e eu espio por trás da língua babando para ver uma sombra emergir da varanda. Essa sombra se torna uma mulher que corre em nossa direção, os braços estendidos para agarrar os cachorros.

— Dentro, dentro — castiga, puxando o cachorro de cima de mim. — Agora! — Andrew solta o seu ao comando e, para minha surpresa, eles imediatamente fazem o que foi dito, voltando correndo para casa.

— Minha mãe — apresenta Andrew, verificando se estou bem antes de se virar para ela. — Como eu dizia, eu não sabia se você...

Ele é interrompido quando ela o puxa para um abraço firme, seus braços em volta dos ombros dele, a cabeça enterrada em seu peito. Andrew imediatamente retribui, segurando-a com força, e eu me sinto imediatamente como uma intrusa testemunhando o reencontro deles. Dou um passo para trás, tentando dar-lhes o seu momento, mas o movimento chama a atenção de sua mãe e ela se afasta, enxugando suas bochechas com as mãos.

— Ridículo — diz ela. — Assustando-nos assim por nada. — Com um olhar avaliador que me lembra dos meus próprios pais, ela o examina como se estivesse verificando se ele ainda está inteiro antes de se virar para mim. — Não estarei em casa no Natal, ele disse.

— Quase não estive. — Andrew a lembra antes de estender a mão para pegar minha mão, puxando-me para o seu lado. — Esta é Molly. Molly, esta é minha mãe.

— Me chame de Colleen — corrige, e então eu ganho meu próprio abraço. — Obrigada por trazê-lo até nós — sussurra em meu ouvido, e tudo que posso fazer é dar um tapinha em seu ombro em resposta, porque, honestamente, o que eu deveria dizer a isso que não me fará chorar imediatamente?

Com um aperto final, ela dá um passo para trás e dou uma boa olhada nela pela primeira vez. Ela é um pouco mais alta do que eu, com cabelo grosso grisalho puxado para trás em um coque, e um rosto desgastado que fala dos dias passados ao ar livre. Ela ainda está meio vestida, um casaco curto por cima do pijama, cujas pernas ela enfiou em um par de botas de borracha enlameadas e práticas.

— Planejávamos entrar sorrateiramente — diz Andrew se desculpando. — Pensei que você ainda estaria na cama.

— Na manhã de Natal? — Ela bufa. — Suponho que você vai querer seu café da manhã. Vou fritar algo mais tarde, mas não há razão para não preparar algo para você agora.

Andrew e eu trocamos um olhar e fico aliviada ao ver um eco da minha própria exaustão em seus olhos.

— Precisamos dormir um pouco — diz ele. — Ou não aguentaremos até o almoço.

— Claro! Os outros não vão acordar por algumas horas de qualquer maneira. Arrumei o antigo quarto de Liam para você. O radiador tem vontade própria e estamos com pouco espaço, mas é o melhor que posso fazer. Agora, se você não gostar, teremos que...

— Tenho certeza que está tudo ótimo, mamãe — interrompe Andrew, me empurrando atrás dela enquanto nos dirigimos para a casa.

Nem tenho energia para olhar em volta quando entramos, me despedindo de Colleen antes de segui-lo escada acima.

O antigo quarto de Liam fica no meio de um longo corredor e é pequeno e simples, com papel de parede azul desbotado e um carpete bege gasto. Uma cama queen size ocupa a maior parte do espaço, junto com uma velha cômoda de madeira e uma caixa de livros destinados à caridade.

— Onde é o seu quarto? — pergunto.

— Compartilhei um com Christian — diz Andrew enquanto posiciona sua mala contra a parede.

— E Liam não fica aqui também?

— Ele mora na cidade. Ele trará as crianças para jantar, mas não vai passar a noite. — Ele franze a testa enquanto pressiona a mão no radiador. — Vou pegar uma garrafa de água quente. Mamãe não estava mentindo, essas coisas demoram muito para esquentar.

Concordo com a cabeça, minha mente começando a desligar quando ele me deixa sozinha. O ar frio me atinge quando tiro o casaco, então não tiro mais nada além dos sapatos enquanto espero por ele. Até mantenho o cachecol enquanto me sento no final da cama, acariciando a colcha com a mão. Não pensei sobre o que Colleen falou quando disse que teríamos pouco espaço. Claro, eles não podem simplesmente arranjar uma cama extra magicamente em tão pouco tempo, mas nunca me ocorreu que estaríamos compartilhando uma.

A porta se abre antes que eu possa me preocupar muito com isso e Andrew desliza

para dentro, segurando uma garrafa de água quente contra o peito. Ele hesita perto da parede, sem dúvida vendo os pensamentos conflitantes em meu rosto. Deus sabe que estou cansada demais para escondê-los.

— Aqui — diz ele, entregando-a para mim. — Vou chutar Christian para fora da cama.

— Não seja bobo. Podemos nos encaixar aqui.

Seus olhos movem-se entre o colchão e eu.

— Tem certeza?

— Tenho certeza de que não quero ser a pessoa que estraga a manhã de Natal do seu irmão? Sim.

— Tem um sofá lá embaixo que posso...

— Andrew — interrompo. — Por favor, entenda isso literalmente: eu quero que você durma comigo.

Ele ri, parecendo aliviado.

— Ok — diz ele, e está prestes a tirar o suéter antes de pensar melhor. Eu entendo. Não é que ele não ache que não consiga lidar com ele de camiseta, mas está *frio* aqui.

— Ficarei com o seu cachecol — digo, e me viro para a cama para tirar os cobertores. Eu o ouço tirar os sapatos e então ele fecha as cortinas antes de subir ao meu lado.

É, previsivelmente, imediatamente estranho. As três camadas de roupa que ambos usamos não ajudam. Nem o fato de estarmos ambos congelados, com apenas a garrafa de água quente para nos manter aquecidos. Estou prestes a perguntar a ele se ele prefere manter a garrafa de água onde está ou colocá-la aos nossos pés quando ele solta um suspiro irritado e, prontamente, se vira de lado, me puxando para ele.

— Tudo bem? — pergunta, nos arrumando para que ele fique me abraçando de conchinha. Posso apenas acenar com a cabeça enquanto tento ignorar quão incrivelmente confortável é, e o quanto eu gosto do calor dele e do cheiro dele e de tudo dele.

— Devemos programar um alarme? — sussurro.

— Minha família é o alarme.

— Mas e se...

— Vou acordar você, Moll. Prometo. Tente descansar um pouco.

Não preciso que me diga duas vezes, e enquanto sua cabeça afunda no travesseiro ao meu lado e o calor de seu corpo se transfere lentamente para mim, eu deslizo rapidamente, alegremente, para um sono profundo e sem sonhos.

# Capítulo Vinte e Três

Posso ter adormecido com Andrew em volta de mim, mas acordo em volta dele. Meu braço está jogado sobre seu peito largo, minha coxa enganchada em seu quadril e aninhada entre suas pernas, pressionando contra ele como se eu estivesse inconscientemente tentando passar por cima do homem. Ou em cima dele.

Não me afasto. Um pouco porque simplesmente não quero. Principalmente porque ainda me sinto cansada. Levo alguns minutos para ganhar consciência suficiente para mover meus membros e, mesmo quando o faço, eles parecem tão pesados que não tento muito mais do que uma contração tímida.

Por fim, registrei outros ruídos além da respiração de Andrew. Vozes murmuradas, uma porta de armário batendo. Elas estão fracas, provavelmente do andar de baixo, mas o pensamento de alguém entrando e me vendo assim, uma estranha envolta do seu filho ou irmão, é o suficiente para me fazer levantar.

Faço isso o mais gentilmente que posso, tentando não acordá-lo, mas Andrew se move assim que levanto minha cabeça, nos rolando para que fique em cima de mim, me pressionando suavemente contra o colchão. A princípio, acho que ele ainda está dormindo e que estou presa, mas então sua respiração faz cócegas em minha orelha e sinto o fantasma de seu sorriso contra minha pele.

— Onde você vai? — A voz dele é rouca e silenciosa, deixando meus braços arrepiados, e percebo que poderia me acostumar alegremente com Andrew pela manhã. Mas haverá muito tempo para isso.

— Fazer xixi — resmungo, e ele ri, descolando-se de mim antes de virar de lado, puxando o cobertor até o queixo.

— Duas portas para baixo. Coloque uma meia na maçaneta ou alguém entrará.

— O quê? — pergunto, levemente alarmada.

— Natal com os Fitzpatricks — diz ele, como se isso explicasse tudo. O que meio que explica e também não explica. Espero que ele diga mais alguma coisa, mas ele parece que já voltou a dormir e, com a minha bexiga dando o aviso de vou-deixar-sair-um-tintilinho-se-você-não-se mexer-em-breve, eu deslizo para fora da cama, estremecendo quando meus pés descalços encontram o ar frio. Devo ter tirado minhas meias em algum momento durante a noite. Ou pela manhã. Ou qualquer parte do dia que passamos inconscientes.

Eu me movo até a cortina para verificar, afastando-a para encontrar o céu

totalmente iluminado lá fora. Andrew geme quando a luz do sol atinge a cama, mas precisamos nos levantar, então eu as deixo abertas e saio correndo do quarto antes que ele possa reclamar.

Está mais quente no corredor, assim como mais... delicioso? O cheiro de alho e cebola vem do andar de baixo e meu estômago ronca alto, apesar do fato de que meu relógio biológico interno está bem, e verdadeiramente, quebrado agora. Só Deus sabe como voltarei à rotina.

Conto as portas enquanto me dirijo ao banheiro. Tem uma meia no cabo, como Andrew disse, mas não consigo ouvir ninguém do outro lado. E embora eu não queira encontrar mais nenhum membro da família dele do lado de fora do banheiro, eu também preciso muito, muito *mesmo*, fazer xixi. Estou pesando os prós e os contras de tentar encontrar outro, coxas juntas, quando a porta se abre, revelando uma jovem de pijamas des-combinando.

Ela grita quando me vê, deixando cair a escova de dentes que estava pendurada na boca.

— Hannah! — Colleen contorna o topo da escada, carregando uma braçada de toalhas dobradas. — O que eu disse sobre acordá-los? E por que você não está se vestindo?

— Estou escovando meus dentes! — diz a garota, afrontada. Ela é alta, tem olhos verdes bem separados e nariz de botão com um pequeno piercing na lateral. Seu longo cabelo castanho está tingido de vermelho brilhante nas pontas, metade dele ainda preso em bobes antiquados. Ela não se parece em nada com Andrew, exceto pelo brilho em seu olhar quando se vira para mim. — Eu sou Hannah.

— Molly — digo.

Ela sorri.

— Eu sei.

Ela se abaixa para pegar a escova de dentes do chão enquanto Colleen se junta a nós.

— Preciso colocar minhas lentes de contato — diz ela se desculpando, segurando uma caixinha. — Dois segundos.

Ela deixa a porta aberta enquanto volta para a pia e tento não olhar para seu reflexo no espelho.

Hannah.

Ela tinha apenas seis anos quando conheci Andrew e ao longo dos anos ela ficou mais ou menos assim em minha mente sempre que ele falava sobre ela. É bizarro vê-la agora, perceber quanto tempo se passou. Todo Natal eu recebia uma atualização sobre a vida dela e agora aqui estou, diante dela.

Prestes a me mijar.

Colleen pigarreia, chamando minha atenção de volta para ela.

— Coloquei a água quente no caso de você querer um banho. Vou deixar as toalhas do lado de dentro da porta.

— Água quente depois das dez da manhã? — brinca Hannah. — Ganhamos na loteria?

— É Natal e ela é uma convidada.

— Ela é a convidada *de Andrew.* — Hannah sorri.

Eu vou, de verdade...

— Você se importa se eu usar o banheiro?

Hannah estremece ao ouvir a urgência em minha voz.

— Desculpe! Claro. — Ela passa correndo por mim, piscando suas lentes de contato.

— Não se apresse, Molly — diz Colleen enquanto trocamos de lugar. — Hannah, vista-se. Você está descascando batatas.

— É a vez de Christian descascar batatas.

— Ele é ruim nisso — descarta.

— Ele é ruim de propósito, para não precisar fazer isso! — Os protestos de Hannah desaparecem enquanto elas se afastam e fecho a porta, mal entrando no banheiro antes de correr para a privada. Ninguém tenta entrar no minuto que levo para fazer os movimentos, mas ouço música natalina vindo de uma das portas fechadas no meu caminho de volta para o quarto, e Hannah cantando junto, com uma voz surpreendentemente boa.

Andrew está deitado de costas quando volto, um braço cobrindo o rosto para protegê-lo da luz do dia.

— Foi o tom doce da minha irmã que ouvi? — pergunta.

Fecho a porta.

— Eu a assustei.

— Você é muito assustadora. — Ele abaixa o braço para olhar para mim e meu coração dá um pulo no peito. — Foi a melhor noite de sono que tive em semanas — diz ele. — O que é bem significativo, considerando que durou apenas duas horas.

— Você estava cansado.

— Talvez. — Ele me observa da cama, seu olhar quente e convidativo. Ainda assim, não me mexo.

— Você vai voltar? — pergunta, percebendo minha hesitação.

Eu torço minhas mãos na minha frente.

— Acho que todo mundo está acordado, então...

— Então — suspira, tirando as cobertas.

— Sua mãe abriu a torneira para tomar banho — digo a ele.

— Você vai primeiro. Eu guardarei a porta.

— Você não precisa...

Ele dá uma risada.

— Preciso. Confie em mim. A meia nem sempre funciona. — Ele se levanta e joga um roupão velho para mim que eu não vi. Dou de ombros com gratidão enquanto procuro minha bolsa. E é aí que me ocorre.

— O que? — Andrew pergunta quando não o sigo até a porta.

— Eu não tenho minhas coisas. — Eu não tenho *nenhuma* das minhas coisas.

Ele fica momentaneamente confuso antes de perceber o que quero dizer. Em todo o caos da noite de ontem, da viagem para casa, de *tudo,* eu esqueci completamente o fato de que não só não estava com minha mala, como também não trouxe nada para o hospital. Nada além das roupas do corpo e do telefone no bolso.

Ele estremece, passando a mão pelo cabelo.

— Não se preocupe com isso — diz ele. — Temos muitas roupas limpas. Hannah vai te dar algo. E mamãe tem muitos... batons.

Tento não sorrir.

— Batons?

— Spray de cabelo?

— Você precisa arrumar uma namorada — digo sem pensar, e imediatamente me arrependo ao olhar em seus olhos. — Eu me contentaria com shampoo agora — acrescento, passando por ele no corredor.

Eu o sigo de volta ao banheiro, onde ele me mostra como usar o chuveiro, brinca por cinco segundos sobre ficar dentro do banheiro enquanto tiro a roupa e, eventualmente, fica de guarda no corredor, assim como prometeu.

Mas, mesmo com ele lá, eu tomo o banho mais rápido que posso, usando o gel de banho do supermercado e shampoo com moderação antes de secar o cabelo com a toalha. Quando pareço meio decente, coloco o roupão e pego minhas roupas velhas debaixo do braço.

Saio para encontrar Andrew ainda guardando a porta. Só que agora ele não está sozinho.

Um homem quase injustamente atraente está ao lado dele, com uma caneca de chá na mão.

Christian. O irmão mais novo.

Ele é um pouco mais alto que Andrew, com um corte de cabelo caro e um tom mais claro que deve vir do lado de sua mãe. Ele tem aquela aparência clássica de

beleza, olhos escuros, nariz comprido, um toque de maçãs do rosto. Considerando que Andrew sempre foi um pouco desalinhado, e ainda mais esta manhã, Christian parece que pertence a uma novela. Ou, no mínimo, uma campanha de marketing para aparelhos de barbear masculinos.

Ele sorri quando apareço, não exatamente maldoso, mas também não exatamente amigável e sem o calor provocador que sempre recebo de Andrew.

— É um prazer finalmente conhecê-la — diz ele, levantando sua caneca em um brinde fingido.

— Meu irmão — diz Andrew desnecessariamente. — Christian.

— Oi. — Aperto a faixa em volta da minha cintura, parando quando ambos os pares de olhos caem para as minhas mãos. O de Christian voltou imediatamente.

Andrew leva um segundo.

— Andrew me contava sobre seu sobrinho — diz Christian. — Parabéns. Parece que vocês tiveram uma semana e tanto.

— Algo assim — ri Andrew. — Hannah levará algumas coisas para você — acrescenta para mim.

— Posso usar minhas roupas de ontem. Ela não precisa...

— Ela quer — diz ele me cortando. — E você precisa ser legal com ela porque é Natal. — Ele acena para o chuveiro antes que eu possa argumentar mais. — A água ainda está quente?

Aceno e ele sorri.

— Minha vez — anuncia, se afastando da parede. Dou um passo para o lado para deixá-lo passar e ele desaparece atrás da porta, deixando-me sozinha com seu irmão.

Christian me estuda por um momento antes de levar o dedo aos lábios em um movimento de silêncio. Com lentidão exagerada, ele abre a porta ao lado do banheiro, revelando uma caldeira parecida com a de meus pais. Com uma piscadela, ele aperta o interruptor, desligando a água quente.

— Feliz Natal — diz ele para mim, e caminha em direção à escada, tomando seu chá.

Espero até que ele saia antes de ligar a água novamente e então volto correndo para o quarto, onde uso o desodorante de Andrew e me visto com as mesmas roupas com que dormi. Mal estou coberta por cinco segundos quando Hannah chama pela porta.

— Ouvi dizer que você precisava de suprimentos — diz ela quando eu abro. Ela joga um pacote fechado de calcinhas enquanto entra no quarto. — Não se preocupe — diz ela. — Tenho centenas. Estou fazendo um vestido com elas para a escola.

Há muito o que descompactar nessa frase. Eu opto pela opção mais fácil.

— Você faz roupas?

— Sim — diz ela alegremente. Não há nenhum indício de timidez ou falsa modéstia nela e adoro isso. Gostaria de ter sido tão confiante na idade dela. — Achei que você poderia usar isso com seu jeans — acrescenta ela, colocando um suéter azul suave com um brilho sutil de fios prateados por toda parte. É um pouco grande, mas...

— É perfeito — digo, tocada por sua gentileza. — Obrigada.

— Sem problemas. — Ela adiciona um par de meias e um colete liso à pilha. — Então você está namorando meu irmão?

— Eu o quê? — pisco quando ela pula na cama.

— Ele não traz uma garota para casa há *anos* — diz ela inocentemente, esticando suas longas pernas à sua frente.

Andrew trouxe alguém para casa com ele? Uma pontada de ciúme passa por mim enquanto penso em suas últimas namoradas e quem era a candidata mais provável. Ele definitivamente deixou escapar *esse* pequeno detalhe.

— Mamãe a odiava — continua Hannah, sorrindo quando a encaro. — Mas ela gosta de você. Posso ver.

— Pode?

— Ela te deu as toalhas boas.

A porta se abre antes que eu possa responder e Andrew felizmente aparece. Seus olhos imediatamente encontram os meus com um olhar suave que desmorona assim que nota Hannah.

— Saia do meu quarto.

— Este é o quarto de Liam.

— Então saia do quarto de Liam.

— Eu só estava conversando com...

— Fora — diz ele, agarrando o braço dela.

— Mas estou *ajudando.*

Ele a empurra para o corredor, fechando a porta na cara do dedo médio levantado dela.

— Você vai fazer sexo? — grita ela através da madeira, e ele bate na parede até seus passos soarem, movendo-se em direção às escadas.

— Ela é doce — digo quando ele se vira para mim.

— Quando ela quer ser.

Pego o suéter que Hannah me deixou, envolvendo-o no pacote de calcinhas que de repente me deixou ridiculamente tímida. Andrew imediatamente percebe que algo está acontecendo.

— Ela não disse nada para você, não é?

— Não — minto. Mantenho meus olhos na janela, fingindo estar cativada pela visão de um campo lá fora enquanto o ouço abrir a mala atrás de mim. — Qual é a do seu irmão?

Andrew suspira tristemente.

— Eu sabia que você gostaria mais dele. É a maneira sombria e taciturna como ele está agindo, não é?

— Pensei que ele fosse o brincalhão da família.

— Muitas camadas. Juro que ele não é um idiota — continua Andrew. — Não importa o quanto pareça um. — Ele faz uma pausa. — Embora, se vocês se encontrarem debaixo de algum visco, prefiro que não...

— Cala a boca — faço uma careta e ele sorri para mim.

— Então, qual é o plano para hoje? — pergunto, mudando de assunto.

Ele solta o ar, o rosto contraído como se estivesse pensando muito.

— Bem, primeiro é a corrida de cinco quilômetros, depois um mergulho no lago congelado e então nós...

— Andrew.

— Devemos comer às seis. O que significa que provavelmente comeremos às sete. São onze horas agora, então temos muito tempo para matar. Assistir filmes, comer porcaria. — Ele dá de ombros. — É Natal.

É Natal. É o *dia do Natal*. Dia do Natal e conseguimos. Estamos aqui.

— Você quer ligar para sua irmã?

— Ai droga. Sim. — Mergulho para o meu telefone enquanto Andrew pega algumas roupas de sua mala e lança um olhar para mim.

— Vou me trocar no quarto de Christian. Ele vai adorar isso.

Sorrio com a oferta de privacidade e me sento na ponta da cama, discando o número da minha irmã. Ela atende após o terceiro toque.

— Natal no hospital — diz ela como saudação. — Mal posso esperar para jogar isso sobre meu primogênito pelo resto de sua vida.

— Como você está se sentindo?

— Minha vagina está dolorida e eles pararam de me dar drogas. Você chegou a Cork bem? Como estão os sogros?

— Tudo bem até agora. — Enfio o telefone embaixo da orelha enquanto tiro a roupa e coloco as roupas limpas que Hannah deixou para mim. — Eles têm sido muito legais, mas ainda me sinto estranha. Provavelmente deveria ter ficado em Dublin.

— Bem, é tarde demais agora — diz ela secamente. — Você está dormindo no sofá?

— Estamos dividindo a cama.

Leva vinte segundos completos para ela parar de gargalhar.

— Não fizemos nada — protesto no meio disso. — Sequer nos beijamos.

— Ok, Virgem Maria, eu acredito em você. Pare de colocar tanta pressão em si mesma! Apenas aproveite o dia. Ofereça-se para fazer seu pão de alho. — Sua voz fica melancólica. — Sinto falta do seu pão de alho.

— Eu farei para você quando você estiver em casa — prometo. — Você já tem um nome?

— Não — ela bufa. — E você sabe o que poderia ser ótimo? Se todos pudessem parar de me perguntar. Talvez eu seja uma daquelas pessoas da moda que deixa o filho escolher o próprio nome.

— Não acho que o pessoal da certidão de nascimento vá esperar tanto tempo.

— Te apresento a burocracia.

— Você pode pelo menos enviar algumas fotos do meu sobrinho sem nome?

Ela pode.

Nós desligamos e cinco imagens aparecem assim que Andrew retorna, vestido com um par de jeans limpo e um suéter azul-marinho de Natal com uma rena nele.

— Olha — digo, segurando meu telefone. — Eu sou uma tia.

— Olha só. Quão fofo ele consegue ser? Zoe está bem?

— Só cansada.

Ele franze a testa.

— Se você quiser tentar voltar hoje, podemos pegar emprestado o carro de Christian.

— Não — digo rapidamente. — Não seja bobo. Eu a verei amanhã. — *E quero ficar aqui com você.* Não digo as palavras, embora estejam na ponta da língua, ainda que seja claramente o que quero dizer.

Sento-me na ponta da cama, as cobertas ainda amarrotadas de quando dormimos, e corro minhas mãos para cima e para baixo em minhas coxas enquanto Andrew começa a desfazer a mala e esconder os presentes debaixo da cama.

— Você nunca me disse que trouxe uma namorada para casa antes.

Confusão pisca em seu rosto antes dele olhar para a porta.

— Hannah.

— Estou descobrindo todos os seus segredos.

Ele sorri, não parecendo nem um pouco preocupado com a pergunta.

— Foi Alison? — pergunto, pensando em sua última namorada antes de Marissa.

— Não. Emily.

— *Emilly?* — Voz baixa, professora de crianças, Emily tão-doce-quanto-possível-

até-dar-perdido-nele-por-três-semanas? — Sério?

— Eu era jovem e apaixonado. Ou pelo menos pensei que fosse.

— Foi um desastre?

Ele ri da pergunta, mas não me importo se estou mostrando minha cadela interior agora. Estou determinada a causar uma boa impressão em sua família, e saber que alguém causou uma má impressão me dará muito mais confiança.

— Um grande desastre — diz ele, e relaxo. — Eu não deveria ter pedido a ela para vir. Estávamos saindo há poucos meses e eu gostava muito dela, pensei que estava me apaixonando, mas foi um passo muito grande. O jet lag a atingiu com força e ela não conseguia comer de verdade, o que chateou mamãe, e então achamos que ela era alérgica a cachorros, o que *realmente* chateou mamãe, e... — ele dá de ombros. — Parecia que cada pequena coisa que poderia dar errado, deu errado. É um milagre que não tenhamos terminado um com o outro naquele momento.

— E você não trouxe mais ninguém para casa depois disso?

— Você sabe que não — diz ele. Mas não sei. Não de verdade. Eu não sabia sobre Emily, o que só me faz pensar em todas as outras coisas que talvez eu não saiba. Que eu *quero* saber. Quero e vou. Porque tenho à minha disposição uma mãe indulgente, um irmão sorridente e uma irmã intrigante. Sem mencionar o fato de que ainda nem conheci Liam.

Os olhos de Andrew se estreitam, adivinhando para onde minha mente está indo.

— Se você quiser saber algo sobre mim, é só me perguntar.

— Mas você é tendencioso — digo agradavelmente. — Também quero saber as coisas obscuras.

Nós dois paramos enquanto meu estômago ronca.

— Acho melhor eu alimentar você — diz ele, divertido. — Você está pronta para descer?

— Mais pronta do que nunca — digo, borboletas vibrando enquanto o sigo para o corredor.

Eu os ouço imediatamente. O tom defensivo de Hannah, o murmúrio tranquilo de Christian antes de seu grito de protesto.

— *Mãe!*

A palavra ecoa pelas escadas enquanto descemos e Andrew estremece, parando no último degrau, fora de vista.

— Tem certeza que está tudo bem? — pergunto, de repente nervosa. — Eu estar aqui, quero dizer? Vocês levam o Natal tão a sério. — *E sou péssima nisso.*

— Está mais do que bem, Molly. Confie em mim. — Sua voz é firme e tento acreditar nele, tento ainda mais quando ele estende a mão e aperta a minha.

— Está pronta? — pergunta, esperando até que eu acene com a cabeça. — Então que comece o dia.

# Capítulo Vinte e Quatro

A cozinha fica em silêncio assim que aparecemos e até mesmo Andrew parece um pouco assustado com isso, balançando nos calcanhares enquanto os observa.

— Não se comportem esquisito — diz ele a eles, me empurrando gentilmente à frente dele. — Pessoal, esta é Molly. Devemos agradecer a ela por me trazer para casa este ano.

— Agradecer é uma palavra muito forte — diz Christian de onde ele descansa ao lado da mesa. Hannah está sentada do lado oposto, descascando um grande monte de batatas, enquanto sua mãe paira atrás deles. Com as palavras de Christian, Colleen o acerta na nuca antes de se virar para o fogão.

— Como você está, Molly? — pergunta ela. — Você conseguiu dormir?

— Um pouco — digo. — Obrigada novamente por me deixar acompanhá-los.

— Não precisa agradecer! — Um cronômetro toca e ela move uma panela de uma boca do fogão para outra. A cozinha está uma bagunça de caos cuidadosamente controlado com panelas e frigideiras e todos os tipos de comida em vários estágios de preparação. Um velho iPad mostrando uma planilha codificada por cores está encostado em uma pilha de livros de culinária, e ela o examina brevemente antes de girar o botão do forno.

— Você precisa de alguma ajuda? — pergunto, ansiosa para ser útil. Christian bufa quando Colleen me lança um sorriso simpático por cima do ombro.

— A coisa que mamãe mais gosta de fazer no Natal é reclamar que ninguém a ajuda — explica Andrew.

— Mas então grita com você se você tentar — brinca Hannah. — Temos permissão para fazer a preparação básica de alimentos e é isso.

— Você queimou ou não a mão no fogão? — resmunga Colleen.

— Eu tinha *seis anos.*

— Tenho tudo sob controle — diz ela. — Na verdade, o maior presente que vocês poderiam me dar é todos ficarem fora de casa o máximo possível até que o jantar esteja pronto. Está um lindo dia e vocês podem encontrar Liam e as crianças na vila.

Christian faz uma careta.

— Estou bem.

— Você está de ressaca — murmura Hannah, jogando uma fatia de casca de batata nele.

— Os cachorros precisam passear — continua Colleen como se eles não tivessem falado. — E você pode mostrar as redondezas para Molly.

— As redondezas de quê? — Hannah zomba. — A grama?

— Hannah.

— Estou apenas dizendo.

— E *eu* estou dizendo que quero você passando por aquela porta em cinco minutos, no máximo.

— Mas você disse que precisava de mim para...

— Mudei de ideia.

Hannah bufa enquanto empurra a cadeira para trás, mas faz o que ela manda, lançando-me um sorriso rápido antes de subir as escadas correndo.

— Você é a que queria uma menina — diz Christian suavemente, o que lhe rende outro golpe na cabeça.

— Você também — avisa a ele.

— Não posso. — Ele se levanta para beijá-la na bochecha. — Prometi que ajudaria papai a consertar uma cerca, ou algo assim. Acho que ele quer criar laços.

Levanto minhas sobrancelhas, olhando para Andrew. Não consigo imaginar Christian em uma fazenda, embora pela expressão de dor em seu rosto, ele também não.

— Todos ajudam? — pergunto. Christian joga sua caneca na pia e puxa de brincadeira o cordão do avental de Colleen antes de sair pela porta dos fundos.

— Um pouco — diz Andrew. — Liam foi quem se envolveu nisso. Ele tem sua própria terra a alguns quilômetros de distância.

— Você sabe alguma coisa sobre fazendas? — pergunta Colleen educadamente.

Balanço a cabeça.

— Garota da cidade, dos pés à cabeça.

— Faremos o tour antes de você ir.

Falando em tour... Vou até a geladeira, onde uma dúzia de fotos de família estão presas com ímãs desbotados, do tipo que você costumava encontrar em velhas caixas de cereal. Crianças de rosto corado me olham de volta, fotos dos três meninos em férias em família antes de fotos posteriores de Hannah, primeiro como uma bebê e depois mais velha, sorrindo enquanto está cercada por seus irmãos. Mas é um irmão em particular que chamou minha atenção.

— Eu realmente agradeceria se você pudesse se afastar da geladeira — diz Andrew atrás de mim.

— Mas você é tão fofo — murmuro, olhando para uma foto dele quando criança. — Embora eu tenha que perguntar...

— Por favor, não.

— Por que você está pelado em todas as fotos?

— Porque ele se recusava a usar roupas — diz Colleen na pia.

— Mãe — adverte Andrew.

— Recusou-se veemente até os cinco anos — continua ela, ignorando-o. — Eu o vestia, virava as costas e ele as arrancava em um instante. Uma vez, quando ele tinha três anos, começou a se despir no meio do supermercado. Nunca vou me esquecer de persegui-lo pelo corredor dos congelados. Com ele gritando loucamente, segurando o seu...

— Hannah! — ruge Andrew. — Se apresse!

— Estou indo — grita de volta. — Da uma segurada aí.

— Sim, Andrew — digo. — Dá uma segurada.

O olhar que ele me dá é de grande traição.

— Mínimo de duas horas. — Colleen nos lembra enquanto ele me puxa para o corredor. — E, se algum lugar estiver aberto, veja se consegue mais pão!

Saímos assim que Hannah aparece, descendo as escadas correndo, em um vestido de veludo verde e Doc Martens preto. Ela pula os dois últimos degraus, aterrissando com um baque que faz com que mais fotos de família sejam sacudidas.

— Você fez isso? — pergunta Andrew enquanto ela nos entrega nossos casacos que pegou no andar de cima.

Ela acena com a cabeça, obedecendo ao gesto dele de se virar. A saia infla quando ela gira antes de cair graciosamente em torno de suas pernas.

— O que foi que eu te disse? — pergunta ele, soando genuinamente orgulhoso. — A inteligente.

Do lado de fora, Christian está sentado na varanda, enfiando os pés em botas de borracha enquanto os cachorros farejam ao seu redor. Eles imediatamente se aproximaram de Hannah, que não se preocupa em colocá-los na guia enquanto os encurrala em direção ao portão.

— Vou te dar cem euros para passar o dia com o papai — diz Christian a Andrew. Andrew apenas sorri, me levando atrás de Hannah, que espera por nós no início da entrada.

— Ele está de mau humor desde que voltou — diz Hannah quando a alcançamos. Ela deixou o casaco aberto para mostrar o vestido e está tremendo de frio. — É porque ele é a única pessoa solteira este ano.

A cabeça de Andrew vira para ela e, por um segundo, acho que ele está prestes a refutar isso, sobre nós, mas seus olhos se estreitam.

— Você está namorando alguém?

— Talvez — diz Hannah.

— Desde quando?

— Não é da sua conta.

— É da minha conta, você tem dezesseis anos.

— Também sei ler e escrever — diz ela, e sai correndo pela pista em uma corrida leve que faz os cachorros correrem atrás dela empolgados.

Andrew se vira em minha direção, procurando por uma aliada, apenas para me encontrar sorrindo.

— O quê?

— Nada — digo inocentemente. — É só que o traço de irmão mais velho protetor é meio que quente.

— Não sou...

— Ai meu Deus, sim, você é.

— Ela tem dezesseis anos!

— Exatamente. — Eu ri. — Dezesseis. Não seis. Ela pode ter um namorado.

— Namorada — corrige Andrew.

— Namorada. — Eu o cutuco com o cotovelo enquanto começamos a andar atrás dela. — Ela ainda é um bebê para você, não é?

— Talvez — admite. — É estranho, sabe. Ela tinha apenas seis anos quando parti. E agora ela é...

— Praticamente uma mulher — digo dramaticamente. Seus lábios se contraem quando nossos olhos se encontram e quando ele não desvia o olhar, acho que é a minha vez de perguntar: — O quê?

— Nada — diz ele. — Estou feliz por você estar aqui.

---

Leva vinte minutos para caminhar até a vila local, que é apenas um trecho de estrada com uma igreja, um pub, duas lojas familiares e uma garagem. Todos estão, previsivelmente, fechados (além da igreja), mas há muitas pessoas fora, todas caminhando antes de passar o resto do dia comendo. Ou talvez seja exatamente isso que espero que aconteça.

Hannah desaparece com um grupo de amigos assim que chegamos, enquanto Andrew é parado a cada segundo, por cada pessoa que encontramos. Parece que todo mundo o conhece e a dificuldade que ele teve para chegar em casa, e alguns até me conhecem, ou pelo menos sabem meu nome quando Andrew me apresenta. Obviamente, Colleen tem contado nossas aventuras para quem quiser ouvir.

— Você é tão famoso — provoco. — O filho pródigo voltou.

— Não diga isso a Christian — murmura, mas parece satisfeito por eu estar impressionada, olhando para mim de vez em quando enquanto dou uma olhada na vila, embora eu finja não notar.

Do lado de fora de uma das casas há uma pequena barraca que vende suco de maçã com especiarias e doces, e imediatamente arrasto Andrew para pegar meu café da manhã mais do que merecido. Estou rasgando um wienerbrød quando uma garota de não mais que cinco ou seis anos vem correndo em nossa direção com uma varinha de condão na mão.

Andrew a pega como um profissional, plantando beijos bagunçados em suas bochechas até que ela grite de alegria em protesto.

— Sim, é disso que ela precisa — diz um homem atrás de nós. — Ficar ainda mais hiperativa.

Liam. Conheço o último filho Fitzpatrick, o irmão mais velho e, finalmente, obtenho alguma semelhança familiar real. Enquanto Christian e Hannah puxaram à mãe, Liam definitivamente vem do mesmo lado da família que Andrew, com o mesmo cabelo castanho bagunçado e olhos castanhos. Os dele são menores e olham gentilmente para mim por trás de um par de óculos de armação fina.

— Você deve ser Molly — diz ele, estendendo a mão para apertar a minha. — Ouvi dizer que você está invadindo a festa hoje.

— Ah, não se preocupe — diz Andrew. — Ela está ficando no celeiro. Outro!

Eu me viro ao seu chamado e vejo um garoto mais velho se arrastando em nossa direção. Longe de ser tão legal quanto as boas-vindas exuberantes que sua irmã acabou de dar, ele dá um abraço indiferente em seu tio, um sorriso tímido, mas satisfeito no rosto.

— Cristo, Padraig, qual é o seu tamanho agora? — pergunta Andrew.

— Nem fale — suspira Liam, comprando sua própria xícara de suco de maçã com especiarias. — Estou tendo que comprar um novo par de calças para ele toda semana nesta fase.

— Será tão grande quanto seu pai, não é?

Padraig balança a cabeça, embora eu perceba que ele endireita um pouco os ombros com a atenção. Andrew me apresenta às crianças, que me cumprimentam solenemente antes de se voltarem imediatamente para o tio.

— Seu pai disse que você estava no presépio — diz Andrew a Padraig, enquanto coloca sua sobrinha, Elsie, em uma posição mais confortável. — Um dos magos. Você cantou uma música?

Padraig assente.

— Um solo?

Ele dá de ombros.

— O que? Vocês estão todos tímidos agora? — brinca Andrew, bagunçando seu cabelo. — Você também é tímido demais para presentes? O que o Papai Noel trouxe para você?

Ficamos conversando por mais alguns minutos, enquanto Padraig finalmente começa a se abrir sobre o novo conjunto de LEGO que ganhou. Liam me faz perguntas sobre minha irmã e o bebê enquanto fica de olho em seus filhos e, especificamente, nas guloseimas que seu irmão compra para eles na barraca. Quando Andrew presenteia Elsie com um biscoito de chocolate excepcionalmente grande, do tamanho do rosto dela, ele se despede, levando-os para encontrar Hannah e os cachorros.

Andrew não mostra nenhuma inclinação para se juntar a eles, terminando o resto do suco enquanto me leva para o lado oposto da aldeia, onde apenas algumas casas estão espalhadas.

— Quer ver o castelo?

— Você tem um castelo?

— Ou talvez fosse a torre de um monge? — Ele não espera pela minha resposta, praticamente me arrastando enquanto deixamos a aldeia para trás. — Vou ser sincero, não prestei muita atenção.

Ele me leva a um monte de velhas ruínas a cinco minutos de distância, que podem ter sido um castelo, a torre de um monge ou qualquer outra coisa, mas agora estão cobertas de grama e flores silvestres. Está quieto aqui fora, longe da aldeia, a paz quebrada apenas pelo som de ovelhas estranhas ao longe.

— Ta-da — diz Andrew enquanto estamos no centro dela.

Eu espero.

— É isso?

— É isso.

— Não tenho aula de história?

Ele faz uma careta, virando-se em um pequeno círculo como se procurasse um lugar significativo.

— Dei meu primeiro beijo ali — diz ele, apontando para uma mancha comum de terra brilhando na geada derretida.

— Eu quis dizer sobre os monges.

— Não acho que os monges gostavam muito de beijos naquela época. Ou agora, para ser sincero.

— Ah, ele é tão engraçado. — Pressiono um pé contra a parede baixa e, achando-a

resistente, subo, estendendo a mão para Andrew para que eu possa segurá-lo para me equilibrar.

— Hannah acha que sua mãe gosta de mim — digo enquanto ando ao longo do perímetro. Sinto-me como uma criança crescida em minhas roupas de inverno volumosas, mas eu meio que gosto disso.

— Ela gosta. Aposto que ela até te comprou um presente.

— Ela não comprou — gemo.

— Ela sempre tem reservas para o caso de algum parente aparecer sem avisar. Espero que você goste de velas perfumadas do mercado da missa.

— Mas não tenho nada para ela! — Por que não pensei nisso? Devia ter comprado alguma coisa na loja de presentes do hospital.

— Apenas assine seu nome nas minhas coisas. Pode ser de nós dois.

— Ah não.

— Por que não?

— Porque A, isso não é justo com você, e B... isso não é um pouco, eu não sei, oficial?

Ele ri.

— Ela nos fez dormir na mesma cama, Molly. Não acho que um presente conjunto vá chocá-la tanto. Apenas me lembre quando chegarmos. Costumamos entregar os presentes antes do jantar.

Chego ao fim da parede antes que ela se desfaça do nada e pulo na grama. Não é tão gracioso quanto imaginei e um choque sacode meu tornozelo, mas rejeito com uma careta enquanto nos movemos em torno de uma parte quase intacta da torre, saindo da sombra e entrando no brilhante sol de inverno.

— Então, é isso ou você... Ei! — Minha respiração sai ofegante quando Andrew se vira, andando para mim, então sou forçada a recuar. Bato na parede enquanto faço isso, e ele me segue, seus braços indo para cada lado da minha cabeça, então estou presa.

Ah.

— Oi.

— Oi. — Ele sorri quando olho para ele. — Sabe — diz ele —, eu estava muito, *muito* ansioso para ver minha família e ser um bom segundo filho, mas desde que voltei para casa, tudo o que estou é irritado por não poder passar cada segundo sozinho com você.

— Você está me dizendo que estraguei seu Natal e que deveria ter ficado em Dublin?

— Foi muito egoísta da sua parte vir — concorda. — E ocupar meu precioso

tempo pensando em você.

— Pensando em mim? — Gosto do som disso. — Pensamentos indecentes?

— Deus, não. — Ele alcança o zíper do meu casaco, abrindo-o uma vez antes de puxá-lo para baixo. — Sou um cavalheiro.

Sorrio quando suas mãos se acomodam em meus quadris.

— Castelos deixam você todo excitado e agitado, hein?

— Haverá muitas pessoas em minha casa nas próximas horas e será impossível ter um momento para nós mesmos. Acho que devemos ter um sinal quando quisermos escapar.

— Não passei pela pior viagem de todas só para que você pudesse ignorar sua família — lembro a ele.

— Ah, não foi tão ruim.

— Foi muito ruim! Estávamos exaustos e gastamos muito mais dinheiro do que deveríamos e é apenas por pura sorte que nós...

Ele me cala com um beijo e estou tão feliz que ele faz isso.

Ele tem gosto de maçã com especiarias e cheira a ar de inverno, fresco, limpo e brilhante. Quero tomar uma respiração profunda dele. Quero encher meus pulmões com ele e só ele, e quando ele começa a se afastar, eu seguro a parte de trás de sua cabeça, mantendo-o exatamente onde está.

— Agora, quem está excitada e agitada? — ele sorri.

— Só não estou acostumada com isso ainda — admito. — Ainda sinto, às vezes, que vou acordar e estaremos em um avião. Que nada disso terá acontecido.

— De qualquer jeito ia acontecer — murmura. — Mas tinha que ser você para escolher os três dias mais estressantes de todos os tempos para fazer isso.

— Ei!

— É verdade.

— Pelo menos, eu... — paro, mordendo meu lábio quando ele se move de repente, encaixando sua coxa entre minhas pernas.

— Pelo menos você o quê? — pergunta inocentemente, mas não respondo, não *posso* responder, e ele sabe disso, pressionando em mim até que minha respiração fique presa na minha garganta. Andrews ouve e se afasta, mas apenas para ver meu rosto quando faz isso de novo.

Agarro seus ombros enquanto o calor sobe em meu estômago, incapaz de tirar meus olhos dos dele. Eu gostaria de poder. Ele tem esse olhar arrogante sobre ele mesmo, que não deveria ser tão gostoso quanto é, mas estou muito excitada para apontar isso.

— É Dia do Natal — digo a ele e ele balança a cabeça, distraído. — Você disse em

Chicago que eu receberia a segunda parte do meu presente no Natal.

— Seu o quê?

— Meu presente — lembro a ele. — Você me deu um presente em duas partes.

— Dei, não foi?

— Então, onde está?

— Onde está o quê?

— Andrew!

Ele sorri.

— Duas partes parece um pouco ganancioso agora, não é? Especialmente porque não pegamos o voo que você alegou ter me comprado *e* porque você deu aqueles chocolates...

— Eu sou o seu presente — interrompo, e ele ri.

— Sim, você é.

A decepção me enche quando ele afasta a perna e estou prestes a protestar quando, de repente, ele agarra a parte de trás das minhas coxas, me levantando.

Entro em pânico, meus tornozelos travando em torno de sua cintura enquanto me esforço para segurá-lo.

— Andrew!

— Muito melhor — diz ele quando ficamos ao nível dos olhos um do outro.

— Se você me deixar cair, eu vou te matar.

— Eu não vou deixar você cair. Sou incrivelmente forte.

Eu bufo, segurando-o perto enquanto suas mãos se movem das minhas coxas para a minha bunda.

— Sério?

— Posso ter tido alguns pensamentos indecentes — admite, e quando não protesto, ele se inclina, pressionando um beijo quente em meus lábios, um que os monges *não* teriam aprovado.

Mas eles não estão aqui agora, estão? Somos apenas nós, então eu desisto, beijando-o e apertando meu abraço em torno dele até que meu corpo zumbe de prazer. Ficamos assim por um minuto perfeito e feliz, encasulados em nosso próprio mundinho até que um grito alto ecoa pelas paredes, nos separando.

— Andrew!

Nós dois congelamos, olhando um para o outro com os olhos arregalados enquanto a voz irritada de Hannah chama de algum lugar próximo.

— A mãe ligou e disse para voltarmos para casa!

— Quem inventou irmãs mais novas pode queimar no inferno — murmura Andrew, descansando sua testa brevemente na minha antes de se afastar.

— Natal com sua família — lembro a ele enquanto ele me coloca cuidadosamente de pé. — Você ama o Natal com sua família.

— Ela também quer saber que tipo de molho Molly quer — continua Hannah, sua voz se aproximando enquanto ele fecha meu casaco. — Ou se ela faz outro... Ah.

Hannah vira a esquina, parando abruptamente quando nos avista. Seu sorriso repentino me lembra tanto de Andrew que estou um pouco assustada.

— Vocês estão se pegando? — pergunta, parecendo encantada com o pensamento.

— Não fale *pegando* — resmunga Andrew, afastando-se de mim. Ele agarra minha mão enquanto anda, puxando-me mais uma vez para o seu lado.

— Namorando? — continua Hannah. — Trocando cuspe?

— Quer calar a boca?

— Enrolando línguas?

— Hannah...

— Deixe-me adivinhar — interrompe, esfregando o nariz distraidamente do frio. — Sou muito jovem para saber o que é beijar.

— Você é.

— Quando você deu seu primeiro beijo?

— Isso não é da sua conta — bufa Andrew, nos levando de volta para a vila. Hannah se agarra ao meu outro lado, sem desistir.

— Não foi no castelo? Foi! — Seus olhos se iluminam com qualquer microexpressão que ela vê no rosto dele. — É por isso que você trouxe Molly aqui? Isso é tão brega.

— Você não tem um lugar para estar? No poço, talvez?

— Andrew pode ser muito sentimental — diz ela, passando o braço pelo meu para que eu tenha um Fitzpatrick de cada lado de mim. — É meio fofo.

— Não sou fofo. Sou um homem adulto.

Hannah continua implacável.

— No meu sétimo aniversário, eu gostava *ridiculamente* de princesas da Disney — diz ela. — E ele me surpreendeu voltando para casa para a festa. Ele estava com a roupa completa do Príncipe Encantado da Cinderela e trouxe o vestido para mim, sabe aquele azul? Ele dançou comigo na sala de estar e depois teve que fazer isso com cada uma das minhas amigas.

— Isso *é* muito fofo — confirmo enquanto Andrew me lança um olhar, um que cai completamente com as próximas palavras de Hannah.

— Foi por isso que entrei no mundo da moda.

— Foi? — pergunta ele. Sua surpresa é óbvia. — Você nunca me disse isso.

— Foi, definitivamente. Eu estava obcecada por aquele vestido. O usei todos os dias depois da escola, durante semanas, até que nossa mãe o jogou fora e disse que foi um acidente. Eu não parava de chorar e ela me disse que se eu gostasse tanto assim de alguma coisa, eu deveria aprender a fazer o meu. Então eu fiz.

— Quando você tinha sete anos? — pergunto.

— Não disse que era bom. Mamãe me ajudou a aderir um pouco de papel crepom a uma das suas velhas saias. Mas sim. Foi quando começou.

Andrew está olhando para ela com um olhar em seu rosto que me faz querer beijá-lo novamente, mas, felizmente, antes que eu possa fazer Hannah enlouquecer de verdade, os filhos de Liam vêm correndo na curva, os cachorros não muito atrás. Hannah usa a distração para me afastar, deixando os outros na retaguarda enquanto avançamos pelo caminho.

— Sabe — digo, enquanto deixamos a aldeia para trás. — Você me faz sentir muito velha.

Ela começa a rir.

— Por quê?

— Porque a primeira vez que ouvi falar de você, você tinha seis anos.

— No primeiro voo? — pergunta.

— Isso. — Sorrio para ela. — Andrew fala sobre nossos voos?

— Ele nos conta tudo sobre você. É uma tradição a esse ponto. Claro, você não saiu da melhor maneira nos primeiros dois anos — continua maliciosamente. — Mas ele sempre foi um pouco dramático. Então era tudo Molly fazendo isso e Molly fazendo aquilo. Ela entrou na faculdade de direito, ela se formou em direito, ela tem um novo namorado, ela tem um novo apartamento, ela se mudou do apartamento, ela tem um novo emprego. Nos primeiros anos, Christian estava convencido de que ele havia inventado você, mas, honestamente, é por isso que quando você veio, eu fiquei tipo, *Oi!* É como se eu já te conhecesse.

— Bem, eu agradeço a recepção calorosa — rio. — Ele me fala sobre você também.

— Ah é? — ela ri. — Como o que? Quão irritante eu sou?

— Como o quão impressionado ele está com você. Como ele pensa que você é a mais inteligente de todos e que um dia será famosa.

Ela olha com ceticismo para mim.

— Você está apenas tentando fazê-lo parecer legal.

— Não estou. Ele me diz o tempo todo.

Ela franze os lábios, tentando, e não conseguindo, esconder o quanto está satisfeita.

— Acho que ele não é o *pior* irmão — diz finalmente, e olhamos por cima dos ombros para onde ele está andando com as crianças e Liam. Andrew franze a testa com a atenção repentina, imediatamente desconfiado, e Hannah começa a rir antes de me dar um puxão amigável, acelerando nossos passos pela pista.

# Capítulo Vinte e Cinco

Conheço o último membro da família quando voltamos para casa. O pai de Andrew, Sean, é um homem quieto e sensato que me recebe com um caloroso aperto de mão caloso, antes de me agradecer por ajudar seu filho a voltar para casa, assim como os outros. Você juraria que eu remei para o cara em um bote.

Colleen continua ignorando minhas repetidas ofertas de ajuda e, em vez disso, escolhe Andrew para lavar a louça enquanto Hannah aproveita a oportunidade para me trancar em seu quarto para que ela possa me mostrar as roupas em que está trabalhando. Não foi apenas puxa-saco fraterno quando Andrew disse o quão talentosa ela era. As peças são lindas, mesmo inacabadas, e obedientemente atuo como modelo por uma hora, enquanto ela me fala sobre seu processo.

Depois, por insistência de Andrew, assino meu nome nos vários presentes que ele deu a todos. Ainda me sinto culpada, mas aliviada no geral por ele ter me contado o que sua mãe planejava, caso contrário, eu teria me sentido ainda mais desconfortável ao me reunir em torno da árvore enorme e perfeita com o resto da família. Como previsto, Colleen me entrega uma vela perfumada, lindamente embrulhada com meu nome em caligrafia caprichada na etiqueta, mas a maior parte da atenção está em Padraig e Elsie, que desembrulham seu monte de brinquedos e agradecem a cada pessoa obedientemente.

É uma sensação estranha participar desses pequenos rituais, os mesmos que passei toda a minha vida adulta evitando, como se para provar a mim mesma que não me importava. E, embora sempre seja estranho juntar-se a um grupo de pessoas que se conhecem internamente, é difícil não se envolver nas piadas, nas provocações e na pura alegria não filtrada de tudo isso. Acho que Andrew não parou de sorrir. Nem uma vez.

Mas o destaque do dia é, claro, o jantar de Natal. Somos chamados a comer um pouco depois das sete da noite, em uma pequena sala de jantar que você pode perceber que é usada apenas em ocasiões especiais. Estou surpresa com a quantidade de comida, embora a esposa de Liam, Mairead, e as crianças tenham se juntado a nós, mas faz sentido quando Andrew explica como sua mãe se assustou *um pouco* com a minha vinda e dobrou tudo, só para garantir. Eu sei que metade da diversão de grandes feriados como este são as sobras, então não me sinto muito mal com isso.

Todos nós conseguimos nos espremer em torno de sua mesa, embora estejamos

tão próximos que estou tocando os ombros de Andrew à minha esquerda e Hannah à minha direita. Mas as crianças comem rápido e ficam entediadas, e fica mais fácil quando são dispensadas e se levantam para correr pela sala com os sabres de luz de *Guerra nas Estrelas (Star Wars)* que ganharam de Christian.

Apesar das boas-vindas que recebi, estou levemente nervosa por ser a única estranha à mesa. Por mais bizarro que pareça, estou preocupada que eles tentem me incluir. Façam perguntas educadas sobre minha vida, que eu responderia educadamente, mas com as quais ninguém se importava. Em vez disso, para meu alívio, eles praticamente me ignoram. Brigando e conversando um com o outro, incluindo eu apenas quando alguém tenta me colocar como um aliado do lado deles. Normalmente, Hannah. O tempo todo, Andrew é uma presença constante ao meu lado, explicando baixinho quando novos nomes são mencionados e qual item doméstico Christian quebrou em determinado momento.

Estou tão distraída tentando acompanhar tudo, que quase esqueço de me preocupar com o momento que eu temia secretamente.

Ninguém piscou quando Andrew recusou uma bebida no início da refeição, mas conforme a hora passa e mais garrafas são abertas, isso começa a ficar mais perceptível.

Hannah recebeu permissão para um segundo copo de Prosecco, embora Christian tenha a ajudado a dar alguns goles escondidos em sua cerveja durante a tarde. Ele está no vinho tinto agora. Todos estão, exceto eu, e enquanto Colleen parece aceitar facilmente que não estou bebendo hoje à noite ("Sairei cedo para voltar para minha irmã"), posso dizer que ela está começando a considerar um desrespeito pessoal que Andrew recusa todas as garrafas que ela oferece a ele.

— Ainda estou com dor de cabeça — diz ele, com a voz tensa quando ela se levanta pela terceira vez para ir à caça de algo que acha que ele possa gostar. — Provavelmente o jet lag.

Aperto seu joelho sob a mesa e sua mão imediatamente cobre a minha, me mantendo lá.

— Se esse for muito pesado para você, temos um merlot no...

— Pare de se preocupar — diz Christian, espetando uma cenoura com o garfo. — Parece que ele se juntou a um culto.

— Ele viajou um longo caminho para estar aqui, e só estou me certificando...

— Tudo o que você está certificando é que sua comida está esfriando e você é quem passou o dia todo cozinhando. — Ele pega o copo que ela acabou de colocar na frente de Andrew e o inclina no dele. — Pronto, problema resolvido.

Colleen joga as mãos para o ar em um movimento de desistir e ignora a sugestão casual de Hannah de que ela não se importaria em experimentar um pouco de vinho.

Os olhos dos irmãos se encontram sobre a mesa, ocorrendo uma discussão silenciosa que parece relaxar Andrew à medida que parte da tensão em seus ombros diminui. O aperto que ele dá na minha mão é o único aviso que recebo.

— Na verdade, eu queria falar com vocês sobre uma coisa — diz ele, e todos olham para nós. Ele hesita com a atenção e não estou surpresa, considerando que ele me disse que não havia planejado contar a eles, mas antes que ele pudesse continuar, Hannah soltou um pequeno ruído, sua boca aberta enquanto olha para nós.

— Sem chance.

— O quê? — pergunta Andrew, confuso.

— *De jeito nenhum* — repete. — Você está noivo?

— *O quê?* — grita Colleen, enquanto eu quase morro de mortificação.

— Não estamos noivos — diz Andrew rapidamente, mas Hannah não está ouvindo, já em êxtase.

— Ai meu Deus, vocês definitivamente estão!

— Não, nós estamos...

— Parabéns — diz Christian em voz alta, sorrindo quando Andrew olha para ele. — Notícia brilhante.

— Christian...

— Onde está o anel?

— Não tem anel. Não estamos noivos... *Mãe*, pare com isso. Não estamos noivos. Hannah!

Hannah deixa a minha mão esquerda cair, onde ela tentava procurar um diamante.

— Bem, você deveria ter dito alguma coisa.

— Você quer que eu anuncie toda vez que não estou noiva de alguém?

— *Não*, mas...

— O que você queria dizer, Andrew? — É Liam quem interrompe e graças a Deus ele faz isso, porque meu coração está batendo tão rápido que estou começando a ficar tonta. Eu me acalmo quando a mesa fica quieta novamente e dou a Andrew um aceno encorajador quando ele olha para mim.

— Eu só... — ele respira fundo, arrastando seu olhar para longe de mim, para olhar para sua família. — Eu parei de beber — diz ele. — Estou sóbrio. Não apenas no Natal ou por janeiro... mas para sempre, se eu puder.

Silêncio.

Christian é o único que não parece atônito, como se já suspeitasse, e por isso é o primeiro a falar.

— Isso é ótimo, Andrew — diz ele, extraordinariamente sério. — Bom trabalho.

Liam e Mairead rapidamente concordam com palavras semelhantes de apoio, mas Colleen apenas sorri para ele, parecendo confusa.

— Mas você não tem problema com bebida.

— Tenho sim, mãe — diz Andrew. — Ou, pelo menos, eu tinha.

— Mas você não é...

— Você não precisa se explicar, filho — diz Sean calmamente. — Não é da conta de ninguém, exceto da sua. Estou muito orgulhoso de você.

— Obrigado, pai — murmura Andrew, enquanto Hannah se inclina ao meu redor para sorrir encorajadoramente para ele.

— Sua pele ficará *incrível.*

— O que há de errado com a minha pele?

— É um pouco monótona — diz ela solenemente, e Andrew revira os olhos.

Colleen, no entanto, ainda parece chateada, seu olhar esvoaçando ao redor da mesa como se não soubesse para onde olhar, e a perna de Andrew fica tensa sob minha mão quando ela se levanta.

— Bem — diz ela abruptamente, e, antes que alguém possa impedi-la, pega duas garrafas de vinho pela metade da mesa.

— Ei — reclama Christian enquanto ela pega o copo da mão dele em seguida.

— Apoie seu irmão — estala, levando-os para o aparador antes de voltar para mais.

— Eu estou! Estou me livrando da tentação dele!

— Isso não é necessário — diz Andrew enquanto Sean entrega a ela seu próprio copo.

— Claro que é — murmura. — Você está sentado aí sofrendo enquanto estamos balançando tudo na sua frente. Molly, não sei o que você deve pensar de nós.

— Eu...

— Não consigo nem lembrar quanto vinho coloquei no molho. — Sua mão voa para o peito. — E tem conhaque no sorvete.

— Mãe, está tudo bem.

— Você se juntou a um desses grupos? — pergunta ela de repente. — AAA?

— É apenas AA. E não, mas entrei em outro programa que...

— Seu tio Kevin foi informado que ele tem intolerância a glúten. Talvez você devesse falar com ele.

— Mãe de Deus — murmura Christian, deixando cair a cabeça para a mesa.

— Sei que não é a mesma coisa — diz Colleen. — Mas ele teve que desistir de muita coisa. Você sabe como aquele homem gosta de pão.

— Tem glúten na cerveja também — fala Hannah, e Colleen gesticula em direção

a ela com um movimento de *viu*.

— Estou bem — diz Andrew com firmeza. — Só não contei a vocês até agora porque não queria que vocês surtassem. — Com isso, Colleen pigarreia. — Não quero ser o cara que os impede de tomar uma taça de vinho no jantar. É uma decisão pessoal e estou feliz por tê-la feito. Tenho bastante apoio... — outro aperto de mão. — E acho que conseguirei — finaliza. — Mas eu queria ser honesto e deixar vocês saberem.

Sean acena com a cabeça enquanto Colleen se senta, ainda parecendo confusa.

— Você não comeu molho, não é? — pergunta ela.

— Não.

— Bom. Isso é bom.

— Você está bem, mãe? — pergunta Christian quando ela começa a dobrar o guardanapo em um pequeno quadrado.

— Estou bem.

— Quer uma taça de vinho?

— Sim, eu acho... *não* — corrige, horrorizada quando Christian começa a rir. Andrew sorri enquanto ela olha para ele e então Hannah começa a listar todas as celebridades sóbrias que conhece e Sean se ausenta da mesa apenas para voltar com uma garrafa de água com gás, na qual Colleen rapidamente adiciona alguns limões fatiados.

E eles seguem em frente.

Não sei se fiquei mais sintonizada com ele nestes últimos dias, ou se ele realmente está tão aliviado, mas é como se um peso fosse tirado dos ombros de Andrew, e embora ele tenha que gastar vários minutos convencendo seus mãe a derramar mais conhaque sobre o pudim, vale a pena quando eles apagam todas as luzes e colocam fogo. Isso é acompanhado de sorvete e mais sobremesa trazida por Liam, que diz ter guardado um bolo nas férias da família em Milão em novembro.

— É panetone — declara, começando a cortar.

Andrew e eu olhamos um para o outro ao mesmo tempo e ele sorri tanto que desato a rir, para confusão de todos.

Depois do jantar, Liam e sua família voltam para casa e os Fitzpatricks restantes (e eu) vamos para a sala de estar, onde o pai de Andrew tem fogo na lareira.

— Hora do cinema — explica Andrew enquanto nos acomodamos no sofá. É do tipo que afunda, gasto com a idade e impossível de sair, e assim que me sento ao lado dele, eu me afundo encostando nele. Nenhum de nós se importa tanto, Andrew rapidamente passando o braço em volta do meu ombro, como se estivesse com medo de que eu me afastasse.

— O que estamos assistindo? — pergunto.

— Papai sempre escolhe. É a única época do ano em que ele fica no comando da televisão. — Assim que ele termina de falar, Hannah começa a tocar bateria em seu colo enquanto Sean se levanta, atraindo todos os olhares para ele.

— Sem pressão — fala Christian lentamente de onde ele está descansando no chão com as costas contra o sofá.

Todo mundo está usando algum tipo de chapéu de Natal agora, inclusive eu. E enquanto uma semana atrás eu não teria sido pega nem morta nisso, eu meio que amo como todos parecem ridículos.

Sean pigarreia, parado em frente à lareira enquanto segura uma caixa de DVD surrada.

— *O Campo dos Sonhos* é um...

A família geme ao meu redor, interrompendo-o.

— Nós assistimos isso no ano passado — lamenta Hannah. — Mãe!

Colleen dá de ombros enquanto se serve de mais chocolate. Agora que o jantar acabou, ela está muito mais relaxada e parece pronta para finalmente descansar pela noite. A cada poucos minutos percebo que ela olha para todos nós e sorri, como se não pudesse acreditar que todos os seus filhos estão em casa, como se nada a fizesse mais feliz.

Sean continua corajosamente.

— Um filme clássico sobre família e...

— Pelo menos não é *Apocalypse Now* — resmunga Christian.

— Por que não assistimos *Sintonia de amor*? — sugere Hannah esperançosamente.

Andrew não diz nada, observando a sala com um pequeno sorriso nos lábios enquanto brinca com uma mecha do meu cabelo.

— Deixe Molly decidir — diz Colleen depois de outro minuto de discussão. — Ela é a convidada.

— Hum... — tento me endireitar do lado de Andrew enquanto todos se viram para mim, mas ele não se mexe, seu braço me mantém travada contra ele.

Hannah olha para mim suplicante.

— Eu meio que gosto de *Campo dos Sonhos* — digo.

Sean sorri quando Hannah me vaia, mas, apesar dos resmungos, a sala fica silenciosa quando o filme está passando, mesmo que Hannah fique metade dele em seu telefone, até Christian arrancá-lo de suas mãos e colocá-lo no seu bolso de trás. Uma breve luta livre ocorre antes de Colleen separá-los e então eles têm que colocar seus telefones na gaveta da cozinha pelo resto da noite.

Quando o filme termina, Colleen muda para pegar a última metade de *Minha Bela Dama* na televisão. Quando *isso* é feito, é quase meia-noite e o dia de Natal está oficialmente encerrado. Os pais de Andrew se despedem primeiro e, depois de mais dez minutos, Christian se espreguiça exageradamente ao perceber o olhar de Andrew.

— Bem — boceja. — Estou destruído. Vejo vocês pela manhã. — Ele dá a Hannah um olhar aguçado e se levanta do chão, indo para as escadas.

Hannah não se mexe. Não até ele voltar para a sala e beliscar o topo de sua orelha, dando um puxão forte.

— *Uau.* Ok! — Ela o afasta enquanto o segue, resmungando um boa noite.

E, assim, estamos sozinhos novamente. Levanto minha cabeça, encontrando Andrew me observando. Ele fica bem assim, banhado pelo brilho das luzes de Natal, cansado, mas saciado enquanto enrola uma mecha do meu cabelo em seu dedo.

— Você está com sono? — pergunta.

— Ainda não — digo com sinceridade. — Sua família é muito legal.

— Estou feliz que eles tenham te conhecido. — Ele puxa meu cabelo. — Quer seu presente de Natal agora?

— *Sim.*

Ele ri enquanto me afasta dele e cai de joelhos perto da árvore. Ainda há alguns presentes embrulhados embaixo, que Andrew disse serem para os vários membros mais amplos da família que apareceriam nos próximos dias. Não penso muito nisso até que ele volta para o sofá com um objeto redondo, embrulhado em papel de seda roxo.

— Feche os olhos — diz ele, e eu fecho. Um segundo depois, ele deixa algo cair em minhas mãos. O peso dele me pega de surpresa, e faço um trabalho rápido desembrulhando-o enquanto ele se senta ao meu lado.

É um globo de neve.

Mas não do tipo que você vê nas lojas de presentes do aeroporto, as coisas de plástico baratas que é mais provável você perder do que manter. Este é grande, como um porta-papéis, sua base é uma pesada madeira escura que ocupa toda a minha mão. Lá dentro não há um boneco de neve ou uma casa em miniatura, mas um avião suspenso no céu noturno, suas janelinhas de um amarelo quente.

— Somos nós? — pergunto, sem tirar os olhos dele.

— Somos nós.

Eu o giro suavemente em minhas mãos, correndo meus dedos sobre o vidro.

— Não tenho nenhuma decoração de Natal.

— Imaginei. Achei que você não se importaria com essa.

— Não me importaria? — Preciso sufocar as palavras. — Eu amei, Andrew.

Ele dá de ombros, me observando examiná-lo.

— Você deveria agitá-lo — ele me lembra, e eu o agito, inclinando para que os flocos de neve tremulem, até que o avião esteja voando em uma noite de inverno. Eu me inclino para que eu possa ver melhor na luz e a mão de Andrew deixa meu cabelo para esfregar círculos lentos em minhas costas. É como se ele não pudesse parar de me tocar. E não quero que ele faça isso. Neste momento, acho que nunca me senti tão confortável com outra pessoa como estou agora. O esgotamento que tenho experimentado nas últimas semanas, a ansiedade, o nervosismo e as noites sem dormir, imaginando o que devo fazer da minha vida, tudo se esvaiu, dando-me um tipo de clareza que nunca tive antes.

— Lembra quando eu disse que queria te contar tudo? — pergunto, sem tirar os olhos do avião.

Seus dedos param em seus movimentos e sorrio para qualquer direção dramática que sua mente acabou de seguir.

— Sim — diz ele lentamente.

— Não tenho um filho amado escondido em algum lugar.

— Eu estava pensando em agente da CIA.

— Fico lisonjeada. — Coloco o globo de neve com cuidado na mesa de centro e me sento o melhor que posso, me virando para encará-lo. — Eu menti para você antes. Quando disse que não sabia o que faria se não fosse advogada.

— Eu sabia que você estava mentindo — ele me lembra. — Eu disse que você estava.

— Ok, bem... estou me des-mentindo para você agora.

Ele apenas espera.

— Gosto de comida — digo, afirmando o óbvio. Sempre gostei de comida. Meu maior prazer na vida é comer, e comer bem. Encontrar novos restaurantes, experimentar novos sabores. Apresentei a meus amigos alguns de meus pratos favoritos da mesma forma que muitas pessoas compartilham seus filmes favoritos, observando atentamente seus rostos para garantir que estão reagindo de todas as maneiras apropriadas. — Não sou boa o suficiente para cozinhar profissionalmente — continuo. — Sei que não sou e acho que também não quero fazer isso. Mas... — paro quando Andrew gentilmente puxa minha mão do meu cabelo. Eu nem percebi que estava brincando com ele. — Tive uma ideia — admito.

Ele sorri quando eu não continuo.

— Estou morrendo de suspense aqui, Moll.

E tudo de repente parece tão estúpido. Não sei por que estou exagerando tanto ou por que estou com tanto medo de contar a ele. Talvez seja porque nunca contei a

ninguém. É apenas um daqueles pequenos sonhos dentro da sua cabeça, como se casar com um membro de uma boyband ou ganhar na loteria. Só que, como Andrew está prestes a descobrir, nem de longe tão glamoroso.

— Eu já te disse que queria ser guia turística quando eu era pequena?

Ele me observa por um instante, como se estivesse tentando avaliar se estou brincando ou não.

— Não — diz ele eventualmente.

— Bem, eu queria. Queria ser uma daquelas pessoas que fica em cima do ônibus da turnê e conduz um grupo de pessoas pela rua vestindo uma capa de chuva brilhante e agitando um guarda-chuva combinando sobre a cabeça. Meu pai adora passeios assim. Ele levava Zoe e eu para eles o tempo todo. Sempre achei que eram divertidos.

— E você quer ser uma agora? — pergunta curioso. — Em Chicago?

— Não exatamente. Quero ser uma guia alimentar. Quero levar as pessoas pela cidade e mostrar todos os restaurantes e barracas de comida, não apenas os que estão nos guias turísticos ou os projetados para serem postados no Instagram. Quero mostrar os lugares *reais.* Fora dos roteiros mais conhecidos.

— Então, por que você não faz isso?

— Porque não vivo em um filme. Porque tenho mais oito meses de aluguel de um apartamento caro e empréstimos estudantis que já estou gastando a vida toda para pagar. Porque moro na América, o que significa que preciso de seguro saúde. Porque gasto várias centenas de dólares todos os anos tingindo meu cabelo.

— Você pinta o cabelo?

— Claro que pinto meu cabelo. Você acha que essas luzes são naturais?

Ele parece muito confuso.

— O que, como as partes mais claras? Esse não é o seu cabelo?

— Eu pinto meu cabelo — digo. — Eu pinto meu cabelo e pago uma assinatura mensal para minhas aulas de ioga e gosto de receber massagens quando quero. O que significa que preciso de dinheiro suficiente para pagar por eles.

— Ou casar com rico.

— Ou roubar.

— Ou isso — concorda.

— Foi apenas uma ideia. Não sei nada sobre como começar. Provavelmente levaria anos e talvez nem me rendesse nenhum dinheiro e... — paro, repetindo as mesmas coisas que tenho dito a mim mesma por semanas. Naqueles momentos da calada da noite em que não consigo dormir e acordo tão ansiosa e preocupada que, às vezes, é como se não conseguisse respirar. Comecei a fazer um pouco de pesquisa, mas

nunca me permiti pensar muito nisso. Os contras sempre superaram os prós. O preço do fracasso é sempre alto demais.

— Parece que você está pensando muito sobre o que pode dar errado e não sobre o que pode dar certo — diz Andrew gentilmente.

— Só estou tentando ser realista.

— Sei que está, mas tive muitas refeições ruins na minha vida, Molly, e nenhuma delas veio de uma de suas recomendações. Há uma razão pela qual todos sempre te perguntam aonde ir quando querem algo para comer. E há uma razão para você sempre ter a resposta. Então, e se não falhar? E se você for boa nisso e decolar e ganhar dinheiro suficiente para tudo o que precisa e viver o resto de seus dias fazendo o que ama?

— Eu...

Ele franze a testa quando eu não continuo.

— Você realmente passou as últimas semanas tentando descobrir outra carreira quando tinha essa ideia em mente? Você não pensou que talvez o motivo pelo qual seu coração estava tão contra todos os outros caminhos era que você sabia exatamente o que queria o tempo todo?

— Não.

— Então o quê? — Ele encontra meu olhar diretamente, totalmente pronto para discutir comigo. Odeio quando ele fica todo sério e razoável sobre as coisas.

— Tomei muito sorvete para falar sobre isso direito.

— A velha desculpa.

— É verdade — protesto. — Estou cansada.

— Você está assustada.

— E? — pergunto. — Não há nada de errado em ter medo.

— Não há — concorda. — Desde que você não fique com medo para sempre. — Ele bate um dedo sob meu queixo quando desvio o olhar, voltando meu olhar para ele. — Você pode obter ajuda — acrescenta. — Não é como se você tivesse que sair um dia e simplesmente começar. Haverá pessoas que podem te ajudar. *Eu* posso te ajudar. Mas você precisa pedir. Você precisa tentar. E prefiro que você tente a ficar miserável, Molly. Não importa o quão assustada você esteja.

Não sei como responder a isso. Não sei fazer nada além de apenas olhar para ele. Não entendo como ele sempre sabe o que me dizer. Como sempre sabe me animar e me acalmar como se me entendesse melhor do que eu mesma.

Meus dedos se contorcem com o, agora familiar, desejo de tocá-lo, de estar o mais perto possível dele, e me mexo um pouco, puxando minhas pernas para o sofá.

— Há um notebook na outra sala — continua, pela primeira vez, alheio a onde

minha mente vagou. — Quer me mostrar o que você tem...

— Vamos conversar sobre isso pela manhã.

— Não estou dizendo que você precisa tomar uma decisão; só quero ver o que você...

— Andrew. — Eu me viro, passando uma perna por cima dele, então estou montada em suas coxas. Suas mãos agarram minha cintura, segurando-me firme com surpresa e, em seguida, chamas de calor em seus olhos. — Vamos conversar sobre isso pela manhã — repito, cada palavra lenta e clara enquanto me inclino e coloco meus lábios nos dele.

# Capítulo Vinte e Seis

Estou oficialmente obcecada em beijar Andrew Fitzpatrick.

Algumas pessoas correm. Algumas pessoas cozinham. Algumas pessoas pintam estatuetas em miniatura ou reciclam móveis para vender por cinco vezes o preço. É saudável ter hobbies. E agora eu tenho o meu.

— É isso — ele murmura quando eu finalmente procuro ar. — Vou trazer você para casa no Natal todos os anos.

Sorrio, traçando seu nariz com as pontas dos meus dedos. Eu me pergunto como resisti a ficar longe dele por todos esses anos. Meu coração dói com o pensamento, com o tempo perdido, mas rapidamente o desconsidero. Estou feliz por termos sido amigos primeiro, que agora posso me entregar totalmente a ele sem me preocupar com quais partes de mim ele pode rejeitar. Ele já me viu no meu pior. Cansada e estressada, com raiva e chorando. Ele já viu de tudo e ainda parece querer tudo. Me querer.

— Você já teve ciúmes dos meus ex? — pergunto antes que eu possa me impedir.

Andrew apenas sorri.

— Você queria que eu tivesse?

— Talvez.

Ele não responde imediatamente, parecendo pensar em sua resposta.

— Não estava com tanto ciúmes, como eu estava feliz quando eles te fizeram feliz — diz eventualmente. — E irracionalmente zangado quando eles te deixavam triste. Posso ter um lado protetor quando se trata de você.

Dou de ombros, tentando não parecer tão feliz quanto estou com essa declaração. Isso não o engana nem por um instante.

— Você gosta disso, não é?

— Não sei do que você está falando.

— Não?

— Não, sou emocionalmente muito saudável e... — grito, rindo enquanto ele me empurra para o sofá.

— Você é uma péssima mentirosa — diz ele, inclinando-se. Eu me viro no último segundo, ainda rindo, mas ele não parece se importar, seus lábios encontrando minha garganta como se esse fosse seu alvo o tempo todo.

Ele se aninha em mim, gentilmente no começo e depois forte o suficiente para

fazer meu pulso vibrar.

Empurro seus ombros, querendo um beijo de verdade, mas ele não se move, concentrando-se no pedaço macio de pele onde meu pescoço encontra meu ombro antes de deixar uma trilha logo abaixo da minha orelha. Uma mão empurra meu cabelo para trás, as mechas escorregando por entre seus dedos enquanto ele começa uma deliciosa sucção que me deixa cambaleando.

— Você está me dando um chupão? — pergunto apenas para me contorcer quando ele chupa com mais força antes de me liberar.

— Não — mente, parecendo satisfeito consigo mesmo.

Faço uma careta quando ele se afasta, mas é com pouca emoção, pois logo eu me levanto para beijá-lo adequadamente. Ele me deixa desta vez, sua boca se inclinando sobre a minha com um gemido baixo que, instantaneamente, se torna meu som favorito no mundo, e quando ele empurra seus quadris em mim, eu suspiro tão alto que estou espantada por não acordar toda a sua família...

Pensar neles me faz fugir, escalando para fora do sofá com as pernas bambas. Andrew pisca para mim, ligeiramente atordoado, e por um momento parece desapontado, talvez até um pouco nervoso, como se pensasse que fomos longe demais. Mas então estendo minha mão em uma pergunta silenciosa, lembrando o que ele disse. Que aceitaremos as coisas como elas vierem. Que faremos o que parece certo. E isso, isso aqui, parece certo. E quando ele coloca a mão na minha e me segue para fora da sala, eu sei disso com toda a minha alma.

---

Seguro uma risadinha enquanto tentamos subir as escadas o mais silenciosamente possível. Passa um pouco da uma da manhã e não há luzes acesas sob nenhuma das portas pelas quais passamos. A casa está dormindo profundamente, mas eu nunca estive tão acordada.

Viro para Andrew assim que entramos em nosso quarto, mas ele se afasta, caminhando a passos largos até o radiador perto da janela com foco único.

— Graças a Deus — diz ele, pressionando a mão contra ele. — Papai disse que consertaria isso depois...

— Andrew.

— Certo. Desculpe.

Ele pula em volta na cama, o movimento muito mais gracioso do que deveria ser quando ele vem para ficar na minha frente.

— Desculpe — sussurra novamente. — Tem certeza?

— Sim. Você?

— Tenho certeza. Tenho muita, muita certeza. — Ele se aproxima, vencendo o espaço entre nós. — Mas parece estranho — reflete. — Ceder depois de todo esse tempo. Sinto como se estivesse escondendo isso de nós dois por tanto tempo. E agora eu só... não escondo mais.

— Escondendo o quê? — pergunto, os pensamentos se dispersando enquanto seus dedos circulam meus pulsos, apertando-os gentilmente.

— O quanto pensei neste momento. — Engulo quando sua boca cai para o meu ouvido, suas palavras pouco mais que um sussurro. — Você quer que eu te diga? — pergunta. — O quanto eu quero você agora?

Dou de ombros um pouco, ou pelo menos acho que sim, meu corpo parece não entender mais o que meu cérebro está dizendo.

— O que você quer, Moll? — pergunta Andrew quando apenas fico lá.

— Quero...

— Sim?

Tudo. A palavra fica presa na minha garganta, sufocada pela percepção. Quero tudo com ele. Quero tanto que mal posso suportar.

— Um beijo — digo em vez disso, tentando me concentrar enquanto seu aperto aumenta levemente.

Ele concorda imediatamente, capturando meus lábios com precisão, mas não é o suficiente. Não está nem *perto* do suficiente.

O beijo é suave. O beijo é doce. O beijo... é uma maldita provocação.

Eu me contorço contra ele, precisando de mais, e quando me afasto, ele afrouxa seu aperto em minhas mãos para que eu possa levá-las ao peito, agarrando-o pelo suéter.

— Você — digo. — Quero você. Tudo de você.

O calor preenche seu olhar, como se carregado pela mesma eletricidade que sinto percorrendo meu próprio corpo.

— Você me tem, Moll. Você me teve por anos.

— Então pare de provocar — murmuro, e agarro sua nuca, puxando-o para mim.

Esse beijo é mais forte, mais seguro, nossos lábios se movendo um contra o outro em perfeita sincronia, como se já tivéssemos feito isso um milhão de vezes antes. As mãos de Andrew caem na minha cintura, desabotoando a frente da minha calça jeans antes de deslizá-la pelos meus quadris. Eu nem interrompo o beijo quando caem nos meus tornozelos, saindo delas e chutando-as para o lado. Meu suéter vem em seguida e levanto meus braços enquanto ele agarra a bainha e puxa sobre minha cabeça. Há uma ligeira vantagem em seus movimentos agora. Como a cada peça de roupa,

ficamos mais frenéticos e ele me segue em nosso striptease nada elegante até que ambos estejamos nos agarrando de roupa íntima, ainda enraizados em nosso lugar contra a porta.

Ele nos conduz para a cama e minha mente gira, esquecendo de ficar envergonhada com os barulhos que faço, e a celulite nas minhas coxas, e as estrias nos meus quadris. Essas são coisas nas quais eu normalmente estaria pensando na primeira vez com alguém novo, mas Andrew não é novo. E mesmo se ele fosse, eu ainda estaria muito distraída tentando obter o suficiente dele para me importar. Porque não importa o quanto eu tente, não consigo o suficiente. Quero que ele me toque em todos os lugares, quero senti-lo em todos os lugares. Quero dez horas de beijos e preliminares. Quero ele em mim, agora.

E Andrew parece tão dividido quanto eu, suas mãos subindo e descendo pelo meu corpo, como se não soubesse onde focar. Quando não está beijando meus lábios, ele está no meu pescoço, minha garganta, lambendo entre meus seios e subindo de novo antes de me beliscar com força suficiente para quase causar dor, um prazer intenso que sei que deixará outra marca. Quero que deixe uma marca. Quero uma prova desta noite, deste momento, para que quando eu acordar de manhã, eu me lembre exatamente do que aconteceu.

— Sutiã — murmura em meu ouvido, e aceno com a cabeça enquanto me empurro para cima, estendendo a mão para trás para o fecho.

— Você tem uma...

— Sim — diz, quase pulando de cima de mim enquanto se ajoelha ao lado de sua mala. Tento não olhar para a bunda dele em sua cueca boxer preta e então lembro que posso olhar o quanto quiser agora, e quando ele volta para a cama com uma expressão vitoriosa, levanto uma sobrancelha para a fileira de pacotes de papel alumínio em sua mão...

— Quero saber por que você trouxe camisinhas para casa no Natal?

— Chama-se prevenção saudável, Molly. E tenho uma antiga namorada na aldeia que...

— Não é engraçado — retruco, lançando-me para ele. Ele ri quando caímos na cama e eu monto nele, abrindo cuidadosamente um pacote enquanto seus olhos passam pelo meu peito nu antes de se concentrar no pingente em volta do meu pescoço, o presente que ele me deu. Ele puxa suavemente, posicionando-o na cavidade da minha garganta antes de se sentar para pressionar nele um beijo mais leve.

Nossas roupas íntimas são as últimas a sair e somem rapidamente, antes de eu rolar a camisinha nele e, de repente, nossos lugares são trocados, seus movimentos confiantes e seguros quando ele me puxa para baixo dele.

— Você está bem? — pergunta, e aceno, agarrando seu rosto para beijá-lo novamente. Ele me deixa fazer isso apenas brevemente antes de se afastar, roçando o nariz ao longo da minha mandíbula antes de se mover para baixo. Levo alguns segundos para perceber que ele não está voltando.

— Andrew?

Ele apenas cantarola contra a minha pele, sua língua traçando um círculo ao redor do meu umbigo antes de continuar.

— Você não precisa... — cale a boca, Molly. Minha cabeça bate no travesseiro, os dedos cavando nos lençóis enquanto ele gentilmente separa minhas pernas.

O primeiro toque de sua língua me faz fechar os olhos com força. O segundo me faz apertar minhas coxas, mas Andrew não parece se importar. Pelo contrário, parece estimulá-lo quando ele agarra meus quadris, mantendo-me o mais imóvel possível enquanto me movo contra ele. O homem consegue seguir direções, eu vou dando isso a ele, com ele seguindo cada movimento do meu corpo enquanto silenciosamente digo para onde ir e o que preciso, até que me conheça melhor do que eu mesma. Até que ele não precise de direção alguma. E quando uma mão deixa meu quadril para se juntar a seus esforços, estou perdida. Prazer ondula através de mim, quase insuportável em sua doçura.

Consigo apenas ficar deitada lá, minha respiração irregular enquanto ele espera que eu pare antes de lamber seu caminho de volta até minha boca.

— Ok, bom trabalho — digo, dando um tapinha no rosto dele. — Boa noite.

Ele sorri, olhando para mim antes de me beijar. Minhas mãos vão para suas costas, explorando, para contentamento do meu coração. A súbita liberdade para fazer isso me deixa quase tonta e ele encoraja meu entusiasmo me beijando com mais força, reagindo a tudo o que faço. Ele estremece quando passo meus dedos pelas laterais de seu estômago, ele grunhe quando puxo seu cabelo. Estou fascinada por cada um de seus movimentos, cada som que vem dele, cada músculo que se contrai sob meu toque.

Ele está quente e duro contra mim, e mesmo que nós dois estejamos suando, não protesto quando ele nos manobra sob as cobertas, a cortina pesada da colcha sobre nossos corpos apenas me fazendo sentir como se estivéssemos mais próximos.

Ele se acomoda mais completamente sobre mim, testando seu peso contra o meu, como nossos corpos se encaixam. Tão familiar, mas tão novo. E sei que o que quer que esteja acontecendo, não há como voltar. Isso não é coisa de uma noite.

Isso não é um erro.

Como eu poderia ter pensado que isso seria um erro?

Estou tão pronta para ele agora que não há hesitação quando ele se move para

dentro de mim, um gemido me escapa quando nossos olhos se encontram. Uma expressão quase de dor surge em seu rosto com o som e ele se inclina para me beijar com determinação renovada, aberto, quente e menos habilidoso do que antes. Os braços de cada lado meu tremem, como se ele estivesse se esforçando para se manter sob controle e, quando ele se afasta, o arrastamento lento envia minhas terminações nervosas à exaustão.

Ele me beija como nunca fui beijada. Como se estivesse esperando a vida inteira para fazer isso.

Ou talvez apenas dez anos.

Eu o agarro com mais força com esse pensamento, puxando-o para mim até que nossos corpos estejam tão pressionados um contra o outro que não há um centímetro de espaço entre nós. E não quero que haja.

Eu amo este homem. Eu o amo, eu o amo, eu o amo e tudo em que consigo pensar é como ele deve me amar também. Ele deve. Porque ele me queria aqui. Ele me queria com ele. Talvez muito antes de eu o querer. E estou tão feliz por ter parado sob aquele visco, estou tão feliz que o destino finalmente se cansou de esperar, mesmo que eu não tenha coragem de dizer isso a ele ainda. Mas talvez não precise. Meu toque pode dizer a ele o que minhas palavras não podem, então eu toco. Toco e acaricio e deixo meus beijos falarem por si. E quando ele traz minhas mãos sobre minha cabeça, entrelaçando seus dedos com os meus, tento me lembrar se já me senti assim, se já senti *tanto* antes, e, então, ele puxa meu lábio inferior e mergulha sua cabeça para pressionar a boca na pele logo acima do meu coração, e não consigo me lembrar de mais nada.

# Capítulo Vinte e Sete

um ano atrás

## Voo Nove, Chicago

— Não consigo me lembrar onde eu... Não, definitivamente deixei na mesa dela. Bem, se não estiver lá, então alguém o moveu. Não sei quem! Se eu tivesse, não estaríamos nessa confusão.

— Molly.

Levanto um dedo, buscando profundamente meu último pingo de paciência para ter certeza de que ainda tenho um trabalho pela manhã.

— Ligue para Lauren e pergunte a ela — digo. — E não diga a Carlton... Não me importo se ela foi para casa no Natal, eu também fui!

— *Molly.*

— Estou no telefone — sibilo, olhando para Andrew. Ele me encara do outro lado da mesinha de plástico, parecendo tão irritado e cansado quanto eu.

— Bem, a menos que você queira que eu peça um copo de água para você, você precisa parar — diz ele.

É só então que percebo o atendente de aparência exausta parado ao nosso lado.

Merda. Ok.

— Ligo para você daqui a cinco — digo, desligando com um olhar afiado para Andrew, antes de folhear o menu, já sabendo o que quero.

— Batata frita com queijo — digo. — Obrigada.

— Sinto muito, estamos sem.

Claro que eles estão.

— O sanduíche do clube então.

A garçonete estremece. Há uma mancha de ketchup na frente de sua blusa e seu cabelo escuro está caindo de seu coque frouxo.

— Terminamos de servir nosso cardápio de sanduíches há...

— Você escolhe então — interrompo, entregando o cardápio para ela. — Surpreenda-me.

— Nossa sopa do dia é...

— Sim. Ótimo. Quero isso.

Ela murmura outro pedido de desculpas e gira nos calcanhares, indo

imediatamente para a mesa ao lado.

— Sério? — pergunta Andrew quando ela está fora do alcance da voz. — Ela é pouco mais que uma criança.

— Deixarei uma boa gorjeta — murmuro, deixando minha cabeça cair em minhas mãos. Massageio minhas têmporas, tentando aliviar a enxaqueca que se forma ali. Sei que estou sendo uma vadia, mas não sei como não ser agora. O trabalho é um pesadelo sem fim que só piora com o feriado, nosso voo atrasou cinco horas e agora esperamos trinta minutos para pedir comida que eles nem têm.

— Não é culpa dela — continua Andrew, e preciso lutar contra uma carranca, mantendo minha cabeça baixa para que ele não possa ver meu rosto. — O quê? — pergunta, quando não respondo. — Você nem vai falar comigo agora, é isso?

Ah, pelo amor de...

— O que você quer que eu diga? — estalo, sentando-me tão rápido que minha cabeça gira. — Porque parece que o que quer que eu faça, você só entenderá da maneira errada com o seu humor.

— O *meu* humor? Você é quem está no telefone há uma hora.

— Sim, por causa do *trabalho*, Andrew. Eu tenho um emprego. Um que não para quando saio do escritório.

— Que tal um que pare por algumas horas para que possamos conversar um com o outro?

— Algumas horas? Estaremos aqui a noite toda desse jeito!

— Hum... com licença?

— *O quê?* — dissemos a palavra em uníssono, ambos nos virando para ver a garçonete parada apavorada diante de nós.

— Sinto muito, *muito mesmo* — começa quando meu telefone vibra na mesa. — Mas a sopa...

Andrew ainda está olhando para mim como se eu fosse a pior pessoa do mundo e estou começando a sentir isso também, a pressão do trabalho nas últimas semanas me transformando em alguém que mal reconheço.

— Nós *definitivamente* temos a salada Caesar de frango — continua a garota, e é a esperança sincera em sua voz que finalmente me leva ao limite.

As lágrimas vêm instantaneamente e, uma vez que começam, não há como parálas.

— Sinto muito — suspira, quando Andrew murmura um palavrão e sai do seu assento. — Temos espaguete? Vai demorar mais, mas...

— A salada está ótimo — digo, mal conseguindo pronunciar as palavras. — Isso parece perfeito, obrigada.

Ela me dá um aceno em pânico enquanto Andrew se ajoelha ao meu lado, colocando uma mão hesitante no meu braço enquanto todos ao nosso redor educadamente olham para o outro lado.

— Sinto muito — digo, minha voz vacilante. — Estou muito cansada.

— Eu sei. Eu também. Me desculpe por estourar.

— *Eu* sinto muito por estourar. Droga. Minha maquiagem.

— Não se preocupe com isso.

— Não seja tão *garoto*. — Pego um guardanapo no dispensador e o enxugo embaixo dos olhos. Meu telefone continua tocando, mas nós dois o ignoramos. — Eu só queria algumas batatas fritas com queijo.

— Eu sei. Podemos tentar em outro lugar. Ou posso roubá-las da mesa daquele cara.

Ele diz isso tão sério que eu bufo, o que não é uma boa coisa para se fazer enquanto choro, mas faz o trabalho de me calar, as lágrimas terminando tão rapidamente quanto vieram.

— Ugh. — Pressiono o guardanapo no nariz, assoando levemente. — Sinto muito pelo trabalho.

— Você não precisa sentir. Sei que você...

— Não. — Eu o interrompo — Estou sendo rude. Eles anunciaram no mês passado que estão fazendo cortes, então todo mundo está se virando como se fosse um Battle Royale e só estou... — suspiro, caindo na cadeira. — Não sei quando foi a última vez que dormi uma noite inteira.

— Posso fazer alguma coisa?

Minha respiração falha com suas palavras e eu me lembro novamente porque largo tudo todos os anos para voar para casa com este homem. Nada de *Talvez você não devesse trabalhar tanto*, nada de *Se recomponha, Molly*. Exatamente como ele pode me ajudar. Mesmo depois de eu ter passado as últimas duas horas o ignorando, é tudo o que ele quer saber.

— Apenas finja que não fui nada além de uma ótima companhia — digo. — E me diga se meu rímel borrou.

— As manchas em todo o seu rosto ou...

Faço uma careta para ele, mas ele apenas sorri, e então, para minha surpresa, esfrega o polegar na minha bochecha, limpando as manchas. É um gesto estranhamente íntimo, sua pele áspera e quente contra a minha, e paraliso sob a sensação, confusa com minha reação a ela. Ele desliza mais uma vez, mais devagar desta vez enquanto seu sorriso se transforma em uma carranca.

— Molly...

Meu telefone toca e ele se afasta, deixando cair a mão como se eu o tivesse queimado. Antes que eu possa impedi-lo, ele me dá um aceno de cabeça encorajador, voltando ao seu lugar.

— Você deveria atender — diz ele.

Para o inferno com isso.

Silencio a maldita coisa antes de enfiá-lo na minha bolsa.

— Pelo que eles sabem, estou no ar — digo. — Sou toda sua.

Algo pisca em seu olhar com minhas palavras, mas tudo o que ele vai dizer se perde quando a garçonete retorna, visivelmente suando agora.

— Então, quando eu disse uma salada Caesar *de frango*...

---

# Agora

Durmo aos trancos e barrancos. Ou acordo ou Andrew acorda e toda vez que isso acontece um de nós estende a mão para o outro. Em algum momento da noite, nós nos encontramos uma segunda vez e é mais lento e cuidadoso, mas não menos perfeito, e quando ele me traz para aquele ponto doce, tenho que virar minha cabeça contra o travesseiro para abafar os sons que não posso me impedir de fazer.

Só então o sono vem adequadamente e, na próxima vez que acordo, o relógio do meu telefone me diz que são um pouco antes das sete. Andrew está morto para o mundo ao meu lado, sua cabeça voltada para a minha, e por alguns minutos eu simplesmente fico ali, me ajustando à escuridão, me ajustando a, bem, *isso.*

Eu poderia me acostumar com isso.

Ir para a cama com ele, acordar com ele, repetir várias vezes até deixar de ser especial. Até que eu possa considerá-lo garantido.

Não dessa maneira ruim, mas confortável. Sabendo que ele estará lá. Assim como sempre esteve.

Verifico as últimas mensagens no bate-papo do grupo familiar, passando por fotos intermináveis de todos segurando o bebê. Zoe deve voltar para casa hoje e agora eu também, e embora eu queira desesperadamente ver ela e meus pais, outra parte de mim está infeliz com a ideia de passar apenas alguns dias longe de Andrew. Isso me faz querer acordá-lo para que possamos aproveitar ao máximo cada minuto que nos resta, embora, é claro, eu não faça isso, seguindo o caminho normal de olhar para o meu telefone no escuro por vários minutos e curtir os stories do Instagram de todos.

Acabei de enviar uma atualização um pouco longa demais para Gabriela quando a

natureza chama e uso a desculpa para sair da cama. É preciso algumas manobras cuidadosas, mas parece que a exaustão finalmente atingiu Andrew e ele não se mexe quando eu rastejo para fora do quarto.

Faço meu trabalho rapidamente e estou do lado de fora da porta do quarto quando meu estômago começa a doer, com uma dor matinal familiar.

Eu não deveria estar surpresa. Sempre fui uma pessoa que toma café da manhã (ok, eu sou uma pessoa que toma todas as refeições) e, apesar de encher minha cara a maior parte do dia ontem, os hábitos são claramente difíceis de quebrar. Enfiando o roupão corretamente em torno de mim, no caso de encontrar um Fitzpatrick no meu caminho, continuo além da porta de Andrew e desço as mesmas escadas que subimos às pressas não horas antes.

Ando tateando pela casa escura até chegar à cozinha onde, depois de me debater um pouco, consigo encontrar o interruptor da luz. Aceitando a palavra de Colleen de que posso me servir, pego uma fatia de pão de uma caixa de pão no balcão. Eu nem me preocupo em torrar, apenas me inclino contra o balcão enquanto arranco bocados o mais rápido que consigo mastigar. Eu adoraria um café, mas não consigo ver uma máquina em lugar nenhum e não escapou da minha percepção que todos estavam bebendo chá ontem de manhã. Tenho certeza de que eles devem ter um pouco do tipo instantâneo em algum lugar, mas o pensamento de vasculhar seus armários é um passo longe demais na escala de convidados para mim.

Deve haver algum lugar na vila onde eu possa tomar minha dose de cafeína. Não discuti os horários com Andrew em relação a minha volta para meus pais, mas certamente seremos capazes de...

Eu pulo, assustada quando uma tosse soa em algum lugar próximo, e enfio o pão restante na minha boca no caso de Andrew acordar e se esgueirar atrás de mim. Mas quando ouço novamente, percebo que está vindo de fora, da varanda que envolve os fundos da casa.

Curiosa, coloco minhas migalhas na pia e espreito minha cabeça para fora da porta.

Christian está do lado de fora, vestido com calça de moletom e um capuz. Um cigarro aceso está entre seus lábios e há um olhar de culpa em seu rosto que desaparece assim que me vê.

— Pensei que você fosse mamãe — diz ele, parecendo mais aliviado do que um homem adulto de vinte e tantos anos deveria estar.

— Desculpe.

— Não conseguiu dormir?

Balanço a cabeça, envolvendo meus braços em volta de mim enquanto olho ao

redor. Dois tordos pulam pelo chão congelado perto de nós, como se estivessem testando sua bravura. Está frio, mas não insuportável, e saio um pouco mais.

— Você se importa se eu...?

Ele dá de ombros quando gesticulo desajeitadamente para a varanda e tomo um lugar contra a parede do outro lado da porta.

— Você acordou cedo — digo.

— Estou voltando para Londres em mais ou menos uma hora. Meu chefe é um idiota, quer todos no escritório amanhã.

Isso soa familiar.

— O que você faz?

— Imobiliária.

— Você gosta?

— Não. — Ele sorri. — Mas paga as contas. Bem, mais ou menos. — Ele dá outra tragada, virando a cabeça para não soprar fumaça na minha direção. Um silêncio constrangedor desce, ou pelo menos um que é estranho da minha parte. Christian parece perfeitamente contente em apenas ficar ali, me observando. É por isso que as pessoas fumam? Assim elas têm algo para fazer com as mãos?

— Então — diz ele, depois de trinta segundos tentando desesperadamente pensar em outro assunto. — Você e Andrew estão...

— Noivos?

Ele ri disso.

— Desculpe pelo jantar — diz ele, não parecendo nem um pouco arrependido. — Hannah é uma romântica.

— E você?

— Apenas um irmão mais novo. — Ele puxa o capuz para cima, escondendo-se do frio. — Mas tem uma coisa agora, não é?

— É novo.

— Novo não é uma má maneira de terminar o ano — diz ele, seu tom mais gentil. — Mesmo que ele sempre tenha tido um timing terrível.

Apenas sorrio, um pouco confusa.

— Vocês já sabem o que vão fazer? — pergunta.

— O que...

— Ficar nos Estados Unidos, ou voltar para Dublin?

— Ah. — A conversa do emigrante. — Não tenho planos de voltar para a Irlanda. Chicago tem sido a minha casa há um tempo já.

— Bom para você — diz ele. — Longa distância, entretanto. Isso sempre pareceu difícil.

— O que você quer dizer?

— Bem, não que não possa funcionar — acrescenta ele, e congelo, meu café da manhã improvisado revirando meu estômago. Christian se apressa, confundindo meu silêncio com aborrecimento. — Vocês ficarão bem — Um sorriso rápido. — Andrew já encontrou um apartamento? Ele nunca acredita em mim quando conto como Dublin foi feita para locatários. Acho que ele tem na cabeça que vai chegar e simplesmente entrar em um lugar.

Puxo meu cabelo em um coque frouxo, minhas mãos agora úmidas se movendo automaticamente enquanto puxo as mechas para trás de novo e de novo e de novo.

— Tenho certeza que ele encontrará alguma coisa — digo. As palavras soam fracas, como se faladas por outra pessoa.

— Mas não a tempo. Quando começa o novo trabalho? Março?

Março? *Março?*

— Não consigo me lembrar.

— Talvez você pudesse fazer com que ele olhasse para aqueles lugares que enviei? Ele precisará colocar seu nome na lista apenas para conseguir uma visita. E diga a ele para não vir chorar para mim quando...

Nós dois nos encolhemos quando a porta se abriu, Christian escondendo o cigarro nas costas por instinto. Andrew sai, observando a cena, antes de virar um olhar acusador para o irmão.

— O que você está fazendo aqui fora?

Christian dá de ombros.

— Roubando sua garota.

— Bem, você pode roubá-la lá dentro? De preferência ao lado do radiador? — acena Andrew para que eu volte para a cozinha e eu o sigo entorpecida. — E jogue isso fora antes que mamãe pegue você — diz a Christian. — Quantos anos você tem? Quinze?

Christian entra um segundo depois, esfregando as mãos enquanto Andrew acende mais luzes.

— Eles acham que vai nevar hoje — diz ele, olhando pela janela.

— Eles sempre dizem que vai nevar — diz Andrew. — Será nas montanhas, se houver alguma coisa. — Seus olhos disparam em minha direção e ele franze a testa, tirando o moletom de seu corpo e passando-o para mim. Coloco automaticamente, só para ter algo para fazer além de olhar para ele.

Ele está voltando para a Irlanda? Ele está voltando para a Irlanda e não me contou?

— Vou terminar de fazer as malas — diz Christian. — Vá com calma, Molly. —

Ele não espera por uma resposta enquanto desaparece escada acima.

— Você está bem? — pergunta Andrew quando ele sai.

— Estou bem.

— Tem certeza?

— *Sim.* — Eu me movo ao redor do balcão, desejando que ele não tivesse nos interrompido e que eu tivesse perguntado a Christian o que estava acontecendo.

Andrew apenas sorri para mim.

— O que devo pensar, acordando com uma cama vazia?

— Desculpe. Levantei para fazer xixi e fiquei com fome

— Ficou? O que você quer? Mamãe costuma comprar aqueles pacotinhos variados de cereais como um mimo. Eu rio, mas nunca quis tanto algo como agora. — Ele começa a vasculhar os armários, tirando vários itens de café da manhã. Enquanto ele faz isso, uma imagem me ocorre, dele sentado no bar do aeroporto, pouco antes de nosso voo ser cancelado.

*Posso falar com você um segundo?*

Estava tão envolvida no que estava acontecendo que não o ouvi. Era nessa hora que ele ia me contar? Foi por isso que ele foi tão rápido em sugerir passar o Natal em Chicago, mesmo que isso significasse não ver sua família? Porque era a última vez que ele faria isso?

— Quer um café? — Andrew coloca duas canecas no balcão e volta a vasculhar. — Ninguém bebe além de mim, então sempre trago para casa meu próprio estoque.

Ele olha para mim quando não digo nada, uma mão segurando uma variedade de minicaixas de cereal embrulhadas em plástico.

— Tem certeza que você está bem?

Eu me inclino na ilha da cozinha, meus braços escondidos nas mangas largas de seu moletom, meus pés deslizando nos chinelos felpudos que Hannah me emprestou.

— Christian disse...

As sobrancelhas de Andrew se juntam quando não continuo, e ele olha para as escadas com uma carranca.

— Christian disse o quê?

— Ele acha que você está voltando para cá. Que você está começando um novo emprego. Procurando um apartamento.

Silêncio.

Eu disse isso propositalmente como se estivéssemos compartilhando uma piada, de um jeito *Christian não é engraçado, hah hah hah*. Mas Andrew apenas coloca o cereal no balcão, sua expressão cautelosa enquanto tira um mini-pacote de Rice Krispies.

Nem no inferno.

— Molly...

— Você não pode estar falando sério.

— Não é o que parece.

— Não é? Você vai voltar para cá?

— Não.

Ah. Ok, agora estou confusa.

— Mas Christian disse...

— Eu sei. Ele... eu tinha um plano. Quando Marissa e eu terminamos, comecei a reavaliar as coisas. Minha vida ali. Minha sobriedade. Achei que talvez precisasse de um novo começo.

— Voltando para casa?

— Estou ciente da ironia.

— Mas você não se mudará para casa — confirmo, tentando entender o que está acontecendo.

— Mudei de ideia.

Ele mudou de ideia. E pela primeira vez desde que chegamos aqui, sinto uma pontada de desconforto com suas palavras.

— Quando?

Ele hesita, como se soubesse que, ao apagar um incêndio, pode ter começado outro.

— Quando você mudou de ideia? — pressiono.

— Isso importa?

— *Sim.* Porque pelo que você está insinuando, até três dias atrás, você planejava mudar de casa há *meses.* E agora você apenas... mudou de ideia? Por causa de quê? Um beijo?

— Não é só isso, e você sabe.

— Mas se não tivéssemos nos beijado, esse ainda seria o plano, certo? — começo a me sentir um pouco mal. Voltar para sua família, para seus amigos, de volta para uma nova vida e ele jogaria fora por mim? — Você tem um novo emprego?

— Não aceitei. E não vou. — Ele está tenso agora, seu bom humor desapareceu. Eu me sentiria culpada se não estivesse tão brava. Não acredito que ele não me contou. — Moll, qual é, isso não é...

— *Não* diga que isso não é grande coisa — aviso. — Sei que você acha que não é, mas é. Você mesmo disse que estava triste por perder Hannah crescer. E sua sobrinha e seu sobrinho amam você, e seus pais amam você, e você ama a Irlanda, eu sei que ama. — A empolgação em seu rosto quando caminhávamos por Dublin, a calma que

se instalou nele quando estávamos no topo da colina ontem de manhã. Nunca o vi assim. Ele disse que precisava de um novo começo e agora trocaria tudo por algo em que acabamos de mergulhar os pés? Que mal começamos a explorar? Todo relacionamento de longo prazo que já tive terminou com alguém escolhendo algo ou alguém em vez de mim. Então, o que acontece quando dou tudo a esse homem e ele se vira daqui a três meses e percebe que escolheu errado?

— Ainda não sabemos o que é isso — digo, tentando fazê-lo entender.

Um olhar para o rosto dele, e sei que ele não sabe. Se alguma coisa, ele parece bravo.

— Eu não sei o que é isso? Sério?

— Nós nem mesmo...

— Vôo um — interrompe, colocando o pacote de Rice Krispies de lado enquanto se move para o Coco Pops. — Quando você nem me conhecia e tentou me proteger. Você literalmente roubou meu telefone para me impedir de me machucar. Voo dois, fiquei olhando para a sua nuca o tempo todo, esperando que você se virasse. Sei que você pensou que eu estava bravo, mas não estava, estava envergonhado. Eu queria falar com você, mas pela primeira vez na minha vida, não sabia como. Voo três. Nosso primeiro voo de verdade. Foi a viagem mais rápida que já tive. Eu ia te chamar para sair, mas você disse que tinha namorado.

— Andrew...

— Voo quatro — ele se move para os flocos de milho. — Quando ficamos bêbados com champanhe e conversamos o caminho todo para casa. Acho que nunca me diverti tanto na vida. Voo cinco, quando você comprou aquele suéter para mim. Não lavei por uma semana porque cheirava a você. Carreguei aquele velho guia alimentar comigo por semanas, me perguntando se deveria dar a você ou não, e o olhar em seu rosto quando o abriu... Nunca fiquei tão feliz em ver alguém sorrir. Voo seis, quando te vi se despedindo do namorado. Você queria saber se eu tive ciúmes de seus ex, Molly? Eu apenas fingi que na época só não queria que você namorasse um idiota, mas ver vocês juntos parecia que eu estava sendo partido em dois. Eu estava com outra pessoa na época e só de ficar olhando para você parecia uma traição.

Ele espera que eu interrompa novamente, mas não o faço. Apenas o encaro, sentindo-me ridiculamente perto de chorar.

— Menti quando disse que queria te beijar uma vez — continua. — O voo sete foi a segunda vez que eu quis. Não sei por quê. Nada de especial aconteceu. Havia acabado de subir a escada rolante e você estava sentada no portão, e senti como se já estivesse em casa. Odiei me separar naquele momento. Eu odiei, mas não sabia por quê. Voo oito, você estava basicamente morrendo de cólica. Você dormiu no meu

ombro e eu poderia ter te empurrado para o lado, mas não o fiz. Meu braço ficou dormente, mas não me mexi porque gostava que você me tocasse e queria cuidar de você. Às vezes eu acho que é o que eu nasci para fazer. O voo nove foi quando estávamos atrasados e você começou a chorar porque eles estavam sem batatas fritas. Tenho certeza de que teria vendido todos os meus pertences apenas para conseguir algumas para você e estava tão perto de lhe dizer como me sentia. Tão perto de começar isso, mas você estava exausta, e eu não queria estressá-la ainda mais. Quando voltei depois do Natal, você já havia conhecido Brandon, e era tarde demais.

Ele se move então, contornando a mesa, e só para quando dou um passo para trás, esbarrando no fogão.

— Eu ia te contar sobre mudar para casa. Juro por Deus que ia. Mas ainda não. Porque, mais do que tudo, queria que você me desse um motivo para ficar. Eu ia flertar, testar as águas, talvez te convidar para um encontro adequado, mas você estava tão ocupada com o trabalho e então a tempestade aconteceu e... — ele balança a cabeça, quase franzindo a testa para mim agora. — A tempestade aconteceu e você largou tudo para me levar para casa no Natal, porque sabia que era isso que me faria feliz. Então, voo dez, Molly. Voo dez, quando você me beijou sob o visco e se tornou a única garota que eu realmente quis. Não me diga que não sei o que é isso. Não me diga que não sei o que quero.

Meu coração está batendo tão forte no meu peito, juro que posso ouvi-lo. Certamente posso sentir. Um baque dolorido contra meu peito, como se estivesse tentando pular e se juntar ao dele. Não quero nada mais do que segurá-lo, tocá-lo, mas fico onde estou, as futuras repercussões disso me assustam mais do que qualquer coisa. Porque é fácil dar o salto. Largar o emprego, apaixonar-se. Querer é a parte fácil. É a parte difícil que vem depois. E a ideia de que Andrew pode estar cometendo o maior erro de sua vida por mim é o suficiente para fazer meu sangue gelar.

— Nós dois concordamos que começaríamos do *começo* — digo quando posso falar novamente. — Esta não é uma decisão que alguém toma no início de um relacionamento.

— E se eu voltar para cá, não podemos começar de jeito nenhum. É isso que você quer?

— O que eu *quero* é...

Nós dois ficamos tensos quando a escada range. Cruzo os braços sobre o peito, meio que esperando que Christian volte com alguma piada, mas é a Fitzpatrick mais jovem que aparece na porta, descalça em seu pijama de flanela.

Andrew sorri, um pouco da intensidade em sua expressão desaparecendo.

— Ei, bela adormecida — diz ele, sua voz infundida com leveza, embora não tire

os olhos de mim.

— Que horas são? — pergunta Hannah, parecendo mais ter dez do que uma adolescente enquanto ela esfrega os olhos, olhando para a cozinha escura.

— Sete e meia.

— O que? — ela parece horrorizada. — Por que vocês estão acordados?

— O relógio biológico está fora de sintonia. — Ele sacode o cereal. — Além disso, pacote de variedades.

Hannah não parece convencida, seus olhos se estreitam enquanto olha entre nós.

— Vocês estão brigando?

— Não.

— Parece que vocês estão brigando. Parece que vocês estão...

— Volte para a cama, Hannah — interrompe Andrew, mas ela apenas olha para ele enquanto vai para a pia.

— Estou pegando água primeiro — murmura. — Tenho permissão para pegar água. Eu moro aqui.

Andrew dá a ela aquele olhar de irmão *eu vou matar você* com excelência, mas Hannah o ignora, seus olhos piscando para mim enquanto sai.

Lanço um sorriso para ela, mas deve parecer tão tenso quanto eu me sinto, porque sua testa só franze ainda mais quando ela sai da cozinha. Há uma longa pausa, em que ela está claramente tentando escutar da escada, antes dela ranger novamente quando ela desiste.

Andrew espera um momento antes de se virar para mim, colocando as mãos no balcão.

— Quero ver minha irmã — digo quando ele vai falar novamente.

— Molly...

— Vamos falar sobre isso — digo. — Vamos nos sentar como adultos e conversar sobre isso. Mas não consigo... não consigo *pensar* agora.

Eu sabia. Sabia que assim que o Natal acabasse algo aconteceria. A magia iria quebrar. Só não pensei que seria eu a quebrá-la.

Andrew aperta os lábios, claramente infeliz.

— Posso pegar emprestado o carro da minha mãe e te dar uma carona de volta.

— Vou pegar uma com Christian.

— Você nem me deixará...

— Não por causa disso — suspiro. — Faz sentido, não faz? Ele está indo para lá, de qualquer maneira. Quero apenas que você pense sobre isso por alguns dias. Passe algum tempo com sua família, com seus amigos aqui. Muita coisa aconteceu em poucos dias e parece que nós dois precisamos de espaço para apenas respirar.

— Não preciso de espaço.

— Bem... — eu o encaro, impotente. — Eu preciso.

Há uma finalidade em minhas palavras que eu não quis dizer, mas uma que ele ouve completamente. Ele se endireita, sua garganta se movendo enquanto engole.

— É melhor fazer aquele café então — diz ele, virando as costas para mim.

E não sei o que dizer sobre isso, então não digo nada, demorando-me por um segundo estranho antes de voltar a subir as escadas. No final do corredor, uma porta está aberta, e é lá que encontro Christian, sentado na beira de uma cama desarrumada, o rosto enrugado em concentração enquanto tenta tirar um novo par de fones de ouvido de seu invólucro de plástico. Ele não levanta os olhos quando eu bato.

— Sim?

— Você pode me dar uma carona de volta para Dublin?

Seus dedos param apenas brevemente em sua luta enquanto seus olhos se movem para mim.

— Acho que Andrew planejava...

— Faz mais sentido, não faz? Economizar na gasolina?

Ele franze a testa.

— Sua irmã está bem?

— Ela está bem — digo, tentando soar animada — Só quero voltar e vê-la.

— Não é um problema — diz ele, lentamente. — Sairei em uma hora.

Dou de ombros, saindo pela porta antes que ele mude de ideia.

— Não é como se eu tivesse alguma coisa para embalar.

Já estou totalmente vestida quando Andrew sobe as escadas com meu café. Nenhum de nós fala e logo o resto da família está se reunindo para se despedir. Colleen fica chateada ao ver seu filho mais novo partir, embora finja que não, preocupando-se com ele antes de desaparecer na cozinha após o último adeus. Sean e Hannah ficam fora, pelo menos, embora Hannah esteja mais deprimida do que já vi, olhando Christian mal-humorada, como se ele estivesse indo embora apenas para arruinar o dia dela. Fico para trás até Colleen reaparecer e colocar três recipientes empilhados com restos de comida em minhas mãos, junto com outra vela para minha mãe e um pequeno carneiro de brinquedo de tricô para Zoe.

— Você vai voltar e nos ver — diz ela, suas palavras mais uma ordem do que um pedido.

Andrew espera até o último segundo possível para me abraçar, como sempre faz. Por um momento, acho que ele pode me beijar, mas ele me solta com um sorriso que sei que é para o bem dos outros.

— Me ligue quando voltar — diz ele, e aceno, já sentindo a distância entre nós.

Apesar do tempo frio, ele permanece do lado de fora enquanto Christian nos conduz pela estrada. Mantenho minha cabeça virada para trás para olhar para ele, observando até o último segundo, quando ele desaparece de vista.

# Capítulo Vinte e Oito

A viagem de volta é estranha. Dormi durante a maior parte da viagem, então não sabia o quão fundo estávamos no campo, e estou impressionada com a facilidade com que Christian navega pelas estradas sinuosas e sem sinalização. É um milagre que ele não se perca, especialmente na escuridão. Estamos dirigindo por mais de trinta minutos antes de o sol começar a nascer.

Também pensei que Christian seria do tipo forte e silencioso, mas, para minha surpresa, ele é meio... tagarela. Não só isso, mas o homem não sabe ficar parado. Assim que saímos da fazenda, ele muda o rádio para alguma estação de sucessos genéricos e começa a resmungar sobre outros motoristas nas raras ocasiões em que passamos por eles. Ele mexe no aquecimento, abre uma bala de menta e me oferece uma. Ele bate os dedos no volante e me interroga sobre a vida em Chicago, exatamente como Zoe perguntou a Andrew quando nos levou para casa.

Uma vez que estamos na estrada, ele começa a se acalmar, e eu me pergunto o quanto do que ele disse sobre seu chefe querer que ele volte ao escritório é verdade e se talvez, ao contrário de Andrew, ir para casa no Natal seja mais um dever do que um presente. Um que ele fica feliz em realizar, mas contente quando acaba.

É só quando nos aproximamos de Dublin e os carros ficam mais cheios de viajantes de Natal que ele traz à tona o que aconteceu esta manhã.

— Ele te assustou?

— Huh? — Eu estava distraída, ocupada olhando para o meu telefone, me perguntando se Andrew iria me enviar uma mensagem.

— Meu irmão — diz Christian, mostrando o dedo do meio para alguém cortando abruptamente através de nós. — Nunca o considerei do tipo intenso, mas as pessoas mudam.

— Intenso? — pergunto. — Sério?

— O quê?

— *Você* é o intenso.

— Sou? — Isso parece surpreendê-lo. E suponho que não seja difícil entender o porquê. Lembro-me da primeira vez que ouvi falar dele, naquele primeiro voo com Andrew, quando ele fez o truque do cartão de aniversário, só para envergonhá-lo. — É por causa da família? — pergunta. — Não aguentou um Natal Fitzpatrick?

— Sua família é adorável.

— Então? — Seu tom é direto, como se não tivéssemos nos conhecido ontem. — Porque não pense que não percebi o abraço desajeitado que você deu nele em casa. Ou o fato de você continuar fingindo que não é grande coisa que sou eu quem está levando você de volta.

— É econômico.

— É suspeito pra po... *Ei*! — ele buzina quando alguém desacelera rápido demais na nossa frente, tentando sair. — Uma placa de Kerry. Típico.

Volto minha atenção para o meu telefone.

— É só... — continua Christian, e suspiro. — O jeito que Andrew falou de vocês ao longo dos anos, eu sei que vocês são próximos. E nunca vi ele ser tão sensível com uma garota. Eu teria dito a ele para sair dessa, se ele não continuasse sorrindo toda vez que você entrasse na sala. — Seus olhos deslizam para mim, bem a tempo de me ver corar. — Mas acho que não é da minha conta.

— Não é.

— Sim. — Uma pausa. — Exceto que meio que é.

— Desculpa?

— Isso meio que é da minha conta — diz ele. — Porque ele é meu irmão e eu amo o idiota, e fui para a cama e ele estava feliz, e acordei e ele não estava, e aí? Por que você está indo embora tão cedo?

— Não tenho permissão para voltar e ver minha irmã mãe de primeira viagem?

— Andrew teria levado você de volta com prazer. Por que vocês brigaram?

— Não brigamos. Houve um mal-entendido e agora só precisamos de espaço para descobrir.

— O que diabos vocês poderiam ter... — seus olhos se estreitam quando o entendimento surge. — Ele não te disse que estava se mudando para casa, não é?

— Não com tantas palavras.

— Então, eu fiquei lá assustando você e você apenas mentiu e fingiu que já sabia?

— Eu estava tentando salvar minha dignidade.

— Você é boa nisso. — Ele suspira. — Merda. Desculpe. Achei que ele teria te contado.

— Sim, bem, eu pensei que ele teria me contado também.

Christian faz careta, olhos disparando entre a estrada e eu.

— Ok — diz ele, e posso dizer pelo seu tom que ele está tentando aliviar o clima. — Então, como vocês ficarão à distância?

Limpo minha garganta, cobrindo meu telefone com a mão. Não sei se devo dizer isso a ele, mas sinto que ele não deixará passar.

— Não importa. Andrew disse que decidiu ficar em Chicago.

— O quê? Desde quando?

Eu me sinto um pouco justificada ao ouvir a perplexidade na voz dele.

— Desde agora, eu acho. Por minha causa.

— Huh. Ok. — Uma miríade de expressões cruza seu rosto, enquanto ele trabalha nessa pequena atualização. — E você não gosta disso? — pergunta eventualmente.

— Não... É uma grande coisa — digo. — Uma grande escolha. Para ele decidir ficar só porque é onde estou? Isso parece muito.

— E você acha que não vale a pena, hein?

— Eu não disse isso.

— O que, então? — Há uma carranca em seu rosto, como se ele estivesse tentando me entender. — Tem medo que ele mude de ideia?

— Não é um resultado completamente irreal. Essa coisa toda aconteceu muito rápido. Normalmente, você conhece um cara, se dá bem e experimenta um pouco, por um tempo. Para ver se vocês se encaixam. Parece que estávamos nos movendo a passo de caracol por dez anos e, de repente, bam.

— Bam? Alguém pisou no caracol?

— Não, o caracol... Não, eu quis dizer agora está indo rápido demais.

Ele me dá um olhar confuso.

— Ok.

Tento de novo.

— O que quero dizer é que ele passou os últimos três dias tentando chegar em casa para vocês. E vendo vocês todos juntos... Ele ama vocês. Ele ama este lugar. Ele sempre disse isso. E agora ele jogará isso fora por mim?

— Veja, agora eu acho que você está se dando *muito* crédito — diz ele. — É um equilíbrio difícil, admito isso.

— Christian...

— Ele gosta de Chicago — interrompe. — Ele passou toda a vida adulta lá, assim como você. E assim como você, ele se mudou para lá antes mesmo de saber que você existia. Tenho certeza de que sentar ao seu lado em um avião uma vez por ano foi emocionante, mas também vou adivinhar que ele não ficou lá por causa disso. Ele tem uma vida lá. Tem amigos, tem lembranças, tem o cachorro do colega de quarto, do qual não para de mandar fotos para o chat em grupo da família. Para ser claro, a opção mais fácil é ele ficar. E quanto à sua estranha analogia com o caracol... — ele olha para a estrada, exasperado. — Sim, tudo bem, se vocês dois tivessem se conhecido há três dias, mas não. Você conhece o cara há dez anos. E acho que ele está um pouco apaixonado por você há dez anos e ele era estúpido demais para ver isso. Por que você iria querer ir devagar? Eu não iria devagar.

— Estar em um relacionamento romântico não é o mesmo que estar em uma amizade. Isso pode arruinar uma amizade.

— E daí? — exclama. — Consiga um novo amigo! O que mais você fará? Vi fingir que não se conhecem? Definir para ele uma série de tarefas para provar a si mesmo?

— Não, eu...

— Porque parece que você está tão preocupada em perdê-lo que nem tentará algo melhor com ele, e se eu soubesse que falar com você esta manhã teria colocado você nessa espiral, então eu não teria feito. Teria ficado de boca fechada, flertado com você para irritá-lo e roubado algum dinheiro da carteira dele na saída.

Eu pisco.

— Flertado comigo?

— Venho ameaçando flertar com você há anos — diz ele com um sorriso malicioso. — Porque eu sabia que iria irritá-lo. Porque *você* o irrita. Estou te dizendo, Molly, você tem sido algo para ele por muito tempo. E acho que ele tem sido o mesmo com você.

Ele tem? Minhas mãos ficam úmidas enquanto meu cérebro faz o que tem feito desde o beijo do visco e começa a filtrar cada momento em que Andrew e eu poderíamos ter sido mais do que amigos.

— Ok — continua Christian quando fico em silêncio. — Isso é mentira, não sei se ele tem sido o mesmo para você. Eu mal te conheço. Mas o Andrew...

— É — interrompo. — É o mesmo para mim.

Christian começa a assentir quando vê meu rosto.

— Você está... — ele para, horrorizado. — Você está chorando?

— Não — minto, pressionando minhas mãos em minhas bochechas.

— Ah, sabe, Andrew vai me matar se você contar a ele que eu te fiz chorar.

— Não é você — explico. — Isso acontece muito.

— Isso não torna nada melhor.

— Só estou percebendo que fui uma idiota. — Enxugo uma lágrima e depois duas, piscando para ter certeza de que não haverá mais. — Suponho que pedir para você virar o carro seria demais?

— Precisaríamos de alguns soluços sérios para eu fazer isso. — Mas ele olha para mim como se estivesse com medo de que eu estivesse prestes a fazer exatamente isso.

— Acho que estou apaixonada pelo seu irmão — digo a ele. — E acho que preciso consertar o que aconteceu esta manhã.

— Bom para ele e sim, você precisa, mas tenho uma cerveja de aeroporto com meu nome nela e não vou virar este carro.

— Não estou acima de subornar você.

Ele ri.

— E não estou acima de ser subornado.

— Só estou dizendo, já fiz isso. Sou muito boa nisso.

— Vou deixar você em casa — diz ele. — E então sairei daqui. Apenas dê um tempo a vocês, veja seu sobrinho, veja sua família e depois ligue para ele. Ele saberá que você precisará de espaço.

— Ou...

— Não acontecerá — diz ele, e caio no meu assento.

Ele está certo, porém, eu sei que ele está.

— Você é muito bom em bate-papos de relacionamento — digo. — Para um garoto, de qualquer maneira.

— Sim, bem. É sempre mais fácil quando se trata de outras pessoas, não é? — Ele inclina a cabeça então, espiando pelo para-brisa as espessas nuvens cinzentas com uma expressão quase melancólica.

— Quem diria? — murmura. — E apenas um dia de atraso.

Sigo seu olhar, embora leve um momento para ver do que ele está falando. As gotas na janela, primeiro eu acho que são chuva e então, definitivamente, não são.

— Está nevando — digo, incapaz de esconder minha surpresa.

— Provavelmente derreterá imediatamente — diz Christian, repetindo Andrew.

Mas não. Ela permanece

Ela permanece e continua caindo e, quando chegamos a Dublin, está realmente caindo.

Paramos rastejando quando chegamos ao centro da cidade, principalmente porque a rajada de neve deixou todo mundo maluco. Parece que todos em Dublin estão do lado de fora, crianças e adultos brincando ou simplesmente parados com grandes sorrisos encantados em seus rostos, enquanto a cidade recebe seu Natal branco. Começo a me preocupar se vou atrasar Christian, mas ele apenas dá de ombros.

Direciono-o para a minha rua e ele me deixa, esperando que eu jogue as sobras de sua mãe no corredor antes de sair com um aceno. Ao fazê-lo, a porta duas casas abaixo se abre e minha irmã aparece, segurando um carrinho de bebê nas mãos. Ela sorri assim que me vê, andando pela rua, antes de olhar duas vezes quando Christian passa.

— Quem é aquele ali?

— O irmão mais novo de Andrew.

— Seu pequeno...

— Não seja nojenta — reclamo, já sabendo o que ela dirá.

— Como isso é nojento? Estou impressionada.

— Cala a boca. Você deveria estar de pé agora?

— Sim, *mãe*. Se eu posso dar à luz um humano, posso andar pelas duas portas até o vizinho para exibi-lo. — Ela levanta o carrinho de bebê e espio dentro.

Meu sobrinho está dormindo profundamente, quase completamente coberto por uma variedade de cobertores de cores vivas.

— Como foi o Natal no campo? — pergunta enquanto cutuco onde acho que seus pezinhos estão.

— Vou te dizer mais tarde — insisto, reunindo um sorriso para ela. — Vamos entrar. Quero passar o que resta do Natal com vocês.

— Desde quando?

— Desde agora.

Ela faz uma pausa com o agudo da minha voz, olhando distraidamente para a cena atrás de mim.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não.

— Molly...

— Eu resolverei isso.

— O que isso significa?

— Significa que vamos entrar. Preciso ligar para Andrew.

— Acho que não. — Ela acena com a cabeça para a rua e eu me viro para ver um veículo se aproximando, seus limpadores de parabrisa se movendo sem parar.

Não reconheço o carro, mas, conforme ele se aproxima, reconheço o homem no banco da frente.

Isso porque eu pedi espaço.

Andrew dirige com cuidado pela rua, seu olhar focado em mim enquanto estaciona em frente à casa. É só quando ele faz isso que percebo que ele não está sozinho. Hannah sai do lado do passageiro, praticamente quicando na calçada assim que ele para o carro.

— Ela insistiu em vir — explica Andrews enquanto fecha a porta. — E agora ela precisa fazer xixi.

— Posso ajudar com isso — chama Zoe, gesticulando para Hannah em direção à casa. A garota me dá um sorriso animado enquanto passa correndo.

— Gosto do seu cabelo — diz Zoe a ela.

— Gosto do seu bebê.

— Obrigada. — Zoe lança um olhar penetrante para mim quando elas entram na casa e eu me viro para Andrew, que agora está rígido ao lado do carro, com as mãos nos bolsos.

— Você me seguiu até aqui? — pergunto, embora seja óbvio.

— Deixei você ir na frente antes que eu não aguentasse mais. Hannah continuou insistindo que eu esperasse até a véspera de Ano Novo, porque seria mais romântico, mas imaginei que você já teria ido embora.

Concordo com a cabeça, cruzando os braços sobre o peito.

— Eu ia...

— Eu queria... — ele interrompe sua própria interrupção, passando a mão sobre a cabeça. À nossa volta, a neve continua caindo, cobrindo a rua. Estamos longe de estar sozinhos. Muitas portas de entrada estão abertas com pessoas colocando as mãos para fora com desconfiança, ou simplesmente paradas, olhando para ela. Crianças agasalhadas correm na rua, gritando de alegria toda vez que uma delas escorrega e cai. Alguém já começou a fazer um boneco de neve ao lado.

— Sei que você não quer colocar muita pressão sobre isso — diz Andrew, arrastando minha atenção de volta para ele. — Sei que você está com medo de que eu desista de você. Mas não vou mentir e dizer que não ficarei em Chicago por sua causa. Porque vou. Por *você*, Molly. Não quero tentar a longa distância. E não quero ser apenas amigos. Pensei que poderia fazer isso uma vez, se fosse assim que você se sentisse, mas não agora. Não mais. Não quero ficar meses sem te ver, até nos encontrarmos para um almoço apressado. Não quero me perguntar como você está. Definitivamente não quero conhecer seus namorados. Quero você, eu quero *nós*, e acho que podemos fazer isso funcionar.

— Andrew...

— Eu te amo. — Ele respira fundo depois de dizer as palavras, como se tivesse corrido por todo o resto para poder chegar até elas. — Estou *apaixonado* por você e sinto muito por ter demorado tanto para descobrir. Me desculpe por ter perdido tantos anos tentando encontrar outra pessoa, quando a única que eu queria era você.

Ouço um leve *awwww* de Hannah atrás de mim antes da agitação silenciosa de minha irmã para levá-la para dentro. Ignoro as duas. Ignoro tudo, menos o homem na minha frente.

— Acho que eu não poderia lidar com isso se eu te perdesse — admito finalmente. — Acho que é por isso que foi mais fácil manter você como amigo todos esses anos. Por que sequer me permiti pensar em você como algo mais. Porque se eu pensasse e você fosse embora...

— Não vou a lugar nenhum.

— Eu sei — digo rapidamente. — Sei disso agora, é só que... Você estava certo quando disse que fico pensando no fracasso. Não sei quando comecei a fazer isso. Não sei quando comecei a me negar o que quero, mas só sei que nego. E não quero

mais ser essa pessoa. — Olho para ele, colocando todo o meu coração para fora, como nunca fiz. — Quero que você fique em Chicago comigo. Quero que fiquemos juntos e quero te beijar o tempo todo. Não quero esperar, ir devagar ou começar do começo. Quero você também. Eu quero *nós* também.

Seus olhos procuram meu rosto, como se procurasse por qualquer indício de que não estou falando sério, mas o que quer que ele veja, deve satisfazê-lo, porque ele dá um passo cauteloso em minha direção.

— O tempo todo, hein?

Minha risada sai como um soluço.

— Temos muitos anos para recuperar o atraso.

— É melhor começar a compensá-los então. — E ele o faz, inclinando a cabeça para pressionar seus lábios contra os meus, tão suavemente quanto ele fez sob o visco.

— Estou apaixonada por você — digo, porque preciso que ele ouça isso. De repente, eu preciso que ele entenda que o amo, de forma esmagadora. — De uma maneira extremamente não platônica, nunca me deixe.

— Não vou — murmura. Seu olhar se suaviza enquanto ele limpa um floco de neve da minha bochecha. — Pelo tempo que você me aceitar.

Para sempre.

Porque sei, em minha alma, que só existe ele. Sempre existiu apenas ele.

— Você está com frio — murmura depois de um momento de nós apenas olhando um para o outro como duas crianças apaixonadas.

— Estou bem.

Ele faz uma careta.

— Ok, era só eu sendo macho, sou eu que estou com frio.

Sorrio e vou segurar sua mão, mas isso não é o suficiente para ele. Ele me puxa firmemente para o seu lado, o braço em volta da minha cintura, e penso em todas as vezes que ele fez isso antes e como nenhum de nós pensou duas vezes sobre isso. Sempre foi natural para nós nos tocarmos, estarmos o mais próximo possível um do outro. Apenas outra dica, talvez, de que esse sempre seria o nosso destino.

Entramos e o meu nariz formiga com a mudança de temperatura. Andrew puxa meu cachecol úmido e meu casaco, seus olhos correndo sobre mim quando eu tremo como se estivesse avaliando sinais de danos.

Posso ouvir minha mãe em cima de Hannah na cozinha e vislumbrar o meu pai na sala de estar, embalando o neto adormecido com uma expressão no rosto que acho que nunca vi. Andrew pendura o meu casaco no momento em que Zoe desce, vestida com um moletom gigante e fofo. Ela para quando nos avista, olhos caindo para onde seguramos as mãos um do outro, como se alguém estivesse tentando nos separar.

Seus lábios se contraem.

— Ah, e aí? — diz ela casualmente. — Prazer em vê-lo novamente, Andrew.

— Como vai?

— Perfeitamente bem — diz ela, embora esteja olhando diretamente para mim. — Está realmente caindo o mundo lá fora — diz ela depois de uma pausa. — Vamos passar de maravilhados com a neve para reclamando dela em menos de vinte e quatro horas, eu garanto. Você ficará por aqui?

— Por um tempo ainda — diz ele, seu tom tão leve quanto seus dedos apertando os meus.

Zoe apenas acena com a cabeça.

— Vou colocar a chaleira no fogo então — é tudo o que ela diz, e se vira, sem outra palavra, para o próximo cômodo.

— Bem-vinda ao lar, Molly.

Olho para a esquerda e vejo papai parado na porta, ainda embalando o neto.

— Oi pai.

— Não abrimos os presentes — continua ele. — Bem, exceto por sua irmã. Ela abriu os dela na semana passada, porque sua mãe comprou uma fritadeira para ela e ela queria experimentar.

— Vocês esperaram por mim?

— Claro que sim. — Papai parece surpreso. — Não é Natal sem você aqui, é? — Seus olhos se voltam para Andrew. — Aposto que sua mãe ficou feliz em ter você de volta.

— Ela ficou — diz Andrew. — Graças a esta aqui.

— Seu braço ficará dormente — acrescento, mas papai apenas sorri levemente, sua atenção firmemente voltada para o neto em seus braços enquanto se vira para o sofá.

— Claro que não, ele é só uma coisinha pequena — diz ele, acomodando-se nas almofadas. — Leve como uma pena. Venha aqui quando tiver um minuto — acrescenta. — Para que eu possa dizer olá corretamente.

Andrew compartilha um sorriso comigo antes de tirar o casaco úmido e pendurá-lo ao lado do meu.

— Andrew? — grita Zoe da cozinha. — Você toma leite no seu chá?

— Apenas um respingo — diz ele, como se já tivesse estado aqui milhares de vezes.

Ouço a Hannah pedir dois açúcares antes de aceitar educadamente uma segunda fatia de bolo da Mãe.

— Ok? — pergunta baixinho, e aceno. — Quer me ver encantar sua mãe?

— Eu gostaria de ver você tentar.

Um brilho familiar entra em seus olhos.

— Isso é um desafio, Molly?

— Você fala demais, só isso.

— Sempre tão competitiva — suspira, enfiando a mão no bolso do casaco. — Felizmente para mim, tenho uma arma secreta.

Eu quase rio.

— É aquele...

— Doce de Natal caseiro, direto do coração da Irlanda? — Ele o segura fora do meu alcance, me puxando para frente. — Você acha que eu apareceria para cortejá-la despreparado? Sra. Kinsella — chama quando entramos na cozinha quente. — Sinto muito por aparecer sem avisar. Minha mãe insistiu que eu trouxesse algo comigo.

Sento-me à mesa enquanto Andrew faz exatamente o que prometeu e imediatamente obriga minha mãe a escrever a receita de família.

Zoe coloca uma caneca de chá na minha frente com uma expressão no rosto que diz que contarei a ela detalhes minuto a minuto de tudo o que aconteceu antes dela desaparecer para se juntar ao papai e ao bebê. Hannah dá mais uma garfada no bolo enquanto desliza seu telefone para mim, mostrando-me o vestido em que está trabalhando, e tento prestar atenção, mas é difícil quando mamãe está rindo e Andrew fica olhando para mim como se quisesse ter certeza de que estou ainda lá. Difícil quando seu cabelo está úmido pela neve e sua pele corada pelo calor da casa. Difícil quando, sempre que ele chama minha atenção, ele sorri aquele sorriso singular dele, tão brilhante e tão contagiante quanto já vi. E é quase ridículo como estou feliz por ele estar aqui. Como sou grata por termos chegado em casa. Como é maravilhoso fazer algo tão simples quanto sentar em uma cozinha quentinha no Natal, cercada por pessoas que amo, enquanto a neve gira como em uma valsa lá fora.

# Epílogo

doze meses depois

## Aeroporto de Chicago, O'Hare

— Isto é um erro.

— O panetone?

— *Não* — bufo. Embora... eu olho para Andrew, de repente nervosa. — Por que? Você acha que deveríamos ter escolhido o tiramisu? Porque...

— Foi uma brincadeira — interrompe calmamente. — Uma piada cruel que passarei o resto do dia compensando.

— Andrew.

— E vou compen-*tone.*

— Não — aviso, mas ele já está sorrindo, encantado com seu trocadilho.

— Pare de se estressar — diz ele. — Você planejou isso minuciosamente. Tudo correrá bem.

— Planejamos até o minuto e já estamos atrasados.

— Desde quando você não considera atrasos? — Ele me cutuca e volto meu olhar para ele. — Pare de encarar o quadro.

— Não estou encarando o quadro. Estou *olhando* para o quadro. E...

Ele puxa meu gorro sobre meus olhos para me calar e quando eu o empurro para trás, ele já está se inclinando, beijando-me através das mechas perdidas do meu cabelo agora grudadas no meu rosto.

Deixo porque sou legal.

E porque eu *realmente* gosto quando ele faz isso.

A agitação do aeroporto movimentado desaparece ao meu redor enquanto relaxo nele, puxando a ponta de seu cachecol para mantê-lo exatamente onde quero.

Ele ainda está sorrindo quando se afasta, olhando para mim com uma expressão quase presunçosa.

— Acho que não me cansarei disso.

— Beijar sua namorada? — brinco. — Espero que não.

— Mais como conseguir fazer isso sempre que eu quiser.

Eu bufo, enquanto, secretamente, concordo com ele. Foi surpreendentemente fácil nos unirmos no último ano, misturando-nos quase perfeitamente com a vida um

do outro. Isso me faz pensar se foi por isso que nenhum de nós fez esse esforço antes. Porque, uma vez que nos permitimos ter um ao outro completamente, não havia como retroceder.

Meu telefone vibra no meu bolso e murmuro um *finalmente* enquanto o pego. Ninguém tem respondido às minhas mensagens, o que *realmente* não está ajudando meus níveis de estresse agora. Mas é um e-mail em vez de uma mensagem que chegou.

— É Zoe? — pergunta Andrew.

— Não — digo, ainda lendo. Melhorei muito em não gritar quando essas coisas acontecem. — Uma nova reserva. Minha tour de Réveillon está esgotada.

— Olhe para isso! — Andrew se inclina para mim, deixando cair a cabeça na minha enquanto lemos. — Parabéns.

— Você ainda quer vir nessa? — Andrew se juntou às minhas tours dezenas de vezes. No início, pedi a ele que viesse ajudar a aumentar os números, mas quando ele continuou aparecendo mesmo quando estávamos mais cheios, ele acabou confessando que me ver animada e fazendo o que eu amava o deixou todo... bem, você sabe.

— Claro — diz ele. — Se você não for me expulsar agora.

— Nunca — digo, e sorrio quando ele pressiona um beijo na minha têmpora.

Um mês depois de nossa viagem quase desastrosa para casa no ano passado, Andrew foi morar comigo. Fui eu quem pedi, com a desculpa de que precisaria de ajuda com o aluguel, o que era verdade, mas mais do que isso, era a hora certa. Estávamos nos vendo quase todos os dias de qualquer maneira e fazia sentido, visto que ele já havia dito a seus colegas de quarto que iria se mudar, e o fato de que ele estava dormindo comigo na maioria das noites, de qualquer maneira.

Um mês depois disso, entreguei meu aviso prévio. Eu estava apavorada, *mais* do que apavorada. Estava convencida de que estava cometendo o pior erro da minha vida e disse isso a Andrew mais ou menos a cada minuto de cada dia por cerca de uma semana. Mas levamos isso a sério. Eu tinha economias e um plano. Tive a ajuda de Andrew e Gabriela, que mais do que cumpriu sua promessa de me apoiar.

Fiz um curso curto ministrado por um guia turístico local e consegui um emprego no fundo de uma grande empresa. Passei meus dias na chuva fria, fazendo os primeiros horários, os noturnos e os horários que ninguém queria, segurando meu guarda-chuva amarelo brilhante no alto enquanto levava as pessoas para minha cidade adotiva. No meu tempo livre, gastei boa parte das minhas economias montando meu repertório de lanchonetes. Junto com a ajuda de Andrew e meus amigos, projetei passeios de chocolate e frutos do mar, halal, kosher, vegano. Passeios para todos os gostos sob o sol. E no início de maio, quando a temporada turística começou a chegar,

dei um mergulho.

E a Tour de Comida da Molly começou.

O corte salarial foi... difícil. Às vezes as pessoas não apareciam e eu ficava esperando por horas e sem dinheiro durante a semana. Alguns dias, correu perfeitamente. Pessoas deram gorjeta. Os restaurantes começaram a entrar em contato comigo, as pessoas começaram a me recomendar.

Eu ainda estava aprendendo, ainda crescendo. Se o próximo verão terminar bem, talvez eu ganhe o suficiente para contratar outra pessoa. Mas estou tentando não pensar muito à frente, o que aprendi que só me deixava estressada. Eu passaria pelos próximos seis meses, e depois talvez um ano, e depois talvez dois.

Mas primeiro, eu precisaria passar pelo Natal.

— Ainda acho que isso é um erro — digo, com os nervos à flor da pele de novo, enquanto penso nos próximos dias, embora a coisa toda tenha sido ideia minha em primeiro lugar. — Não duraremos vinte e quatro horas antes de todos começarem a nos matar.

— Eu não comemoraria o feriado de outra maneira. — Mas ele deve ver que meu pânico não vai a lugar nenhum, porque ele suspira, enfiando a mão na mochila. — Certo. Eu ia esperar uma audiência para lhe dar isso — diz, entregando um retângulo embrulhado em papel pardo. — Mas acho que você precisa ser lembrada disso agora.

— Lembrada de quê? O que é isso?

— É o seu presente, parece com o quê?

— Posso abrir agora?

— Não — fala inexpressivo. — Dei para você segurar desajeitadamente até...

Eu o ignoro, rapidamente desfazendo o laço. Prometemos um ao outro que só daríamos presentes pequenos este ano, e o meu estava esperando no fundo do armário em casa (uma mini garrafa do meu molho Tabasco favorito, porque ele vivia roubando o meu).

— Espero que seja uma carta explicando porque você continua usando meu shampoo caro, quando você tem seu próprio shampoo.

— Faz meu cabelo brilhar. — Ele dá de ombros. — E tem o seu cheiro.

— Isso é assustador.

— Por favor. Você ama.

Esforço-me para fazer uma careta enquanto deslizo o papel, mas não consigo continuar. Especialmente quando vejo o que tem dentro.

É um porta-retratos, o que não é exatamente surpreendente. Mas o que surpreende é a foto nele. Não uma de Andrew, mas sim...

— É a minha primeira crítica — digo, reconhecendo instantaneamente. É difícil

não reconhecer. Já sei tudo de cor, já li tantas vezes. Um educado e alegre cinco estrelas de um estudante brasileiro que visitou a cidade. Eu estava fazendo minhas tours solo havia uma semana e passava todas as noites verificando as atualizações com o coração na boca.

Ainda me lembro do momento em que a recebi. Era no meio da noite, e acordei como fazia muitas vezes durante esse tempo, os nervos me consumindo. Quando vi o alerta no meu celular, quase vomitei. Quando comecei a ler, acordei Andrew para que ele pudesse confirmar que era real. Houve algumas lágrimas de felicidade e depois panquecas e, em seguida, encaminhamos a crítica para todas as pessoas que eu conhecia. Foi uma boa manhã.

— Adorei, obrigada. — Eu me levanto para beijar sua bochecha.

— Estou, como sempre, extremamente orgulhoso de você, Moll. Mesmo se você escolheu um panetone em vez do tiramisu.

— Pare com isso.

— Provavelmente deveria ter dito a você que mamãe *odeia* panetone.

— Ela não odeia! Ela...

— Molly!

Nós dois nos viramos quando meu nome ecoa no saguão de desembarque. O último lote de passageiros começou a passar pelas portas e entre eles está Hannah. Seu cabelo está tingido de rosa brilhante este ano e está preso em um rabo de cavalo alto, que balança enquanto ela corre em nossa direção.

Meu grande e estúpido plano de Natal está prestes a começar.

Eu meio que esperava que Andrew risse na minha cara quando sugeri que convidássemos nossas famílias para se juntarem a nós em Chicago, mas ele ficou imediatamente empolgado com a ideia. Por mais legal que fosse nossa pequena tradição, nenhum de nós queria passar o feriado separados e acho que ainda estávamos experimentando estresse pós-traumático desde o ano passado. Para minha surpresa ainda maior, tanto os Fitzpatrick *quanto* os Kinsella concordaram imediatamente, embora o irmão de Andrew, Liam, vá ficar em casa com as crianças e passar o feriado com a família de sua esposa.

Eu realmente não sabia como todos se encaixariam. Ambos os pares de pais reservaram um hotel, mas Christian e Hannah, *e* Zoe e o bebê, estão todos hospedados em nosso apartamento, onde também estaremos servindo o jantar de Natal. Minha determinação inicial se transformou em pânico total nos últimos dias, enquanto Andrew e eu preparávamos tudo, mas isso começa a desaparecer quando Hannah joga os braços em volta de mim, o maior sorriso no rosto.

— É tão bom ver você — grita, e sorrio enquanto devolvo seu abraço.

— E seu irmão também — diz Andrew ao nosso lado. — Quem também está aqui.

— Gosto mais de Molly — diz Hannah, me apertando com força, mas ela me solta para fazer o mesmo com ele enquanto me viro para a porta bem a tempo de ver o resto de sua família entrar. A dela e a minha. Tanto meu pai quanto Sean estão em uma conversa profunda, enquanto Christian está preso entre nossas mães, um olhar de paciência cada vez menor em seu rosto conforme elas fofocam ao redor dele.

Zoe aparece um momento depois, empurrando um carrinho vazio com uma das mãos e segurando meu sobrinho com a outra.

O bebê Tiernan olha ao redor do aeroporto com uma espécie de neutralidade apática que se transforma em confusão mal-humorada quando minha irmã inclina a cabeça, apontando para mim e sussurrando em seu ouvido.

— Tia Molly! — Eu a ouço dizer enquanto se aproxima de nós. — Lembra da sua tia Molly? Tia... É, ele não liga.

Sorrio, beijando-o na cabeça.

— Vou conquistá-lo.

— Não sei. Ele só gosta de animais falantes no momento. Colheres também? Estranhamente, gosta de segurar colheres o dia todo. Estou torcendo para que isso signifique que ele é um gênio. — Ela o entrega para Hannah, que não hesita quando ele imediatamente começa a brincar com o cabelo dela, e Zoe se vira para me dar um abraço.

— Você já está se arrependendo dessa ideia, não está?

— Total e completamente.

— Estou com você — sussurra em meu ouvido, antes de se afastar para enfiar algo em minhas mãos. — Feliz Natal. Não abra até que esteja sozinha — acrescenta enquanto olho para o meu presente. — O cheiro é... não é bom.

— É queijo?

— Não — diz, sorrindo perversamente, e estremeço quando o deslizo em minha bolsa antes de olhar adequadamente para meus pais.

— Zoe?

— Hmmm?

— Que diabos mamãe está vestindo?

— Pensei em fazer um esforço este ano — anuncia minha mãe quando chega até nós. Ela parece um pouco confusa, provavelmente devido ao suéter vermelho brilhante que está usando. *Vovô Noel* está escrito em letras maiúsculas na frente. — Seu pai e eu queríamos marcar a ocasião.

— Então por que o papai não está usando um?

— Porque ele se respeita — murmura Zoe, ignorando o olhar que nossa mãe dá a ela.

— A moça da loja disse que a ideia de um suéter de Natal é que é para ser feio — diz mamãe preocupada, e sorrio de forma tranquilizadora.

— Não é feio.

— É um pouco feio — diz Zoe.

— Acho que você está brilhante — diz Andrew para mamãe ao se juntar a nós. — E é do tom exato do que comprei para Molly e para mim, então você se encaixará perfeitamente.

Minha cabeça chicoteia em direção a ele.

— Desculpe-me?

— Presente em duas partes — diz ele agradavelmente. — Já que você amou tanto no ano passado.

— Você está brincando.

— Estou?

— Devíamos colocar esse show na estrada — diz Zoe, tirando o cabelo de Hannah das mãos de Tiernan enquanto ela o levanta de volta em seus braços. — E então preciso de um pouco de açúcar. Se você está nos obrigando a comemorar o Natal, isso significa que recebo açúcar.

— Não usaremos suéteres combinando — digo a Andrew.

— Veremos.

— Molly! — chama Zoe — Show. Na. Estrada. Por favor.

Envio um último olhar de advertência para o homem que amo antes de enfrentar nosso grupo, que olha para mim com expectativa.

Ai, Deus.

De repente, luto para lembrar o porquê pensei que poderia fazer isso. Duas famílias muito diferentes que esperam dois Natais muito diferentes? E um *bebê?* Quero dizer, isso é claramente um erro. Este é um erro grande e caro que...

Andrew agarra minha mão, apertando com força.

— Respire — diz ele, sua voz em um volume que só eu posso ouvi-lo.

Temos trabalhado em toda essa coisa de pessimismo. O progresso é lento.

— Todas as pessoas e malas contabilizadas — diz Colleen gentilmente quando não falo. — Foi uma ideia maravilhosa, Molly.

— Embora eu sugira Tenerife no ano que vem — diz Christian, observando o clima gelado de Chicago lá fora.

— Está pronta? — pergunta Andrew, e aceno, esboçando um sorriso enquanto observo todos.

— Coloquem os chapéus e cachecóis — anuncio, apontando para a saída. — Mantenham-se unidos e não se afastem do grupo. Se precisarem de banheiro, agora é a hora de usar um e, o mais importante de tudo... — olho para Andrew. — Fiquem de olho no visco — termino, ignorando o sorriso dele. Preciso ignorá-lo, ou vou apenas beijá-lo e nunca mais sairemos daqui.

Ele passa o braço em volta da minha cintura e seguimos nossas famílias para fora do aeroporto.

— Mamãe está certa — diz ele. — Esta foi uma excelente ideia.

É. Foi mesmo.

E só preciso olhar para o homem que caminha ao meu lado para lembrar que, mesmo que não saia exatamente como planejado, o destino dá um jeito de resolver as coisas no final.

* * *

# Uma Carta de Catherine

Caro leitor,
Muito obrigada por ler *Holiday Romance*! Se quiser manter-se atualizado com meus últimos lançamentos, você pode se inscrever na minha newsletter no link a seguir. Seu endereço de e-mail nunca será compartilhado e você pode cancelar a inscrição a qualquer momento. Também ouvi dizer que coisas muito boas acontecerão com você? Vale a pena tentar, não é?

Assine aqui!

Eu amo o natal. Eu *amo*. Quando era criança, era porque havia uma magia em torno dele, que não existia em nenhuma outra época do ano. O Natal significava comida, presentes e ser transportado para vários ramos da minha família para que eu pudesse receber a comida e os presentes. À medida que envelheci, significava dias de folga do trabalho. Significava encontrar amigos em pubs repletos de luzes de fadas e usar botas realmente bonitas.

Claro, o mais importante, significava passar tempo com as pessoas que amo.

Como muitas pessoas, me mudei para trabalhar por alguns anos e, enquanto estava fora, voar para casa no Natal tornou-se muito importante para mim. Em alguns anos, eu mal conseguia pagar esses voos, mas, como Andrew, significava muito para mim fazer isso. Embora minha família fosse a primeira a insistir que não *fazíamos* realmente o Natal, a ideia de não passá-lo com eles era impensável. Os dias que antecediam a viagem eram cheios de expectativa e, embora eu também enfrentasse muitos atrasos, adorava chegar ao aeroporto e ver todo mundo animado para ver seus amigos e familiares. A ideia para *Holiday Romance* vem dessa época da minha vida e das conversas que eu tinha com estranhos enquanto voltávamos para casa naquelas noites frias de dezembro.

Espero que tenha amado *Holiday Romance* e, se gostou, ficaria muito grata se pudesse escrever uma resenha. Adoraria ouvir o que você pensa, e isso faz muita diferença, ajudando novos leitores a descobrir um dos meus livros pela primeira vez.

Também adoro ouvir meus leitores – você pode entrar em contato pelo meu site, Twitter ou Instagram.

Todo meu melhor,

Catherine xx

# Notas

[←1]

A frase é um trocadilho com a música "All The Single Ladies"